

CIRURGIÃO DE OUTRO MUNDO



GEORGE CHAPMAN
através de
ROY STEMANN

Tradução: Amadeu António

INTRODUÇÃO

Sou um curador espiritual que trabalha em parceria com William Lang, um cirurgião inglês que morreu há mais de trinta anos. Essa afirmação, eu sei, será recebida com desdém por aqueles que foram condicionados a acreditar, ou que a morte é o fim, ou que o outro mundo está separado desta vida por uma barreira impenetrável. Nenhuma dessas crenças é verdadeira.

Este livro fornece provas suficientes para convencer qualquer pessoa razoável de dois factos. O primeiro, e o mais importante, é que William Lang continua a existir após a sua morte e é capaz de comunicar connosco. O segundo é que, a partir do outro mundo, William Lang consegue produzir resultados de cura notáveis, muitas vezes quando a medicina convencional não conseguiu ajudar o paciente. Ele conta com o apoio ativo e a cooperação de vários médicos na Terra, alguns dos quais chegam mesmo a encaminhar-lhe os pacientes mais difíceis. Gostaria de expressar a minha gratidão a todas as pessoas bondosas que ajudaram a mim e ao Dr. Lang a realizar este trabalho, e em especial àquelas que contribuíram com os seus testemunhos para este livro.

GEORGE CHAPMAN

Chapman's House

Pant Glas Tre'r-ddôl

Machynlleth, País de Gales Central

Março de 1984

CAPÍTULO UM O SEGREDO

O meu filho Michael telefonou-me de nossa casa em Aylesbury, Buckinghamshire, numa tarde de abril de 1977, a dizer que a tia Lyndon tinha caído no seu apartamento e partido o fémur de uma perna. A criada dela acabara de lhe dar a notícia. Eu estava em Lausana, na Suíça, numa curta visita de trabalho e prestes a seguir viagem para Paris para continuar o serviço. Em vez disso, cancelei os compromissos e regressei apressadamente a Inglaterra. Um carro esperou-me em Heathrow e levou-me primeiro a casa e depois para Londres.

Quando cheguei ao Hospital St. Mary's, em Paddington, os cirurgiões já tinham operado a tia Lyndon e ela acabara de ser transferida para os cuidados intensivos. Tinha noventa e quatro anos e, nessa idade, uma

queda pode, naturalmente, ser extremamente grave. Sentei-me na sala de espera e rezei para que fosse amparada.

Aos poucos, ela foi recuperando. Visitei-a todos os dias enquanto estive no St. Mary's e, além de a animar com a minha presença, levei garrafas de Sauternes e de Barsac: um pequeno copo de vinho branco era um dos seus prazeres. Quando ficou suficientemente forte, a tia Lyndon foi transferida do hospital para o lar Eastside Nursing Home, numa rua arborizada no subúrbio de Golders Green, a noroeste de Londres. Continuei a visitá-la regularmente sempre que estava em Inglaterra, mas também tinha compromissos no estrangeiro que precisava de cumprir.

Há vários anos que viajava para o estrangeiro para dar cura espiritual aos doentes. Como resultado, estabeleci clínicas em vários países europeus e existem longas listas de espera de pessoas à procura de consultas. E no mesmo mês em que a tia Lyndon sofreu a queda, estava igualmente agendado para trabalhar nos Estados Unidos, bem como na Europa. Tinha visitado os EUA pela primeira vez exatamente um ano antes, e voltei em outubro de 1976.

Agora, na terceira visita, ia para Nova Jérquia e tinha cinco dias completamente preenchidos pela frente. Atendo trinta pacientes por dia, portanto havia 150 pessoas à espera de cura através de mim e, por mais que desejasse ficar em Inglaterra para estar junto da tia Lyndon, não queria desiludir os meus pacientes americanos. Além disso, ela sempre tivera grande interesse pelo meu trabalho de cura e sabia que, também ela, gostaria que eu fosse.

Quando regresssei a Inglaterra, corri ao lar de idosos. O pessoal cuidava muito bem dela e a operação à perna estava a sarar, mas, infelizmente, o acidente parecia ter acelerado o processo de envelhecimento. Se antes a tia Lyndon sempre fora alerta e vivaz, apesar de já ter ultrapassado os noventa, agora começava a dar sinais cada vez maiores de senilidade. Ainda gostava de brindar comigo com um copo de vinho, e conversávamos sobre muitos assuntos, mas a mente dela vagueava.

Numa das visitas, recebeu-me com a exclamação: "George! Que botas engraçadas trazes nas mãos. Tens de calçá-las ou a cozinheira vai rir-se de ti." Eu não segurava botas nenhuma, mas a cozinheira dela, Ada Collep, que morrera em idade avançada, usava sempre botas com atacadores, sobre as quais muitas vezes brincávamos. Agora, o tempo parecia ter perdido todo o significado para a tia Lyndon. A sua mente

parecia estar simultaneamente no presente e no passado, incapaz de distinguir entre ambos.

A meio de maio, caía constantemente no sono e divagava: contava histórias sem nexos. Embora tenha dedicado a minha vida a ajudar os doentes a recuperar a saúde, há momentos em que a morte é uma libertação bem-vinda do sofrimento. Nessas circunstâncias, a cura costuma tornar a partida mais fácil. No meu trabalho de cura sou ajudado por uma equipa de médicos espirituais e, por isso, o outro mundo é muito real para mim, pois eles utilizam o meu corpo para tratar pacientes. A tia Lyndon — e com toda a razão — também estava convencida da existência de vida depois da morte e, por isso, não tive hesitação em rezar para que o cordão de prata, que liga o corpo físico ao corpo espiritual, fosse cortado e ela pudesse entrar no próximo plano de existência.

A demência senil é muito perturbadora para os familiares, que veem os seus entes queridos perderem o equilíbrio mental e até regredirem para comportamentos infantis. É provocada pela retração do tecido cerebral e pela perda generalizada de células nervosas, embora a causa permaneça um mistério. Algumas investigações recentes sugerem que um vírus lento possa ser o responsável.

É lamentável que as nossas memórias mais queridas das pessoas que amamos fiquem ensombradas pelos efeitos da decadência senil, mas o meu conhecimento de um mundo espiritual permitiu-me não me deixar abalar pelo declínio mental dela. A verdadeira tia Lyndon, o espírito que habitava aquele velho corpo, continuava tão lúcida e inteligente como sempre. O que estava a acontecer era apenas que o corpo que ela usara durante mais de noventa anos se estava a desgastar rapidamente. Assim que fosse libertada deste mundo, esses problemas temporários desapareceriam.

Quando cheguei ao lar na quinta-feira, 19 de maio de 1977, encontrei a tia Lyndon sentada numa cadeira. Estendeu-me a mão e disse: “George, por favor segura a minha mão com força. O pai está aqui agora. Não quero morrer porque cuidei de ti todos estes anos. Amei-te como a um filho. Quem cuidará de ti agora? Mas, na verdade, tenho de ir. O pai quer que eu vá. Estou tão cansada. George, não tenho fome. Vamos beber um copo de vinho.”

Um dos membros do pessoal abriu uma garrafa de Sauternes para nós e eu servi as bebidas. Depois, para alegria de todos, após provar o vinho, a

tia Lyndon comeu uma boa refeição de sopa e frango picado, que lhe foi dada por uma das funcionárias. Quando terminou, pediu para ir para a cama. Sentei-me com ela e rezei para que a sua partida acontecesse em breve.

Às seis da manhã do dia seguinte, a minha oração foi atendida e a tia Lyndon partiu para o mundo espiritual. Dei graças a Deus e aos meus auxiliares espirituais por a sua transição ter sido pacífica.

Tinha de estar em Paris mais tarde nesse mesmo dia para a clínica de cura regular e, por isso, logo depois de sair do lar, telefonei ao contabilista da tia Lyndon para pedir que tratasse das providências para a sua cremação na terça-feira, 24 de maio, quando eu já estaria de volta a Inglaterra. Ele prometeu fazê-lo. Assim, quando o Airbus da Air France levantou voo de Heathrow nesse mesmo dia, senti-me aliviado e feliz. O sofrimento da tia Lyndon chegara ao fim e, embora fosse sentir falta da sua presença física, sabia que havia também quem, no outro mundo, tivesse sentido a sua falta — e agora chegara a vez deles de desfrutar da sua companhia.

Havia ainda outra razão para a minha felicidade. Durante trinta anos, a tia Lyndon e eu guardámos um segredo. Prometi-lhe que não o revelaria antes da sua morte e agora estava livre de o fazer. O segredo diz respeito ao meu trabalho, mas antes de o revelar acho que devo contar-lhe algo sobre mim e sobre como me tornei curador.

Nasci em Liverpool, a 4 de fevereiro de 1921. A minha mãe morreu quando eu tinha cinco anos — tinha apenas vinte e nove — e fui criado pelos meus avós. Vivíamos na zona portuária de Merseyside e frequentei uma escola da Igreja de Inglaterra, St. Mary's em Bootle. Quando deixei a escola, a Grã-Bretanha ainda estava sob o jugo da Grande Depressão e era difícil arranjar emprego. Trabalhei como ajudante de oficina, talhante, estivador e pugilista profissional nesse período. Em 1939 alistei-me nos Irish Guards, depois transferi-me para a Royal Air Force como artilheiro aéreo.

Mais tarde integrei o regimento da RAF conhecido como Air Force Commandos, seguido de períodos de serviço nos Royal Marines, na Royal Navy e em muitos outros ramos das forças armadas, tanto britânicas como estrangeiras, como as forças polacas e francesas. Em 1944 fui colocado na RAF Halton para treinar aprendizes e recrutas em combate corpo a corpo, defesa pessoal, armas ligeiras e treino de batalha.

À parte um vivo interesse por animais e uma aptidão natural para os cuidar e recuperar, não havia sinais nos primeiros vinte e cinco anos da minha vida de que viria a ser curador.

Durante os meus dias na RAF Halton, perto de Aylesbury, conheci Margaret, a minha futura esposa, em 1944. Casámo-nos e, em 1945, nasceu a nossa filha, a quem demos o nome Vivian. Pouco depois do seu nascimento, contudo, disseram-nos que Vivian não sobreviveria. Fiquei destroçado. Saí do hospital, fui até ao bosque ali perto e chorei amargamente. Também rezei para que os médicos se enganassem e que ela pudesse viver. Quatro semanas depois morreu. Ficámos de coração partido e lembro-me bem de sentir que nenhum Deus verdadeiro e amoroso permitiria que a nossa criança nos fosse tirada.

Mas agora percebo que essa experiência traumática teve um propósito. Embora tenha vivido apenas um mês, o nascimento e a morte da pequena Vivian foram um ponto de viragem na minha vida. Pela primeira vez comecei a pensar seriamente na possibilidade de uma vida após a morte. Teria Vivian deixado de existir? Estaria ela agora no Céu? Ou estaria num mundo espiritual? Perguntei a tantas pessoas quanto pude. Os clérigos, para meu desânimo, pouco ajudaram, além de me advertirem para não me meter com o sobrenatural.

Apesar da falta de respostas da parte daqueles que eu sempre julgara deterem-nas, continuei à procura. Em maio de 1946 fui desmobilizado e troquei o uniforme da Força Aérea por outro — o dos Bombeiros de Aylesbury. Entre os meus colegas estava Leslie G. Miles que, quando passávamos o tempo entre chamadas, por vezes demonstrava a sua capacidade de receber mensagens com um copo virado ao contrário e um alfabeto. Leslie tinha visto um oficial da RAF fazê-lo e ficou surpreendido ao descobrir que ele próprio também conseguia fazê-lo funcionar, sem compreender bem o que estava a acontecer.

Naturalmente discutíamos sobre quem empurrava o copo e se as mensagens vinham dos mortos. Em pouco tempo, Leslie e eu estávamos a debater o Espiritismo e conseguimos despertar o interesse de um grupo bastante grande da equipa de bombeiros de Aylesbury, incluindo o então subchefe. Em todos os turnos, sentávamo-nos com os dedos a repousar levemente sobre o fundo de um copo virado no centro de um círculo de letras e observávamos enquanto ele deslizava. Estávamos cientes de que os cétricos costumam rejeitar tais comunicações como manifestações do subconsciente, mas por vezes o conteúdo das

mensagens era tão espantoso que essa teoria podia ser imediatamente descartada.

A minha esposa e eu também nos sentávamos sozinhos em casa com o copo e o alfabeto, e recebíamos mensagens da minha mãe. Ela, recordar-se-á, morreu quando eu tinha cinco anos e eu sabia muito pouco sobre ela. Mas, ao verificar o que nos era transmitido nessas sessões, convenci-me de que era realmente a minha mãe a comunicar. Disse-nos que cuidava da Vivian e falou-nos sobre a sua própria vida no outro mundo. Como resultado dessas experiências, fiquei convencido de que a vida continua para além da sepultura.

Tinha lido sobre a viagem astral — a capacidade do espírito de deixar o corpo, viajar até um local neste mundo ou no próximo e regressar trazendo a memória da jornada — e decidi experimentar. Todos os dias, sentava-me sozinho durante cerca de três horas enquanto desenvolvia essa aptidão. Dessa forma, estabeleci contacto com a minha mãe e com a Vivian, retendo durante muito tempo uma memória vívida desses encontros. Desde então, estive sempre consciente da proximidade da presença espiritual da minha mãe.

Devo assinalar que os espiritualistas geralmente desaprovam este método de desenvolvimento psíquico. Dizem que estar sozinho é perigoso porque, sem a ajuda de um médium, a pessoa pode expor-se a influências malignas ou desagradáveis. Não contesto este aviso, mas no meu caso consegui desenvolver a mediunidade em transe sem qualquer infortúnio.

Durante as primeiras sessões de copo e alfabeto recebi muitas vezes mensagens sobre possuir dons de cura. Estava disposto a experimentar, mas não sabia como fazê-lo. O problema, contudo, foi-me retirado das mãos quando comecei a entrar em transe. Nessa altura já me reunia semanalmente com um grupo de pessoas interessadas no assunto. Durante essas sessões, era incorporado por várias entidades que se dirigiam aos membros do círculo, e uma das primeiras foi Lone Star, que se identificou como membro da tribo Cree de índios norte-americanos.

Ele já tinha comunicado nas primeiras sessões dos bombeiros e dissera que se formaria uma cadeia de controlo composta por amigos espirituais que se juntariam como uma equipa de cura para trabalhar através da minha mediunidade. Agora, falando por meu intermédio, deu mais detalhes. Entre os outros visitantes espirituais dessa fase estavam Ram-

a-din-i, um indiano, um jovem chamado Leopoldi e Chang Woo, um cirurgião chinês.

Compreendo, naturalmente, que os cépticos façam troça de guias espirituais índios ou chineses. Também sei que a mente humana é capaz de manifestar personalidades secundárias totalmente diferentes da personalidade consciente de um indivíduo. Contudo, essas entidades espirituais eram-nos muito reais, embora eu nada soubesse do que elas diziam pela minha boca. Os outros participantes relatavam-me o que se tinha passado quando eu voltava à consciência.

Muito em breve um novo comunicador começou a falar connosco. Foi-nos apresentado como Dr. Lang. Revelou que seria o instrumento principal e utilizaria a minha mediunidade para tratar os doentes. Como resultado, os outros comunicadores recuaram para o papel de membros da equipa de cura. O que tornou o aparecimento de Lang tão importante foi o facto de se tratar de um espírito que vivera no século XX e de quem podíamos exigir — e receber — provas de identidade.

Demasiados guias espirituais alegados não resistem ao exame crítico. Creio ser essencial que aqueles que desenvolvem a mediunidade em transe se certifiquem de que os seus controladores espirituais sejam cuidadosamente examinados para provar quem são. O comunicador deve falar o mais próximo possível da forma como falava em vida, usar as mesmas expressões e maneirismos e manifestar outras características pessoais.

Deve ser capaz de fornecer datas, nomes e pormenores da sua experiência terrena que possam ser verificados e discutir assuntos íntimos com familiares e colegas ainda vivos. Com demasiada frequência, a alegada existência terrena de um “guia espiritual” situa-se fora da memória dos vivos, ou então ocultam deliberadamente a sua identidade sob um véu de mistério, insinuando que por trás da aparência humilde se escondem grandes e célebres almas.

William Lang, no entanto, satisfez todas as minhas exigências. Quando começou a trabalhar por meu intermédio, havia colegas de Lang ainda no ativo. Havia também pacientes que o tinham consultado quando era cirurgião em vida e que mais tarde vieram a Aylesbury para voltar a receber tratamento dele — através de mim. Confirmaram que era o mesmo Dr. Lang que conheciam.

Ao longo dos anos conseguimos reconstruir a história de William Lang, proporcionando assim um caso notável de sobrevivência humana à

morte. A princípio a cura limitava-se a pessoas locais, mas a procura foi aumentando e construímos um arquivo de curas impressionantes que ele realizou — muitas vezes em cooperação com médicos terrenos — através de operações espirituais.

Vários livros foram escritos sobre a nossa parceria de cura. *The Return of Dr Lang*, por exemplo, de S. G. Miron, LDS, RCS (Eng.), relata não apenas o nosso trabalho mas também a cura que o Dr. Lang proporcionou à sua esposa depois de o céu da boca dela ter ficado perfurado na extração de um dente. O testemunho do Sr. Miron é particularmente notável porque ele próprio era cirurgião dentista e, ainda assim, confirma que o Dr. Lang conseguiu um resultado dentário impossível pelos meios normais. Eu publiquei o livro do Sr. Miron em 1957 e ele ainda permanece em edição.

A história da cura da Sra. Miron é contada em ainda mais detalhe no livro de J. Bernard Hutton sobre mim, *Healing Hands*, publicado pela primeira vez em 1966. O autor atualizou o livro e fiquei muito satisfeito quando uma nova edição de *Healing Hands* foi publicada em 1978 (pela W. H. Allen). Este excelente livro relata a minha vida inicial e a de William Lang (a qual abordarei num capítulo posterior) e cita numerosos casos clínicos. Joe Hutton refere vários exemplos de pessoas que conheceram o Dr. Lang em vida e que depois o reencontraram, reconhecendo-o durante sessões de cura comigo.

Entre eles estava um médico — Kildare Lawrence Singer — que recebera formação em oftalmologia de Lang no Middlesex Hospital. O Dr. Singer tinha cancro e, ao saber que algumas pessoas tinham sido curadas dessa doença por um “Dr. Lang” em Aylesbury, marcou consulta. Não fazia a menor ideia de que se tratava do mesmo homem que o ensinara nos seus primeiros anos. O reconhecimento foi imediato quando entrou no meu santuário e Lang, falando pelos meus lábios, o saudou com as palavras: “Olá, meu caro rapaz, que alegria voltar a vê-lo.”

No mesmo livro, Hutton conta o encontro com a Sra. Katherine Pickering que, em criança, fora paciente do Dr. Lang. Ela conheceu-o durante quinze anos, desde os quatro anos e nove meses, e quando o reencontrou através da minha mediunidade reconheceu-o de imediato. Ele também a reconheceu, pois disse: “É bom vê-la novamente depois de todos estes anos, Topsy. Lembro-me de si quando era desta altura.”

O Dr. Lang recordava o primeiro encontro... mais de sessenta anos antes. E a Sra. Pickering confirmou que ele sempre a tratara por Topsy.

Devo explicar que William Lang era cirurgião, não médico, e portanto o tratamento correto seria “Sr. Lang”. No entanto, tal era a sua maneira afável que os pacientes frequentemente o chamavam de “Dr.” quando estava em vida, e eu, tal como a maioria das pessoas que o conhecem, continuamos a fazê-lo agora. Assim, neste livro, será referido como Dr. Lang, exceto quando um paciente ou investigador insistir no título correto.

Neste livro terei de repetir uma pequena parte do material já publicado noutros volumes, para fornecer o contexto necessário e explicar aos leitores desconhecedores do trabalho de Lang como ele realiza a cirurgia espiritual. Mas a minha principal intenção é retomar a narrativa a partir de onde *Healing Hands* terminou: descrever como a minha missão de cura se expandiu nos anos 70 e — acima de tudo — revelar o segredo que guardei durante trinta anos.

CAPÍTULO DOIS

HORA DE VIAJAR

À medida que a minha reputação como médium crescia, comecei a receber convites para ir ao estrangeiro dar cura. Sempre os recusei, por mais atraentes que fossem. O trabalho em Inglaterra era mais do que suficiente para me manter ocupado; na verdade, desde cedo era impossível dar consultas a todos os que procuravam a ajuda do Dr. Lang. Viajar para ver doentes no estrangeiro apenas faria aumentar ainda mais a lista de espera britânica. Além disso, cada vez mais pessoas de outros países faziam questão de viajar especialmente até Inglaterra para verem o Dr. Lang.

Essa foi a minha posição durante pelo menos vinte e cinco anos e foi influenciada, sem dúvida, pelo facto de ter dois filhos — Lana e Michael — e preferir estar em casa com a família enquanto cresciam.

Um dia, no início de 1974, eu estava ausente quando tocaram à campainha. Michael, então com vinte e um anos e já a ajudar-me na gestão da movimentada prática de cura, atendeu à porta. Uma das penalidades de ser conhecido é que as pessoas descobrem onde moras e aparecem em tua casa, sem marcação, à espera de receber cura imediata. Muitas vezes viajavam longas distâncias para me ver e ficavam

irritadas e desapontadas se não eram atendidas. Mas fazê-lo seria injusto para todos os que esperavam a sua vez.

Michael abriu a porta a uma pequena e atraente mulher morena, de sotaque francês e sorriso agradável que mal conseguia disfarçar os anos de tormento que vivera. A Sra. Eliane Yovanovitch voara de Marrocos até Inglaterra e apanhara o comboio para Aylesbury na esperança de me encontrar. Não procurava, no entanto, cura para si. A filha estava gravemente doente e ela sentia que apenas uma visita pessoal conseguiria assegurar uma consulta para Isabelle. Abriu a mala, tirou uma fotografia da filha e começou a contar a sua história.

A filha tinha dezassete anos e sofria de esclerose subaguda há seis anos. Esta terrível doença atinge apenas crianças e é causada por um vírus que ataca e destrói as células cerebrais. Normalmente, uma criança com a doença tem uma esperança de vida de apenas um ano, mas, de algum modo, Isabelle resistira. Contudo, perdera a visão e a fala e os seus membros estavam rígidos e contorcidos. Parecia alheia a tudo o que se passava ao redor. Apesar da condição desesperada da filha, a Sra. Yovanovitch estava disposta a levá-la a Aylesbury para que o Dr. Lang a pudesse ver. Michael, comovido com a sua situação, disse que faria o possível. Anotou o número de telefone dela e prometeu entrar em contacto.

Quando regressei a casa, contou-me o sucedido e, depois de alguma reflexão, decidimos que eu deveria ir a Casablanca para que o Dr. Lang pudesse tratar de Isabelle. Três dias após a visita a St. Bride's, a Sra. Yovanovitch recebeu uma chamada de Michael a dar-lhe a notícia. Não me apercebi na altura, mas essa primeira viagem ao estrangeiro iria mudar o rumo da minha vida. Também mudou a vida da Sra. Yovanovitch.

Voei para Casablanca a 16 de março de 1974, onde fui recebido por Serge e Eliane Yovanovitch. Tinham organizado a minha estadia para três ou quatro dias, de modo a permitir ao Dr. Lang dar mais do que um tratamento. Sentei-me ao lado do corpo debilitado de Isabelle e deixei-me entrar em transe para que o Dr. Lang pudesse tomar posse do meu corpo e tratá-la. Soube que ele não prometera nada, mas dissera que faria o melhor possível. O meu corpo inclinou-se sobre a cama enquanto o Dr. Lang examinava a doente e depois começou a operar sobre o corpo espiritual de Isabelle. Operou mais do que uma vez durante a minha estadia e disse que gostaria de rever a paciente em breve.

Eu fora a Casablanca apenas para ver Isabelle, mas a notícia da minha presença espalhou-se e logo surgiram pedidos de outras pessoas doentes. Como resultado, o Dr. Lang tratou cerca de vinte marroquinos durante a minha curta estadia.

A Sra. Yovanovitch ouvira de um padre falar de um casal em Toulouse, França, que também tinha uma filha a sofrer de esclerose subaguda. Fora posta em contacto com eles para lhes dar apoio moral e agora pediam-me que fosse até lá para que o Dr. Lang pudesse tratar a criança. Aceitei o convite, mas precisava de um tradutor. A Sra. Yovanovitch concordou em ser minha intérprete e assim partimos na nossa missão de misericórdia. Infelizmente, não teve sucesso. O Dr. Lang não conseguiu produzir nenhuma melhoria significativa no estado da rapariga, que acabou por falecer. Mas a sua partida foi serena e indolor, o que era muito invulgar nesta doença. Mais uma vez, a notícia da minha visita espalhou-se rapidamente e, antes de eu deixar Toulouse, o Dr. Lang já tinha operado quarenta pacientes!

Era óbvio que os poderes de cura do Dr. Lang eram muito requisitados no estrangeiro e não demorou até eu começar a planear a abertura de uma clínica em Paris.

Seis semanas depois da minha primeira visita a Casablanca, regressei a Marrocos para que o Dr. Lang pudesse realizar mais tratamentos a Isabelle. Ele ficou muito satisfeito com os progressos da paciente, assim como a família Yovanovitch. Desde as primeiras operações espirituais do Dr. Lang, a visão de Isabelle começara a regressar. Agora conseguia seguir com os olhos os movimentos das pessoas e sorria-lhes. Estava muito mais “viva” e a sua personalidade também. Encorajado por esta melhoria dramática, o Dr. Lang disse aos pais de Isabelle que gostaria de a ver de novo e, quando soube disto, tratei de organizar um novo regresso dali a seis semanas. Escusado será dizer que o Dr. Lang aproveitou estas visitas também para tratar outros pacientes.

Na minha terceira visita a Marrocos, encontrei progressos tão bons em Isabelle que o Sr. e a Sra. Yovanovitch decidiram mudar-se para Inglaterra com a filha, para que o Dr. Lang pudesse tratá-la com mais frequência. Concordei prontamente em colaborar e foram feitos arranjos para que Isabelle entrasse num lar de Aylesbury.

Enquanto estive no lar, Isabelle foi submetida a uma operação à cartilagem, por conselho do Dr. Lang, necessária porque as suas pernas tinham-se tornado rígidas e arqueadas devido à doença. Teve

fisioterapia, administrada segundo as instruções do Dr. Lang, e continuou a melhorar. Durante esse período o Michael visitava-a regularmente, impondo as mãos. Ela reagia sempre à presença dele, reconhecendo-o, enquanto nunca parecia reconhecer-me nem ao Dr. Lang. Melhorou a tal ponto que o Dr. Lang recomendou o seu regresso a França, para que pudesse receber terapia da fala num ambiente francês familiar, que ajudaria na recuperação.

Foram feitas as providências para a transferência de Isabelle para um hospital parisiense e, se viera para Inglaterra de maca, agora pôde viajar sentada no avião que a levou de volta a França.

Durante os três meses da sua estadia em Inglaterra, a mãe de Isabelle foi de enorme ajuda para mim. Visitava St. Bride's regularmente para lidar com o número crescente de cartas que recebíamos de França: traduzia-as para inglês e depois respondia em francês. Também concordou em ser intérprete para mim — e para o Dr. Lang — durante as visitas regulares de fim de semana que fazíamos a Paris.

Não preciso de me deter na dor evidente que Eliane experimentou ao longo dos anos ao ver a saúde da filha deteriorar-se lentamente, sabendo que, do ponto de vista médico, nada havia a fazer. Mas ela recusou-se a aceitar o veredito e fez tudo o que esteve ao seu alcance para restaurar a saúde de Isabelle. Foi essa determinação que a trouxe à minha casa no início de 1974, mas mais tarde descobri que eu era o décimo nono curador a quem ela recorrera durante uma busca de cinco anos por uma cura!

O primeiro que consultou foi um padre em Paris. Nessa altura, Isabelle ainda andava normalmente e não dava sinais visíveis da doença. Depois, Eliane levou-a a um curador em Casablanca, que lhe deu orações especiais e mandou queimar incenso. Por três vezes levou Isabelle a Lourdes na esperança de um milagre. Depois consultou um sacerdote muçulmano que lhe disse para comprar uma galinha branca e sacrificá-la em casa.

Nessa altura a mente de Isabelle já estava lenta e ela estava confinada a uma cadeira de rodas, e o desespero de Eliane era tão grande que estava disposta a fazer tudo para alcançar a cura. Explicou à filha o que era necessário fazer e Isabelle concordou. Eliane arranjou uma mulher para sacrificar a galinha, que depois tinha de ser rodada em torno da cabeça da filha. “Foi uma loucura”, diz ela, recordando agora esse episódio bizarro. “Mas na altura eu faria qualquer coisa. Sempre que

consultava um novo curador tinha fé absoluta de que teria sucesso: que as suas técnicas trariam resultados positivos onde as outras tinham falhado.”

Chamaram então um curador grego, cujo método era usar um pêndulo, que mantinha sobre o paciente para diagnosticar a doença antes de aplicar o tratamento. Viu Isabelle pela primeira vez em novembro e, ao ouvir a família a falar de presentes de Natal, declarou: “Podem comprar sapatos para a Isabelle.”

Recordando esse momento, Eliane contou-me emocionada: “A Isabelle não andava há três anos. Dizer que podíamos comprar sapatos para ela foi uma notícia maravilhosa. Acreditei mesmo. Mas nada aconteceu. Agora percebo que me enganou.”

Entre os outros curadores consultados houve ainda um exorcista que tentou expulsar o “mal” de Isabelle. Esse tratamento revelou-se tão inútil como os restantes.

“Sempre que tentava um novo curador enchia-me de esperança”, disse-me Eliane. “Nunca aceitei a doença da Isabelle. Estava sempre pronta para a combater.” Eliane é Rosacruziana e foi numa das reuniões que lhe deram um exemplar de *Healing Hands*. No momento em que o leu, contou-me, soube que tinha de vir a Inglaterra procurar a ajuda do Dr. Lang. Foi isso que a levou à minha porta no início de 1974. Ela admite que o Dr. Lang foi o último recurso; seria o último curador a quem recorreria.

O que a impressionou no Dr. Lang foi que ele foi o primeiro que não prometeu curar Isabelle. Limitou-se a dizer que faria o melhor possível. Nessa altura, claro, a doença já estava profundamente enraizada e Isabelle já vivera muito mais do que o esperado. Apesar disso, o Dr. Lang trouxe várias melhorias surpreendentes — surpreendentes, isto é, do ponto de vista médico — e tínhamos todas as razões para esperar que, de volta a França, a terapia da fala lhe desse um novo interesse pela vida e ainda mais determinação para superar a doença, ajudando assim o tratamento contínuo do Dr. Lang.

Nessa altura eu já trabalhava regularmente em Paris, o que permitia ao Dr. Lang ver Isabelle durante as suas visitas à capital francesa. Além de tratar pacientes franceses, cada vez mais pessoas de outros países europeus iam a Paris para ver o Dr. Lang, muitas vezes trazendo pedidos para que visitássemos familiares e amigos nos seus países. Aceitámos

alguns desses convites e, em meados de 1974, o Dr. Lang já tinha dado cura na Suíça, Alemanha Ocidental e Áustria.

Entre os primeiros pacientes esteve um padeiro de cinquenta anos, com excesso de peso e muito doente. Os habitantes da sua aldeia diziam que era tudo imaginação, mas ele queixava-se de que “tudo” estava mal com ele e não conseguia andar. Depois do tratamento do Dr. Lang, os vizinhos ficaram maravilhados ao vê-lo a andar de bicicleta a toda a velocidade. Mostrou a sua gratidão oferecendo-nos um bolo especial!

Uma atriz famosa viajou de Roma a Paris especialmente para ver o Dr. Lang e fiquei particularmente satisfeito por, durante estas primeiras visitas a França, vários médicos começarem também a interessar-se vivamente pelo trabalho do Dr. Lang — e falarei do seu envolvimento mais adiante.

Talvez este seja o melhor ponto para mencionar o uso de nomes neste livro. Embora os praticantes não ortodoxos sejam hoje muito mais aceites — até pela própria profissão médica — do que eram há algumas décadas, ainda há muitas pessoas que escondem o facto de me terem consultado. Respeito os seus desejos.

O consultório do Dr. Lang é privado e o que acontece entre ele e os seus pacientes não é revelado a mais ninguém. Isso não me é difícil, já que, estando em transe, não tenho consciência das conversas nem dos tratamentos dados. Mas sei quem consulta o Dr. Lang porque sou eu quem marca as consultas, e também tomo conhecimento das doenças e dos resultados através das cartas de seguimento. Mas, tal como o Dr. Lang, honro a privacidade dos pacientes.

Assim, quando são dados nomes de pacientes, é porque eles próprios deram autorização ou porque já tornaram públicas, noutros contextos, as suas consultas com o Dr. Lang. Os médicos raramente trabalham abertamente com curadores e a maioria dos que colaboram com o Dr. Lang pediu-me que usasse apenas as suas iniciais. Contudo, os seus nomes estão em arquivo e podem ser disponibilizados a investigadores credenciados.

Relatos presenciais de alguns trabalhos de cura do Dr. Lang apareceram no semanário espiritualista inglês *Psychic News*, em agosto e setembro de 1974. Inge Piechutta, de Enzkloesterie, contou ao editor Maurice Barbanell que viu o Dr. Lang realizar operações espirituais a mais de cem pessoas numa morada secreta na Baviera. Referiu especialmente um rapaz de sete anos, Wener, levado ao Dr. Lang por ser considerado

imbecil. O exame do Dr. Lang revelou que um osso da cabeça da criança estava desalinhado e a pressionar parte do cérebro. A cirurgia espiritual que realizou trouxe uma melhoria espontânea e o rapaz parecia quase normal ao sair da sala. Outro paciente foi uma menina espástica de quatro anos, Silvia, que, disse Inge, “olhava fascinada e sorridente, deixando o Dr. Lang tratar os seus membros deformados”. Entre os que foram tratados com sucesso pelo Dr. Lang, relatou ela, estavam pacientes com catarata, glaucoma, artrite e reumatismo.

A própria Inge foi tratada de vários males, incluindo um defeito na coluna, que foi curado. Atuara como intérprete e lia ao Dr. Lang os históricos médicos dos pacientes. Só mais tarde se apercebeu de que o fizera sem usar óculos e numa sala pouco iluminada, quando antes sofrera de graves problemas de visão. “Agora estou completamente curada”, testemunhou. “Foi uma cura espontânea.”

Durante essa visita à Alemanha, dois médicos assistiram ao tratamento de dezassete pacientes. Antes, na Suíça, um médico que também observara o Dr. Lang em ação ficou tão impressionado com os resultados que me ofereceu a sua casa e consultório. Aceitei com prazer e concordei em tratar alguns dos seus pacientes mais difíceis em visitas futuras. De volta a França, um médico organizou uma consulta com o Dr. Lang para tratar de si próprio e levou dez pacientes com ele. Também recebi a visita de uma freira católica que quis agradecer-me pelo bom trabalho realizado através da minha mediunidade. Recebeu cura do Dr. Lang e ficou a ajudá-lo com um doente, pois era também enfermeira diplomada.

Em outubro pediram-me para visitar Espanha e, assim que cheguei a Madrid, fui levado ao principal hospital neurológico do país. À minha espera estavam médicos e familiares de uma rapariga de dezasseis anos que estivera em coma durante mais de um mês, na sequência de um acidente de viação que lhe causara deslocamento cerebral. Os médicos esperavam que morresse, mas contactaram-me e, como não podia ir de imediato a Madrid, o Dr. Lang começou logo a dar tratamento à distância. (Explicarei mais à frente como isso é feito.) Em dois dias a rapariga saiu do coma. Consequia ver e ouvir, mas não falar. Agora que eu estava em Madrid, o Dr. Lang pôde prestar ajuda direta. Tomou posse do meu corpo em transe e operou-a. Houve uma melhoria imediata. Desde o acidente a jovem não conseguia mover os braços. Agora ergueu o braço e agarrou a mão da mãe.

Por vezes o tratamento do Dr. Lang tem resultados inesperados. A Sra. R. Gutowski, por exemplo, foi tratada em França, em outubro de 1974, para má circulação sanguínea e um fibroma — um tumor benigno no útero. Cinco meses depois recebi uma carta dela: “O Dr. Lang disse-me que estaria curada até 26 de dezembro”, escreveu. “Não só a previsão se confirmou, como houve um bónus. Assim que fiquei curada engravidei e estou à espera de bebé para a primeira semana de outubro de 1975.”

Outro caso digno de especial menção, entre as centenas tratadas pelo Dr. Lang durante a segunda metade de 1974, é o de J. G. Apotheloz, de Lausana, Suíça. O problema começou em 1973, quando desenvolveu tosse e dificuldade em respirar. O seu médico diagnosticou bronquite mas, como o paciente não respondia ao tratamento normal, foram feitos raios X exploratórios. Os médicos ficaram intrigados com os resultados e enviaram o Sr. Apotheloz para uma clínica pulmonar para mais exames.

Revelou-se finalmente que os pulmões do paciente estavam congestionados com quilo, um fluido esbranquiçado, normalmente formado no intestino delgado durante a digestão. O diretor clínico da unidade ficou espantado e declarou nunca ter visto um caso semelhante. Durante a sua permanência na clínica foram extraídos quatro litros de quilo dos seus pulmões e realizaram-se operações exploratórias ao peito e ao estômago para encontrar a causa do problema, mas o seu estado continuou a deteriorar-se.

Em julho de 1973 já tinha perdido catorze quilos, todo o cabelo lhe caíra e, não surpreendentemente, encontrava-se completamente desesperado com a situação. Então conheceu um radiestesista (um curador que usa um pêndulo para diagnosticar e tratar doenças) que o ajudou bastante durante um ano, mas exames feitos no fim desse período revelaram que os pulmões ainda estavam três quartos cheios de quilo.

Ao ouvir falar do Dr. Lang, o Sr. Apotheloz marcou uma consulta e voou para Inglaterra para o ver em Aylesbury, em setembro de 1974.

Escreveu-me um ano mais tarde com o seu testemunho. Apenas um mês depois de ter sido submetido a uma operação espiritual, contou, “foram feitos novos exames pelo diretor clínico, que ficou espantado com a grande melhoria no meu estado geral de saúde, em especial o aumento da capacidade dos meus pulmões. Desde então sinto que voltei a viver. Recuperei peso e consigo trabalhar quase normalmente outra vez. Além disso, no meu tempo livre, sou instrutor nos bombeiros, atividade de que

gosto muito.” Terminou a sua carta com a esperança de que o Dr. Lang conseguisse alcançar uma cura completa.

Comecei este capítulo explicando que, durante vinte e cinco anos, permaneci em Inglaterra e os pacientes vinham sempre até mim, geralmente a Aylesbury mas também a uma clínica em Birmingham, que frequentei durante muitos anos, e a outros locais noutras partes do país. Este breve relato do meu trabalho em 1974 mostra que, depois de ter decidido levar a cura para o estrangeiro, depressa recuperei o tempo perdido. No final desse ano fui apelidado de “o curador mais viajado de Inglaterra” e o trabalho subsequente assegurou que mantereis esse título durante alguns anos.

A minha missão de cura além-fronteiras tem-me dado enorme satisfação, porque, até eu me aventurar fora, apenas os pacientes estrangeiros ricos o suficiente para viajar até Inglaterra e pagar alojamento, ou os que conseguiam arranjar o dinheiro de algum modo, podiam consultar o Dr. Lang. Mas agora sou eu quem leva o Dr. Lang até eles, e isso significa que muitas pessoas pobres podem beneficiar do tratamento deste cirurgião espiritual.

Até aqui concentrei-me no alcance do meu trabalho de cura e nos resultados alcançados. Agora é altura de apresentar o meu parceiro invisível, o homem que torna tudo isto possível... William Lang.

CAPÍTULO TRÊS

WILLIAM LANG, FRCS

Nos primeiros tempos não tínhamos ideia da verdadeira identidade da entidade espiritual que se apresentava como Dr. Lang. Mas, quando passou a ser o comunicador principal das nossas sessões, senti que devíamos exigir alguma prova da sua realidade. No início isso não aconteceu, salvo alguns fragmentos de informação pessoal sobre si mesmo que revelou a certos pacientes.

Naturalmente, eu queria silenciar os cétricos provando que o Dr. Lang fora realmente uma pessoa e não uma invenção da minha imaginação e, por isso, recorri à Associação Médica Britânica, sem revelar a razão do meu inquérito, na esperança de que pudesse ajudar a identificá-lo. Mas Lang não é um nome raro na profissão médica e a BMA não conseguiu identificá-lo a partir dos poucos dados de que dispúnhamos.

Algum tempo depois, o meu amigo Leslie Miles — o bombeiro que me mostrara pela primeira vez a técnica do copo e alfabeto — falava com o Dr. Lang quando este, para sua surpresa, lhe pediu que escrevesse um livro sobre o seu regresso espiritual e trabalho de cura. O Dr. Lang acrescentou que sabia que tinham sido feitas tentativas para estabelecer a sua verdadeira identidade mas que não tinham tido êxito porque, naquela altura, não queria que fosse revelada.

Agora, porém, a hora era a certa, e o Dr. Lang contou a Leslie que trabalhara durante algum tempo no famoso Middlesex Hospital, em Londres. Quando Leslie fez perguntas, disseram-lhe que um William Lang fora cirurgião oftalmologista no hospital de 1880 a 1914. Munido dessa informação, voltou à BMA à procura de mais dados e descobriu que William Lang fora um cirurgião e oftalmologista distinto.

Mas seria isto apenas uma coincidência ou tratava-se realmente do mesmo William Lang que regressara agora pela minha mediunidade? Ao longo dos meses, o bondoso médico, cujo modo de falar suave e compaixão impressionavam todos os pacientes, foi revelando mais sobre si próprio, afastando quaisquer dúvidas. Depois, como já mencionei, pessoas que tinham conhecido William Lang em vida foram a Aylesbury — aparentemente por coincidência — e confirmaram que a sua fala e maneira de ser eram, sem dúvida, as do cirurgião que um dia haviam conhecido.

William Lang nasceu a 28 de dezembro de 1852, em Exeter, Devon, filho de um próspero comerciante, Isaac Lang, que pôde enviá-lo para a Escola Morávia, em Lausana, Suíça, para parte da sua instrução. Aos dezoito anos, Lang entrou no London Hospital, onde quatro anos mais tarde se qualificou como Membro do Royal College of Surgeons. Cinco anos depois tornou-se Fellow. Nesse período da sua carreira serviu como médico residente e cirurgião residente, tornando-se mais tarde demonstrador de fisiologia e anatomia no colégio médico do hospital.

O seu interesse pelos olhos desenvolveu-se após um encontro com J. E. Adams, um famoso cirurgião oftalmologista. Fez disso a sua especialidade e tornou-se cirurgião assistente no Central London Ophthalmic Hospital em 1879, mudando-se no ano seguinte para o Middlesex Hospital, no centro de Londres, como cirurgião oftalmologista. Por uma estranha ironia, Adams, o homem que primeiro despertara o interesse de Lang pela oftalmologia, teve de se demitir do Central London Ophthalmic Hospital e abandonar a sua prática privada em 1884

devido à cegueira crescente, sendo substituído pelo amigo Lang em ambas as funções.

Nessa altura, Lang já era casado com a sua prima em segundo grau, Susan, e tinham um filho, nascido em 1880, e uma filha, nascida em 1883. Viveram algum tempo no subúrbio norte de Londres, em Wood Green, num casamento feliz e sereno. Mais tarde mudaram-se para o bairro de Chiswick, no sudoeste de Londres, onde foram vizinhos de William Morris, o célebre poeta e artesão inglês que fundou a Kelmscott Press. Como resultado, Lang fez uma coleção de livros produzidos pelas tipografias de Morris.

A carreira médica de Lang não se limitou à cirurgia. Foi responsável por várias inovações oftalmológicas e escreveu diversos artigos e um livro sobre a sua investigação. Foi também, durante muitos anos, editor do *The Royal London Ophthalmic Hospital Reports*. Um dos primeiros artigos abordava o seu estudo de 185 pares de olhos de uma grande variedade de animais, que estabeleceu que a maioria era hipermetrópe. Seguiram-se outros artigos, alguns em colaboração com investigadores oftalmológicos, e desenvolveu uma mistura de homatropina e cocaína para uso em operações aos olhos, que ficou conhecida como as “Gotas de Lang”. O seu único livro, *The Methodical Examination of the Eye*, foi publicado em 1895 e lançado como a Parte Um de um guia para a prática da oftalmologia para estudantes e médicos.

Entre as suas inovações estavam facas gêmeas para a extração de catarata e também métodos de tratamento que, inicialmente, causaram controvérsia entre os colegas mas que mais tarde foram adotados por eles, uma vez comprovada a validade das ideias. Era também defensor de doses maciças de vacinas, começando frequentemente o tratamento com uma dose que espantaria os bacteriologistas modernos. Era um homem calmo, pensativo, reservado e para quem falar em público era angustiante. Refletia muito sobre a vida e a possibilidade de uma existência para além da morte — tema que discutia frequentemente com colegas médicos como Sir William Lister, Sir John Bland-Sutton e Sir Arnold Lawson.

William Lang, portanto, foi um homem de relevo na sua profissão. Tenho diante de mim quatro testemunhos que foram escritos em 1879, quando se candidatou, com sucesso, ao cargo de cirurgião assistente no Royal Free Hospital, em Londres, e gostaria de os citar, pois dão ao leitor uma visão adicional das suas aptidões médicas e da sua personalidade:

39 Welbeck Street,
Cavendish Square, W.,
21 de outubro de 1879

Tenho imenso prazer em atestar as elevadas qualificações do Sr. William Lang.

Foi um estudante distinto no London Hospital, onde mais tarde ocupou vários cargos, nomeadamente o de Cirurgião Residente, com notável eficiência, aproveitando da melhor forma um dos maiores campos de prática cirúrgica do reino. Ocupou também, durante três anos, o cargo de Demonstrador de Anatomia no London Hospital College.

Com estes antecedentes, posso recomendá-lo com a maior confiança possível aos Governadores do Royal Free Hospital como um cavalheiro plenamente apto a desempenhar com distinção para si próprio e em benefício da Instituição a função de Cirurgião Assistente.

J. LANGDON-DOWN, M.D., F.R.C.P.
Médico e Professor de Medicina Clínica no London Hospital.

5 St. Helen's Place, London, E.C.,
18 de outubro de 1879

Certifico que o Sr. William Lang foi Médico Residente responsável pelas minhas enfermarias no London Hospital durante doze meses, e que o seu trabalho foi sempre realizado com honestidade, competência e delicadeza de trato.

Dizer isto equivale a afirmar que é um médico bem instruído e plenamente apto às funções de Médico Assistente em qualquer Instituição Médica de Caridade.

Recomendo-o de consciência aos Eleitores do Royal Free Hospital como um homem plenamente capaz de assumir — e honrar — o cargo a que aspira.

J. S. RAMSKILL, M.D.
Médico Consultor no London Hospital; Médico Sênior no National
Hospital for Paralysis and Epilepsy.

22 Finsbury Square,
20 de outubro de 1879

O Sr. William Lang está plenamente qualificado para o cargo de Cirurgião Assistente no Royal Free Hospital, ou qualquer posto similar.

Tendo ocupado praticamente todos os cargos de residência no London Hospital, em diferentes áreas da prática médica, e atuado como Demonstrador de Anatomia no London Hospital Medical College durante três anos, possui toda a experiência prática e o conhecimento anatômico e cirúrgico necessários para o desempenho adequado das responsabilidades inerentes a um membro da equipa de um grande hospital.

O Sr. Lang demonstrou sempre grande interesse pela sua profissão, é um observador e pensador perspicaz, trabalha de forma metódica e científica e é digno de confiança no cumprimento de qualquer obrigação que assuma.

WALTER RIVINGTON, F.R.C.S. Eng., M.S. Lond.
Cirurgião no London Hospital.

Por fim, um testemunho do homem cuja visão debilitada levaria à transferência de Lang para o que é hoje o Moorfields Eye Hospital:

10 Finsbury Circus, E.C.,
13 de outubro de 1879

Conheço o Sr. W. Lang há muitos anos e é com grande prazer que expresso a minha opinião sobre os seus méritos e o ajuda a alcançar os seus objetivos.

Nada deixou por fazer para se tornar um cirurgião competente e estudou a sua arte em quase todas as áreas de especialidade, em particular Dermatologia e Oftalmologia.

Exerceu como Demonstrador de Anatomia na Escola Médica do London Hospital com grande êxito como professor e com o inevitável resultado de aprofundar o seu próprio conhecimento do tema, uma vantagem cuja importância não pode ser sobrevalorizada.

As suas investigações estenderam-se também profundamente à Fisiologia e Histologia, ambas essenciais a um cirurgião dos nossos dias. Com estas altas qualificações profissionais, alia atributos sociais que fazem dele um colega agradável.

JAMES E. ADAMS, F.R.C.S.
Cirurgião no London Hospital; Cirurgião Assistente no Royal London
Ophthalmic Hospital, etc.

Lang, que então tinha vinte e seis anos, correspondeu certamente às expectativas dos amigos e colegas. Não só alcançou destaque como cirurgião oftalmologista, tanto no hospital como na prática privada, como também foi um dos fundadores da *Ophthalmological Society*, da qual se tornou vice-presidente sênior em 1903. Nesse mesmo ano exerceu a presidência devido ao falecimento, em funções, do então presidente Dr. David Little. E, em 1916, foi presidente da Secção de Oftalmologia da Royal Society of Medicine.

A sua vida feliz e bem-sucedida sofreu, contudo, um duro golpe em 1892, quando a sua dedicada esposa, Susan, faleceu. Com o filho de doze anos e a filha de nove, Lang mudou-se para o nº 22 de Cavendish Square, perto do centro de Londres, e foi aí que passou a maior parte do resto da sua vida.

Com o tempo voltou a casar-se; a segunda esposa foi Isabella Jane, viúva. A grande alegria da sua vida mais tardia foi o interesse do filho pela medicina e a decisão de seguir as pegadas do pai na oftalmologia. Basil tornou-se cirurgião e ambos chegaram a operar juntos frequentemente. Depois, tendo já feito algumas contribuições notáveis à medicina, Basil Lang apanhou pneumonia em 1928, e mesmo a melhor competência médica disponível não conseguiu salvar-lhe a vida. Morreu a 18 de janeiro de 1928. Foi um golpe amargo para William Lang, do qual nunca recuperou completamente.

Depois de se aposentar do serviço hospitalar ativo em 1914 (sete anos antes de eu nascer), aos sessenta e dois anos, Lang passou vinte e três anos de reforma, embora tenha apoiado várias sociedades médicas durante alguns anos e dado aulas e demonstrações no Middlesex Hospital até 1918, mantendo também alguma prática privada em pequena escala até finais da década de 1920.

Para assinalar a sua aposentação, colegas e alunos homenagearam-no com um jantar no Restaurante Pagani a 25 de junho de 1914 — apenas três dias antes do fatídico assassinato do arquiduque Francisco Fernando, o acontecimento que desencadeou a Primeira Guerra Mundial. A capa do menu trazia uma fotografia de Lang e registava os seus trinta e três anos de ligação ao famoso Middlesex Hospital. No interior havia a fotografia de uma impressionante caneca de prata, com quase 150 anos,

que lhe foi oferecida nessa ocasião por Sir Henry Morris, Bt. Tinha a seguinte inscrição:

Apresentado a
WILLIAM LANG, F.R.C.S.,
pelos seus colegas e alunos,
na ocasião da sua aposentação
do corpo ativo
do Middlesex Hospital,
como sinal de
afeto e estima,
25 de junho de 1914.

Um pouco antes na sua carreira, a fotografia de Lang aparecera na capa do programa do 10º Concerto Anual de Fumadores do Middlesex Hospital, realizado no King's Hall, Holborn, em 1900. Também na capa do programa figuravam fotografias de dois colegas e a caricatura de um curandeiro pré-histórico.

Lang gozou de boa saúde durante a reforma e um dos seus prazeres na velhice era o golfe. Mas, com a morte do filho, mudou-se para Crowborough, Sussex, para deixar para trás as dolorosas recordações da sua perda pessoal. Foi aí que, em 1937, apanhou uma constipação e a sua saúde deteriorou-se rapidamente. Assim, na terça-feira, 13 de julho de 1937, aos oitenta e quatro anos, chegou ao fim a vida terrena de William Lang. Nas mãos tinha a tradução inglesa de *A Vida de Jesus*, de Ernest Renan, membro da Academia Francesa.

Por uma estranha coincidência, a bisneta de Monsieur Renan, Mme. Chantal Psichari-Berline, tornou-se minha paciente em Paris em 1978. Disse-me ter a certeza de que um dia encontraria o Dr. Lang. “Embora tenha sido uma embolia que me levou a ser curada por ele, esse encontro foi um dos acontecimentos mais importantes da minha vida. Por isso sinto-me compelida a dizer-lhe o quão confiante e grata estou.”

O obituário do Dr. Lang, publicado no *British Journal of Ophthalmology* em 1937, continha uma observação que, com o tempo, provou ser estranhamente profética:

“Como observador clínico e oftalmologista completo, Lang foi insuperável no seu tempo. A sua técnica operatória e o seu engenho em casos difíceis serão sempre lembrados por aqueles que tiveram a sorte de ser seus cirurgiões residentes. Nós, que trabalhamos com ele e o recordamos, temos muitas vezes o seu nome nos lábios quando nos

encontramos, e lembraremos sempre aquele pequeno homem elegante, sempre bem-humorado, sempre cortês, sempre cheio de bons conselhos, sobretudo nos casos difíceis: e quando todos nos reunirmos nos campos elísios haverá um prazer que desejaremos — vê-lo novamente a realizar uma iridectomia do glaucoma.”

O autor dessa homenagem parecia certo não só de que Lang sobreviveria à morte, como também de que continuaria a trabalhar para benefício dos outros — o que é precisamente o que aconteceu.

Enquanto eu ainda era adolescente em Liverpool, a lutar desesperadamente por encontrar emprego regular, William Lang estava a adaptar-se à sua nova vida no mundo espiritual. Contou-nos mais tarde que a encontrou muito semelhante à nossa. Encontrou pessoas conhecidas, incluindo antigos pacientes, alguns dos quais tinham partido como resultado de erros que cometera ao tratá-los.

Mas todos irradiavam amor para com ele. Lang esperava passar à presença de Deus e ser julgado, mas descobriu que era ele próprio quem se julgava. Depois, surgiu diante dele uma mulher de semblante indescritivelmente belo, que lhe indicou que seguisse um caminho. Obedecendo, percorreu uma paisagem deslumbrante até chegar a belos portões. Ao atravessá-los, todas as suas preocupações terrenas desapareceram e foi recebido pelas esposas, pelo filho, por amigos e colegas.

Na sua nova vida, William Lang continuou a sentir o impulso de ajudar os doentes, e pôde fazê-lo nos hospitais espirituais, tratando as almas que chegavam ao mundo espiritual em estado imperfeito. Depois, foi-lhe dito que poderia usar-me como médium para ajudar os doentes na Terra.

Os meus próprios dons mediúnicos tinham sido despertados pela morte da Vivian, e, quando o Dr. Lang estava pronto para iniciar a sua missão, eu já achava fácil entrar em transe, tal como adormecer, e assim o Dr. Lang não teve dificuldade em usar o meu corpo.

Em resultado, temos desfrutado de uma relação de trabalho ideal há bem mais de trinta anos. Nos primeiros tempos, como já referi, outros membros desta equipa espiritual também comunicavam através de mim. Uma vez, por exemplo, McEwen — que fazia parte do grupo — assumiu o controlo para realizar uma operação óssea. Os observadores notaram como eram diferentes as técnicas cirúrgicas dos dois. Mas, à medida que Lang se tornava mais proficiente em controlar-me — ou talvez eu ficasse mais sintonizado com a sua influência —, os outros membros do grupo

foram desaparecendo do primeiro plano no que toca ao controlo direto, embora continuem presentes, em segundo plano, a trabalhar com e através de William Lang para alcançar os melhores resultados para os pacientes. Para grande alegria de Lang, o seu filho Basil também se juntou ao grupo de cura, e agora os dois cirurgiões trabalham juntos como faziam em vida.

Permitam-me concluir este capítulo sobre William Lang com uma citação do primeiro folheto sobre o seu regresso do outro mundo (*The Spiritual Work of Dr. Lang*, de Leslie G. Miles):

“A evidência da sobrevivência e identidade do Dr. William Lang parece ser bastante conclusiva. Sem dúvida, se algum colega seu pudesse ser posto em comunicação com ele, surgiria mais prova de caráter definitivo para colocar o assunto fora do domínio da dúvida.”

Essa esperança foi amplamente cumprida, como revelarei mais adiante.

CAPÍTULO QUATRO

O NOTÁVEL CASO DE JOSEPH TANGUY

Enquanto eu estava em Casablanca em abril de 1974 e o Dr. Lang tratava Isabelle Yovanovitch pela primeira vez, um jovem empregado de loja francês era levado de maca para o bloco operatório do Hospital Lariboisière, em Paris. Os cirurgiões queriam investigar um tumor no cérebro.

O problema de Joseph Tanguy, de vinte e nove anos, começara alguns meses antes, quando começou a ser atormentado por dores de cabeça violentas e persistentes. O seu médico concluiu que eram resultado de problemas no fígado e tratou-o em conformidade. Mais tarde, ao volante do carro numa viagem longa, notou que começava a ver a dobrar com o olho direito.

O Dr. S., o seu clínico, aconselhou-o a procurar um oculista, mas o exame oftalmológico não mostrou anomalias. Assim, este jovem casado foi internado no Hospital Raymond-Poincaré, em Garches, onde vivia, para fazer exames. Dali foi transferido para o Lariboisière, em Paris, que realizou vários tipos de testes, incluindo gammagrafias e uma arteriografia.

Quando o hospital concluiu os exames, o ansioso paciente foi informado de que tinha um quisto (um inchaço oco cheio de líquido) no cérebro e

que era necessária uma operação para o remover. Mas isto não era verdade. Na realidade, os médicos tinham descoberto um tumor mas, nessa fase, não sabiam ainda se era benigno ou maligno.

A operação realizou-se em abril de 1974, e o cirurgião teve então de dar a notícia à esposa de Joseph Tanguy: o tumor era maligno. Acrescentou que apenas tinham retirado uma pequena parte, pois era demasiado perigoso remover o tumor por completo. Disseram-lhe que Joseph tinha apenas seis meses de vida.

Nestes casos, claro, tudo o que o médico de família pode fazer é aliviar o fardo dos últimos meses do paciente na Terra e consolar a família em sofrimento. Mas o médico de Joseph Tanguy pôde fazer mais. Através de uma amiga, Mme. Cotte, o Dr. S. soubera do Dr. Lang e da ajuda que ele dera a outros, e por isso aconselhou o doente moribundo a contactar-me e pedir uma consulta. Devo explicar que Monsieur Tanguy ainda não tinha consciência da gravidade do seu estado, acreditando que a operação a que fora submetido tinha removido com sucesso o quisto. A consulta com o Dr. Lang foi aconselhada como parte da recuperação.

Assim que recebemos notícias da família Tanguy, foi marcada uma consulta para Joseph e a cura à distância começou imediatamente. O encontro com o Dr. Lang teve lugar apenas três dias antes do Natal de 1974. O paciente deitou-se no divã enquanto o Dr. Lang o examinava e discutia o caso com ele — tendo Eliane Yovanovitch como intérprete. Além de operar ao cérebro, o Dr. Lang tratou-lhe o coração e também o joelho direito, gravemente lesionado numa queda cinco anos antes. Não havia qualquer sinal exterior da lesão no joelho e Joseph Tanguy não a mencionara, mas o Dr. Lang detetou-a — como tantas vezes faz — durante o exame. Parece ter havido uma ligação entre a lesão e o tumor cerebral; talvez este último tivesse sido provocado pelo trauma sofrido na altura.

Não houve sinais imediatos de que a cirurgia espiritual tivesse resultado, mas o paciente apresentou uma condição pós-operatória comum: cansaço e necessidade de dormir muito durante alguns dias. No fim do primeiro tratamento, o Dr. Lang dissera que gostaria de rever o paciente e marcou-se nova consulta para fevereiro de 1975. Foi realizada uma segunda operação espiritual e, desta vez, Joseph Tanguy não sofreu fadiga. A pedido do Dr. Lang marcou-se uma terceira consulta para três meses depois.

Após examinar e tratar o francês pela terceira vez, a 3 de maio, o Dr. Lang anunciou que a doença praticamente desaparecera. O paciente e o médico ficaram naturalmente encantados, mas a confirmação médica desse veredito só chegou cinco meses depois, quando o Hospital Raymond-Poincaré realizou um exame eletroencefalográfico (EEG) ao cérebro de Monsieur Tanguy, em outubro de 1975. Trata-se de um método de registrar e interpretar a atividade cerebral através da colocação de pequenos elétrodos no couro cabeludo do paciente para monitorizar a atividade elétrica. Um ser humano normal, quando relaxado, apresenta ondas cerebrais de determinada frequência, conhecidas como ondas alfa.

Os padrões das nossas ondas cerebrais mudam quando dormimos ou estamos excitados. Os médicos conseguem interpretar esses padrões — sobretudo quando se desviam do normal — e usá-los para diagnosticar doenças. Por exemplo, lesões cerebrais ou tumores profundos podem originar ondas de frequência particular — conhecidas como ondas delta. Assim, um EEG do cérebro de Monsieur Tanguy tornou possível monitorizar o seu estado. Os médicos observaram uma melhoria considerável, e o relatório do EEG, datado de 24 de outubro de 1975 e assinado pelo Dr. Fromageot, foi-me enviado como confirmação do sucesso do Dr. Lang.

A melhoria manteve-se e Monsieur Tanguy recuperou gradualmente a mobilidade total. Fora obrigado a abandonar completamente o trabalho devido à doença, mas cinco meses depois conseguiu retomar um emprego a tempo parcial durante seis meses e, mais tarde, voltou a trabalhar a tempo inteiro na loja. Eventualmente, exames adicionais de EEG mostraram que o tumor tinha desaparecido por completo. A esposa ficou, como é compreensível, radiante com a cura dramática, depois de inicialmente esperar perder o marido num ano.

O médico de Joseph Tanguy ficou igualmente satisfeito com a resposta ao tratamento do Dr. Lang, especialmente porque fora ele próprio quem recomendara a consulta com o cirurgião espiritual. Desde então, o Dr. S. enviou inúmeros pacientes ao Dr. Lang e, por isso, está bem qualificado para dar o seu veredito sobre o que acontece quando estou em transe. Eis o seu parecer, contido numa carta em que me agradece “o grande serviço prestado a alguns dos meus pacientes”:

“Pude notar, em certos casos, que os resultados do trabalho do Dr. Lang são realmente excepcionais e, num caso — o do Sr. Tanguy —,

milagrosos. Tenho, por isso, total confiança em enviar-lhe os pacientes para os quais todas as terapias conhecidas falharam, e acredito também — tal como o Dr. Lang — que a cura espiritual não pode ser separada da cura física. A cura do tumor cerebral do Sr. Tanguy, que estava para além de todos os recursos terapêuticos, é um exemplo absolutamente convincente.”

O Dr. S. trabalha em estreita colaboração com o Dr. Lang — tal como muitos outros médicos —, de uma forma que cumpre totalmente as esperanças e intenções mais antigas que ele expressou através de mim, quando eu ainda era bombeiro em Aylesbury e os meus pacientes eram na sua maioria locais. Leslie Miles, no primeiro livro sobre o trabalho do Dr. Lang, tratou dessas ambições ao referir-se à sua identidade:

“O Dr. Lang declarou que regressou à Terra com o propósito expresso de criar uma ligação entre nós e as pessoas do espírito. Em particular, espera que aqueles que o conheceram em vida sejam capazes de o reconhecer, bem como o trabalho que agora pode realizar através do seu instrumento, George Chapman.

Este trabalho é, segundo ele, uma continuação do que fazia em vida. E é seu grande desejo que isso possa conduzir ao estabelecimento da cura espiritual na Terra, para benefício da humanidade e auxílio da profissão médica. Ele declarou que a cura espiritual é uma das Grandes Ciências do Universo e uma das quais muito pouco se conhece aqui na Terra. Deseja que isso seja conhecido pelas mentes científicas do nosso tempo, para que possam investigá-la...”

Existiram muitos curadores espirituais que fizeram trabalhos muito meritórios e hoje o seu número ascende a muitos milhares na maioria dos países ocidentais. A maioria usa a imposição das mãos para transmitir poder de cura aos pacientes, o que tem convencido muitos médicos de que algumas pessoas possuem de facto dons especiais de cura, que podem usar para melhorar a saúde dos outros.

A contribuição especial do Dr. Lang é que, devido à sua formação médica e abordagem cirúrgica aos problemas dos pacientes, pode desempenhar um papel particularmente significativo no diálogo com a profissão médica e na sua sensibilização não apenas para a necessidade de ajuda espiritual no combate à doença, mas também para a verdade de que a vida continua para além da sepultura.

Assim, todos os que estão envolvidos na missão do Dr. Lang ficam naturalmente satisfeitos com o vivo interesse que o Dr. S. demonstra.

Muitas vezes, quando trabalho em Paris, recebo um grupo inteiro de pacientes do Dr. S. — uma “reserva em bloco” — e o Dr. Lang nada sabe desses pacientes antecipadamente. Por vezes, o médico envia uma nota para a Eliane traduzir para o Dr. Lang. Poderá dizer: “Diga ao Dr. Lang que diagnostiquei uma lesão no lado esquerdo do cérebro”, ou talvez: “Diagnostiquei um problema no disco, mas não é apenas um disco deslocado, há um problema interno. Poderá o Dr. Lang tratar disto por mim e dar-me a sua opinião?”

Esta cooperação funciona em ambos os sentidos. Por exemplo, um homem veio ter connosco um dia com a filha pequena, que tinha um tumor cerebral, e o Dr. Lang deu vários tratamentos. Depois disse: “Bem, agora precisamos de ajuda médica para este caso.”

Então ditou uma carta à Eliane para ser enviada ao Dr. S., explicando o estado da criança e o tratamento que fora dado. Assinalou que, embora a paciente tivesse melhorado fisicamente, o tumor permanecia do mesmo tamanho. “A criança está a vencer”, disse o Dr. Lang, “mas preciso de ajuda.” O Dr. S. respondeu de imediato que examinaria a rapariga e enviaria o seu relatório ao Dr. Lang. Aqui temos, portanto, dois médicos — um na Terra e o outro no mundo espiritual — a trabalharem de mãos dadas, a escreverem cartas um ao outro e a lutarem juntos para vencer a doença.

Em maio de 1974, um mês depois de Joseph Tanguy ter sido operado ao cérebro, revelando-se um tumor maligno, uma mulher de oitenta anos residente em Ville d’Avray, um subúrbio de Paris, consultou o seu médico acerca de um nódulo que detetara na mama esquerda. Este encaminhou-a de imediato para o centro Huguenin, em St. Cloud, especializado no combate ao cancro.

Foram feitos vários exames ao longo de seis semanas e, no final de julho, Mlle. Germaine Petitjean regressou ao médico local para conhecer os resultados. Foi-lhe dito que tinha cancro da mama e que seria essencial uma operação para remover o tumor. A cirurgia foi marcada para 29 de julho.

Mlle. Petitjean foi informada do trabalho do Dr. Lang por uma amiga próxima, preocupada com o facto de ela ser operada naquela idade. “Pessoalmente”, admitiu-me mais tarde, “preferia fazer a operação a consultá-lo”, mas a amiga insistiu tanto que acabou por concordar em contactar-me, recusando, no entanto, alterar a data da operação. Era impossível eu vê-la em França antes da cirurgia, mas tinha organizado

consultas em Vevey, à beira do lago Léman, perto de Lausana, no fim de julho, e assim foi-lhe oferecida uma consulta nessa clínica.

Ela aceitou e permaneceu em Vevey tempo suficiente para receber duas operações do Dr. Lang — a 21 e 23 de julho — antes de apanhar o avião de regresso a Paris no dia 24. E regressou curada do cancro. O tumor da mama esquerda desaparecera. A operação já não era necessária. As enfermeiras de Ville d'Avray, que tinham apalpado anteriormente o nódulo, ficaram — usando a própria palavra da paciente — “estupefactas”.

Com o desaparecimento do tumor, Germaine Petitjean começou a recuperar peso e a força, que se vinha debilitando com a doença, voltou-lhe. Quando soube que eu planeava escrever este livro, aceitou de muito bom grado relatar a sua experiência. Dezasseis meses haviam passado desde a cura pelo Dr. Lang e escreveu: “Estou agora com excelente saúde e gostaria de exprimir a minha gratidão ao Dr. Lang e a George Chapman, cuja colaboração me curou.”

De alguém claramente céptico quanto à cura espiritual e à existência do Dr. Lang, Germaine Petitjean converteu-se totalmente — como aconteceria com a maioria das pessoas ao viver uma cura tão notável. A partir desse momento, fez tudo o que pôde para ajudar o trabalho do Dr. Lang e, como resultado, fiquei a conhecê-la bem. Chegou mesmo a voar até Inglaterra para visitar St. Bride's e, apesar da viagem, esta octogenária era mais ágil e enérgica do que muitas pessoas com metade da sua idade.

Mesmo que não tivesse alcançado mais nada, as curas de Joseph Tanguy e Germaine Petitjean já teriam justificado a minha decisão de iniciar a missão de cura no Continente em 1974. Mas tenho o prazer de dizer que não foram de modo algum as únicas a beneficiar do regresso espiritual do Dr. Lang. Centenas de outros europeus viram a sua saúde melhorar, em graus diversos, à medida que o trabalho do Dr. Lang se foi tornando mais amplamente conhecido.

Uma dessas pessoas foi um amigo de Joseph Tanguy, um homem com um tumor ocular. Monsieur M. A. Guilgars, de St. Brieuc, França, tinha sido submetido a duas operações aos olhos, uma em dezembro de 1974 e outra em junho de 1975, antes de o Sr. Tanguy o apresentar ao Dr. Lang.

“Imediatamente após o meu primeiro encontro com o Dr. Lang”, escreveu-me numa carta datada de 15 de dezembro de 1976, “senti uma

melhoria real que nunca mais cessou. É graças ao Dr. Lang que não precisei de outra operação cirúrgica desde junho de 1975. Estou agora em perfeita saúde.”

CAPÍTULO CINCO

AS CLÍNICAS DE PARIS

Paris tornou-se rapidamente a minha segunda casa e pus-me a procurar um pequeno apartamento para usar durante as visitas regulares. Encontrei um T2 ideal num prédio perto da Torre Eiffel, a oeste da cidade e próximo do Sena, e em breve estava decorado e mobilado ao estilo francês. As paredes, porém, pareciam muito nuas sem quadros e eu estava prestes a sair para comprar algo adequado quando um dos novos pacientes do Dr. Lang resolveu o problema. Allan Josselin, gerente de uma oficina e talentoso artista, ofereceu-me dois dos seus magníficos óleos de paisagens, que agora recebem a admiração constante dos meus visitantes.

“Joss”, como lhe chamo, e a sua encantadora esposa, Christiane, viviam num subúrbio a sudoeste de Paris. Depois de ter recebido cura do Dr. Lang, Joss ficou tão satisfeito e impressionado que me ofereceu a sua casa sempre que eu estivesse em França, para que pudesse haver uma clínica regular para os meus pacientes. Aceitei de muito bom grado, porque havia obviamente um limite para o número de casas que eu podia visitar em Paris e o meu apartamento era demasiado pequeno para servir de clínica. A minha iniciativa no estrangeiro ainda estava a dar os primeiros passos e teria sido insensato, nessa altura, tentar montar um centro de cura próprio.

Mandámos imprimir cartões com a morada dos Josselin e assim pudemos marcar consultas com vários meses de antecedência. O casal reservava uma pequena sala para as consultas do Dr. Lang, e a sala de estar e de jantar em “open space” tornava-se a sala de espera dos pacientes. As portas envidraçadas que davam para o jardim da frente eram usadas como entrada dos pacientes, e assim os Josselin conseguiam separar convenientemente essa parte da casa do resto da habitação quando o Dr. Lang estava presente.

Naturalmente, fiquei grato por colocarem a sua casa à disposição do Dr. Lang, e também os pacientes tinham razões para estar satisfeitos. As pinturas de Joss adornavam as paredes, oferecendo muito para ver e admirar enquanto esperavam para ser chamados ao consultório. Os

pacientes recebiam horas diferentes para as suas consultas mas, ocasionalmente, o Dr. Lang tinha de gastar mais tempo do que o habitual a examinar e tratar um caso difícil, ou então um grupo chegava atrasado. Quando isso acontecia, a sala já não era suficiente para acomodar todos (sobretudo porque a maioria vinha acompanhada por um amigo, familiar, ou até toda a família, e geralmente todos entravam por curiosidade), e os retardatários sentavam-se então em volta de uma longa mesa de jantar de madeira. À medida que os pacientes iam sendo tratados e saíam, os que esperavam passavam da mesa de jantar para a sala de estar, ocupando lugares mais próximos da porta atrás da qual se ouvia uma voz masculina inglesa e os sons mais suaves da tradutora francesa.

Um silêncio educado reinava na sala de espera. Os pacientes raramente falavam, mesmo com os acompanhantes, e quando o faziam era em sussurros. Por vezes, um riso espontâneo rebentava quando o gato preto dos Josselin saltava para o piano e “atacava” brincalhão uma bela pomba numa gaiola; depois, o silêncio voltava e, sem dúvida, as mentes regressavam aos pensamentos que os tinham preocupado durante muitas horas: Como será o Dr. Lang? O que fará? Será que me poderá curar? Lembremo-nos de que, para muitos, o Dr. Lang era o último recurso. E quando a porta se abria e a Eliane dizia: “Próximo, por favor”, provavelmente experimentavam uma mistura de esperança, medo e até incredulidade por estarem prestes a enfrentar um médico do espírito.

Christiane regressava a casa com as compras, sorria aos pacientes que tinham “invadido” a sua casa e tratava de preparar café e almoço. Mais tarde, Joss chegava da oficina. Homem calado e tímido, podia trocar algumas palavras com um ou dois pacientes, mas era mais provável que se sentasse ao cavalete, junto às janelas, pegasse no pincel e continuasse a trabalhar numa tela — talvez até num retrato do Dr. Lang, dos quais já fez vários. Nem ele nem a esposa se incomodavam com os estranhos silenciosos que entravam em sua casa. Já aconteceu até o Joss tirar um dos seus quadros preferidos da parede e oferecê-lo a um paciente que o tivesse admirado.

Por vezes, Christiane, que é professora e fala muito bem inglês, atuava como intérprete se Eliane não estivesse. Noutras ocasiões, Odile, uma jovem francesa encantadora casada com um professor britânico e que falava inglês impecável com sotaque londrino, traduzia para o Dr. Lang. Odile era geralmente a rececionista, acolhendo os pacientes e dando-lhes um envelope para colocarem a contribuição que era pedida. Não é raro eu estar em transe durante seis horas seguidas, e, durante todo

esse tempo, é indispensável a presença de uma tradutora. Por isso, Christiane ou Odile substituíam a Eliane quando necessário, permitindo-lhe descansar e beber algo — luxo que o Dr. Lang nem tem nem necessita! Ele fala quase sem parar durante todo o período em que me controla.

A casa dos Josselin não foi a única clínica que tive em Paris. Germaine Petitjean, cuja cura do cancro da mama já descrevi, ficou tão agradecida ao Dr. Lang que insistiu em que usássemos também a sua casa, para que outros pudessem ter a oportunidade de ser tratados pelo cirurgião espiritual. Partilhava um belo bungalow em Ville d'Avray, nos arredores de Paris, com Marie Sauvaget, também octogenária. Elas e os Josselin tinham sido vizinhos, em tempos, quando todos viviam perto do belo lago de Ville d'Avray, imortalizado em muitas telas do famoso pintor francês do século XIX, Jean-Baptiste-Camille Corot, cuja família possuía ali uma casa.

O mesmo lago, aliás, inspirou muitas das belas pinturas do Joss. Marie — que faleceu em 1977 — e Germaine disponibilizaram duas divisões, uma como consultório do Dr. Lang e outra como sala de espera, que utilizei regularmente durante as minhas primeiras visitas a Paris.

Havia ainda uma terceira clínica, e provavelmente a mais surpreendente de todas, porque estava ligada a um hospital de Paris. O Dr. C., radiologista nesse hospital, tinha um vivo interesse pelo paranormal e, ao tomar conhecimento do Dr. Lang, convidou-me a usar a sua casa, adjacente ao edifício onde trabalhava. Decidiu-se que a melhor sala para o trabalho de cura era a cozinha, que dava para a sala de estar, e foi aí que o Dr. Lang realizou os tratamentos, usando a grande mesa de jantar como marquesa!

Antes de me conhecer, o Dr. C. levava a esposa e o filho às Filipinas, onde atuam vários “cirurgiões psíquicos” famosos. Essas pessoas parecem ter o poder de abrir corpos humanos, usando geralmente apenas os dedos para fazer uma incisão, remover matéria doente e, em seguida, provocar a cicatrização quase imediata da ferida. Este espetáculo algo sangrento é muito perturbador para muitos europeus, mas existem inúmeros relatos e testemunhos que parecem confirmar tratar-se de um fenómeno real. Por outro lado, alguns investigadores insistem que os curandeiros recorrem a truques de ilusionismo para produzir esses efeitos e que, na realidade, não abrem o corpo dos pacientes.

O Dr. C. ficou impressionado com o que viu e mostrou-me fotografias que tirou enquanto a sua esposa era submetida a uma operação psíquica. O filho, que tinha uma audição muito fraca, também recebeu tratamento dos cirurgiões psíquicos. O Dr. C. não contou nada disto ao Dr. Lang, preferindo esperar pelo diagnóstico do cirurgião falecido. O Dr. Lang examinou o rapaz e informou o pai do problema auditivo que detetara.

O Dr. C., no entanto, acreditava que os cirurgiões filipinos tinham curado o filho e disse-o ao Dr. Lang. A resposta do cirurgião espiritual foi que a condição da criança ainda existia, acrescentando, para reforçar, que o Dr. C. devia mandar realizar exames para confirmar o veredito. Assim fez — e o Dr. Lang tinha razão. Foi explicado, contudo, que o Dr. Lang não estava a desprezar o trabalho dos cirurgiões psíquicos filipinos; apenas afirmava que, neste caso, não tinham conseguido uma cura.

Este é o testemunho do Dr. C. sobre o Dr. Lang:

“De um modo geral, estou perfeitamente convencido da realidade da cura psíquica e, além disso, também o estão muitos dos meus colegas, que são proibidos de a reconhecer oficialmente por causa de uma legislação ainda sectária. Quanto a mim, o único facto preciso que posso citar refere-se a um tratamento feito pelo Dr. Lang ao meu filho, que sofre de surdez.

O diagnóstico de localização foi perfeitamente especificado e o tratamento foi realizado com gestos que só um cirurgião qualificado poderia executar — tanto quanto pode julgar um médico que não recebeu formação em cirurgia oftalmológica. Finalmente, aconselhei em várias ocasiões amigos ou familiares a recorrerem à competência do Dr. Lang quando a medicina ortodoxa tinha falhado de forma evidente.”

No final de 1975 eu tinha três clínicas distintas a funcionar em diferentes zonas de Paris, o que me permitia encaminhar os pacientes para o local mais conveniente para eles. Além disso, trabalhava também noutras regiões de França de forma regular, vendo doentes em Marselha, Toulouse e outras cidades. Depois, em 1976, recebi outra proposta, desta vez de um residente de uma localidade nos arredores de Paris.

Vivia e exercia aí um veterinário, a quem chamarei Dr. T. Ao ouvir falar do trabalho do Dr. Lang, recebeu cura dele e decidiu que, se algum dia precisasse de ajuda médica, me contactaria em primeiro lugar. Um dia sofreu um ataque cardíaco. Foi levado de urgência para o hospital em estado grave, mas consciente, e conseguiu pedir à esposa que me enviasse um telegrama. O telegrama seguiu para Aylesbury, mas eu

estava então noutra parte da Europa. Quando a mensagem me chegou finalmente às mãos e contactei Madame T., soube que o marido tinha falecido.

O Dr. T. era amigo de Germaine Petitjean e, impressionado com a sua cura, marcara consultas com o Dr. Lang para si e para a filha. Como resultado das suas experiências, tinha-me convidado a usar instalações no terreno da sua casa como consultório do Dr. Lang. Na altura recusei, porque não precisava de mais um centro. Contudo, após a sua morte, a viúva abordou-me dizendo que esse era o desejo do marido, caso viesse a falecer: que eu tivesse acesso a parte do espaço que utilizara para a prática veterinária. Convidou-me a visitá-la e a ver as salas.

A casa da Mme. T. estava muito bem situada, a pouca distância a pé da estação ferroviária local. Tinha também um grande pátio para estacionamento e as divisões oferecidas eram no rés do chão, separadas do resto da casa, de modo a que os meus pacientes causassem o mínimo incómodo possível à família. Era um arranjo tão ideal que aceitei a sua generosa oferta, sobretudo porque o meu amigo Joss já planeava vender a sua casa e mudar-se para a Pequena Bretanha, e por isso o meu trabalho de cura em sua casa teria de terminar.

Gerir uma prática de cura tão vasta apresentava claramente problemas administrativos consideráveis, sobretudo porque é pedido aos pacientes que me enviem relatórios regulares sobre os progressos. Tenho de dividir o meu tempo entre viagens, tratamentos e correspondência e, depois de visitar um local, costumo ter de regressar, porque é provável que o Dr. Lang receba um ou dois pacientes para quem um único tratamento não baste.

Costumo passar dois dias de semana em Inglaterra, terça e quarta ou quarta e quinta, durante os quais atendo pacientes e trato da correspondência. À sexta-feira dirijo-me a Heathrow e apanho um avião para o estrangeiro. Num fim de semana será Paris, e deixo tempo suficiente na sexta-feira para pôr em dia a correspondência ou outras tarefas nessa cidade, antes de sair para jantar com amigos.

Começo a trabalhar logo de manhã no sábado e também curo no domingo, segunda e terça, regressando a Inglaterra na noite de terça. Em Paris, em meados da década de 1970, atendia na casa do Dr. C. num dia; na de Germaine e Marie noutro; e na de Joss e Christiane em um ou dois dias mais, variando a rotina conforme as minhas necessidades, as dos pacientes e os compromissos dos anfitriões.

Depois voltava a Inglaterra por dois dias em St. Bride's, antes de partir novamente ao fim de semana, talvez para Marselha, Toulouse ou outra parte de França. No fim de semana seguinte, seria a Suíça. Sete dias depois, embarcava num avião para a Áustria ou Alemanha. Uma semana mais tarde, partia para os Estados Unidos, para um programa de cinco dias. Depois regressava a Paris ou ia a Espanha... ou a quase qualquer lugar.

Aylesbury continua a ser o meu centro administrativo e tenho uma equipa de nove dactilógrafas para tratar da correspondência. Embora não seja bilingue, insisto em abrir todo o correio pessoalmente. Leio cada carta e separo-as em inglês, francês, alemão e assim por diante. Ou a Eliane ou outra colaboradora francófona, Sophie, traduzem as cartas de França. Tenho três dactilógrafas francesas e uma alemã, e entre elas a minha equipa fala italiano, francês, espanhol, alemão e inglês.

Uma vez identificado o pedido de cada remetente, dita a resposta em inglês para um ditafone e as raparigas traduzem-na para a língua do paciente. Por vezes fico no escritório a tratar desta correspondência até à uma ou duas da manhã, e a Eliane, que também se dedica a ajudar os doentes, trabalha muitas vezes até altas horas. Embora tenhamos de gerir a prática de cura como um negócio, estou sempre consciente da estreita participação do Dr. Lang e da sua equipa espiritual.

Muitas vezes impressionam-me psiquicamente quando estou a responder a cartas ou a decidir que pacientes devo atender. “Sei” o que fazer apenas segurando numa carta. Há lista de espera em todos os países, mas não sigo rigidamente a ordem. Quando um paciente está gravemente doente e prestes a ser operado e sinto que a intervenção do Dr. Lang poderá resultar em vez da cirurgia, faço o possível para lhe dar uma consulta muito rapidamente. Indicando os pacientes que irão ver o Dr. Lang, deixo à Eliane a tarefa de marcar o tempo e o local na resposta.

Em 1977, os nossos arranjos simplificaram-se enormemente com a decisão de abrir um centro único de cura meu. Nessa altura, com a ajuda dos bons amigos que me tinham disponibilizado as suas casas durante tanto tempo, o trabalho do Dr. Lang já estava solidamente estabelecido em França e havia uma procura crescente de tratamento vinda de todas as partes do país. Assim, senti-me justificado em procurar um espaço adequado, independente do meu apartamento, para o qual todos os pacientes pudessem ser dirigidos.

Após uma breve procura, mostraram-me o local ideal em La Celle St. Cloud, Versalhes, nos arredores de Paris. Situa-se num prédio residencial, mas em França é permitido exercer a partir desse tipo de instalações desde que licenciadas como residências profissionais e não usadas como habitação. Perto, por exemplo, um médico, um dentista e um veterinário tinham salas semelhantes. Como curador a tempo inteiro, obtive permissão para usar o apartamento como consultório e em breve uma placa com o nome “George Chapman” foi colocada à porta.

O consultório do Dr. Lang tem as paredes forradas a papel azul e janelas com vitrais que oferecem privacidade e luz suave. Está mobilado com uma marquesa oferecida por um médico francês e uma grande secretária onde o Dr. Lang se senta quando encontra, pela primeira vez, aqueles que procuram a sua ajuda. A Eliane, que continua a servir de intérprete quando estou em Paris, também usa a secretária para tomar notas sobre os pacientes e consultas. A sala de espera está equipada com cadeiras estofadas a vermelho, com capacidade para vinte pessoas, e várias revistas espíritas, jornais e livros estão dispostos numa longa mesa de carvalho para entreter os pacientes.

Foram necessários apenas três anos desde a primeira vez que pisei solo estrangeiro até abrir o meu primeiro centro noutro país, e estou encantado por o progresso ter sido tão rápido. Mas não estou surpreendido. Após tão longa associação de trabalho com William Lang, já não me espanto com o que acontece através da sua influência.

Estou certo de que o que se passou na Europa não é coincidência, mas parte de um plano cuidadosamente delineado no outro mundo, para impressionar o público e, em particular, a profissão médica, com o que a cura espiritual pode alcançar. Quando preciso de ajuda para realizar o trabalho, ela surge. Quando necessito de um local para a cura, oferecem-me casas. Poderia tudo ser coincidência, mas eu sei que não é.

O Dr. Lang não trava sozinho a batalha por trazer reconhecimento médico à cura espiritual; recruta novos colaboradores na maioria dos países. A Eliane, por exemplo, além de assistente inestimável, intérprete e motorista — continuo a preferir ser conduzido do que conduzir em Paris! — desenvolveu também o dom da cura, sob a orientação do Dr. Lang. Ele disse-lhe que tinha poderes de cura durante a primeira visita a Casablanca, mas ela não quis acreditar. A sua única preocupação era o bem-estar da Isabelle. Agora, quando não estou em Paris, ela usa a minha clínica de Celle St. Cloud para tratar os seus próprios pacientes

três ou quatro dias por semana, ajudando muitas pessoas nesse período, algumas das quais lhe são encaminhadas pelo Dr. Lang. O Joss também foi informado pelo Dr. Lang de que tinha poderes de cura latentes e, sob a orientação do cirurgião espiritual, começou a tratar uma ou duas pessoas.

Depressa estabeleceu uma clínica semanal regular. Há outros em quem o Dr. Lang viu e cultivou potencial de cura, como o jovem Philippe Rayet, que vive no sul de França. Enquanto visitava Inglaterra, o Philippe ajudou-me em Aylesbury e agora está a desenvolver-se como curador. Um dia levou um vizinho a casa do Joss para ser tratado — um homem cego cuja visão melhorara após cura do Dr. Lang, mas que piorara depois de ter tomado antibióticos. O Philippe e o vizinho tiveram de partir de madrugada no sábado para fazerem a viagem de sete horas a tempo da consulta. Após o tratamento do Dr. Lang, partiram de imediato de volta para o sul.

O meu próprio filho, Michael, que está envolvido no meu trabalho desde muito cedo, também se desenvolveu como curador sob a orientação do Dr. Lang e sob a influência especial do filho do Dr. Lang, Basil. Assim, a relação médico-pai e filho no outro mundo reflete-se na nossa parceria de cura. Além de supervisionar a administração quando estou ausente, o Michael também dá cura por contacto aos pacientes e assegura a continuidade da cura à distância através do Basil Lang.

Algumas pessoas, naturalmente, talvez hesitem em perguntar ao Michael se eu realmente posso curar. Mas ele sabe, melhor do que a maioria, do que o Dr. Lang é capaz, porque além de ver os resultados com os próprios olhos, também já foi paciente. Foi atropelado por um carro aos dezassete anos e levado para o Hospital de Chertsey, em Surrey, com uma fratura frontal do crânio. Mas ele recusou ficar no hospital. Viajei de táxi desde Aylesbury e encontrei-o à espera nos terrenos do hospital, depois de se ter despedido por mote próprio. O Michael estava confiante de que recuperaria mais depressa em casa, sob os cuidados do Dr. Lang, e foi exatamente isso que aconteceu.

Assim, embora os pacientes possam assumir que ele é parcial, o Michael pode falar do trabalho do Dr. Lang por experiência própria. E os pacientes no nosso novo centro de Paris, que perguntam à rececionista: «Já ouviu falar de alguém que tenha sido curado?», também recebem uma resposta muito positiva. O nome dela é Danielle Tanguy — sim, a esposa do Joseph, que recuperou milagrosamente de um tumor cerebral.

Está agora a mostrar a sua gratidão participando na missão especial de cura do Dr. Lang.

CAPÍTULO SEIS

OPERAÇÕES ESPIRITUAIS

Fui conduzido a uma sala às escuras, com os estores corridos e apenas a ténue luz de um candeeiro de abajur vermelho. O Sr. Chapman, de olhos fechados, ergueu-se de uma cadeira no fundo, estendeu-me a mão e veio ao meu encontro. Parecia ter pouco mais de quarenta anos, mas, de algum modo, estava ligeiramente curvado, como uma pessoa bem mais velha. A voz que me saudou soava como a de um cavalheiro idoso de outros tempos. Era cortês e extremamente cordial. De certa forma, não tive dificuldade em aceitar que era de facto com o Dr. Lang que estava a conversar. Nem isso me pareceu particularmente extraordinário dadas as circunstâncias. Tudo era muito simples e natural.

O Dr. Lang indicou-me uma cadeira ao lado da sua e sentámo-nos. Perguntou-me sobre mim e conversámos acerca do meu percurso, geral e médico. Mostrou interesse em saber que a Nancy e eu estávamos hospedados em casa da Lady Barbirolli e recordou-se de ter conhecido o seu falecido marido. Perguntou pela minha história médica, especialmente pela terapia dietética que eu seguira nos últimos anos.

Explicou que desejava fazer três coisas, inicialmente, no meu caso. Primeiro, faria certas injeções no fluido espinal; depois, pretendia alterar um pouco o meu equilíbrio químico; por fim, disse que aumentaria o fluxo sanguíneo para a zona inferior do tronco, na região lombar da coluna. De seguida, levantou-se e aproximou-se do lugar onde eu estava sentado. Pediu-me que me inclinasse ligeiramente para a frente, mantendo-me ereto, e pousou levemente os dedos em vários pontos da minha coluna, através da camisa — o casaco já fora retirado. À medida que o fazia, ouvi nitidamente o estalo seco dos seus dedos a estalar, por vezes acompanhado de instruções para o Basil e outros que, aparentemente, o auxiliavam. O toque, embora leve, parecia consistente com o manuseio e utilização de instrumentos invisíveis.

Após alguns minutos disto, fez sinal para que me deitasse numa marquesa com a parte da cabeça e costas superiores elevadas. Reclinei-me confortavelmente e ele continuou a «operar» como antes, desta vez — tanto quanto me recordo — na região do peito e coração e, mais

tarde, na zona média do abdômen onde se encontram o fígado, o diafragma, etc. Durante todo este tempo, entre instruções e estalar de dedos, a nossa conversa prosseguia, embora um pouco mais unilateral, com o Dr. Lang a explicar, à medida que avançava, o que estava a fazer e porquê.

Cito este relato de um dos pacientes do Dr. Lang porque o autor, Morton B. Jackson, é um advogado bem conhecido em Los Angeles, EUA, e o seu olho para o detalhe resultou numa descrição muito precisa do que se passa por detrás da porta do consultório privado do Dr. Lang. O Sr. Jackson sofria de espondilite reumatoide há dez anos e soube do trabalho do Dr. Lang através de uma amiga, Maxine North, uma empresária americana cujo marido fora argumentista em Hollywood.

Depois de ler *Healing Hands*, ela voou de Banguecoque, capital da Tailândia, onde vivia, para consultar o Dr. Lang e, em seguida, organizou novas visitas para si e para amigos. O livro que inspirou a sua viagem a Inglaterra continha o relato de um homem que recuperara de espondilite reumatoide e, por isso, sugeriu a Morton Jackson e à esposa Nancy que marcassem uma consulta com o Dr. Lang durante uma próxima visita a Inglaterra. Chegou mesmo a marcar a consulta em nome deles.

«A minha reação inicial, tal como a da Nancy, foi algo céptica», escreveu o Sr. Jackson, cujo rol de clientes incluía muitas estrelas de cinema famosas. «Como a maioria dos advogados, no entanto, tenho o instinto de adiar o juízo até ver a evidência. Também li o livro e fiquei bastante impressionado com o caso ali descrito — suficientemente, ao ponto de me convencer de que uma consulta valia certamente o pequeno esforço de ir até Aylesbury. Havia mais nisto do que uma simples perspetiva de “quem não arrisca, não petisca”.»

Nancy Jackson fazia parte da equipa do Maharishi Mahesh Yogi, e o casal praticava o seu famoso sistema de meditação transcendental há onze anos, por isso as suas mentes estavam certamente abertas a assuntos espirituais. Mas a razão mais persuasiva para procurar a ajuda do Dr. Lang era a própria natureza da doença que afetava o Sr. Jackson. Ele descreveu-a como:

«Um primo nada agradável de uma aflição igualmente indesejada: a artrite. A espondilite não ataca diretamente as articulações, mas sim os ligamentos que as mantêm unidas e limitam o seu movimento à direção desejada. O termo reumatoide significa simplesmente inflamatório. A doença começa nos ligamentos longos da coluna e espalha-se para o

pescoço, ombros, caixa torácica, ancas, joelhos e outras zonas. É um pouco como ter várias costelas partidas, bursite nas ancas e ombros, joelhos gotosos, meia dúzia de hérnias discais e várias graves lesões de chicote no pescoço — tudo ao mesmo tempo. A medicina convencional não sabe a sua causa e considera-a incurável. É progressiva e incapacitante, embora haja algum controlo dos sintomas com medicação forte.»

Depois de dez anos de terapêutica «convencional», Morton Jackson recorreu finalmente ao Dr. Henry Bieler, de Capistrano Beach, Califórnia, pioneiro da medicina nutricional, que considera estas doenças essencialmente distúrbios metabólicos. Teve de seguir uma dieta rigorosa sob supervisão de um médico formado pelo Dr. Bieler, mas o tratamento era complicado pelo facto de a sua química corporal já ter sido alterada pelos medicamentos anteriormente receitados para atenuar os sintomas.

Ainda assim, ao longo de três anos conseguiu afastar-se gradualmente da cortisona e reduzir a dependência de outros fármacos. A doença estabilizou e parecia até regredir. Voltara a conseguir nadar, embora admitisse que ainda estava longe de voltar a jogar ténis.

Agora deixo o próprio Morton Jackson continuar o seu relato do encontro com o Dr. Lang e do tratamento recebido:

«Recordo-me de ele sugerir que, dado que um vírus presente na carne de animais desempenhava um papel importante na causa da doença, seria melhor evitar ingerir demasiada carne, especialmente de animais grandes e de sangue quente. Se fosse para comer carne, seria preferível que fosse bem passada ou proveniente de animais mais pequenos. Adeus ao bife mal passado, enfim! Achei particularmente curioso este conselho, já que a teoria do Dr. Bieler defendia que a espondilite tinha origem puramente metabólica — uma abordagem que parecia concordar com o reajuste do meu equilíbrio químico feito pelo Dr. Lang.»

O tempo passou rapidamente. A minha impressão foi a de que tínhamos estado juntos talvez quinze ou vinte minutos. Ao despedir-me, fiquei surpreendido ao ver que tinha estado ali três quartos de hora. Ao sair, instruiu-me para escrever mensalmente ao Sr. Chapman, relatando os progressos, para que ele pudesse acompanhar com cura à distância. Não previu que fosse necessário voltar a vê-lo durante talvez um ano ou mais. Dir-me-ia quando observasse que progresso estava a ser feito.

Incluí este relato de Morton Jackson — escrito para o meu livro *Extraordinary Encounters* — com algum detalhe porque oferece uma boa descrição em primeira mão da forma e métodos do Dr. Lang, e porque eu — estando em transe quando tudo acontece — não tenho consciência do que se passa. Os meus pacientes falam com o Dr. Lang e veem-no em ação, mas eu, como seu médium, tenho de confiar nos relatos deles para saber o que aconteceu.

O testemunho do advogado americano foi escrito algumas semanas depois de ter visto o Dr. Lang e relatou que não tinha havido «milagres» nem melhorias dramáticas. Mas tinham ocorrido mudanças subtis e significativas em certas funções corporais, embora ainda sem resultado sintomático. «Contudo», escreveu filosoficamente, «numa doença tão tenaz é, sem dúvida, demasiado cedo para esperar isso, embora a minha dependência da medicação continue a diminuir.» E acrescentou uma observação muito importante:

«Em tudo isto, não me recordo de alguém me ter prometido milagres — ou qualquer outra coisa, na verdade. O Dr. Lang, se me lembro bem, expressou uma esperança geral de melhoria, mas certamente não fez previsões cor-de-rosa. À Nancy, mostrou apenas um otimismo cauteloso em relação ao meu caso, nada mais. Quanto às honorárias, foi sugerida uma doação muito modesta — e aceitei de bom grado. Qualquer que seja o resultado obtido, o contacto com estas pessoas bondosas e dedicadas permanece uma recordação calorosa e agradável, continuamente renovada pelas suas cartas em resposta aos meus relatórios ocasionais. Espero voltar a vê-los e a conversar novamente com o Dr. Lang.»

Os Jacksons estavam hospedados em casa de Lady Evelyn Barbirolli, viúva de Sir John Barbirolli, o célebre maestro que morreu em 1970, aos setenta e um anos. Ela ficou tão intrigada com a história que insistiu em levá-los de carro até Aylesbury. Depois de o advogado americano e a esposa terem sido atendidos e tratados, o Dr. Lang convidou Lady Barbirolli a conhecê-lo e trocar algumas palavras. Mais tarde, escreveu dizendo estar «muito impressionada com a grande sinceridade do Sr. Chapman, do seu filho Michael e da equipa; pela atmosfera em St. Bride's e pela descrição que os meus amigos fizeram das suas consultas com o Dr. Lang», ao ponto de decidir marcar uma consulta para si própria.

Lady Barbirolli viu o Dr. Lang em abril de 1972 e, pouco mais de uma semana depois, teve a amabilidade de escrever o seguinte relato:

Embora não seja céptica nem descrente relativamente a assuntos que não consigo compreender ou explicar, nunca tive nada a ver com médiuns, curandeiros espirituais ou outros que se ocupam de fenómenos psíquicos. Nem jamais tive vontade de tentar contactar o “outro mundo” no esforço de comunicar com o meu marido e outros que me eram queridos e que já morreram.

Procurei o Sr. Chapman e o Dr. Lang por alguns pequenos problemas – sobretudo reumáticos. Tive uma conversa muito agradável com o Sr. Chapman. Depois, o Sr. Chapman disse, de forma natural: “Bem, suponho que será melhor entrar em transe e começar o trabalho.” Não quis intrometer-me na sua privacidade, por isso não olhei para ele, mas ouvi-o inspirar fundo algumas vezes e, em segundos, saudou-me com grande cortesia e calor, claramente já como Dr. Lang. Parecia ter-se transformado noutra pessoa, mudando de aparência, voz, maneiras e até de idade. Disse-me que eu haveria de viver muitos anos, falou das minhas pequenas maleitas, diagnosticou-lhes as causas e afirmou que faria algo para as melhorar.

Deitei-me na marquesa e ele passou as mãos muito suavemente e levemente por partes das minhas costas, coxas, pernas e pescoço. De vez em quando estalava os dedos ruidosamente, como se pedisse que lhe entregassem instrumentos. Senti-me agradavelmente relaxada, com saúde e à vontade. Conversámos ainda um pouco sobre o meu marido. Disse-me que tinha encontrado um amigo dele, que estava com ele e o tinha achado bem, feliz e ocupado na sua nova vida. Esse amigo era Gerald Campbell, um diplomata canadiano que o meu marido conhecera bem em Nova Iorque nos anos 30, mas com quem perdêramos contacto depois dessa época.

Naturalmente, passados apenas uns dez dias, é ainda cedo para saber se, no meu caso, a cura do Dr. Lang terá sucesso, mas fiquei com a forte impressão de que aqui existe algo inexplicável, mas essencialmente genuíno, altruísta e muito bom.

Esses dois excelentes testemunhos abriram a porta do consultório do Dr. Lang e levaram o leitor lá dentro para vislumbrar o que acontece quando o seu espírito toma conta de mim. Agora vou explicar como o Dr. Lang realiza o seu tratamento e como um paciente totalmente vestido pode ser sujeito a uma “cirurgia”. Antes, porém, preciso desfazer a crença que

possa ter de que somos apenas corpos físicos. Mesmo os que aceitam a vida após a morte acreditam por vezes que só depois dela nos tornamos espíritos. Mas a verdade é que já somos todos seres espirituais, aqui e agora. Os corpos terrenos que habitamos são apenas invólucros temporários, como sobretudos, nos quais os nossos espíritos vivem por um curtíssimo período num ambiente terrestre.

Existe ainda um terceiro corpo, conhecido como etérico, que funciona como intermediário entre o corpo físico e o corpo espiritual durante a vida terrena. Este sobrevive por pouco tempo após a morte física mas, como não tem qualquer função no plano espiritual, acaba por morrer também. As informações seguintes acerca destes três corpos baseiam-se no que o Dr. Lang nos transmitiu ao longo dos anos e estão de acordo tanto com a vasta literatura psíquica do passado como com os achados modernos da parapsicologia.

O nosso corpo físico, naturalmente, é o resultado de milhões de anos de evolução, durante os quais a forma humana foi lentamente mudando e adaptando-se ao ambiente terrestre. Hoje compreendemos bastante bem os nossos corpos. Precisamos de combustível sob a forma de alimentos e de oxigénio do ar para sobreviver. Os músculos consomem energia e por isso temos de reabastecer o corpo constantemente. E, claro, é necessário um sistema para eliminar os resíduos.

Para controlar todas essas atividades, e muitas outras, temos um cérebro altamente desenvolvido que recolhe e armazena informação em bancos de memória; que monitoriza e reage a inúmeros estímulos recebidos dos sentidos; e que é capaz de uma tremenda criatividade e pensamento original. Esse é um retrato muito simplificado do que somos enquanto seres físicos, mas a complexidade do corpo humano é absolutamente incrível. Há muito que pode falhar nele e continua a haver muito que nos intriga.

Embora a medicina tenha conseguido combater e praticamente erradicar muitas doenças que outrora afligiam a humanidade, a civilização moderna trouxe novos males. Cresce também a consciência de que a mente desempenha um papel importante no surgimento de muitos problemas físicos, sendo o medo, a frustração e a repressão causas tão potentes de doença como qualquer vírus. Assim, ao tratar doenças, muitos médicos de hoje procuram ir além dos sintomas físicos e descobrir a sua causa.

Cada um de nós tem um corpo espiritual de textura muito fina, mas muito resistente. Ele pode contrair-se dentro do corpo físico ou expandir-se para além dele, mas durante a vida na Terra molda-se ao corpo humano, assumindo a mesma aparência. Se perdermos um braço ou uma perna, por exemplo, o corpo espiritual retrai-se para a mesma forma. Se cresce um tumor no corpo físico, o seu equivalente espiritual produz também um tumor. Mas se o espírito não estiver em harmonia com o mundo físico isso pode causar doença no corpo humano. Tratar apenas as doenças físicas nem sempre basta. Muitas vezes a medicina apenas trata o sintoma, deixando intocada a causa espiritual, e assim a doença reaparece.

O corpo espiritual é sempre uma réplica do corpo físico durante a existência terrena de cada indivíduo, mas na morte, quando ambos se separam, o corpo espiritual deixa de ser influenciado pelo humano e passa para um mundo de vibrações mais subtis e rápidas, onde se adapta à sua nova existência, desenvolvendo novos órgãos de que necessita nesse plano. Na Terra, alimentamo-nos de outras formas de vida – animal ou vegetal. No mundo espiritual a nutrição é diferente: cada ser está em contacto direto com a fonte de energia necessária à sua manutenção e desenvolvimento, absorvendo-a de modo semelhante às plantas que tiram sustento diretamente da terra.

Um dos primeiros problemas do homem ao chegar ao mundo espiritual é adaptar-se à nova atmosfera, com a sua diferente mistura de gases que sustentam a vida. Somos informados, por quem de lá nos fala, que esse mundo é constituído basicamente da mesma substância que a matéria, mas em forma muito mais rarefeita. Mas a vida é eterna e assim, mesmo no outro mundo, continuaremos a viver, amar e a procurar maior conhecimento, avançando sem dúvida por muitos outros reinos de existência no caminho do progresso eterno.

As vibrações do corpo espiritual e do corpo físico são tão diferentes que necessitam de um corpo intermediário para que um possa influenciar o outro. Este chama-se corpo etérico e desempenha um papel vital no apoio à nossa existência física, pois fornece energia. É composto por células elétricas mantidas unidas por uma força magnética, e adere ao corpo físico como um íman. Com a morte, separa-se do corpo físico e liga-se do mesmo modo ao corpo espiritual por curto tempo até que, sendo inadequado às vibrações do outro mundo e tendo cumprido a sua função, morre também. Assim, antes de o nosso espírito ser livre, sofre duas mortes e muitas transformações.

Todos os corpos de que falei são apenas veículos, de uma forma ou de outra, do Eu espiritual – o VERDADEIRO EU, que é não-físico e, portanto, não tem forma. Esse Eu usa diferentes corpos para experimentar a vida e progredir através de muitos níveis de existência. Aquilo a que frequentemente chamamos mente é, na verdade, espírito – o nosso verdadeiro eu. Ele usa o cérebro para controlar o corpo, mas muitos, erradamente, consideram a mente uma manifestação do cérebro e assumem que morre quando o cérebro morre. Isso equivale a confundir o dactilógrafo com a máquina de escrever, o músico com o violino ou o programador com o computador.

A máquina de escrever, o violino ou o computador são instrumentos capazes de produzir grandes obras literárias, música sublime ou cálculos complexíssimos. Mas só valem pelo operador. Dê-se a máquina de escrever de Hemingway a um analfabeto e não surgirão grandes livros. Dê-se o violino de Menuhin a alguém que não saiba música e o resultado será um som horrível. Dê-se o computador mais avançado do mundo a alguém que não o saiba usar e ele será incapaz de efetuar até os cálculos mais simples. O corpo e o cérebro são máquinas. Nós – mente e espírito – somos os manipuladores invisíveis, inteiramente independentes dos corpos que usamos para nos expressar.

Pode ser um conceito totalmente novo para si e não espero que o aceite sem questionar. Mas se examinar a vastíssima coleção de relatos sobre experiências fora-do-corpo (viagens astrais), fantasmas de vivos e de mortos, bem como os fenómenos de sessões mediúnicas melhor documentados e outros aspetos do paranormal, verá que a conceção espiritualista se adequa muito bem aos factos.

O método do Dr. Lang para melhorar e curar a saúde não é tratar o corpo físico, mas o corpo espiritual. É sobre este que ele opera e, como reflexo, o corpo físico também é afetado. Para isso utiliza instrumentos cirúrgicos, embora nada que se compare à variedade usada por cirurgiões terrenos. Depois de operar no corpo espiritual e fechar as feridas, ficam cicatrizes que podem aparecer também, por breves instantes, no corpo físico. As cicatrizes espirituais curam-se muito rapidamente.

Ao contrário dos cirurgiões terrenos, o Dr. Lang não remove qualquer parte do corpo espiritual do paciente, preferindo realizar uma cirurgia que melhore a condição da zona afetada. Mas, se o paciente tiver um tumor, ele retira-o na esperança de que o equivalente físico também desapareça.

Alguns pacientes que vão ser submetidos a uma operação espiritual carecem de energia; nesse caso, o Dr. Lang transfere algum poder magnético do meu corpo para a pessoa em questão antes de realizar a cirurgia. Depois, para executar o trabalho, afasta o corpo espiritual do paciente alguns centímetros do físico e começa a fazer todos os gestos esperados de um cirurgião hábil durante uma operação. Estala os dedos para indicar que precisa de outro instrumento e alguém da equipa de cura lho entrega de imediato.

Para operar eficazmente nos corpos espirituais, o Dr. Lang precisa de um médium cujo corpo físico e etérico possa usar durante algum tempo; por isso, embora o meu corpo físico não participe no tratamento, repete todos os movimentos que ele faz e pareço operar com instrumentos invisíveis. O curioso é que, quando me controla, o Dr. Lang opera com a mão esquerda, enquanto eu sou destra – e as mãos dele tremem visivelmente.

Supusemos ao início que esse tremor fosse causado pela transmissão de energia magnética do meu corpo, mas cedo se revelou ser mais uma prova da sua verdadeira identidade. Descobrimos que, como muitos cirurgiões, o Dr. Lang ensinou-se a operar com ambas as mãos, mas sofria de um tremor e, por ser menos visível no braço esquerdo, era com essa mão que fazia a maior parte das cirurgias.

Para usar o meu corpo, o Dr. Lang precisa de controlar a minha consciência, e para isso coloco-me em transe autoinduzido. No meu consultório de Aylesbury sento-me na cadeira preferida do Dr. Lang e, ao fim de pouco tempo, sinto a cabeça pesada e uma forte sensação de tração na base do crânio, sinal de que começo a entrar num estado alterado de consciência. Depois sinto-me muito cansada e adormeço – ou pelo menos é o que me parece.

Enquanto o Dr. Lang está no comando, tenho muitos sonhos e essas são as únicas recordações que guardo do período em que estou sob a sua influência. Nada sei dos pacientes que ele atendeu nem do que aconteceu. Alguns sonhos são fantásticos e bastante disparatados, mas outros muito instrutivos. O Dr. Lang, já agora, por estar “revestido” no meu corpo, não consegue ver objetos inanimados, embora por vezes os pressinta. Mas vê claramente os corpos espirituais dos pacientes, e isso é tudo o que necessita para obter os seus resultados.

Estamos todos rodeados por um campo eletromagnético de energia que aparece aos clarividentes como uma radiação colorida chamada aura. A

aura reflete a saúde do paciente e o Dr. Lang consegue diagnosticar problemas de saúde a partir dela. A doença torna a aura menos brilhante; a melhoria gradual da saúde fá-la brilhar mais. A aura reflete também a natureza espiritual da pessoa e a existência de poderes de cura ou psíquicos. Alguns médiuns não-transe têm a capacidade de ver a aura e podem ajudar quem os consulta, quer através do diagnóstico e da cura, quer fornecendo orientação sobre o desenvolvimento espiritual e psíquico. Muitos leitores terão ouvido falar de uma invenção russa que ficou conhecida como fotografia Kirlian.

Trata-se de um método de fotografar através de correntes de alta frequência e que é hoje objeto de intensa investigação, tanto atrás da Cortina de Ferro, onde foi desenvolvido por Semyon e Valentina Kirlian em 1939, como no Ocidente. Ainda há muita controvérsia em torno desta fascinante área da parapsicologia e não se pode afirmar com certeza o que é que aparece nas imagens. Uns dizem ser a alma, outros a aura, outros ainda defendem tratar-se apenas de um fenómeno elétrico comum.

Quando um organismo vivo é fotografado ou filmado pela técnica Kirlian, vê-se que está rodeado por uma coroa luminosa. A cor e a intensidade dessa coroa parecem variar conforme a saúde e o estado mental da pessoa testada, e afirma-se que já se detetou doença em plantas fotografando-lhes as folhas desta forma, muito antes de ela se manifestar fisicamente. O interessante é que os médiuns vêm relatando esse mesmo efeito há séculos e agora, ao que parece, existe um meio de o registar. Provavelmente passarão muitas gerações até que os cientistas consigam interpretar com rigor as múltiplas mudanças que ocorrem e utilizar esse conhecimento de modo prático. Quando esse dia chegar, os médicos poderão usar máquinas Kirlian para diagnosticar doenças em pacientes da mesma forma que o Dr. Lang o faz agora a partir do mundo espiritual.

Embora tenha falado muito de operações e de cirurgia, existe outro aspeto igualmente importante do trabalho do Dr. Lang que devo sublinhar. Pelo simples facto de entrarem em contacto com ele, muitos pacientes recebem ajuda espiritual. Ele oferece-lhes uma nova visão da realidade da vida: uma nova perspetiva que lhes retira muitos dos medos e preconceitos que antes os atormentavam. Mesmo que não consiga melhorar a sua condição física – e nem todas as operações têm sucesso – muitos sentem-se elevados pelo encontro com ele e ganham forças para suportar as suas aflições com mais coragem e maior otimismo.

Concluirei este capítulo com o relato de outra experiência, de alguém que teve a oportunidade de falar longamente com o Dr. Lang. É de especial interesse porque a pessoa em causa é um médico. Robert W. Laidlaw, MD, é um distinto membro da American Society for Psychical Research e Secretário-Tesoureiro da Life Energies Research Inc., que se dedica ao estudo da medicina não ortodoxa. Eis o seu testemunho, após ter conhecido o Dr. Lang em Inglaterra pela primeira vez em dezembro de 1969:

Ao longo dos anos tive várias experiências com alguns médiuns que afirmavam ser controlados por diversas entidades. Essas entidades costumavam falar em generalidades vagas, muitas vezes expressando sentimentos elevados ou filosóficos. Porém, era invariavelmente difícil obter respostas diretas ou concretas a perguntas que lhes eram dirigidas. A minha conversa (e foi de facto uma conversa) com o Sr. Lang contrastou profundamente com essas experiências.

Não tinha ido para o consultar por qualquer maleita pessoal, mas para lhe falar das suas impressões acerca do plano seguinte e da sua própria experiência aqui na Terra. Tal como consta das minhas notas, falámos com facilidade e de forma direta, de médico para médico. Ele falou aberta e competentemente de certas condições oftalmológicas e das técnicas que utilizava na sua cirurgia etérica.

Acreditei então, e acredito agora, que estava a conversar com o espírito sobrevivente de um médico que morrera cerca de trinta anos antes. Todo o seu modo era simples, caloroso e sincero. No fim da nossa conversa autografou para mim um exemplar de um livro sobre o seu trabalho e tenho-o hoje na minha biblioteca como uma das minhas posses mais estimadas. Estou convencido de que a voz que ouvi, transmitida pelo médium George Chapman, era a do falecido mas ainda muito vivo Dr. Lang, e a minha memória dele é tão nítida e real como se estivesse sentado ao meu lado a falar comigo em carne e osso.

CAPÍTULO SETE

O MÉDICO VOADOR

Isabelle Yovanovitch encontrava-se internada num grande hospital de Paris no início de 1975 e todos nós esperávamos e rezávamos para que o progresso já alcançado desde que se tornara paciente do Dr. Lang se mantivesse. Estava rodeada de pessoas francófonas e recebia terapia da fala para conseguir comunicar connosco. Acompanhei frequentemente Eliane ao hospital durante as minhas visitas a Paris e o Dr. Lang pôde continuar o tratamento de cura por contacto que começara em Casablanca e que ela recebera durante a sua estadia de três meses em Inglaterra.

Como Eliane se tornara uma colaboradora preciosa, era natural que eu tivesse um interesse particular nesta paciente especial, mas havia centenas de outros a procurar a ajuda do Dr. Lang em Paris e noutros pontos do continente. As viagens que eu começara um ano antes já faziam parte da minha rotina profissional ao ponto de o meu filho Michael começar a chamar ao Dr. Lang “o médico voador”.

No início do ano tive uma clínica de quatro dias na Suíça, onde o Dr. Lang tratou 150 pacientes, e uma vez mais um médico assistiu às sessões, falou com os pacientes e interrogou o cirurgião espiritual sobre as suas técnicas. Depois, em fevereiro, Michael e eu saímos de nossa casa em Aylesbury às 7 da manhã para apanhar cedo um voo em Heathrow rumo a Espanha. Às 13h30 fomos recebidos no aeroporto de Madrid por um carro que nos levou diretamente à casa de uma menina de nove anos com uma doença cerebral, cujos pais tinham pedido ajuda ao Dr. Lang.

Em seguida voltámos ao aeroporto e apanhámos um voo para Saragoça, capital da província espanhola homónima. Nessa noite eu tinha um compromisso e no dia seguinte o Dr. Lang viu vinte e cinco pacientes, antes de regressarmos a Madrid. Nos dois dias seguintes tratou mais cinquenta pacientes por dia e ainda encaixámos uma entrevista para o Dr. Lang com um investigador psíquico que planeava falar do nosso trabalho numa conferência mundial.

Terminadas as obrigações em Madrid, Michael e eu apanhámos um voo noturno para leste, até Barcelona, o maior porto marítimo de Espanha, onde nos tinham pedido que visitássemos um homem com cancro. Demorámos algum tempo a encontrar a sua casa, na parte antiga da cidade, e eram já 23h quando, depois de o Dr. Lang ter operado o

paciente, decidimos ver alguns pontos da cidade. A visita foi interrompida por uma entrevista marcada para as 2h da manhã e só pelas 4h conseguimos finalmente cair nas camas do hotel. Às 7h um táxi levou-nos ao aeroporto para o regresso a Inglaterra. Passados apenas dois dias em Aylesbury, voltei a embarcar num avião, desta vez para Paris. O “médico voador” estava novamente a caminho e em breve vários pacientes dariam testemunho do notável êxito dos seus tratamentos.

No início de fevereiro de 1975, Michael Dary, um jovem parisiense, estava a esquiar quando caiu de repente e embateu violentamente no braço direito, fraturando um osso acima do cotovelo. Fraturas e ossos partidos são um dos riscos do esqui, claro está, e costumam reparar-se sem grandes problemas – salvo a dor e a incapacidade temporária do doente.

O braço de Dary esteve engessado três semanas enquanto a fratura começava a consolidar-se. Mas quando o gesso foi retirado, a 1 de março, o jovem esquiador não conseguia mover o braço. O médico começou de imediato a planear um tratamento corretivo para restituir a mobilidade do membro, mas felizmente isso nunca se tornou necessário. O parisiense tinha um amigo que conhecia o trabalho do Dr. Lang e convenceu-o a apresentar-se na clínica onde sabia que estaríamos a trabalhar no dia seguinte. Não tinha consulta marcada, mas o Dr. Lang aceitou vê-lo. Mais tarde, Monsieur Dary escreveu:

Quando entrei na sala encontrei-o sentado numa cadeira, de olhos fechados e virado para a porta. Estendeu-me a mão e cumprimentou-me amistosamente: “Olá rapaz.” Instintivamente tentei responder, mas o meu braço lesionado não se mexia e acabei por estender a mão esquerda. Continuava muito cético e observava-o atentamente. De olhos fechados, deu-me então um diagnóstico pormenorizado que coincidiu quase palavra por palavra com o que o meu médico da clínica me dissera depois de analisar as radiografias. O Dr. Lang disse-me então que me iria “operar” e que não precisaria de fazer o tratamento médico recomendado.

A “operação” durou cerca de dez minutos. Não senti nada e mantive-me muito cético. Depois disse-me para me levantar e voltou a estender-me a mão, dizendo: “Está tudo bem.” Instintivamente apertei-lhe a mão... O amigo que me incentivara a ir ver o Dr. Lang acompanhou-me e, ao sairmos da sala, confessou a sua surpresa. Eu tinha apertado a mão do Dr. Lang de forma natural com a mão direita. Quatro dias depois, ainda

de baixa médica, comecei a demolir uma chaminé e a construir uma parede de tijolo que depois rebiquei. Pouco depois voltei a jogar tênis e devo declarar que desde a “operação” do Dr. Lang tanto a incapacidade como a dor desapareceram – e, preciso dizê-lo, também desapareceu o meu antigo ceticismo!

Outro paciente francês tratado por Dr. Lang em Paris nesse mês foi Christian Simonard. Este jovem de La Celle St. Cloud foi tratado para várias condições. Quando recebi o relatório de progresso da mãe, algumas semanas mais tarde, continha notícias entusiasmantes: “Talvez se lembre de que uma das pernas do meu filho era mais curta e mais fraca do que a outra”, escreveu Mme Simonard. “Mas esta diferença parece quase ter desaparecido desde o tratamento do Dr. Lang. Uma medição recente revela uma diferença de apenas um centímetro. Ficaria muito grata se pudesse concordar em vê-lo mais uma vez para completar a sua recuperação.”

Outra pessoa agradecida por ter tomado conhecimento da existência do Dr. Lang nessa altura foi E. Rossat, de St. Sulpice, Suíça. No décimo segundo dia de 1975 sofreu fortes dores abdominais e foi internado de urgência com perturbações do pâncreas e dos rins agravadas por icterícia.

Recebeu tratamento intensivo e teve alta a 5 de fevereiro. No entanto, no dia seguinte, o braço esquerdo e os ombros ficaram roxo-avermelhados e surgiu um inchaço na base do pescoço. Foi novamente hospitalizado para uma cirurgia exploratória e os médicos suspeitaram da presença de um tumor no pâncreas. Permaneceu seis semanas no hospital, durante as quais desenvolveu uma erupção cutânea semelhante ao sarampo, provavelmente causada por alergia a medicamentos, sendo-lhe retirados todos, com uma única exceção.

Foi nesse momento da doença que os Rossat souberam que eu estava em visita a Lausana. Mme Rossat conhecia o trabalho do Dr. Lang porque lhe tinham oferecido um livro sobre a nossa parceria de cura. Contactaram-me e consegui marcar-lhes uma consulta na Suíça a 25 de março. Eis o testemunho da esposa do paciente:

Após o tratamento dado pelo Dr. Lang o meu marido sentiu-se muito cansado e adormeceu. Logo depois começou a sentir-se melhor, embora o braço esquerdo ainda o incomodasse. Regressou para um segundo tratamento, para problemas de fígado e de circulação sanguínea, e foi melhorando gradualmente. Depois, uma manhã, acordou a sentir-se

muito mal e teve de ir à casa de banho, onde expeliu uma bola amarelada, do tamanho de uma noz. Contudo, após um dia de cama, sentiu-se perfeitamente bem. Desde então tem podido voltar ao trabalho; está cheio de força e felicidade. O médico que o acompanha todos os meses repete sempre: “Isto é muito misterioso.”

Todos os que participavam na minha clínica em Paris ficaram comovidos com a bondade de uma paciente que abdicou da sua própria consulta com o Dr. Lang. Quando chegou vinha acompanhada de uma sul-americana de trinta anos, Blanca, que conhecera pouco tempo antes. A francesa ficara tão sensibilizada com a situação de Blanca que insistiu em ceder-lhe o seu lugar. Blanca sofrera um acidente de automóvel aos dois anos de idade e desde então apresentava défices de fala e de audição.

Depois, aos dezasseis anos, perdeu repentinamente a visão durante três dias. Esta regressou parcialmente mas os médicos diagnosticaram-lhe retinite pigmentosa, uma doença ótica progressiva em que o campo visual se vai estreitando até ocorrer cegueira total. Não existe cura conhecida. A visão de Blanca deteriorou-se lentamente e, quando a minha paciente francesa a conheceu na casa do irmão Eduardo, estava praticamente cega. A boa samaritana escreveu mais tarde:

Pensei imediatamente no Dr. Lang e insisti para que os meus amigos aproveitassem a minha consulta com ele. Foi assim que os acompanhei e posso testemunhar o que aconteceu nessa ocasião memorável. Devo salientar que Blanca via muito pouco, e o pouco que via era como se olhasse através de vidros fumados, mesmo com muita luz. Por isso nunca podia usar óculos escuros, pois mergulhavam-na numa escuridão total que a apavorava.

O Dr. Lang ouviu a sua história e tratou o seu corpo espiritual. Realizou várias operações espirituais e finalmente tratou os seus olhos. O irmão Eduardo ajudou-a a deitar-se na marquesa. Quando saíram, após os tratamentos, o irmão agarrou-me no braço dizendo: “Ela encontrou a porta sozinha e disse-me que conseguia ver.” Pouco depois, Blanca contou-nos que já via as cores com clareza. Disse que era necessário comprar imediatamente óculos escuros, pois o Dr. Lang lhe aconselhara proteger os olhos da luz intensa.

O irmão foi logo comprá-los à estação. Ela hesitou um momento ao colocá-los, mas quando saiu da casa onde o Dr. Lang nos recebera, desceu as escadas sem hesitar. Olhando para o chão, disse contente:

“Vejo umas pedras, muito claras, uma mancha preta, um pedaço de papel, alguma relva!” Soube mais tarde que, do comboio que a levou para casa, chegou até a ver a longínqua Torre Eiffel.

Outro paciente que também relatou sucesso imediato de uma operação aos olhos realizada pelo falecido cirurgião oftálmico foi um homem chamado Jacques, tratado em Paris, onde residia, em março de 1975. Os problemas oculares de Monsieur Jacques remontam ao início da década de 1970 e em maio de 1972 fora submetido com êxito a uma operação às cataratas. Porém, em novembro desse mesmo ano sofreu um descolamento da retina no olho esquerdo. Foi operado duas vezes em quinze dias mas, infelizmente, a visão desapareceu totalmente nesse olho, que os médicos declararam perdido. Eis o relato de Monsieur Jacques sobre o que aconteceu desde então:

Em março de 1975 tive a sorte de conseguir uma consulta com o Dr. Lang, através do seu médium George Chapman. O Dr. Lang “operou” o meu corpo espiritual, não apenas os olhos, mas também a zona do coração, por causa de um problema cardíaco. No dia seguinte recuperei a visão. É tão simples quanto isso! Todos os meus amigos podem testemunhar, assim como o meu oftalmologista que, após exame posterior, me repreendeu por não lhe ter dito que tinha feito outra operação! Na zona do coração apareceram marcas de sutura quarenta e oito horas mais tarde. Sou uma pessoa diferente e a minha gratidão ao Dr. Lang e ao seu médium não tem limites. Devo também sublinhar que só vi o Dr. Lang uma única vez.

A meio do ano estava a trabalhar intensamente, vendo o maior número de pacientes possível em tantos países quanto a minha rotina agitada permitia. Felizmente gostava de viajar! Durante uma visita a pacientes em Barcelona fui entrevistado para a rádio e televisão espanholas – um acontecimento raro nesse país, onde existem poucos médiuns em atividade. Quando os pacientes se vão embora, gosto de relaxar com amigos num restaurante ou de conhecer os pontos turísticos de cada país.

O Michael acompanhou-me em França na primeira parte de 1975 e também pôde descansar, indo a Le Mans, no noroeste do país, assistir à famosa corrida de 24 horas, como convidado do homem que a apresentava há trinta anos. Pouco tempo depois, uma residente de Le Mans sofreu um acidente muito grave. A 8 de julho, Mme Papin foi atropelada por uma mota. Foi levada inconsciente para o hospital local

com lesões na cabeça, fratura da perna direita e várias outras deslocações e fraturas. Mme Papin escreve:

Tinha dores intensas e deram-me injeções para as aliviar. Surgiu uma flebite (inflamação de uma veia) debaixo do gesso mas ninguém lhe prestou atenção. Ao fim de nove dias sentia mais dores do que nunca mas mandaram-me para casa com febre de 38°. Permaneci assim durante cinco dias mas, no sexto – 17 de julho –, já incapaz de suportar a dor, pedi ao médico de família que me fosse ver. Nessa altura a minha temperatura passara os 40°. Mandou-me imediatamente para a clínica privada do cirurgião que me tratara no hospital. Eram 21h30 e disse-me que ia pôr-me sob observação durante cinco dias.

No quarto dia, sofrendo mais do que nunca, agarrei a parte de cima da bota de gesso em que a minha perna direita estava presa e tentei levantá-la. Levei um grande choque: fui inundada de sangue e o cheiro era horrível. Chamei a enfermeira que correu a buscar uma serra especial para cortar o gesso. Quando, com muita dificuldade, o conseguiu, o espetáculo foi horrível: o sangue jorrava misturado com carne podre e pus.

A minha perna estava coberta de grandes buracos infetados, do calcanhar até quase ao alto da barriga da perna.

Chamaram o meu marido e o cirurgião disse-lhe que teria de amputar a minha perna. O meu marido alertou a nossa nora que, tendo ouvido falar do trabalho do Dr. Lang, contactou imediatamente George Chapman e começou logo a cura à distância. O cirurgião operou a minha perna a 30 de julho mas decidiu que já não era necessário amputar.

A perna de Mme Papin precisou de pensos novos todos os dias até 14 de agosto, quando o cirurgião decidiu fazer enxertos de pele – retirando pele da coxa e aplicando-a na perna direita; 65% desses enxertos pegaram e a perna teve de ser novamente engessada até 1 de setembro, altura em que o gesso foi retirado e ela teve alta. Menos de três semanas depois, Mme Papin voltou ao hospital porque tinha começado uma hemorragia interna. Recorda:

Estava num estado lamentável. Mais uma vez a minha nora pediu ajuda ao Dr. Lang e fui salva. Dez dias mais tarde estava de volta a casa. Estava reduzida a uma cadeira de rodas e a enfermeira vinha todos os dias mudar os pensos e eu ia duas vezes por semana à clínica para os controlos necessários dos enxertos.

Na quarta-feira, 26 de novembro, voltei a entrar na clínica para uma operação planeada ao tornozelo direito. No dia seguinte fizeram-me alguns testes e na sexta-feira fizeram-me radiografias. No sábado tive uma surpresa feliz: o cirurgião veio ter comigo, a sorrir, e disse-me que podia voltar para casa nessa tarde. Não acreditei e pedi-lhe que não brincasse comigo. Ele confirmou que não era brincadeira e que falava muito a sério. “Pode ir, não há necessidade de operar, o calo vicioso desapareceu. Está tudo em ordem. É um milagre.”

Quando agradei ao cirurgião pelos seus cuidados ele respondeu: “Eu não fiz nada – foi você que fez!” Mas acrescento: “Bem, claro, o milagre foi feito pelo Dr. Lang e pela sua equipa. Fui salva.”

A notável melhoria que Mme Papin experimentou durante a longa e dolorosa recuperação do acidente de mota, com duas operações evitadas, deveu-se à cura à distância. Ou seja, nunca encontrei Mme Papin e o Dr. Lang não realizou qualquer operação sobre ela através do meu corpo. Em vez disso – e isto acontece muitas vezes no nosso trabalho – o Dr. Lang conseguiu influenciar o bem-estar da paciente a partir do mundo espiritual, sem a minha intervenção física.

Quando isto sucede, a distância não é barreira; a cura pode ser dada a qualquer pessoa, em qualquer parte do mundo. No momento em que recebo uma carta de um paciente a pedir tratamento, transmito essa informação ao Dr. Lang mentalmente. Faço isto de forma simples, sintonizando-me com ele enquanto leio a correspondência. Acontece agora automaticamente e o meu contacto com a carta é tudo o que basta para que o Dr. Lang e a sua equipa comecem o tratamento. É por isso que abro todas as cartas que recebo. Assim, independentemente de poder ou não dar aos pacientes uma consulta pessoal, todos recebem cura do Dr. Lang e da sua equipa.

Por vezes, como no caso de Mme Papin, os resultados são imediatos e excelentes, originando curas instantâneas ou melhorias consideráveis que tornam desnecessárias operações ou amputações. Mas, na cura à distância, o Dr. Lang tem de trabalhar direta e independentemente sobre o corpo espiritual do paciente, sem os benefícios de um médium, e por isso a taxa de sucesso não é tão elevada como na cura por contacto. Ainda assim, é um complemento valioso e, quando os pacientes estão em regiões remotas do mundo, é a única forma de beneficiarem do trabalho do Dr. Lang.

Um paciente israelita que pediu cura à distância mas não notou melhoria imediata ficou preocupado de o Dr. Lang não o ter conseguido localizar. “Imagino que seja porque não dei a minha morada exata, mas a minha rua não tem números”, explicou. “Moro na segunda casa à esquerda. Para tornar a minha casa mais reconhecível porei no telhado uma cadeira velha.” Talvez pensasse que o Dr. Lang precisaria de descansar depois de viajar desde Inglaterra.

Noutro caso, a cura à distância teve demasiado sucesso e recebemos um pedido para reverter o tratamento! Um pai de Nova Iorque escreveu em nome do filho a perguntar se o Dr. Lang poderia fazer algo pelo quisto perfurado do rapaz. Pouco depois recebemos uma carta a dizer que as perfurações tinham sido curadas, mas acrescentava: “Como disse na minha carta, não havia pressa em que ele fosse curado (talvez seis meses, escrevi eu), porque poderíamos ter um problema com a sua dispensa do serviço militar.”

Isto foi escrito numa altura em que muitos jovens americanos preferiam fugir à mobilização a servir no Vietname, e no caso deste rapaz a cura significava que estava agora apto para ser recrutado. O pai ansioso perguntou se o Dr. Lang poderia fazer reaparecer as perfurações, acrescentando que esperava que isso “não parecesse demasiado errado” ou que o Dr. Lang não o achasse “repugnante ou impossível”. Receio que tive de o desiludir.

Sei que os céticos acham fácil descartar os casos de cura à distância como coincidência, e de facto é difícil provar o contrário. Contudo, quando a saúde de um paciente sofre uma mudança dramática no momento em que a cura à distância começa, e quando isto se repete vezes sem conta, eu e muitos outros observadores ficamos convencidos de que está em causa muito mais do que coincidência. Além disso, alguns pacientes relatam realmente ver ou ouvir o Dr. Lang durante o tratamento à distância.

Theresa Vaartaja, por exemplo, é bióloga celular no Memorial Hospital de Nova Iorque, onde se especializa em citogenética: procura alterações cromossómicas em células de pacientes com condições malignas e pré-malignas. Depois de ler sobre o Dr. Lang, marcou uma consulta com ele quando esteve em Londres em 1969. Desde então pediu-lhe ajuda para vários problemas de saúde e relata que, por vezes, ouviu a voz dele, ou as vozes de outros da sua equipa de cura, enquanto recebia o tratamento “à distância”. (A única pessoa que está distante nesses

casos, claro, sou eu!) Antes de nos conhecer, a Dra. Vaartaja sofria de fortes dores de cabeça que lhe dificultavam a concentração. “Desde que recebi tratamento do Dr. Lang”, testemunha, “as dores de cabeça desapareceram há muito e a minha mente funciona melhor. O Dr. Lang também me aliviou de muitos outros problemas de saúde. Ele é muito real para mim. O público devia ser informado da ajuda maravilhosa que os espíritos podem e de facto prestam.”

A Dra. Vaartaja ficou particularmente impressionada, aliás, por descobrir numa conversa com o Dr. Lang que ele tinha um conhecimento íntimo do hospital onde ela trabalhava, comentando até de forma específica uma área do seu trabalho em que a taxa de sucesso era baixa.

Mas afastei-me do caso de Mme Papin, que foi salva de duas operações à perna graças à intervenção espiritual do Dr. Lang. O que queria sublinhar, depois de afirmar que a cura à distância pode ser muito eficaz, é que, sempre que possível, deve ser seguida de tratamento por contacto. Assim, quando a senhora já recuperava bem e tinha deitado as canadianas fora, marcámos-lhe uma consulta com o Dr. Lang. Desde então teve mais duas consultas e relata:

“Posso dizer que estou a caminho da recuperação. Ando; estou feliz; retomei a minha vida habitual. Ainda não consigo correr nem praticar desporto, mas sem o Dr. Lang teria ficado reduzida à vida de uma inválida e a minha perna teria sido amputada. Autorizei a publicação desta história para que pessoas como eu, que sofreram e ainda sofrem, possam ser ajudadas pelo Dr. Lang e pelo seu médium, o Sr. Chapman, em quem deposito total confiança.”

Um residente de Boulogne, França, que também consultou o Dr. Lang por problemas nas pernas foi G. Melle, um homem com grande interesse pelas artes, civilizações e religiões orientais. Ele e um amigo fizeram férias na primavera de 1975 no Ceilão, país rico em ruínas antigas. Durante a estadia banhou-se no oceano Índico e, segundo diagnóstico médico posterior, terá provavelmente sido mordido por algum animal venenoso.

Começou a sentir-se mal no voo de regresso a França e, quando o avião aterrou, o corpo estava-lhe tomado pela dor. A perna esquerda ficou particularmente afetada, pois inchava, estava em carne viva e não conseguia apoiar o pé no chão. Sentia, dizia ele, “como se algum bicho a estivesse a roer”. Foi-lhe administrada penicilina, que atenuou a inflamação, mas continuava a sofrer dores terríveis. Receitou-se-lhe

antibióticos que não destruíram o veneno, mas provocaram forte inflamação dos vasos linfáticos, obrigando a perna a ser engessada do joelho ao calcanhar durante seis semanas. “Isto deu-me algum alívio parcial, mas as semanas transformaram-se em meses sem que visse fim ao meu sofrimento e eu continuava sem recuperar o uso das pernas”, relata. Tentou acupuntura, que ajudou mas não curou. Depois, acreditando estar possuído por algo maligno, consultou um padre, que rezou especialmente por ele durante dois meses. Monsieur Melle conta:

Por essa altura soube de um livro que descrevia algumas das maravilhosas curas alcançadas pelo Dr. Lang através da mediunidade de George Chapman. Convencido de que finalmente encontrara o caminho certo da cura por meio de forças espirituais, escrevi imediatamente a pedir uma consulta, descrevendo o meu caso. O resultado foi que, após cinco meses de sofrimento, semiparalisia e, por vezes, desespero, fiquei completamente curado em quinze dias. Não sinto dor nenhuma nas pernas. Gradualmente passaram a ter uma aparência muito melhor do que antes do acidente. Ando sem dificuldade nem cansaço.

Depois de uma das minhas visitas europeias em 1975, durante a qual o Dr. Lang tratou pacientes na Alemanha e na Áustria, recebi uma carta muito agradável de uma médica alemã que nos tinha consultado. Disse-me que, além de médica, era também curadora espiritual. “O meu marido também é médico e um excelente médium de cura”, acrescentou. “Curámos uma grande variedade de condições, até algumas que estão fora do nosso conhecimento habitual.” Terminou a carta desejando-me “as melhores saudações e alegria na nossa causa comum”.

Perto do fim do nosso ano agitado, Eliane preparou um breve itinerário das viagens recentes para o *Psychic News*. Mostrava que, durante uma visita de dois dias a Marselha, trabalhando no consultório de um médico, o Dr. Lang prestara cura a vinte e cinco pacientes desse médico e a outras cinquenta pessoas. Entre os tratados estavam um arcebispo católico romano e um membro de uma associação médica. Depois viajei até à vizinha Aubagne para ver mais vinte e cinco pacientes, antes de voar para Ajaccio, na Córsega, para permitir que o Dr. Lang assistisse outros doentes, e de regresso a Paris para um fim de semana durante o qual sessenta pacientes receberam tratamento. O “médico voador” fazia jus ao nome.

CAPÍTULO OITO

O FRACASSO

Durante os primeiros meses de 1975 assistimos, com crescente desilusão, à falta de resposta de Isabelle Yovanovitch ao seu ambiente francês. Em Inglaterra tinha recebido fisioterapia e todos os incentivos para mover os membros, mas no hospital de Paris limitava-se a permanecer imóvel na cama, rodeada de idosos à espera da morte. A transferência de Inglaterra, recomendada pelo Dr. Lang, não alcançara o resultado desejado, mas, por outro lado, Isabelle também não apresentava sinais de deterioração. A terrível doença que devastara o seu jovem corpo parecia agora estagnar — nem avançava nem recuava —, por isso tínhamos todas as esperanças de que Isabelle ainda viesse a recuperar.

Então, no início de agosto, depois de Isabelle estar há oito meses no hospital parisiense, o Dr. Lang chamou de parte a mãe dela no final de uma sessão de cura, durante a qual ela traduzira para ele, e disse: — Não deixes a Isabelle. Não saias de Paris. Fica com ela. Está no fim do caminho.

Eu estava prestes a regressar a Inglaterra, onde planeava desfrutar de um raro par de dias de lazer, descansando no País de Gales, depois de atender pacientes em St. Bride's, e tinha convidado Eliane e alguns amigos a juntarem-se a mim. Mas Eliane conhecia já suficientemente bem o Dr. Lang para seguir o seu conselho, mesmo não havendo qualquer alteração visível no estado

da filha, nem detetada pelos médicos e enfermeiros do hospital. Três dias mais tarde, Isabelle desenvolveu subitamente uma febre muito forte e, pouco depois, o médico disse a Eliane que a rapariga tinha apenas vinte e quatro horas de vida. Às sete da manhã seguinte, Eliane voltou ao hospital e sentou-se junto à cama da filha, que cuidara durante oito anos. Sem dúvida, a sua mente estava cheia das tentativas feitas nesse tempo para encontrar um curador que pudesse vencer a doença e, em particular, devia pensar muito no cirurgião inglês falecido que desempenhara papel tão influente na sua vida. Ele nunca prometera curar Isabelle, mas fizera uma promessa:

— Se não a conseguir curar, então prometo que a sua partida será serena.

Pode não parecer grande consolo para uma mãe que lutara tanto contra a doença da filha, mas era, ainda assim, uma promessa extraordinária. Um aspeto particularmente cruel da esclerose subaguda é que a criança sofre uma morte terrível, como os médicos a tinham prevenido.

Agora, enquanto o sol começava a subir sobre os telhados de Paris numa fresca manhã de agosto, Isabelle jazia calma, com um leve sorriso no rosto. De repente Eliane ouviu um pequeno som na garganta da filha. Uma enfermeira estava por perto e Eliane chamou-a, mas logo se desculpou, dizendo:

— Oh, desculpe, não sei porque a chamei. Está tudo bem.

A enfermeira olhou para Isabelle e saiu sem dizer palavra. Cinco minutos mais tarde voltou com uma colega:

— Desculpe... Isabelle morreu.

Eliane telefonou-me com a notícia da morte da filha às nove da manhã de 6 de agosto de 1975. Foi muito corajosa, mas percebi a enorme tristeza na sua voz e compreendi bem o que devia estar a sentir nesse momento. Eu próprio perdera uma filha, embora apenas após algumas semanas de vida, não anos, e recordei a dor imensa que sentira. Mas o conselho de Dr. Lang a Eliane, para ficar em Paris, ajudara a atenuar o choque, pois de outro modo ela teria estado comigo em St. Bride's nessa manhã, em vez de segurar a mão da filha moribunda. Mostrou também que, apesar do seu fracasso em alcançar a cura, estava muito próximo de Isabelle, sabia exatamente qual era o estado dela e, mais importante ainda, pôde ajudá-la na transição deste mundo para o outro.

Assim, quando o último paciente saiu de St. Bride's às cinco da tarde de dia 6, em vez de partir para o País de Gales fui até Heathrow para apanhar o voo das 19h45 para Paris. Queria ajudar os Yovanovitch tanto quanto pudesse. Eliane esperava-me à porta do aeroporto de Orly com o marido, Serge, e a bela filha mais nova, Frédérique. Fiz o meu melhor para os consolar e sei que o conhecimento que tinham do Dr. Lang os terá ajudado a compreender melhor a vida após a morte. Mas a perda física, apesar do nosso entendimento, nunca é fácil de suportar.

Reunimo-nos para a cremação de Isabelle às duas da tarde de sábado, 9 de agosto, no hospital da Salpêtrière, onde passara os últimos meses de vida. Estavam presentes Eliane, Serge e Frédérique, assim como Michel, o irmão gémeo de Serge, e o padre d'Anselme, que fora orientador espiritual de Serge no colégio interno de Rabat, capital marroquina.

Isabelle estava lá também. Não só o seu corpo físico, deitado num caixão simples, mas também o seu corpo espiritual, embora eu fosse o único a vê-lo. Com o desenvolvimento da minha mediunidade em transe tornei-me também clarividente e clariaudiente; em outras palavras, por vezes consigo ver e ouvir entidades espirituais, mesmo estando plenamente consciente. É uma experiência comum a milhares de médiuns, mas raramente falo deste aspeto, porque para mim é o transe que mais importa.

Olhei para a tristeza nos rostos dos pais de Isabelle, conscientes do esforço que faziam para conter as lágrimas. Que pena não poderem ver a cena que se apresentava diante dos meus olhos. Ali, no agradável quarto de cortinas corridas, vi um dos meus amigos espirituais, Hughie, de pé à cabeceira do caixão. E ao lado dele estava Isabelle. Moveu-se primeiro para junto da mãe e da irmã e depois acompanhou-as quando se juntaram ao pai. Tinha um sorriso lindo no rosto. A estes dois espíritos juntou-se um terceiro que reconheci imediatamente: Susan, neta do Dr. Lang, que ajudara Isabelle durante a sua estadia no hospital.

O corpo de Isabelle foi então levado e colocado num carro, e os carregadores do caixão, os pais e os amigos seguiram-no através de Paris até à igreja onde se realizaria a cerimónia. O dia estava lindíssimo e ensolarado. O padre Prunier conduziu o serviço, oferecendo orações e bênçãos durante quinze minutos. Foi muito bondoso. Isabelle continuava conosco: seguira-nos na viagem, e enviei uma prece à equipa espiritual de cura para que fosse apresentada aos seus familiares falecidos e recebesse uma tarefa útil. Mais tarde disseram-me que não precisava de me preocupar com o seu bem-estar. Durante anos, por causa da doença, ela estivera mais no outro mundo do que neste, e por isso a sua passagem foi fácil e os novos ambientes não lhe causaram surpresa.

A cremação em França é muito diferente das que assisti em Inglaterra, e francamente não do meu agrado. Um homenzinho elegante de fato escuro aproximou-se de mim com Michel, o irmão gémeo de Serge. Eu não falo francês, mas percebi que queria que o seguissemos. Descemos alguns lanços de estreitas escadas até sermos confrontados com um grande forno.

Havíamos-nos deslocado para testemunhar Isabelle e o seu caixão. Um homem de rosto triste, envergando uma bata coberta de pó, esperava. O seu trabalho era empurrar o caixão para dentro do forno e recolher os restos numa caixa de cimento do outro lado. Michel parecia pesaroso e

toquei-lhe no braço. Ele deu-me uma palmada amigável no ombro e ficámos ali alguns momentos enquanto o caixão de Isabelle era introduzido no incinerador e as portas se fechavam atrás dele. Depois voltámos atrás e juntámo-nos à família.

Enquanto cumpríamos este dever necessário mas macabro, apercebi-me de Hughie a meu lado. Garantiu-me que Isabelle não estava preocupada com o que acontecia aos restos físicos. Sabia, disse Hughie, que era como queimar um velho sobretudo, e por isso permanecera lá em cima com os pais. Recolhemos os restos de Isabelle pouco depois e foram depositados na cripta do columbário de Père Lachaise. Assim, um capítulo da vida de Serge e Eliane chegara ao fim. De muitas formas, a morte da filha foi uma libertação, tanto para ela como para Eliane em particular, que lhe dedicara tanto tempo.

Mas, como tantas mães, Eliane teria preferido que a filha vivesse mais tempo, independentemente dos sacrifícios que tivesse de fazer. No entanto, como já referi, há um novo capítulo na vida de Eliane: a descoberta de que tem dons de cura. Agora dedica-se a aliviar o sofrimento de outros e, além desse dom, possui outra qualidade especial: sabe bem o que é sofrer. Viveu a dor e a angústia, mas encontrou coragem para as superar, e é essa compreensão, simpatia e determinação que agora oferece aos outros.

Contei a história de Isabelle Yovanovitch porque é importante que os leitores deste livro percebam que o Dr. Lang não é um “homem dos milagres”. Ele consegue, sim, obter resultados notáveis muitas vezes, como já demonstram vários dos casos citados, mas raramente promete uma cura. Por mais esforço que faça para melhorar os pacientes, o destino final deles não está nas suas mãos.

Quando disse a Eliane que queria escrever sobre Isabelle e o fracasso do Dr. Lang em curá-la, ela concordou prontamente. Mas acrescentou que não o considera um fracasso. Isabelle respondeu ao tratamento e a sua morte foi, no fim, totalmente serena, pelo que ele certamente alcançou vários resultados positivos. Além disso, não foi de modo nenhum um fracasso, disse ela, por causa do bem que resultou do encontro com o Dr. Lang e da subsequente descoberta do seu próprio dom de cura. Desde a morte da filha, aliás, o Dr. Lang deu a Isabelle oportunidade de falar com a mãe através de mim, e Eliane afirma simplesmente:

— Para mim, a Isabelle está agora mais viva do que quando estava na Terra.

Assim, de certa forma, longe de “perder” a filha, Eliane reencontrou-a, porque a rapariga com quem agora comunica é viva e inteligente — liberta do corpo paralisado que a aprisionara durante tanto tempo.

Alguns leitores poderão pensar que a estreita ligação de Eliane ao trabalho do Dr. Lang terá influenciado a sua atitude perante o insucesso, por isso cito a homenagem do pai de Isabelle. Ele nunca partilhara a fé da esposa nos curadores, mas expressa a sua gratidão ao Dr. Lang “por tudo o que você e os seus assistentes fizeram para melhorar a saúde dela, com êxito parcial”.

E prossegue: “Confio em Deus, mas também confio em si, Dr. Lang, mesmo que a minha filha tenha morrido. Infelizmente, conhecemo-lo demasiado tarde.” Serge, depois de agradecer a mim e ao Dr. Lang pela nossa bondade, acrescenta: “Não posso esquecer que em Casablanca fui testemunha do milagre de uma velha senhora que recuperou a visão após tratamento.” E, referindo-se de novo ao caso da filha, observa: “Este assunto é demasiado importante para ser descartado por pessoas incrédulas que nunca se confrontaram com tais milagres.”

Outro caso igualmente dramático de mais um insucesso, em que a família e os envolvidos tiveram a mesma perspetiva, diz respeito a um homem residente em Brest. Escrevi ao filho do paciente a perguntar se me permitia usar a história, e esta foi a sua resposta:

Não temos qualquer objeção em que o caso do meu pai seja mencionado no seu livro. Pelo contrário, mesmo não se tendo obtido cura, o alívio — tanto físico como espiritual — que lhe proporcionaram antes da morte foi já por si um êxito. A minha irmã ouviu falar do seu livro pela primeira vez em setembro de 1974. Até então o nosso conhecimento do mundo invisível era muito limitado.

O meu pai adoeceu a 2 de setembro de 1974, queixando-se de fortes dores abdominais e dizendo que já não conseguia digerir nada. Os exames feitos no hospital de Brest revelaram a existência de um cancro nos intestinos, já generalizado e sem qualquer esperança de cura do ponto de vista da medicina ortodoxa. A minha mãe recusou a operação sugerida pelo especialista do hospital, pois seria completamente inútil. Assim, o meu pai foi levado de volta para casa.

Como a medicina ortodoxa não oferecia esperança, recorremos então a curadores. Veio primeiro um de Nantes, depois outro de Quimper, mas as suas intervenções não trouxeram progresso. Depois a minha irmã, que acabara de ler o seu livro, aconselhou-nos a contactá-lo. Para nossa grande surpresa, conseguiu libertar-se e responder ao nosso apelo. O Sr. M..., o nosso médico de família, foi chamado a casa para tratar uma das minhas filhas que tinha gripe.

A minha mulher e eu decidimos contar-lhe acerca de si e dos seus poderes e dar-lhe a conhecer a intervenção do Dr. Lang. Esperávamos uma resposta cética e crítica, mas em vez disso o médico aprovou sem reservas a nossa decisão e revelou ter algum conhecimento do mundo invisível. Chegou mesmo a manifestar o desejo de o conhecer pessoalmente e de assistir à operação sobre o espírito do meu pai.

O dia da sua chegada foi um grande acontecimento para nós e aguardámo-lo com alguma impaciência. Fui buscá-lo ao aeroporto de Brest na noite de quarta-feira. Tratou imediatamente do meu pai e também de alguns dos nossos amigos que estavam muito doentes, a quem eu queria que a sua estadia beneficiasse.

Na manhã de quinta-feira operou de novo o corpo espiritual do meu pai e deixou-nos nessa mesma noite. Essas operações deram-lhe um alívio considerável e diminuíram os ataques súbitos de soluços que por vezes o assaltavam. Prolongaram-lhe também a vida muito para além do limite que os cirurgiões do hospital de Brest lhe tinham dado. Ocasionalmente, o soluço voltava a começar, mas bastava alertá-lo e ele cessava.

Depois da sua visita, o meu pai ficou algo perturbado com a presença de uma jovem que o assistia permanentemente e permanecia aos pés da cama. Contou isto à minha mãe que, por sua vez, nos informou. Explicámos-lhe a razão dessa presença, mas ele ficou tão embaraçado que recusou falar do assunto. No entanto, estamos convencidos de que ele via realmente essa pessoa junto à sua cama.

Com o tempo, foi-se tornando mais fraco. Chamámo-lo novamente em janeiro, mas já era tarde. Foi-se apagando lentamente e faleceu no domingo de manhã, 1 de fevereiro, sem grandes sofrimentos e sem nunca ter tido consciência da verdadeira doença que o afetava. É por isso que consideramos a sua intervenção um êxito — ainda que demasiado tardio — no cancro generalizado do intestino que afetava o meu pai e que costuma ser extremamente doloroso. Posteriormente, a minha mulher e eu sentimos necessidade de aprender mais sobre o

mundo invisível e as nossas estantes enriqueceram-se com numerosos livros sobre o assunto.

Fiquei muito contente por receber esse testemunho de Jean L'Haridon, de Raden-Dour, Châteauneuf du Faou, porque demonstra que o trabalho do Dr. Lang tem muito maiores repercussões para muitos dos que o consultam do que apenas a questão da saúde. Fiquei ainda mais satisfeito quando ouvi o médico de família envolvido neste caso. Não só escreveu em inglês um relato muito longo da sua experiência com o Dr. Lang, como também desenvolveu uma teoria fascinante sobre como é possível o regresso do espírito do Dr. Lang.

E, para completar, deu-me autorização para publicar o seu nome. Trata-se do Dr. Yves Marcel, de Châteauneuf du Faou. Infelizmente, não tenho espaço para citar todo o seu envolvente relatório e, por isso, o que se segue são excertos. Também não tentei traduzir todos os termos médicos para uma linguagem acessível ao leigo. O paciente tinha cancro e as referências mais técnicas interessarão apenas a estudantes de medicina. O Dr. Marcel começa por apresentar o historial clínico do seu paciente:

O Sr. L'Haridon era um homem de 67 anos com aparência saudável, sem antecedentes de relevo. De repente adoeceu a 2 de setembro de 1974, data em que fui chamado a examiná-lo. Os resultados do exame clínico foram muito escassos: uma febre ligeira, com temperatura a variar entre 37,7° e 38,3°C. O paciente estava pálido, com conjuntiva descorada (membrana entre a pálpebra e o globo ocular).

O fígado encontrava-se moderadamente aumentado, estendendo-se três centímetros abaixo do bordo costal direito, mas estava perfeitamente liso ao toque. O Sr. L'Haridon não tinha dores nem apresentava perturbações funcionais; apenas se sentia exausto. A análise sanguínea revelou uma anemia hipocrômica e a velocidade de sedimentação era elevada.

Tive de enviar o paciente ao hospital para mais exames e, ao fim de doze dias, chegaram os resultados: carcinoma sigmoide [cancro do cólon] com numerosas metástases mesentéricas e hepáticas. Foi proposta uma colostomia [operação para permitir a evacuação artificial], a fim de prevenir obstrução intestinal (a remoção do tumor primário era inútil devido à invasão metastática do abdómen). Mas o Sr. L'Haridon opôs-se à operação, pelo que foi autorizado a regressar a casa... para morrer na sua própria cama. A opinião do cirurgião responsável no hospital era que

a morte ocorreria em duas ou três semanas, devido a uma obstrução intestinal ou a uma hemorragia interna grave.

Ficava claro que estávamos perante um cancro altamente maligno, tendo em conta a escassez de sinais clínicos no início, por um lado, e o estado do paciente ao regressar a casa duas semanas depois: nódulos palpáveis no fígado, ascite abdominal [acumulação de líquido] e soluço incessante.

O leitor poderá notar algumas discrepâncias entre os relatos do filho e do médico. São menores, atribuíveis a falhas de memória, e não alteram os pontos principais do caso.

Havia uma epidemia de gripe na cidade e uma das netas do Sr. L'Haridon adoeceu. A família chamou o Dr. Marcel e, depois de ele ter examinado a menina, falaram-lhe do outro doente da casa. O médico relata o que aconteceu a seguir:

O filho do Sr. L'Haridon falou-me (com muita cautela, sabendo da mentalidade fechada da maioria dos médicos deste lado do Canal da Mancha) acerca do Dr. Lang, o cirurgião espiritual, e das suas curas através de um médium. Disse-me que tencionava recorrer a ele. Tive o privilégio de estar presente na terceira vez em que o Dr. Lang operou através de si ao Sr. L'Haridon. O Dr. Lang operou três vezes ao todo. O paciente estava deitado na cama.

O senhor entrou no quarto, sentou-se numa cadeira e entrou muito rapidamente em transe. Depois levantou-se e inclinou-se sobre o paciente. Os seus traços tinham-se alterado, tal como a voz; até o seu inglês era diferente. Já não era o Sr. Chapman que eu vira entrar no quarto minutos antes.

Moveu a mão direita primeiro sobre o fígado do paciente, depois sobre todo o abdómen (a mão mantendo-se a cerca de dez centímetros do corpo), detendo-se aqui e ali em pontos diferentes. Notei um curioso estalar dos seus dedos. Durante esse tempo, a sua “outra voz” dava breves ordens, pedindo instrumentos cirúrgicos: tesouras, pinças, etc.... E essa “outra voz” também proferia palavras de encorajamento para o paciente; perguntava, ainda, sobre o seu estado de saúde. “Sofre? Come as refeições? Vomita? As dejeções são escuras?”, etc. Finalmente, a sua mão permaneceu imóvel durante algum tempo sobre a fossa ilíaca esquerda e depois sobre a testa, desta vez sem estalar os dedos.

O médico francês discute agora o resultado do tratamento de Dr. Lang:

O Dr. Lang operou o Sr. L'Haridon em três ocasiões diferentes. O paciente não sobreviveu apenas três semanas, mas quatro meses. Após as duas primeiras operações, o soluço desapareceu. Até à morte, o paciente não sofreu dores e não precisou de fármacos calmantes. Alimentou-se regularmente, nunca teve obstruções, não sofreu hemorragias internas graves e partiu serenamente.

O Dr. Marcel pede-me desculpa por o dizer, mas ficou “francamente tranquilizado quando vi a sua mão a trabalhar primeiro sobre o fígado do paciente. Pois conhecia o diagnóstico previamente, não é verdade? Penso que, se tudo fosse uma fraude, a sua mão teria começado a trabalhar sobre a fossa ilíaca esquerda.” A sua impressão geral, acrescenta, foi a de que as minhas mãos tentavam agir sobre as metástases e depois “acalmar” o tumor primário e, finalmente, a testa que, segundo a fisiologia tradicional indiana, é a sede do *ajna chakra*, cuja função é regular as diferentes correntes de energia do corpo.

Em seguida, numa tentativa de explicar as técnicas de cura do Dr. Lang, o Dr. Marcel sublinha que cada célula, órgão ou corpo vivo é fonte de um campo eletromagnético. Se o campo eletromagnético de uma célula for modificado, segue-se uma alteração do equilíbrio biológico dessa célula. Durante uma operação, dois campos eletromagnéticos interpenetram-se: o meu e o do paciente. O Dr. Marcel acredita que a abordagem do Dr. Lang ao cancro consiste em transformar suavemente a tremenda energia dissociativa das células cancerosas numa energia que reintegre o padrão de saúde do paciente.

Na sua conclusão, o Dr. Marcel faz várias observações muito pertinentes e fico feliz por lhes dar espaço aqui, pois respondem a muitas questões que certamente surgirão na mente dos leitores — e dos pacientes.

Em última análise, o tratamento foi um fracasso, já que o paciente morreu. Mas não se pode dizer que foi totalmente ineficaz, pois o Sr. L'Haridon viveu mais do que se esperava e passou o resto dos dias com relativo conforto. Coloca-se, portanto, a grande questão: “Quem, ou o quê, é o Dr. Lang?”

O senhor, Sr. Chapman, conhece a resposta, e eu também, penso eu. Mas para muitos dos nossos contemporâneos poderá haver dúvida. Muitos tenderiam a pensar que ele não passa de uma personalidade secundária sua, que vem à tona quando está em transe: o seu “outro lado”, por assim dizer. É uma explicação comum dos guias espirituais, como sabe, mas é muito pobre, pois não esclarece nada. Levado ao pé

da letra, esse “argumento” só poderia ser o primeiro elemento de uma cláusula tautológica: se o Dr. Lang é uma personalidade secundária do Sr. Chapman, então o Sr. Chapman deve ser, simetricamente, uma personalidade secundária do Dr. Lang. E a nossa pergunta, “Quem é o Dr. Lang?”, continua sem resposta.

Para a maioria dos psicólogos de hoje, o termo “personalidade secundária” está mal utilizado e significa apenas uma espécie de fantasia, uma personalidade irreal, inconscientemente criada pelo médium a partir de fragmentos de recordações, unidos pela imaginação. Isto também não é uma explicação satisfatória. É, no máximo, uma hipótese *a priori* que exigiria verificação em cada caso e devo dizer que, no caso do Dr. Lang, a hipótese é completamente irrelevante. Como poderia uma personalidade imaginária fazer um diagnóstico médico razoável e aliviar males físicos reais?

Que outros argumentos esperar de quem acha absurda a ideia de que um médico morto possa tratar pacientes? A morte é o fim da vida, dirão. A morte é a aniquilação da pessoa e não pode haver existência de espécie alguma para os que partiram. A sobrevivência póstuma de uma entidade pensante em modo não corpóreo não é possível, já que o pensamento resulta do funcionamento cerebral, e o cérebro é destruído pela morte. A morte é uma porta que se abre para o nada, e é tudo.

Neste ponto, o Dr. Marcel argumenta longamente que o nada é uma impossibilidade e acrescenta:

Afirmar a existência da não-existência é dar a esta última um modo de existência! Andamos aqui em círculos. A única forma simples e segura de ultrapassar a dificuldade é adotar um novo modelo do universo em que a morte, longe de ser a aniquilação das entidades existentes, representa apenas uma mudança de estado para elas, seja qual for a natureza e a dimensão dessa mudança.

Ora, se admitirmos que a entidade humana do Dr. Lang continua a existir, surge a questão: “Porque é que o seu caso é tão raro?” Afinal, ao longo dos séculos, milhões de médicos devotados à humanidade sofreram também a morte. Não poderiam eles também dar uma ajuda? Regra geral, creio que não, embora alguns o façam.

A investigação parapsicológica estabeleceu que, se a comunicação é frequente entre a pessoa que parte e os vivos durante o curto intervalo que separa a morte clínica do “ponto sem retorno” (a morte real), ela torna-se quase impossível depois de esse ponto ser ultrapassado. Refiro-

me aqui a uma comunicação genuína entre os vivos e a verdadeira entidade partida, o que nada tem a ver com uma simples reativação, pelos vivos, de agregados psíquicos mais ou menos importantes, descartados pelo morto e arrastados pela maré do inconsciente coletivo. Parece que os que partem sofrem uma série de mudanças radicais na sua entidade após a morte física.

Eu diria que a comunicação se torna impossível ou, pelo menos, inexprimível em termos comuns, por falta de paralelismo entre os estados de consciência das entidades encarnadas e desencarnadas. Mas há casos em que um certo paralelismo pode ser artificialmente mantido por algum tempo. Em condições precisas, a entidade desencarnada pode continuar, por algum tempo, a viver a vida mental do encarnado. Seria demasiado longo dar aqui os detalhes dessas condições. Direi apenas que os antigos egípcios sabiam bastante sobre a questão.

Finalmente, há ainda outra razão pela qual o caso do Dr. Lang é bastante raro. Uma entidade desencarnada, vivendo em paralelismo com o mundo mental do encarnado, precisa, para se expressar fisicamente, de encontrar um médium adequado. Ou seja, não apenas uma pessoa com qualidades mediúnicas, mas alguém que seja, ao mesmo tempo, o seu gêmeo psíquico.

Pois, para utilizar eficazmente o corpo do médium, a entidade desencarnada tem de fundir-se com a personalidade dele. Forma-se então um novo complexo psicológico em que a entidade desencarnada constitui a parte ativa e a personalidade do médium a parte passiva (daí, sem dúvida, os sonhos que tem quando está em transe, Sr. Chapman).

Escusado será dizer que a vida póstuma do Dr. Lang significa que ele se impôs um enorme sacrifício, aceitando separar-se, por enquanto, da que teria sido a sua evolução normal no além. Qual será a sorte dos que tentam, deste lado e do outro lado da morte, abalar a gigantesca fortaleza do ceticismo e do desespero, ninguém pode prever.

Citei a fascinante análise do Dr. Marcel sobre o trabalho do Dr. Lang, sob o ponto de vista médico e parapsicológico, não porque concorde com cada palavra, mas porque sinto que ele abordou algumas das questões mais importantes de uma forma muito imaginativa. Enquanto procuro demonstrar, através da minha mediunidade, que a vida continua para além da sepultura e que o Dr. Lang é de facto o homem que afirma ser, tenho de admitir que existem muitos problemas por resolver no que diz

respeito à mediunidade. O Dr. Lang estabeleceu e manteve um excelente e comprovado canal de comunicação, mas isso parece ser a exceção e não a regra. Porque será? Porque não existem muito mais comunicadores da estatura do Dr. Lang? Talvez a hipótese do Dr. Marcel contenha parte ou até toda a verdade. Oferece certamente muito material para reflexão sobre o tema da vida aqui e além, e espero que, juntamente com outros testemunhos que surgem mais adiante no livro, ajude o leitor a tirar as suas próprias conclusões sobre a sobrevivência após a morte.

CAPÍTULO NOVE

APOIO MÉDICO

Poucos dos pacientes que têm vindo às minhas clínicas em Lausana, Suíça, suspeitam que a jovem que por vezes atua como rececionista do Dr. Lang é, na realidade, médica. A Dra. C. G., uma mulher pequena, tímida, de cerca de trinta anos, é psiquiatra e faz parte de um número cada vez maior de profissionais de saúde que aceitaram pronta e entusiasticamente a realidade do Dr. Lang.

Alguns procuraram a ajuda do cirurgião falecido para os seus próprios problemas de saúde, enquanto outros encaminharam os seus pacientes ou familiares para o Dr. Lang quando a medicina ortodoxa já não tinha mais soluções a oferecer. Vários deles tiveram a amabilidade de escrever relatos das suas experiências para inclusão neste livro, e eu e o Dr. Lang estamos-lhes gratos por este apoio tão valioso.

Começo com o testemunho da minha colaboradora em Lausana, a Dra. C. G.:

Sou médica desde 1970 e tive a grande alegria de conhecer o Dr. Lang em agosto de 1975. Ele tem a minha total confiança. O diagnóstico do Dr. Lang não depende do interrogatório ao paciente: é um diagnóstico instantâneo. Mesmo antes de se poder explicar-lhe do que se sofre, ele é capaz de dizer qual é o problema. Diz com precisão, com uma exatidão surpreendente e com detalhes que exigiriam radiografias e exames laboratoriais modernos para que outro médico os pudesse conhecer.

O tratamento e as operações realizadas pelo Dr. Lang revelam um conhecimento notável e profundo de todos os tipos de doenças, mas também um saber iluminado sobre aquilo que o paciente é e a forma muito íntima como vive a sua doença e reage a ela.

Todos os pacientes tratados ou curados têm a mesma confiança e o mesmo afeto por ele, porque é, além disso, um ser de bondade ilimitada e com uma profunda irradiação.

Tenho também o grande prazer de conhecer George Chapman. Se a irradiação inerente à sua bondade e amor pelos pacientes cria uma ligação entre ele e o Dr. Lang, as suas características individuais são, como é natural, muito diferentes. Só posso enviar ao Dr. Lang os pacientes cujo estado de saúde exige tratamento que as nossas terapias convencionais não conseguem resolver satisfatoriamente, assim como aqueles que necessitam de uma operação difícil ou perigosa.

Devo explicar que, embora o Dr. Lang muitas vezes diagnostique doenças da forma como a Dra. C. G. descreveu, é habitual discutir os problemas e sintomas do paciente — tal como faz um médico terreno — antes de realizar o exame. É durante a observação que a sua capacidade de identificar distúrbios se manifesta, e por vezes comenta problemas que nem ele nem o paciente haviam mencionado.

Um dentista francês, o Sr. D. A., trouxe a sua filha Ruth para ver o Dr. Lang em meados de 1975. O seu testemunho é breve e direto:

Ela sofria de uma meningite cerebrospecial e estava cega e paralisada. Graças aos seus cuidados recuperou a visão; o olho direito ainda estrabiza ligeiramente, mas nada mais. Continua meio paralisada. Não consegue sentar-se nem andar, mas talvez a possa tratar novamente quando regressar a Paris. Com toda a minha gratidão.

Outra dentista, desta vez uma mulher a viver e exercer na Suíça, testemunha a cura que recebeu do Dr. Lang. Eis o relato da Dra. N. P.:

Tendo rompido alguns ligamentos em ambos os joelhos durante o esqui na juventude, e nunca tendo dado o tempo necessário para que recuperassem, estes deterioraram-se com os anos; a tal ponto que já não conseguia esticar a perna esquerda e sofria constantemente, de dia e de noite.

Depois de ler *Healing Hands* pedi ao Sr. Chapman que me tratasse por cura à distância enquanto esperava por uma consulta. Passado algum tempo, senti que algo se libertava no joelho e nesse mesmo dia recebi uma carta do Sr. Chapman a dizer-me que a cura à distância tinha começado.

Consegui uma consulta com o Dr. Lang, que recolocou o meu joelho e tratou também algumas deficiências do sistema circulatório, dos olhos e

de músculos frouxos. Quando regressei a casa já não tinha dores e, gradualmente, o joelho foi-se soltando, tal como me tinham dito. Atualmente consigo fazer excursões de montanha sem dor alguma. Já consigo esticar a perna, mas tive de aprender a fazê-lo, pois a dor tinha causado posturas e hábitos incorretos que precisavam de correção.

Só posso abençoar e agradecer ao Dr. Lang e ao Sr. Chapman por esta possibilidade de colaboração com o plano astral e desejo que exemplos de cura possam testemunhar cada vez mais a continuidade da vida, mesmo que ainda não compreendamos todas as regras.

O Dr. J. C. é patologista consultor da marinha do seu país e patologista forense do governo. Descreve como “um prazer e uma honra” contribuir para o meu livro. Comenta:

O Dr. Lang deve ter sido um homem muito inteligente e muito humano. Quando o consultei em Aylesbury pude confirmar que tudo o que disse sobre o meu estado estava correto do ponto de vista médico. Ninguém pode duvidar de que o Dr. Lang foi um médico em vida e eu não hesitaria em encaminhar pacientes para ele.

Ao sair do consultório em St. Bride's senti uma sensação de bem-estar extraordinária, como nunca tinha sentido. Além disso, o meu olho esquerdo, que não tinha visão há muito tempo, parece estar a melhorar. Só peço a Deus que continue e que recupere a visão desse olho. Voltarei a vê-lo no próximo ano caso precise de mais tratamento. Agradeço novamente toda a ajuda que me deu, pois até consegui passar no exame.

O Dr. J. C. não é o único a acreditar que o Dr. Lang o ajudou na altura dos exames: vários jovens médicos procuraram a sua ajuda. Não sugiro que o Dr. Lang lhes sobre as respostas, mas o que faz é discutir as suas preocupações quando o visitam e, no dia do exame, ajuda a afastar as tensões e ansiedades que tantas vezes bloqueiam a mente.

Em França, os massagistas médicos competentes recebem diplomas do Estado, o que significa que são oficialmente reconhecidos pelo Ministério da Saúde e os seus honorários reembolsados. O Sr. R. C. pertence a esta profissão e ele e a esposa consultaram o Dr. Lang após lhes emprestarem um exemplar de *Healing Hands*. Eis o que lhes aconteceu:

Tivemos a primeira consulta a 11 de outubro de 1975, depois uma segunda a 24 de fevereiro de 1976. Entretanto, a cura à distância foi mantida. A minha esposa tinha sido submetida a uma operação delicada

no lado esquerdo do lábio superior e eu sofria de sinusite crônica há muitos anos, bem como de distúrbios digestivos e circulatórios.

Os resultados, lentos no início, foram surpreendentes mais tarde e o cirurgião que acompanhava a minha mulher ficou espantado com a rapidez da melhoria. Quanto à minha própria saúde, posso dizer que a sinusite diminuiu e que o estado geral melhorou bastante. Com melhor saúde, a nossa vida é mais agradável e harmoniosa. Toda a nossa gratidão ao Dr. Lang e à sua equipa.

Quando estou em França encontro-me muitas vezes com o Dr. F. J., que é médico consultor geral e especialista num hospital de Paris. Alto, distinto, impecavelmente vestido e de trato encantador, a sua opinião sobre o Dr. Lang e o seu trabalho assenta em mais de quarenta anos de experiência médica:

Tive oportunidade de confiar um número considerável de pacientes ao Dr. Lang. Para além dos que sofriam de doenças funcionais e que foram curados quase a cem por cento, alguns pacientes foram tratados pelo Dr. Lang para doenças orgânicas. Um deles tinha dupla catarata e descolamento bilateral da retina. Fora operado por um excelente especialista mas, infelizmente, sem sucesso. Depois da operação do Dr. Lang, contudo, recuperou a visão de forma notável. O especialista perguntou-lhe: “Quem o operou?”

Algumas varizes pronunciadas, em ambas as pernas, diminuíram pelo menos dois terços e o edema desapareceu por completo. Uma hérnia diafragmática viu todos os seus sintomas funcionais desaparecerem após dois tratamentos do Dr. Lang.

Estes poucos exemplos demonstram que o tratamento dado pelo Dr. Lang é eficaz.

Os pacientes do Dr. F. J. têm muito a agradecer-lhe, pois ele tem a coragem de os encaminhar para o Dr. Lang. Mas no caso do meu próximo “testemunho”, um quiroprático americano, foi uma das suas pacientes, uma enfermeira, a responsável por o apresentar ao Dr. Lang. Procurou cura à distância e, numa carta datada de março de 1976, o Dr. R. M., que exerce numa cidade californiana, conta o que aconteceu:

Há cerca de oito anos sofri um acidente de automóvel e fiquei com uma miofascite cervical traumática (*whiplash*). Apesar de ter recebido tratamentos periódicos de manipulação em toda a coluna, o pescoço tornou-se muito doloroso e os olhos cada vez mais incómodos. As

dores de cabeça, tanto frontais como occipitais, tornaram-se insuportáveis — ao ponto de, por vezes, eu literalmente “perder” um dia, sem ter depois consciência do que acontecera. Vários amigos médicos assistiam-me, mas o progresso era miseravelmente lento.

Uma paciente minha, enfermeira registada num grande hospital local, deu-me um livro que descrevia o trabalho do Dr. Lang. Foi um choque, mas fazia sentido. Porque não tentar? Escrevi para Inglaterra a pedir ajuda a George Chapman. Poucas noites depois, enquanto estava sentado num concerto, *senti* uma presença.

Nessa noite, durante o sono, despertei parcialmente e vi alguém a massagear-me os olhos, um de cada vez. Era como se observasse enquanto me faziam aquilo. A mesma coisa repetiu-se várias noites na semana. Em breve os sintomas começaram a desaparecer e, ocasionalmente, tive apenas algumas dores de cabeça ou incómodos nos olhos. Hoje não sinto nada.

Em várias outras ocasiões pedi ajuda quando sofria de neurastenia (um estado neurótico) devido a um horário demasiado intenso. Gosto de pensar que consigo fazer demasiadas coisas e depois descubro que fico sem “forças”. Sempre o Dr. Lang veio em meu auxílio e salvou-me de mim próprio. Estou-lhe grato pela ajuda. A minha secretária sofria de endometrite (inflamação do revestimento do útero) com todos os sintomas relacionados. O meu trabalho ajudou-a um pouco, mas precisava de mais do que eu podia oferecer.

Os médicos dela estavam exasperados e já tinham preparado o bisturi, mas ela não queria seguir esse caminho. A única outra resposta era o Dr. Lang. A sua história segue em anexo.

Aliás, num pós-escrito à sua carta, o Dr. R. M. disse-me que escreveria de novo em breve para discutir formas de transmitir energia aos seus pacientes do modo como o Dr. Lang o faz. Agora passo a citar a carta da sua secretária, a Sr.^a M. H.

Há vários anos sofri grandes incómodos e dores que duas intervenções de dilatação e curetagem (D & C, que consistem na dilatação do colo do útero e raspagem da parede uterina para remover material indesejado), realizadas no hospital, não conseguiram corrigir. O passo seguinte seria a remoção do útero, o que eu não queria. O Dr. R. M. sugeriu que eu escrevesse ao Dr. Lang acerca do meu problema. Eu já tinha lido *Healing Hands*, por isso estava familiarizada com as curas que ele realizara.

Depois de enviar a carta, percebi, algumas noites mais tarde, que havia alguém perto de mim enquanto trabalhava na cozinha. À medida que o Dr. Lang trabalhava comigo através da cura à distância, comecei a sentir-me muito melhor. Após um curto período de tempo, estava ótima e a dor que me atormentara durante mais de um ano desapareceu. Sei do trabalho maravilhoso que ele fez e agradeço profundamente a cura que me concedeu.

Esses testemunhos, tanto do Dr. R. M. como da sua secretária, confirmam o que referi no Capítulo 7 sobre a eficácia da cura à distância. A próxima contribuição vem de um jovem médico britânico que trabalha atualmente num hospital da costa sul, tendo também exercido no estrangeiro como médico interno sénior adjunto em vários hospitais, mas que agora planeia tornar-se médico de família quando terminar o seu exame:

Estou encantado por me pedirem uma opinião sobre o Dr. Lang e tenho de ter cuidado para não exagerar — mas na verdade não se pode falar em demasia do trabalho extraordinário que ambos estão a realizar. Conheci o Dr. Lang apenas uma vez, no seu consultório em St. Bride's, onde ele operava através do médium George Chapman. Nessa altura, confesso, fui como paciente.

O meu problema não era assim tão grave, mas tenho uma síndrome de má absorção (falha na absorção de alimentos no intestino) e, depois de alguns exames hospitalares desagradáveis que não detetaram a causa, estava curioso para ver se o Dr. Lang poderia resolvê-lo. Não ia realmente céptico, porque a existência de corpos espirituais já me tinha sido explicada anos antes, e não me lembro de ter ficado surpreendido — apenas aliviado e muito grato — quando ele, de facto, resolveu o problema.

O Dr. Lang diagnosticou que o canal pancreático se dobrava de vez em quando e, por isso, não passava quantidade suficiente de enzimas digestivas pancreáticas para lidar com todos os alimentos que eu ingeria. Isso foi há dois anos e nunca mais tive problemas. Portanto, pela minha própria experiência, não tenho qualquer dúvida da veracidade do Dr. Lang e pediria certamente que ele visse pacientes ou que organizasse cura à distância para os que precisassem. Mas devemos lembrar que ele é um homem ocupado e não gostaria de receber uma lista de encaminhamentos de amigdalites e dores de costas! Os pacientes devem querer ver o Dr. Lang e penso que as pessoas que precisem de

cura à distância devem ser perguntadas se a querem, a menos que estejam mentalmente doentes ou não possam falar por si. Mas hoje em dia muita gente aceita a existência de um mundo espiritual e o facto de termos uma componente espiritual em nós. Embora seja necessário usar alguma discricção de vez em quando, é revelador como poucas pessoas gozam de nós quando se fala em cura espiritual.

Fiquei a saber que o conhecimento do Dr. D. B. sobre o além vinha da sua avó que, quando ele escreveu, tinha noventa e um anos e estava “desperta como um grilo. Mas diz que já ficou tempo suficiente neste mundo e aguarda com entusiasmo o próximo!”.

Outro médico britânico que consultou o Dr. Lang fê-lo para um problema muito mais grave. O Dr. A. S., clínico geral no sudeste de Londres, esperava uma morte lenta e dolorosa, mas o seu encontro com o Dr. Lang parece ter-lhe evitado um fim precoce. Eis o relato que me enviou em fevereiro de 1976:

Há cerca de dois anos, os meus médicos disseram-me que, infelizmente, eu tinha uma recidiva de um meningioma [tumor benigno no cérebro]. O diagnóstico foi confirmado por radiografias, tomografia eletrónica e uma cintigrafia EMA. Ao mesmo tempo disseram-me que a operação estava contraindicada devido ao meu problema cardíaco. Foi então que soube do Dr. Lang e do Sr. Chapman e pedi a sua ajuda. Desde então, tenho recebido tratamento à distância bem como em contacto.

O Dr. A. S. entrou no hospital a 12 de agosto de 1974 para uma angiografia cerebral, técnica em que se injetam substâncias radio-opacas no sangue para que eventuais anomalias dos vasos sanguíneos apareçam nas radiografias. Infelizmente para o médico, o que deveria ter sido um exame simples e de rotina quase lhe custou a vida. Teve um ataque cardíaco e só foi reanimado com massagem cardíaca que lhe deixou algumas costelas partidas.

Só seis dias depois pôde regressar a casa, mas mais tarde escreveu a dizer que tinha a certeza de que o tratamento à distância do Dr. Lang tinha resultado numa recuperação muito mais rápida do que o normal. De facto, a cura à distância trouxe ainda outras melhorias, e duas semanas antes de ter a primeira consulta com o Dr. Lang em Aylesbury, o Dr. A. S. relatou uma diminuição das dores de cabeça localizadas no sítio do tumor; uma redução da “confusão” na cabeça; e, “mais notável de tudo”, a rigidez na perna direita, que sofria desde uma operação nove anos

antes, começou a aliviar e ele sentiu maior sensibilidade no pé direito, embora o joelho dessa perna continuasse algo rígido.

O primeiro exame e tratamento do Dr. Lang ao Dr. A. S. aconteceu a 9 de setembro de 1974 e, durante vinte e quatro horas, ele sentiu-se eufórico mas irritável — sensação que desapareceu no dia seguinte. Infelizmente, no regresso de Aylesbury, o Dr. A. S. teve de andar depressa à chuva e “sentiu” o coração pela primeira vez, quando deveria ter-se resguardado. Contudo, a sua condição geral continuou a melhorar e a cabeça estava muito mais “clara”. “Isto”, disse ele, “só pode dever-se ao efeito do tratamento sobre o edema cerebral, que foi notado nas radiografias, pois não houve outro fator que pudesse produzir tal melhoria.”

Além disso, a sua caligrafia, que se estava a tornar muito má (típica da distorção provocada por tumor cerebral), melhorou bastante e estava praticamente normal. O pé direito também melhorou e ele pôde deitar fora o guarda-chuva que há muito usava como bengala. Relatou ter tido um episódio jacksoniano durante a noite, que é um tipo de ataque epilético associado a doenças cerebrais localizadas, mas admitiu não ter tomado a medicação tão regularmente como devia e achou que isso seria a causa.

Esse foi o relatório de outubro de 1974. Agora volto a citá-lo, já em fevereiro de 1976, mostrando que os progressos continuaram:

Sinto-me muito melhor desde que recebo cura do Dr. Lang. As dores de cabeça desapareceram; a cabeça voltou a estar “clara”. Há pouco mais de um ano, a minha mulher e eu conseguimos fazer uma viagem de avião até à Austrália. Assim, em vez de mergulhar num doloroso esquecimento, como seria de esperar com a progressão do tumor, com dores de cabeça constantes, sonolência, falta de concentração, etc., sinto-me agora um novo homem.

Na minha opinião, não pode haver outra explicação senão o desaparecimento do tumor, e nenhuma outra razão para isso exceto o tratamento que me foi dado pelo Dr. Lang.

Em 1974, um médico suíço de 47 anos adoeceu com a doença de Parkinson, para a qual não existe tratamento médico eficaz único, e sofreu também um colapso nervoso. O Dr. G., dermatologista, sabia que era uma doença progressiva do sistema nervoso em que os músculos se tornam rígidos e se sofre de um tremor contínuo. Eis a sua história:

Por acaso — mas sabemos bem que o acaso não existe — uma senhora cujo apelido já esqueci marcou-me uma consulta, sem eu a ter pedido, com George Chapman para 22 de janeiro de 1975. Ele era seu hóspede em Lausana. Após um período de espera ansiosa, a minha mulher Françoise e eu fomos conduzidos a uma sala escurecida onde George Chapman recebia pacientes.

Recebeu-nos sem abrir os olhos e cumprimentou-nos com um acolhedor “Que bom vê-lo”. Depois, ele — ou melhor, o Dr. Lang — fez algumas perguntas e disse-me então para me deitar e relaxar no sofá. Fez um exame ao meu corpo com as mãos, sem me tocar, e disse que havia um desalinhamento entre o meu corpo espiritual e o meu corpo físico. Acrescentou que as minhas glândulas endócrinas não estavam a funcionar bem.

O Dr. Lang “operou” o meu cérebro, as minhas glândulas endócrinas e o corpo espiritual. Depois disse-me: “Vai sentir-se muito cansado até esta noite. Deve sentir-se melhor dentro de uma semana. Se não, espere três meses. Se, ao fim desses três meses, não sentir que foi curado, venha ver-me outra vez.”

Foi exatamente o que aconteceu. Vi George Chapman duas vezes, depois uma última a 24 de junho de 1975. Nessa altura já não tomava a medicação prescrita pelos médicos para a doença de Parkinson e não voltei a tomá-la. Desde então não tive qualquer recaída e estou convencido de que estou completamente curado.

O professor que me tratara em 1974 no seu Departamento de Neurologia ficou muito feliz por me ver curado e concordou com a cessação do tratamento médico. Não encontro palavras para exprimir a minha gratidão ao Dr. Lang e a George Chapman, e rezo para que muitos mais pacientes desesperados possam beneficiar da sua ajuda durante muito tempo.

O último testemunho médico deste capítulo vem de outro médico francês. A França parece ser o país onde o Dr. Lang teve maior impacto recente na profissão médica, e o Dr. F., de Marselha, cooperou muito de perto com o Dr. Lang, como deixa claro neste relato:

Depois de ler *Healing Hands* fiquei muito intrigado e muito céptico quanto à forma de tratar do Dr. Lang através da mediunidade de George Chapman. Entre os meus pacientes tinha dois casos incuráveis de cancro avançado, e marquei-lhes consultas com Chapman-Lang na esperança de os ver aliviados da dor.

O primeiro paciente era um homem de 45 anos com um cancro muito evoluído da laringe, de forma histológica. Os professores da faculdade que tinham sido consultados não lhe davam mais tempo de vida do que até ao Natal de 1975. A segunda paciente, de 68 anos, tinha cancro da bexiga em estado muito avançado. Assim que regressaram a Marselha, depois dessa primeira consulta com o Dr. Lang, o meu paciente mostrou um desaparecimento notável das dores violentas que sofrera até então.

O crescimento rápido do cancro, iniciado uns oito dias antes da viagem, parou e, ao exame, notou-se mesmo uma regressão tumoral. Além disso, as volumosas adenopatias que apresentava ao nível do pescoço diminuíram de tamanho. Recuperou a fala normal e já não tinha dores ao engolir. Finalmente, nos dias e semanas seguintes, o estado geral do paciente melhorou consideravelmente, traduzindo-se numa recuperação do peso perdido — doze quilos.

Quanto à segunda paciente, também ela mostrou uma grande diminuição das dores e uma melhoria do estado geral. Contudo, não foi possível avaliar o resultado do tratamento do Dr. Lang sobre o tumor em si. Mais tarde, estes dois pacientes voltaram a encontrar-se regularmente com o Dr. Lang. Após cada encontro, notava-se melhoria do estado deles, acompanhada de uma regressão tumoral mais ou menos significativa.

Infelizmente, entre essas consultas, a doença seguiu a sua evolução e, no fim, o desfecho foi fatal. Mas é verdade que a ação do Dr. Lang contribuiu de forma evidente para o conforto dos pacientes, com uma diminuição considerável da dor e um abrandamento distinto do crescimento tumoral.

Desde então, tive oportunidade de apresentar novos pacientes ao Dr. Lang e nem eles nem eu tivemos motivo para nos arrependermos. Assim, pude constatar casos perfeitamente extraordinários de curas:

— Desaparecimento, numa só sessão e, ao que parece, olhando agora para um ano decorrido, cura de um tumor maligno no cérebro de uma criança pequena.

— Numa sessão, uma criança de sete anos que nascera completamente paralisada começou a andar de gatas.

— Desaparecimento das dores em casos muito graves e avançados de artrite, especialmente coxartrose [que afeta a anca].

— Desaparecimento de cálculos renais e da vesícula biliar, etc.

Finalmente, o meu ceticismo em relação à cura psíquica ou espiritual foi confrontado com uma realidade que o fez desaparecer. No entanto, permanece o pesar de que estes fenómenos de cura não sejam constantes de um paciente para outro, mesmo em casos de doenças estritamente idênticas. Isto deve-se provavelmente tanto ao grau de recetividade do paciente a tais terapêuticas como à intervenção de um poder e de uma inteligência superiores à do Dr. Lang. Mas o simples facto de tais fenómenos existirem torna obrigatória a sua divulgação, de modo a dar esperança de cura aos incuráveis e a esperança de um mundo espiritual para além do mundo materialista que o homem construiu.

CAPÍTULO DEZ CELEBRIDADES

Larushka Skikne foi uma das várias celebridades que vieram ver o Dr. Lang em 1973. Provavelmente conhecer-lo-á melhor, no entanto, pelo seu nome artístico – Laurence Harvey. A estrela de filmes como *Room at the Top*, *Life at the Top*, *Butterfield 8* e *Darling*, para citar apenas quatro de entre vinte e cinco ou mais, estava gravemente doente com cancro e devia saber, quando marcou consulta com o Dr. Lang, que havia pouca esperança de vencer a luta contra essa terrível doença. Mas ele, como tantos outros, esperava que o Dr. Lang fosse capaz de operar um milagre.

Além da fama como ator, Laurence Harvey – que tinha nascido na Lituânia, daí o seu verdadeiro nome – aparecia frequentemente nas colunas de mexericos dos jornais devido à sua vida amorosa tempestuosa e aos seus muitos casamentos. Uma das suas várias esposas foi Margaret Leighton, mas o último amor da sua vida foi Paulene Stone,* uma bela modelo inglesa com quem viveu vários anos e de quem teve uma filha, Domino, antes de se casarem a 31 de dezembro de 1972.

O casamento durou apenas dez meses antes de o cancro fazer mais uma vítima. A história da relação deles e da luta corajosa mas infrutífera de Laurence Harvey contra a doença é contada por Paulene Stone e Peter Evans no fascinante livro *One Tear is Enough. My Life With Laurence Harvey* (Michael Joseph Ltd). Quando foi publicado em 1975, fiquei encantado por descobrir que Paulene tinha incluído um relato do encontro do famoso ator com o Dr. Lang.

**(NT: O relato do sucedido, na primeira pessoa, aparece no final da obra, por iniciativa minha.)*

Foi em setembro de 1973, pouco depois de Laurence Harvey regressar da América, que Roy Everson, um amigo que também tinha sido o seu duplo no cinema durante muitos anos, o visitou. Levou consigo um exemplar de *Healing Hands* e contou ao ator tudo sobre o meu trabalho. Paulene admite que ouviu com nervosismo, mas de algum modo o amigo impressionou Larry – como gostava de ser chamado – e ele aceitou ler o livro.

O amigo aconselhou-o a marcar uma consulta com o Dr. Lang, acrescentando que, se não fosse mais nada, seria uma risota. Larry leu o livro nessa noite, apesar de a doença lhe dificultar muito a concentração durante longos períodos, e na manhã seguinte escreveu a pedir uma consulta. A luta do ator contra o cancro já era de conhecimento público e consegui dar-lhe uma marcação rápida.

Paulene levou Larry a Aylesbury quando chegou o momento e admite no seu livro que estava «francamente cética em relação a tudo aquilo» e que Larry aparentemente também tinha reservas. O ator foi conduzido ao consultório do Dr. Lang e Paulene esperou do lado de fora, perguntando ao meu filho Michael sobre a técnica do cirurgião espiritual e sobre os estalos de dedos que conseguia ouvir vindos de dentro da sala. Ela descreve a cena e a conversa, e depois a sua história continua:

Ao fim de cerca de uma hora, Larry saiu do gabinete do médico. Parecia absolutamente abalado com tudo aquilo. Quando me aproximei dele, o Dr. Lang chamou-me do consultório: «Sra. Harvey, se faz favor, agora gostaria de a ver.»

— «Estás bem, querido?» perguntei.

Larry respondeu: «Sim, sim. Faz o que o médico diz.»

Era uma sala pouco iluminada, com lâmpadas vermelhas. O Dr. Lang permanecia sentado e sombrio por detrás de uma grande secretária de sócio. A princípio tive a impressão de que era um velhinho, talvez com uns sessenta e tal anos. Nos seus movimentos precisos e meticulosos, na fala pedante mas cortês, era o retrato de um vitoriano. À medida que os meus olhos se habituaram à penumbra, percebi que não era tanto velho, mas antes que dava a impressão de o ser.

O Dr. Lang mostrou a Paulene a sala, apontando relíquias do seu passado, e ela achou tudo «estranho mas fascinante». Contudo, estava

ansiosa por falar do marido doente e perguntou pela observação feita pelo Dr. Lang.

Ele voltou lentamente para a secretária e sentou-se com um suspiro de velho, carregado de um cansaço doloroso. Por fim disse: «A senhora sabe, claro, que o seu marido está muito doente. De facto, está gravemente doente.»

— «Sim, eu sei», respondi irritada. «É por isso que estamos aqui.» Por um instante achei toda aquela encenação demasiado ridícula. Era como estar enfiada no meio de um melodrama de gás mal encenado. Fiquei zangada comigo própria por permitir que o Larry se deixasse envolver num exercício tão fútil. Mas depois, à medida que o Dr. Lang continuava a falar-me com a sua voz cortês e suave de velho, achei-o curiosamente reconfortante. Além disso, estava notavelmente bem informado. Por exemplo, queria discutir com ele o tratamento de quimioterapia a que o Larry estava a ser submetido; não parecia surtir efeito e o Larry receava-o profundamente. Mas será que o Dr. Lang saberia algo sobre esta nova forma de tratamento do cancro? É muito difícil dizer a um homem sentado à nossa frente, atrás de uma secretária: «Está morto desde 1930. Sabe mesmo o que se passa no mundo hoje?»

Mas quando mencionei a quimioterapia, o Dr. Lang sabia tudo sobre o assunto. Deve ter reparado no meu ar de surpreendida. «Mantenho-me a par de todos os desenvolvimentos», disse, um pouco em tom de repreensão, mas sorrindo docemente.

O Dr. Lang fez uma pausa para pensar. Depois ofereceu este conselho a Paulene: «Consulte o seu médico, claro. Mas se o Sr. Harvey fosse meu filho, eu pararia imediatamente.» Acrescentou que o fígado do Larry estava a começar a falhar, o que se confirmou três dias depois, quando apareceram os primeiros sinais de icterícia.

Quando Paulene expôs as suas dúvidas sobre a quimioterapia ao médico de Laurence Harvey – «Tive o cuidado de não mencionar o nome do Dr. Lang» – ele disse que estava prestes a discutir o mesmo assunto, já que o tratamento deixara de ter o efeito desejado e era psicologicamente mau para o doente. Mas, como tinha sido prescrito na Califórnia, queria consultar os médicos de lá antes de concordar em interromper. «Eles concordaram sem pestanejar», comentou ela.

Depois desse primeiro encontro com o Dr. Lang, os Harveys saíram de Aylesbury em completo silêncio. «Fiquei terrivelmente impressionada»,

escreve Paulene, «e mais do que ligeiramente abalada.» Larry, claro, podia ser o mais cínico dos homens e esperei que dissesse algo como:

«Foi o melhor número de teatro sombrio que vi há muito tempo.» Mas não disse absolutamente nada. Ainda hoje não sei bem o que o Larry retirou do Dr. Lang. Voltámos uma vez mais a Aylesbury, mas depois disso o Larry já estava demasiado fraco para viajar e o Dr. Lang veio a casa. Penso que, em muitos aspetos, fui eu quem mais retirou das visitas do que o Larry. Talvez fosse apenas uma pequena chama, mas aqueceu-me e afastou um pouco da escuridão.»

Quando visitei Laurence Harvey em sua casa, foi a primeira vez que o conheci, porque nas ocasiões anteriores eu já estava em transe quando ele chegava. Isso deu-me a oportunidade de conversar longamente com ele sobre muitos interesses comuns antes de o Dr. Lang assumir e fazer a cura. Gostei muito dessas visitas e fiquei bastante surpreendido ao ler no livro de Paulene que: «*Acho que o Larry preferia muito mais o Chapman do que o Lang.*» O ator demonstrou a sua gratidão enviando-me algumas garrafas do seu próprio champanhe com rótulo especial.

É difícil saber até que ponto o Dr. Lang conseguiu realmente ajudar o ator. Fomos certamente chamados demasiado tarde para fazer mais do que suavizar a sua partida, mas creio que isso foi conseguido. A sua mulher relata que, depois de abandonar o tratamento de quimioterapia, também reduziu ao máximo a toma de medicamentos, e afirmava sentir-se melhor. Mas, por fim, aos 45 anos, morreu. Estou certo de que o Dr. Lang o ajudou na sua chegada ao outro mundo e espero que o encontro que teve comigo e com o Dr. Lang nos últimos dois meses da sua vida terrena lhe tenha aberto os olhos para a realidade de uma vida além desta.

Outro dos meus pacientes está no mundo do espetáculo há quase sessenta anos. É provavelmente mais conhecido em todo o mundo pelo papel de Alfred F. Doolittle, tanto nas versões americanas como britânicas da peça *My Fair Lady*, e também na versão cinematográfica de 1964, que foi um grande sucesso. É, claro, Stanley Holloway e, sempre que penso nele, ouço-o a cantar *I'm getting married in the morning*. A sua carreira de ator e cantor começou em Londres em 1919 e a lista da sua obra é impressionante. Mas há um filme que não consta nos créditos deste decano dos atores britânicos, porque é privado, feito para mim. Durante uma das suas visitas a Aylesbury para ver o Dr. Lang, Stanley aceitou muito amavelmente a ser filmado comigo para uma sequência

num filme que mandei fazer sobre o Dr. Lang. O ator, com oitenta e sete anos, procurou a ajuda do Dr. Lang para um problema ocular e disse-me que obteve algum benefício das visitas a Aylesbury, mas o tratamento continua.

Entre outras figuras bem conhecidas do mundo do espetáculo que foram tratadas pelo Dr. Lang está Patricia Neal, que ganhou um Óscar de melhor atriz pelo seu papel de governanta sofredora no filme *Hud*. Sofreu um AVC que muitos pensaram que acabaria com a sua carreira, mas conseguiu uma recuperação extraordinária e retomou o cinema.

O marido dela, Roald Dahl, escritor bem conhecido e cujos livros infantis são um encanto especial, também consultou o Dr. Lang, e pedi-lhe comentários sobre o tratamento que receberam. Disse-me que a esposa foi a St. Bride's na esperança de que o Dr. Lang pudesse melhorar a lesão na perna direita, que lhe causava uma coxeadura, mas ele não conseguiu.

«Também fui ter com ele várias vezes por causa de dores de costas», acrescentou. «Já tinha feito quatro laminectomias [remoção dos arcos vertebrais sobre a espinal medula] e, de vez em quando, as coisas corriam mal e mal conseguia andar. Na primeira vez que fui com esse problema, os sintomas desapareceram por completo em dois dias. Foi esplêndido e dei todo o crédito ao Sr. Chapman na minha mente. Da vez seguinte que lá fui, acho que um ou dois anos mais tarde, com o mesmo problema, infelizmente não houve resultado.»

Não é exagero dizer que o Dr. Lang foi consultado por figuras de relevo em praticamente todos os ramos da vida. Tomemos a banca, por exemplo. Um dos primeiros pacientes foi Sir Richard Pease, Bt, diretor do Barclays Bank Ltd e figura muito conhecida na cidade. Quando lhe perguntei se me permitia mencioná-lo neste livro, acedeu prontamente. Foi consultar o Dr. Lang há cerca de quinze anos, quando procurava todas as soluções possíveis para um problema nos olhos para o qual os médicos já nada podiam fazer.

«Ao longo do tempo», testemunha, «creio que George Chapman resolveu a dificuldade que eu tinha com os olhos.» E acrescenta esta observação: *«Olhando para trás, penso que aquilo que mais impressão me causou, na altura, foi o diagnóstico de George Chapman sobre o que estava errado com os meus olhos, que coincidia com outros problemas de saúde que eu já tinha tido.»* Foi, claro, o Dr. Lang quem fez o diagnóstico através de mim.

Foi também por problemas de visão que outra figura bem conhecida veio bater-me à porta. Um jornalista descreveu-a como «*a deusa da juventude, rainha da saúde, tomadora de 82 comprimidos por dia e autora de 200 romances de sucesso*». Essa descrição só pode corresponder a uma pessoa: Barbara Cartland. No início de 1978 li que estava a escrever um novo livro. Não um romance desta vez, mas um livro sobre experiências psíquicas, incluindo as suas próprias. Não sei se eu e o Dr. Lang constaremos nele, mas aqui fica o relato da sua consulta, escrito especialmente para este livro:

«Quando fiquei com a coluna deslocada ao cair no Taj Mahal ao luar, a única pessoa que a conseguiu endireitar foi o famoso curador escocês Bruce MacManaway. Com a ajuda dele, não só curei as costas, como também, com pantotenato de cálcio, a artrite que se instalara porque estivera deslocada durante dezoito meses.

Em fevereiro de 1977 contraí um vírus muito forte que afetou a garganta e o peito. Fiquei com líquido atrás da retina do olho direito. O oculista estava muito relutante em usar qualquer forma de tratamento, pois na maioria dos casos o líquido dissipa-se naturalmente. O major MacManaway, no entanto, achou que George Chapman poderia talvez ajudar-me.»

Cheguei a sua casa e descobri que, anexo, tinha um consultório que era um pequeno bloco quadrado de betão. Como eu era o primeiro paciente do dia, recebeu-me e conversámos um pouco sobre o seu trabalho. Achei-o um homem bem-apegoado, com cabelo grisalho e barba. Contou-me que tinha estado nos Comandos da RAF e reparei que tinha uma ligeira pronúncia cockney em certas palavras, um pouco semelhante à de Edward Heath. Explicou-me que era controlado pelo Dr. Lang, que fora médico no Middlesex Hospital e tinha morrido em 1935.

Olhei para várias fotografias antigas do Dr. Lang com enfermeiras e depois entrei numa sala ao lado onde havia muitos móveis que ele tinha usado — a marquesa, a secretária, a cadeira, a Bíblia e o livro de marcações. George Chapman e eu ainda falámos durante uns minutos e depois disse: «*Agora vou despedir-me e entrar em transe, no qual permanecerei até às cinco da tarde.*» Fechou os olhos durante alguns minutos, depois começou a falar como o Dr. Lang com um forte sotaque escocês. Escutei com muita atenção, pois é bem sabido que um sotaque escocês ou francês é das melhores formas de disfarçar a voz. Mas, durante a meia hora em que estive com o «Dr. Lang», nunca pronunciou

nenhuma palavra com o sotaque de George Chapman. Examinou-me sem me tocar e, usando muitos termos médicos, disse finalmente que eu tinha uma ligeira adesão ao fígado que poderia causar problemas mais tarde e que a removeria através de cirurgia espiritual.

Deitei-me na marquesa e ele disse-me: «*Não se assuste com os estalos.*» Eu não fazia ideia do que queria dizer, mas enquanto operava ouviram-se estalos muito fortes e surpreendentes, como se duas peças de metal fossem batidas uma contra a outra mesmo por cima da minha cabeça. Olhei para cima e, pelo que consegui ver, era absolutamente impossível que esse som viesse da parede ao lado — atrás da qual ficava a sala de espera — ou de qualquer outra parede, demasiado distante. Os estalos, deslocando-se apenas cerca de trinta centímetros de cada vez, foram contínuos durante a operação e não consegui encontrar qualquer explicação possível para eles.

O Dr. Lang examinou depois o meu olho e disse que tentaria «aportar» algum do líquido que estava atrás dele. Colocou dois lenços de papel sobre a minha cara e, quando os retirou, mostrou-me seis manchas do que parecia ser líquido. Depois despedi-me e ele disse-me que, se quisesse voltar a vê-lo, deveria entrar em contacto com George Chapman — que era, claro, ele próprio.

Lá fora, no escritório, perguntei ao filho de George Chapman quanto deveria pagar e ele respondeu £5. Isto, na minha experiência, é muito mais barato do que qualquer outro médium. O único desfecho triste da história é que o meu olho não foi curado pelo tratamento do Dr. Lang, nem houve até hoje qualquer melhoria!

Tão típico da Sr.^a Cartland sofrer um infortúnio em cenários tão românticos como o Taj Mahal! Estou-lhe grato por este contributo e tenho a certeza de que não se importará que faça uma ou duas observações no interesse da precisão. A sala de consultas junto à minha casa é construída em tijolo e não em betão; o Dr. Lang morreu em 1937 e não em 1935; quem tem ouvido para sotaques não costuma ter dificuldade em reconhecer que venho de Liverpool, e o Dr. Lang não fala com sotaque escocês: nasceu em Devon e viveu a maior parte da sua vida em Londres. Espero também que, se escrever sobre a sua visita a St. Bride's, os estalos que intrigaram a Sr.^a Cartland não sejam descritos no seu novo livro como um fenómeno paranormal. Como a maioria dos leitores já saberá, são causados muito simplesmente quando o Dr. Lang estala os meus dedos!

Embora me desaponte que os olhos da Sr.^a Cartland não tenham respondido de imediato ao tratamento, o Dr. Lang continuará a vigiar o problema. Esta escritora tão conhecida teve, no entanto, uma experiência muito rara durante a sua visita — a tentativa de «apportar» algum líquido ocular para o lenço de papel — e essa experiência causa-me algum embaraço.

Em várias ocasiões o Dr. Lang colocou lenços de papel sobre diferentes partes do corpo dos pacientes, sempre totalmente vestidos, e surgiu uma mancha líquida, por vezes semelhante a sangue. A Eliane chegou a fotografar este fenómeno e ele recebeu alguma publicidade na imprensa, mas não me agrada. Não creio que seja algo que possa ocorrer a pedido e receio que, sem este «sinal», alguns pacientes saiam insatisfeitos. Contudo, embora eu tenha deixado claro ao Dr. Lang, através daqueles que me ajudam, que não gosto, ele ainda ocasionalmente produz um «apport» e só posso assumir que tem as suas razões. Mas continua a ser um acontecimento muito raro.

Inevitavelmente, com a divulgação do trabalho do Dr. Lang, temos recebido pedidos de cura de muitas pessoas famosas, algumas delas nomes de referência. Mantemos, claro, a confidencialidade, a não ser que nos deem permissão para falar sobre as suas visitas. Por vezes os pedidos vêm de amigos dos famosos e nem sempre é claro se a própria celebridade sabe que foi pedida a cura. Isso não tem importância, desde que recebamos relatórios regulares sobre a saúde do paciente. Foi através de um desses pedidos que Elvis Presley se tornou um dos pacientes do Dr. Lang!

A saúde do famoso cantor preocupava os amigos alguns anos antes da sua morte em 1977 e um deles escreveu-nos sobre isso. Chegaram até a pedir-nos para marcar-lhe uma consulta em St. Bride's, o que fizemos, mas Presley nunca chegou a vir a Inglaterra — como os seus fãs britânicos bem sabem. Depois da sua morte, pediram-nos que organizássemos cura à distância para o pai, aparentemente muito abalado com a perda do filho, e mais uma vez tivemos prazer em ajudar.

Outro americano cujo nome entrou na lista de cura à distância do Dr. Lang foi o muito estimado senador Hubert Humphrey, cuja luta corajosa contra o cancro lhe granjeou admiração mundial. Um amigo pediu ao Dr. Lang que tentasse ajudar nas últimas semanas da sua vida e só posso esperar que os seus esforços invisíveis, a partir do mundo espiritual, tenham contribuído para aliviar o peso nesse período antes da sua morte

em janeiro de 1978. Creio que a melhor forma de resumir a dimensão do trabalho do Dr. Lang é dizer que os seus pacientes vão desde membros de famílias reais até estrelas da música pop. No caso dos primeiros, não surpreenderá os leitores que, na maioria dos casos, não me seja permitido revelar quais as figuras reais que consultaram o Dr. Lang. Mas fiquei muito feliz quando, ao escrever *Extraordinary Encounters*, recebi um prefácio assinado pela Rainha Ana da Roménia.

A Rainha Ana, agora a viver no exílio na Suíça, escreveu:

«Todos nós desejámos entrar em contacto com Deus, de uma forma ou de outra, para pedir a Sua bênção e conforto em momentos de angústia ou de stresse.

Um dia encontrámos um livro que falava do trabalho do Dr. William Lang e do seu médium George Chapman. O meu marido e eu ficámos fascinados.

Vimos a conhecer pessoalmente George Chapman e William Lang e ficámos muito impressionados com a simplicidade, sinceridade e amor pelo próximo do Sr. Chapman; dedicando a sua vida diária para que o Dr. Lang pudesse trabalhar através dele, curando-nos e ajudando-nos mental e espiritualmente. O Dr. Lang e o seu trabalho colocaram a quarta dimensão ao nosso alcance através da cura espiritual.

Não podemos recomendar este livro suficientemente a todos os leitores que queiram conhecer a obra do Dr. William Lang que hoje se desenvolve entre nós.

Quem confiar, receberá.»

A Roménia teve família real até à Segunda Guerra Mundial, quando o país sofreu perdas territoriais e o rei Carlos fugiu. Tornou-se república em 1947, com a abdicação do rei Miguel. A propósito, a rainha Ana e o seu marido também aparecem no filme que fiz sobre o trabalho do Dr. Lang.

Quando membros de famílias reais me escrevem, o papel timbrado normalmente não deixa dúvidas sobre a identidade. Com estrelas da música pop é diferente. Confesso que estou fora de contacto com esse meio, e muitas vezes só depois de receber a visita de um cantor ou líder de grupo famoso é que o Michael os reconhece e me diz quem são e o que fazem. Normalmente, eu continuo sem saber muito mais! Uma coisa que as estrelas da música pop têm em comum com a realeza é o desejo

de manter privadas as suas consultas com o Dr. Lang e, como sempre, respeito essa vontade. Mas há exceções.

Uma pessoa que trouxe muitos pacientes para ver o Dr. Lang é Joan Osborne, uma pequena loura de personalidade efervescente, esposa de Tony Osborne, compositor, maestro e arranjador de estrelas de renome como Shirley Bassey e Johnny Mathis. O filho, Gary, é cantor e a sua voz é frequentemente ouvida em anúncios da televisão britânica, e a filha, Jan, é casada com Kenny Jones, baterista do famoso grupo *The Faces*. Joan e Jan contaram as suas experiências com o Dr. Lang numa entrevista ao *Psychic News* em 1976.

Joan soube do Dr. Lang quando leu *Healing Hands*. Marcou uma consulta e logo começou a levar outras pessoas. «*Agora, sempre que alguém doente entra no meu círculo, vamos ao Lang*», contou ao jornal, acrescentando que, em todos os casos, a pessoa ficou muito satisfeita com o tratamento.

Uma dessas pacientes foi a filha de um antigo embaixador britânico na China, que sofria de artrite severa e tornozelos inchados, tão maus que mal conseguia andar alguns metros. Joan conseguiu uma consulta para ela com o Dr. Lang no dia anterior à partida da senhora para uma digressão na África do Sul. O Dr. Lang diagnosticou uma obstrução e fez tratamento, cuidando também dos olhos. Mais tarde, Joan soube que a mulher estava «*cheia de energia e a andar normalmente*» e que a sua visão tinha melhorado muito. Joan descreveu o resultado como «*uma bela cura instantânea*».

A Joan também foi tratada com sucesso pelo Dr. Lang em várias ocasiões, para problemas que iam desde a má circulação nas mãos até uma afecção nos músculos do estômago. Levou uma amiga à clínica de Paris e ficou espantada quando o cirurgião espiritual se voltou para ela e mencionou justamente o problema dos músculos do estômago. Ela não tinha falado disso a ninguém. Ele convidou-a a ser tratada ali mesmo e foi curada.

Joan relatou ainda outro caso em que o Dr. Lang demonstrou um conhecimento espantoso dos seus problemas. Tinha sido tratada num hospital em Joanesburgo, África do Sul, a uma cirurgia estética corretiva depois de uma operação ao apêndice lhe ter deixado uma marca feia. Contudo, o tratamento não resultou e ficou com uma cicatriz horrível, que detestava. As únicas pessoas que sabiam eram o seu ginecologista e a filha, Jan. Mas, de repente, descobriu que o Dr. Lang também sabia.

Enquanto a tratava, comentou de repente: «*Não ficou satisfeita com a cicatriz.*» Ela admite que ficou espantada com o seu conhecimento e encantada quando ele disse que a iria melhorar. E conseguiu. «*Alguns poderiam dizer que o tempo teria alterado a cicatriz*», contou ao jornal, «*mas em catorze meses não tinha mudado nada.*» Depois da cura de Dr. Lang, desapareceu «*da noite para o dia*».

Noutro diagnóstico notável, o Dr. Lang localizou uma antiga doença de ouvido, embora três ou quatro especialistas não tivessem conseguido encontrar a causa. Disse que era provocada por eczema e chegou a sugerir o tipo de gotas que poderia curar o problema.

A filha de Joan tinha uma história igualmente impressionante para contar. A Jan tinha ido ao hospital cinco vezes depois de lhe aparecer um inchaço misterioso, do tamanho de um ovo, acima da virilha. Vários exames feitos sob anestesia não deram qualquer resultado porque, em cada vez, o inchaço desaparecia.

Depois de examinar Jan, o Dr. Lang disse que o nódulo tinha uma causa emocional e suspeitava também de uma obstrução que provocava uma falha de circulação. Explicou que, quando estava anestesiada, ficava relaxada, e era por isso que o inchaço desaparecia. Deu-lhe tratamento e disse-lhe o que o seu próprio médico podia fazer para resolver o problema. Jan transmitiu-lhe a mensagem: «*Ele achou que eu estava maluca, mas fez o que o Lang disse.*» Desde então o inchaço nunca mais voltou a aparecer.

O Dr. Lang também tratou Jan Jones de artrite, que surgiu pela primeira vez em janeiro de 1975 num nó do dedo e logo se espalhou para ambas as mãos, que começaram a ficar deformadas, depois para os joelhos, tornozelos, dedos dos pés e pescoço. As únicas partes do corpo não afetadas foram os cotovelos e ombros. Desde o tratamento do Dr. Lang, contou ela ao jornal, «*está menos presente. A artrite foi travada e está a desaparecer na ordem inversa em que apareceu!*»

Joan descreveu o tratamento do Dr. Lang como um duplo tónico. «*Há a cura para algo que se vê fisicamente*», explicou. «*E depois há a vitalidade e energia que ele lhe dá.*» Tanto Joan como Jan prestaram homenagem especial ao diagnóstico do Dr. Lang, porque coincidia sempre com o dos médicos que consultavam depois de o visitar.

Sempre que descubro que alguém de especial relevo pediu para ver o Dr. Lang — alguém que eu também gostaria de conhecer — procuro marcar a sua consulta no início ou no fim das longas sessões de cura,

para que possa falar com eles antes de entrar em transe ou quando regresso. Isso dá também a essas pessoas uma oportunidade excecional de comparar as personalidades muito diferentes do Dr. Lang e a minha.

O meu trabalho, além de trazer benefícios a inúmeras pessoas, permitiu-me conhecer e conviver socialmente com pessoas de todos os quadrantes. Sinto-me à vontade tanto com reis e rainhas, estadistas, escritores, estrelas pop, como com pessoas de todas as profissões. Alguns perguntam-se como é que um antigo pugilista da zona dos cais de Liverpool consegue sentir-se tão à vontade com pessoas de meios muito mais privilegiados. A resposta é simples: limito-me a ser eu próprio. Não finjo ser melhor do que os outros. Se não sei do que estão a falar, digo-o. Se não tenho a certeza do que fazer em determinadas situações, pergunto. Nunca tento baralhar, nem impressionar. Trato todos da mesma forma.

Além disso, ser eu próprio é um prazer raro. Afinal, passo grande parte de cada dia de trabalho a ser outra pessoa.

CAPÍTULO ONZE

UM DOM CONCEDIDO POR DEUS

Robert Cleland, pregador leigo metodista, estava a dirigir um pequeno grupo de discussão numa igreja perto de Kidderminster, Worcestershire, sobre o tema da cura, no final de 1976, e foi natural falar sobre o trabalho do Dr. Lang. O Sr. Cleland, pregador leigo totalmente credenciado da Igreja Metodista, era paciente de William Lang e contou aos cinco membros da igreja as suas visitas a Aylesbury e como o cirurgião falecido tinha realizado operações que melhoraram a sua saúde. Mas o pobre Sr. Cleland logo se arrependeu desse «erro», pois provocou uma enorme polémica na comunidade metodista daquela zona durante muitos meses.

Percebeu, durante a discussão sobre cura, que alguns presentes não conseguiam aceitar a realidade da cura em transe e ficou acordado que ficariam em desacordo. Não fez qualquer tentativa de os convencer a acreditar em mim ou no Dr. Lang. Mas pouco depois soube que o ministro superintendente tinha recebido cartas e telefonemas a deplorar as suas crenças e o facto de as ter exposto do púlpito. Na reunião seguinte dos pregadores leigos o assunto foi levantado e, após um longo debate, contou-me o Sr. Cleland: *«foi decidido que, se eu promettesse*

não mencionar mais a si ou ao Dr. Lang no púlpito, poderia continuar como pregador leigo. Fiz essa promessa.»

Para todos, parecia que o assunto estava encerrado. Mas em breve soube que um ministro metodista tinha apresentado a sua demissão devido à forma «branda» como o Sr. Cleland tinha sido tratado, e todo o tema reacendeu-se, culminando com a exigência, feita por um colega pregador leigo, de que deixasse de ver o Dr. Lang. Ele recusou. Disseram-lhe também que não podia acreditar no Espiritualismo e ser cristão.

Acabou por ser afastado da pregação local durante três meses, para permitir que os ânimos arrefecessem, mas na reunião seguinte dos pregadores leigos o assunto voltou à ordem do dia e foi discutido longamente. Nessa altura revelou-se que o ministro que se tinha demitido tinha mudado de ideias. Citando passagens da Bíblia, alguns exigiram que o Sr. Cleland se demitisse, a menos que desistisse de toda esta «outra coisa». Foi posto à votação e a maioria decidiu que podia continuar, desde que cumprisse a promessa de não voltar a mencionar a mim ou ao Dr. Lang. A reunião terminou com o ministro que tanto se opusera a nós a dizer que contactaria as quatro igrejas sob o seu controlo para garantir que soubessem tudo sobre o Sr. Cleland e as suas crenças.

Fiquei naturalmente muito triste por o Sr. Cleland ter sofrido tal reação devido à ignorância de outros membros da sua igreja. Também me surpreendeu que este problema tivesse surgido precisamente na Igreja Metodista, pois o seu fundador, John Wesley, esteve envolvido em muitos fenómenos paranormais e manteve sempre interesse pelas coisas psíquicas.

De facto, ocorreram manifestações na sua casa de Epworth, Lincolnshire, quase idênticas às que a família Fox viveu muitos anos depois em Hydesville, EUA, que levaram as três irmãs Fox a tornarem-se médiuns e a dar início ao Espiritualismo moderno. Wesley chegou a dizer que a morte não separava as pessoas, acrescentando: *«Eu próprio, desde a sua morte, senti uma maravilhosa união espiritual com Fanny Cooper»* (uma senhora que o ajudara nos primeiros tempos do seu ministério). Em tempos recentes, dois metodistas proeminentes — Lord Soper e o Rev. Leslie Weatherhead — falaram do seu interesse em fenómenos psíquicos e na cura.

O dilema do Sr. Cleland destaca um problema que enfrentam muitos doentes que ponderam pedir ajuda ao Dr. Lang. Alguns são até ousados o suficiente para me perguntar diretamente: «*Que papel desempenha Deus no seu trabalho?*» A resposta, muito simplesmente, é que desempenha o mesmo papel que tem no trabalho de todos os outros cirurgiões!

Quantos pacientes querem saber quais são as crenças religiosas do seu médico antes de aceitarem ser tratados por ele? O pensamento é absurdo, claro, e só porque William Lang está morto não faz diferença nenhuma. Continua a ser uma relação médico-paciente em que ele faz tudo ao seu alcance para melhorar o estado da pessoa. Mas o destino dela, como já referi antes, não está, em última análise, nas suas mãos. Existe uma Inteligência Superior em cujas mãos essas decisões repousam, e é nesse nível que o destino de um paciente é decidido. O mesmo acontece na Terra: algumas pessoas morrem em cirurgias simples; outras recuperam de operações complexas. As razões, por enquanto, escapam-nos.

Claro que o receio que atormenta muitos é o de que falar com os mortos equivale a ter conversas com o Diabo. Mesmo que o Dr. Lang alivie claramente a dor e o sofrimento de muitas pessoas, alguns ainda acreditam que ele deve ser um agente do Diabo apenas por ser um espírito a falar através de um médium. Sempre me diverte que se dê tanto crédito ao Diabo — sobretudo por devolver saúde a doentes!

A verdade é que a técnica de cura do Dr. Lang está em conformidade com leis universais — ele vê-a como uma ciência — e a minha capacidade de ser seu médium é um dom concedido por Deus. Tanto o Dr. Lang como eu agradecemos todos os dias a Deus podermos ajudar os outros desta forma, independentemente das suas crenças religiosas — ou da falta delas.

Todos os dias, num convento carmelita francês, acende-se uma vela por mim e pelo Dr. Lang e reza-se para que a nossa cura continue a ter sucesso. Soube disto quando visitei o convento em 11 de junho de 1977, para que o Dr. Lang pudesse dar tratamento a quarenta e cinco pacientes católicos romanos, muitos deles padres e freiras.

Este acontecimento notável, que considero um marco na cura espiritual, surgiu porque várias irmãs carmelitas e padres tinham consultado o Dr. Lang durante as suas visitas a França e ficaram impressionados com o tratamento recebido e com as conversas que tiveram com ele. Recebi

depois uma carta a pedir-me que considerasse tratar pacientes. Pouco depois, tive uma reunião com um padre e uma freira de alta ordem ligados ao convento para discutir o que se iria passar. Marcámos o local num santuário e tivemos depois uma longa conversa sobre vários aspetos do trabalho do Dr. Lang. Fiquei encantado ao ver que eram extremamente abertos quanto à cura espiritual.

Assim, a 11 de junho, a Eliane foi buscar-me de carro e conduzimo-nos até ao destino. Antes de o Dr. Lang começar a tratar os pacientes, a Eliane preparou o ambiente falando sobre a vida após a morte e transmitindo as opiniões do cirurgião espiritual sobre Deus e temas relacionados ao padre responsável, para o tranquilizar. Ele ouviu atentamente e disse-lhe que partilhava das mesmas opiniões do Dr. Lang em todos os assuntos discutidos.

Depois o Dr. Lang assumiu o comando dos trabalhos à sua maneira inimitável, oferecendo cura e aconselhamento a todos os que estavam reunidos no santuário. Posso dizer, pelos comentários escritos no meu livro de recordações por alguns dos padres e freiras, que ficaram muito satisfeitos com o tratamento. As irmãs até nos ofereceram deliciosos bolos como presente de despedida e foram tiradas fotografias minhas com o padre responsável, algumas das irmãs e os seus amigos próximos.

Foi um dia memorável e espiritualmente gratificante, pois todos fazemos a obra de Deus à nossa maneira. Dois dias depois, aliás, eu estava a tratar outro grande grupo de franceses, mas desta vez eram Rosacruz, membros da antiga ordem mística fundada no século XVI. As suas doutrinas incluem a Fraternidade do Homem, a crença no tremendo poder latente da mente e na reencarnação da alma.

Portanto, como vê, não havia barreiras religiosas a ultrapassar quando lhes dei cura, e o encontro foi ainda mais facilitado pelo facto de a Eliane, que serviu de intérprete, também ser Rosacruz. Devo acrescentar que não foi a primeira vez que o Dr. Lang tratou Rosacruz, pois a notícia do seu trabalho parece ter-se espalhado por toda a irmandade mundial.

Em Inglaterra, visitei também um priorado dirigido por freiras beneditinas — o ramo feminino da Ordem de São Bento, cuja história remonta ao século VI, quando São Bento escreveu regras para monges. A minha visita não teve o mesmo formato do encontro com as Carmelitas francesas. Foi, antes, uma visita privada para permitir ao Dr. Lang dar cura a duas almas maravilhosas ali, a Madre Superiora e a Irmã D.,

ambas com problemas de visão. Tinham-me escrito a pedir a ajuda do Dr. Lang e a Irmã D. tinha ido a Aylesbury. Depois ofereci-me para visitar o priorado para que o Dr. Lang lhes pudesse dar tratamento por contacto além da cura à distância que vinham recebendo desde que primeiro me contactaram. Aceitaram a minha oferta e fiz a primeira visita ao belo priorado em julho de 1976.

Voltei em outubro para que o Dr. Lang pudesse dar tratamento adicional e, nessa ocasião, a Madre Superiora mostrou-me partes do priorado e da casa de hóspedes, que tem fama de ter vários fantasmas.

Aparentemente, várias pessoas que ali ficaram hospedadas acharam um dos quartos particularmente sinistro e tiveram sensações desagradáveis. Senti a presença de uma ou duas entidades durante a visita guiada, mas disse muito pouco, porque sabia que o Dr. Lang poderia lançar mais luz sobre os acontecimentos fantasmagóricos.

E fê-lo, certamente. Falou de um assassinio do século XVII ocorrido ali perto e as minhas duas anfitriãs sabiam exatamente do que ele estava a falar. Percebi que se tratava de um assassinio que provavelmente não aparece nos livros de história da região, mas é conhecido das gentes locais. Mencionou também uma família, deu o apelido e falou de três raparigas e de um rapaz que se tornou monge. As três raparigas, disse o Dr. Lang, foram para França tornar-se freiras beneditinas e descreveu uma delas como muito fornida. Disse muito mais, também, acerca das influências que os visitantes, em particular, tinham sentido durante as suas visitas, mas ficou claro que não havia nada de sinistro com que se preocupar.

Quando saí do transe, contaram-me o que o Dr. Lang dissera e soube algo da história do priorado. Escusado será dizer que nunca tinha ouvido falar do assassinio do século XVII nem dessa família até àquele momento. A Madre Superiora abriu um armário e entregou-me um pequeno esboço histórico do priorado e, nas suas páginas, havia confirmação parcial do que o Dr. Lang dissera.

O edifício original no local remonta a cerca de 1200 d.C. e era uma pequena casa pertencente a um grupo de monges que dedicavam a vida a dar abrigo a doentes e viajantes pobres. Durante muitos anos, o priorado pertenceu a famílias ricas e famosas, mas é agora uma comunidade contemplativa e enclausurada onde entre vinte e trinta freiras se dedicam à oração, ao estudo e ao trabalho manual, prosseguindo uma tradição que remonta a quase 800 anos. Não admira,

portanto, que, quando visito o priorado, sinto uma tremenda sensação de paz. É um cenário tão tranquilo, e a Madre Superiora e a Irmã D. irradiam tanta bondade, que saio de lá reconfortado — como se me recarregassem as baterias. É um contraste gritante com a minha rotina habitualmente frenética de saltar de país em país.

A Madre Superiora soube primeiro do Dr. Lang por um homem que lhe escreveu do nada. Tinha uma série terrível de problemas e pediu as orações das freiras. Mencionou que também tinha ido ver o Dr. Lang, e isso soou-lhe familiar. Lembrou-se de ter lido sobre a nossa parceria de cura num livro de Elma M. Williams, intitulado *Heaven On My Doorstep*. Pouco depois, a Madre Superiora soube, através de um padre, que a esposa dele estava a morrer de cancro e ponderou dizer-lhe para me escrever a pedir ajuda, mas já era tarde.

O homem que pedira orações pela sua saúde enviou-lhe então um exemplar de um livro sobre mim e ela ficou «muito impressionada». Falou também de mim a uma sobrinha que estava quase cega e que acabou por marcar uma consulta comigo. Mais tarde, foi submetida a uma operação aos olhos no hospital e agora consegue ver e deslocar-se. «Depois, fiquei preocupada com os olhos da Irmã D. O que o Dr. Lang fez por ela foi maravilhoso», recordou a Madre Superiora.

A Irmã D., que também é enfermeira, tinha discutido o meu trabalho com a Madre Superiora e lera também *Healing Hands* antes de pedir uma consulta com o Dr. Lang. O especialista dissera que tinha uma catarata, mas não era normal: havia esclerose do músculo atrás do olho. Foi marcada uma operação, mas a Irmã D. conheceu alguém que tinha feito a mesma cirurgia e corréra mal, o que, naturalmente, a deixou muito apreensiva.

Entretanto, sofria muitas dores atrás dos olhos e a visão estava a ficar distorcida. «Eu olhava para a adorável Reverendíssima Madre», disse-me a rir, «e ela parecia-me uma gárgula. Toda a gente parecia.» Marcou consulta e veio a St. Bride's receber cura do Dr. Lang. Agora, sentada no gabinete da Madre Superiora, no priorado, a Irmã D. contou-me o que se passou a seguir:

«Várias noites depois, vi o Dr. Lang. Acordei e senti alguém a pousar as mãos sobre os meus olhos. Senti-me absolutamente em paz. O Dr. Lang disse-me depois que tinha ido ver-me.» Como resultado do tratamento do Dr. Lang, o problema ocular da Irmã D. desapareceu por completo. Agora vê normalmente e não sofre dores, e a operação ao olho já não foi

necessária. Foi uma cura gradual; na verdade, ela nem se apercebeu de quanto a visão melhorara até ir ao especialista fazer exames.

Os olhos da Madre Superiora também têm sido tratados pelo Dr. Lang. Sofre há muitos anos de catarata congénita e de crescimento lento, mas a operação não foi aconselhada. No entanto, o Dr. Lang conseguiu promover também uma melhoria lenta da sua visão e tratá-la de outros problemas.

Não deve surpreender ninguém que estas duas boas senhoras tenham procurado a nossa ajuda. Vivem uma vida dedicada a Deus, num lugar impregnado de história e da boa vibração de anos de oração. Veem o Dr. Lang como mais um espírito ministrante a quem podem recorrer quando elas, ou aqueles que amam, precisam de ajuda. «Fiquei muito favoravelmente impressionada quando conheci o Dr. Lang pela primeira vez», disse-me a Reverendíssima Madre, «e, no entanto, senti que já o conhecia.»

Eis como outro paciente, o Rev. Carrel, de Lausana, vê o papel do Dr. Lang no Grande Desígnio: «Há na vida uma série de mistérios. Considero que o dom do Sr. Chapman e a sua maneira de tratar um paciente são um deles. Estou certo de que recebeu um dom de Deus e que coloca esse dom à disposição dos seus irmãos.»

Espero que os relatos e comentários deste capítulo tenham dissipado quaisquer receios que os leitores pudessem ter acerca do trabalho do Dr. Lang no que respeita às grandes religiões. Ainda podemos franzir o sobrolho, ou mesmo os dois, quando tomamos conhecimento das atividades de certas pessoas em nome da religião, mas, na maioria dos casos, consideramo-las assunto delas.

A liberdade religiosa, com poucas exceções, estende-se ao campo da cura espiritual, razão pela qual devemos ter tido pacientes de todas as persuasões religiosas. Recordo, contudo, uma doente que marcou consulta com o Dr. Lang recentemente e também procurou a aprovação da sua igreja, por ser católica romana. Quando chegou o dia da consulta, ainda não tinha recebido permissão para ver o Dr. Lang e, assim, tristemente, embora tivesse vindo à nossa clínica em Paris, não quis receber tratamento dele.

Ninguém é convidado a abandonar as suas crenças ao cruzar o limiar do consultório do Dr. Lang, nem ele tenta mudar os seus pontos de vista. Claro que algumas pessoas acabam por mudar de opinião sobre muitos aspetos da religião depois de o conhecerem, mas isso deve-se ao facto

de as suas próprias experiências lhes terem dado uma nova perspectiva da vida. Não resulta de qualquer pressão minha ou do Dr. Lang.

Quando o último paciente parte e o Dr. Lang está prestes a deixar o meu corpo, ele faz uma oração. Fá-lo desde o primeiro dia em que tomou o meu corpo. É esta a oração que os que estão perto do consultório o ouvem dizer, em voz alta e sonora, e que resume a nossa atitude perante o papel de Deus no nosso trabalho:

«Ó Mestre, mais uma vez, eu, William Lang, Vos agradeço por me permitirdes regressar. Agradeço ao George por me deixar usar este, o seu corpo físico. Dou graças a todos os que cooperam nisto que é a Tua obra. Ámen.»

CAPÍTULO DOZE

A VISÃO DE UM CIENTISTA

Entre os vivos de hoje, estamos para com o transe mais ou menos como estávamos em relação à eletricidade há mais de noventa anos, antes de Edison inventar a lâmpada elétrica. Do mesmo modo que poderia ter sido considerado “imaginativo”, naqueles tempos, especular sobre os possíveis usos que a eletricidade poderia ter no nosso tempo de vida, também será considerado “imaginativo” se agora especularmos sobre os potenciais usos do transe para a humanidade ao longo do próximo meio século...

Quando o uso do transe se tornar tão facilmente disponível quanto a eletricidade, imensas novas oportunidades, com potencial para o bem ou para o mal, ficarão abertas a todas as pessoas. Conquistas que nos ocorrem de imediato são aquelas em que atualmente despendemos tantos recursos — viagens espaciais, guerra física e psicológica, espionagem, música pop e lazer de massas organizado. Espera-se que os seus usos para educação global rápida, para viagens espirituais, para psicoterapia e para pesquisas sobre o passado e o futuro não sejam negligenciados.

Descobri essa especulação maravilhosa — ainda que otimista em excesso — sobre o transe num livro fascinante publicado há mais de dez anos. *Trances* (George Allen & Unwin, 1966) é da autoria de três escritores e viajantes, Stewart Wavell, Dra. Audrey Butt e Nina Epton, e foi escrito depois de terem participado juntos num programa de rádio da BBC, da série “Travellers”, e de se terem apercebido de que havia

afinidades entre as práticas de transe de povos de todo o mundo, que tiveram o privilégio de estudar. Stewart Wavell, explorador da selva, inspirou e moldou o livro e são suas as palavras que citei, retiradas do prefácio.

Embora o livro trate de povos e culturas muito afastados da nossa, e que muitos consideram “primitivos”, o que acontece a essas pessoas e o papel que o transe desempenha nas suas sociedades pode ensinar-nos muito. Observa o Sr. Wavell:

O fracasso dos espíritos em causar impressão nas pessoas dos países “civilizados”, particularmente no Ocidente, pode dever-se à nossa prática de isolamento excessivo através do cepticismo. Não só poucos de nós tentamos fazer contacto por nós próprios, como empurramos a responsabilidade para os cientistas, cujo treino os desencoraja de aceitar provas que são subliminares e invisíveis em vez de materiais. É, de facto, difícil para nós rompermos a prisão dos sentidos para encontrar os espíritos no seu mundo intemporal e não dimensional; mas podemos fazê-lo em transe, com todos os seus perigos e oportunidades.

A mesma perspetiva sobre a supressão de faculdades psíquicas foi expressa mais recentemente por Jean Houston, psicóloga e diretora da Foundation for Mind Research, perto da cidade de Nova Iorque, numa contribuição para um volumoso livro sobre parapsicologia, *Psychic Exploration* (G. P. Putnam's Sons, Nova Iorque), compilado pelo antigo astronauta Edgar D. Mitchell. Ela comenta:

As culturas “primitivas” são muitas vezes muito mais sábias do que nós ao lidar com aqueles que rejeitam o consenso sobre a realidade. Uma criança, nestas culturas assim chamadas primitivas, que mostra uma faculdade especial para ver visões ou para ter sensibilidade psíquica pode receber treino rigoroso em diferentes modos de ver e de ser e depois pode crescer para se tornar um membro crítico da sociedade — um sacerdote, xamã ou profeta; um curador; ou um artista.

Em contraste, na nossa sociedade, essas crianças são demasiadas vezes intercetadas por “orientadores escolares” bem-intencionados e “libertadas” do seu estranho talento por professores, psiquiatras e outros executores da “norma”. Assim, cortamos continuamente pela raiz um veículo dinâmico para o bem-estar da sociedade, um veículo de inspiração, de êxtase e de entrada na realidade maior em que todos vivemos e respiramos mas da qual somos condicionados a não ver.

Não há razão biológica para que o transe ocorra com mais facilidade nalgumas partes do mundo do que noutras, para além da explicação já avançada de que no Ocidente parecemos desencorajar a manifestação de tais capacidades psíquicas. Stewart Wavell explica que o hipotálamo, uma secção na base do cérebro que controla os nossos impulsos humanos básicos, deixa de funcionar normalmente quando uma pessoa entra em transe.

A maioria das células recetoras de sentidos no hipotálamo torna-se inativa, mas não todas, e assim a pessoa que tem a experiência “perde os sentidos”. Acrescenta: “Em transe, os canais de comunicação para o cérebro parecem ficar desligados: a informação não consegue passar; e o hipotálamo, o centro de controlo, continua uma existência aparentemente independente dos nossos sentidos.”

Mas, embora saibamos muito sobre os aspetos fisiológicos do transe, a ciência ainda tem de responder a muitas perguntas sobre este e outros estados alterados de consciência. Quem, ou o quê, está no lugar do condutor, a controlar o hipotálamo e o cérebro, quando o condutor normal está ausente? Em muitos casos, claro, algum aspeto do subconsciente poderá muito bem ser responsável, mas os três autores de *Trances* não sugerem que tal explicação possa ser aplicada a todas as suas experiências incríveis.

Parecem aceitar que os espíritos comunicam durante as sessões e cerimónias conduzidas por esses povos “primitivos”. E só porque as suas técnicas são muito diferentes das minhas quando estou em transe não significa que não haja um fator comum. Note-se, estou certo de que os meus pacientes se alegram por o Dr. Lang realizar operações espirituais em vez de executar alguns dos rituais elaborados descritos no livro.

Eu próprio também me alegro por a investigação realizada com médiuns de topo há cinquenta ou cem anos tornar desnecessário que eu sofra as mesmas indignidades para provar que estou em transe. Nandor Fodor, na sua *Encyclopaedia of Psychic Science*, faz os seguintes comentários, na entrada referente ao transe, sobre experiências realizadas com a grande médium de transe americana, Sra. Leonore Piper:

O Prof. James descobriu que os lábios e a língua da Sra. Piper eram insensíveis à dor enquanto estava em transe. O Dr. Hodgson confirmou mais tarde isto, colocando uma colher de sal na boca da Sra. Piper. Aplicou também amoníaco forte às narinas. Experiências drásticas foram ainda tentadas. O Prof. James fez uma pequena incisão no pulso

esquerdo da Sra. Piper. Durante o transe a ferida não sangrou e nenhuma atenção foi dada ao ato. Sangrou livremente depois e a médium ficou com a cicatriz para o resto da vida. Em Inglaterra, o Prof. Lodge espetou de repente uma agulha na mão dela. Noutra altura, o Prof. Richet introduziu uma pena na sua narina. Experiências severas em 1909 resultaram numa língua muito inchada e com bolhas, que causou incómodo à médium durante vários dias, enquanto outro teste resultou em dormência e paralisia parcial do braço direito durante algum tempo.

A mesma fonte relata o que é, provavelmente, a primeira “operação” de transe registada, mas, ao passo que o Dr. Lang opera no corpo etérico, esta foi uma operação real. F. L. H. Willis descobriu possuir poderes psíquicos muito fortes enquanto estudava teologia em Harvard, e consta que produzia *apports* [objetos materializados], escrita direta, música direta e foi levitado. Numa ocasião foi controlado pelo espírito de um Dr. Mason e realizou uma operação difícil numa senhora.

Acusado pelo Professor Eustis, foi expulso da universidade. Mais tarde, porém, Willis estudou medicina e tornou-se Professor de Matéria Médica num colégio de Nova Iorque. Talvez, com o tempo, aprendamos o suficiente sobre o transe para o tornar não só um fenómeno aceitável na cultura ocidental, mas também facilmente induzível, abrindo caminho a muitas mais parcerias terra-espírito semelhantes à que agora mantenho com William Lang.

Até aqui, falei em termos gerais sobre a natureza generalizada da mediunidade em transe. Passemos agora a um dos cientistas familiarizados com o meu trabalho, para a sua apreciação do que acontece. Ele é John Best, B.Sc. Hons (Lond.), Ph.D. (Cantab.), e escreveu o seguinte, do ponto de vista de quem teve formação e vida profissional no campo da ciência:

Tem sido meu privilégio e prazer conversar com o Dr. Lang em diversas ocasiões. Antes de o conhecer, eu já me apercebera do alto nível de competência médica que ele aplicava ao tratar os seus pacientes através de George Chapman — uma ordem inteiramente a transcender a prática médica normal. Isto, para mim, não era algo que eu compreendesse; era um facto pragmático que aprendera pela experiência, de perto. Não podia ser negado e só podia ser respeitado — encaixasse ou não numa visão do mundo já existente.

Os cientistas tendem a enquadrar-se numa de duas categorias. Há aqueles cujo verdadeiro interesse reside em áreas já bem trilhadas.

Talvez procurem medir alguma constante física com uma precisão nunca antes alcançada — ou estudar implicações de princípios bem conhecidos que ainda não foram examinadas de perto. Essas pessoas fazem um trabalho inestimável.

Depois há os investigadores cujo verdadeiro papel na vida é empurrar para trás as fronteiras da nossa ignorância, procurando novos horizontes e desvelando novos princípios. A minha vida profissional tem exigido, na maior parte, um campo de atividade mais apropriado à primeira destas duas categorias — como sucede com a vasta maioria dos cientistas profissionais. Não obstante, encontrei fascínio e gosto pelo trabalho da segunda categoria quando participei em algumas das explorações por rádio das camadas superiores da atmosfera terrestre realizadas em Cambridge nos primórdios.

Não admira, então, que, nos factos de que tomei conhecimento imediato acerca do Dr. Lang, eu tenha percebido uma via atraente para investigação. Já considerara questões de carácter psíquico de tempos a tempos desde que, em leituras ocasionais, lhes dera algum pensamento, nos meus dias em Cambridge. Mas tanto do que estava envolvido neste campo era imponderável, ou assim me parecia, que senti serem avassaladoras as incertezas intratáveis.

Isto, apresso-me a acrescentar, não passa de uma declaração de um ponto de vista inteiramente amador. Manter tal ponto de vista teve o efeito de me conduzir à filosofia — isto é, quando procurava uma visão do mundo mais ampla e mais fiel à realidade como um todo do que as ciências físicas, por si sós, permitiriam. Em retrospectiva, estou certo de que isso não foi mau, pois estou convencido de que as cuidadosas disciplinas lógicas do pensamento analítico são cada vez mais essenciais à medida que os limites do conhecimento se expandem.

Agora, para mim, o Dr. Lang parecia estar a colocar o psíquico numa base inteiramente nova — pois psíquicos são todos os aspetos a ele associados, e psíquicos ao seu valor facial. Quero dizer com este último comentário que a sugestão de que o Dr. Lang é, de algum modo, um papel ocasional e assumido da personalidade de George Chapman só pode ser sustentada, com convicção, numa ignorância suficiente de muitos factos.

Que o Dr. Lang, outrora um médico notável que morreu em 1937, pratique agora no seu antigo campo, e no mesmo contexto de humanidade doente, através do intermediário George Chapman — por

mais incrível que pareça à primeira vista — é, sem dúvida, a verdade. Desapareceram, quanto a mim, as incertezas e a provocação da experiência ocasional que tornavam o psíquico um assunto tão difícil com que lidar. No que respeita ao desejável princípio científico do fenómeno repetível, e na medida em que pode ser feito operar, o Dr. Lang conseguiu precisamente isso. E quando lhe pude deixar claro o meu desejo de conversar com ele para benefício do avanço do conhecimento, mostrou-se da forma mais encantadora e generosa pronto a corresponder ao meu desejo.

Os juristas sabem que uma coisa é fazer um depoimento, ou afirmar em tribunal alguma declaração como sendo a verdade, e outra coisa inteiramente diferente é manter a mesma prova perante o aguçado contra-interrogatório de um advogado adverso. É este o princípio pelo qual o falso é levado a colapsar. Se me é permitido usar tal analogia, o Dr. Lang revelou-se uma testemunha exemplar.

Não que eu previsse outro resultado, sabendo o que já sabia dele antes das minhas conversas. Seria muito mais verdadeiro dizer que, à medida que as nossas discussões progrediam, as peças do puzzle se encaixavam de forma cada vez mais convincente, tal como sempre acontece em qualquer investigação levada a fundo.

Não é aqui o lugar para entrar nos detalhes das nossas conversas. Abrangeram muitos domínios: a natureza do organismo humano total e da consciência, temas também em psicologia, neurologia e filosofia — até cosmologia. Ele delineou-me aspetos importantes da vida que continua depois da morte e apontou princípios básicos que unem as duas existências. Em tudo isto mostrou uma paciência maravilhosa, uma clareza revigorante e poder de pensamento, e até um delicioso sentido de humor.

Mas, mais do que isso, é impossível vir a conhecer o Dr. Lang sem ganhar uma imensa impressão da sua dedicação. Da forma mais modesta, ele preocupa-se em ajudar, se puder, e se a ajuda lhe for pedida. Fico mais do que feliz em dizer que me auxiliou para além de qualquer medida de agradecimento da minha parte, e quando isso mal estava na minha mente para pedir — quando, de facto, não pedi. Certamente o cientista em mim reconhece o cientista no Dr. Lang — poderá alguma medicina de alto nível não ser altamente científica? —, mas o que quero realmente dizer é que não posso deixar de discernir

nele um ser humano maravilhoso e verdadeiro, a quem é para mim um grande prazer contar entre os mais estimados e genuínos amigos.

As etapas do desenvolvimento do homem estão demarcadas por fatores que caracterizaram a sua sociedade. O homem passou da caça ao cultivo para se sustentar e, sucessivamente, transitou de um meio para outro naquelas implementações que enriquecem a vida — pedra, bronze, ferro, vapor, eletricidade.

A estes e a outros se podem acrescentar a onda rádio nas comunicações e navegação, e o núcleo atômico que, agora que alcançou alguma compreensão dele, colocou nas suas mãos um poder inacreditável. Do imediato e altamente concreto, a sua crescente apreensão mental da realidade permitiu-lhe viver em termos do cada vez mais profundo — até do inescrutável. É difícil escapar à percepção de que o fator psíquico está agora a incidir sobre a raça humana — e que com ele desponta uma era com enorme potencial para o bem.

No início de 1978, o Dr. Best anunciou que o Dr. Lang realizara com ele uma experiência notável, depois de terem discutido a natureza do ectoplasma — a substância extraída dos médiuns e usada por entidades espirituais para se revestirem quando se materializam. Nos casos mais impressionantes, diz-se que os espíritos conseguem moldar essa substância de modo a parecerem e sentirem-se exatamente como eram quando na Terra.

«Segundo declaração do Dr. Lang», disse o Dr. Best, «consiste numa gama muito ampla de substâncias quimicamente diferentes que, em conjunto, constituem tudo o que é necessário para formar a estrutura do corpo humano.»

O Dr. Lang convidou o cientista a reclinar-se na marquesa em Aylesbury. Colocou um lenço de papel limpo e seco na testa do Dr. Best, depois humedeceu os dedos para melhorar a condutividade elétrica da superfície dos dedos. Posicionou os dedos húmidos perto do lenço, mas sem o tocar. Depois pediu ao cientista que o examinasse.

«Do lado que estivera em contacto com a minha testa havia uma mancha central, com quase dois centímetros de diâmetro, que tinha absorvido um fluido rosado, cuja superfície refletia bem a luz.» O Dr. Lang disse-lhe que aquilo era ectoplasma que fora extraído da sua testa. O verso do lenço estava «tão seco e limpo como quando foi aplicado na minha testa». O cientista testemunhou também que «uma pequena área da minha testa, correspondente à localização da mancha, formiguejava

ligeiramente e assim permaneceu durante várias horas depois. O Lang não molhou de forma alguma a superfície da minha pele com a água que USOU.»

Fico grato ao John Best pela sua contribuição e concordo, sem dúvida, com a sua afirmação sobre o despontar de uma nova era. O mundo dos fenómenos psíquicos está a ser alvo de uma investigação intensa por parte de cientistas de muitas disciplinas e estou confiante de que agora é apenas uma questão de tempo até que a comunicação espiritual seja aceite e compreendida. Tenho, no entanto, de admitir que a investigação parapsicológica atual se afastou do estudo de médiuns e controlos de transe e se concentra agora mais em estudos de percepção extrassensorial, mas estou certo de que esse caminho acabará por conduzir às mesmas conclusões.

Na Rússia e na América, nos últimos anos, cientistas conseguiram mostrar que a telepatia é um fenómeno muito real, enviando mensagens de um sujeito para outro ao longo de centenas de milhas. Testes na Bulgária não só confirmaram que alguns indivíduos possuem a capacidade de “ver” — geralmente com as pontas dos dedos — enquanto a visão normal foi totalmente excluída, como também que crianças cegas podem ser treinadas para distinguir cores e formas, e até ler palavras, desse modo.

Provavelmente a área mais financiada é a investigação psicocinética: o estudo dos fenómenos mente-sobre-matéria que vão desde a dobragem de metal à la Uri Geller até à influência de computadores com o poder da mente. Outra área extremamente fascinante é a experiência fora-do-corpo (OOBE), e os cientistas envolvidos nesse trabalho produziram resultados muito impressionantes que parecem, à primeira vista, mostrar que aqueles indivíduos que afirmam “sair” do corpo e viajar para outro lugar podem, de facto, fazê-lo — ou, pelo menos, uma parte da sua mente consciente ou subconsciente pode fazê-lo.

Em tais testes, pessoas foram capazes de relatar aos investigadores objetos escondidos noutras salas ou mesmo dar a sequência correta de cinco ou seis números colocados fora de vista, no alto de uma prateleira. Agora os cientistas estão a usar aparelhos muito sensíveis na tentativa de detetar essa parte da pessoa humana — ou espírito — enquanto viaja até ao local onde o alvo foi escondido. Dois cientistas do Stanford Research Institute revelaram também que as suas experiências de “visualização remota” foram notavelmente bem-sucedidas. De facto, toda

a pessoa que se sentou no laboratório deles e tentou descrever um cenário-alvo que estava a ser visitado nesse momento por colegas investigadores fê-lo com algum grau de exatidão — e, por vezes, com total sucesso. Concluem que toda a gente tem esse poder.

O campo da cura não foi ignorado pelos cientistas e impressiona-me particularmente a investigação realizada pela Irmã Justa Smith, bioquímica e presidente da concentração de Ciências Naturais no Rosary Hill College, Buffalo, EUA. Ela organizou para que um curador nascido na Hungria, que agora vive no Canadá, Oskar Estebany, segurasse um frasco contendo uma solução enzimática e lhe desse “cura” — isto é, que a tratasse como faz normalmente quando coloca as mãos sobre um paciente. Durante setenta e cinco minutos por dia segurou o frasco contendo a enzima tripsina em ácido clorídrico. Frascos com a mesma solução foram segurados por outras pessoas ou sujeitos a diferentes influências.

Quando a substância foi analisada, verificou-se que as mãos curativas de Estebany tinham aumentado a atividade da enzima num grau equivalente ao obtido num campo magnético de 13.000 gauss — sendo o campo magnético da Terra de apenas 0,5 gauss. A importância desta descoberta é que mostra que indivíduos com poder de cura podem provocar uma alteração numa enzima que é crítica nos processos de cura do corpo. As enzimas catalisam as reações metabólicas de cada célula do nosso organismo.

É com descobertas deste tipo, e com o envolvimento de cientistas de mente aberta como John Best, que as capacidades psíquicas — e, em particular, o poder de cura — acabarão por ser reconhecidas pelo seu tremendo potencial. Então serão retiradas do domínio do “sobrenatural” e tornar-se-ão... uma ciência.

CAPÍTULO TREZE

SEM CORTINA FINAL

Jack Allen achava que o desconforto que sentia no estômago era provavelmente uma úlcera, embora o seu médico tivesse sugerido que poderia ter origem nervosa. Assim, como qualquer outro ator estabelecido, continuou a interpretar uma variedade de papéis sem dar a entender a dor crescente que sofria. Depois, enquanto andava em digressão com uma peça, começou a perder peso. Por fim, quando já tinha perdido cerca de 19 quilos, Jack foi levado ao Middlesex Hospital,

em Londres — onde o Dr. Lang fora cirurgião muitos anos antes — para fazer exames. Ali soube que os médicos estavam 90 por cento certos de que sofria de um tumor maligno e de que as suas hipóteses de recuperação não eram boas.

Quando Jack nasceu, em 1907, o Dr. Lang ainda trabalhava no Middlesex Hospital e tinha mais sete anos de serviço ativo antes da reforma. Quando Jack fez a sua primeira aparição em palco no Liverpool Playhouse, em 1931, o Dr. Lang vivia tranquilamente reformado, com mais seis anos de vida terrena pela frente. Desde então, a carreira de Jack floresceu e ele desempenhou papéis principais em muitos dos principais teatros de Londres, bem como em companhias de repertório. Apareceu também frequentemente no cinema e na rádio e televisão.

Ao longo dos anos, Jack interessou-se pelo Espiritualismo e, quando a doença se desenvolveu, já era membro da Churches' Fellowship for Psychical and Spiritual Studies e apoiante do College of Psychic Studies, em Londres. Assim, quando foi internado no Middlesex Hospital, recebeu cura e orações dos membros da Fellowship e isso é, está certo, a razão pela qual nunca sentiu medo durante esse período, embora normalmente tenha pavor de operações e de hospitais. Contou a história da sua doença e subsequente recuperação numa entrevista ao *Psychic News* publicada em 14 de fevereiro de 1976.

Durante a cirurgia, foi localizado um tumor maligno, mas Jack, que então também sofria de icterícia, foi informado de que era inoperável. Disse ao jornal que o cirurgião lhe afirmou que poderia permanecer dormente. Os médicos não sabiam. Estava muito deprimido e tinha dificuldade em comer.

Saiu do hospital e foi ficar com uma irmã em Somerset, e foi uma amiga dela que sugeriu que me escrevesse a pedir tratamento do Dr. Lang. Calhou que, durante os seus estudos de matérias psíquicas e espirituais, Jack tinha lido um exemplar de *Healing Hands*, pelo que estava familiarizado com o meu trabalho. Escreveu imediatamente a pedir uma consulta.

Depois de examinar Jack, o Dr. Lang disse ao meu filho, Michael, que seria um trabalho demorado, mas assegurou ao paciente: «Vamos vencê-lo juntos.» Jack regressou a St. Bride's em várias outras ocasiões, a intervalos de dois ou três meses. Começava a comer normalmente de novo e sentia-se suficientemente bem para iniciar ensaios para uma série da BBC. Mas Jack fora avisado para não beber álcool e foi contra esse

conselho quando, no segundo dia de ensaios, bebeu duas cervejas lager. Nessa noite sentiu-se terrivelmente mal e acordou com tal agonia que «gritei por uma faca de cozinha para poder pôr fim a isto». Depressa chegou uma ambulância e Jack foi levado a toda a pressa para o Middlesex Hospital, onde lhe injetaram analgésicos. Jack escreveu-me de imediato a contar o que acontecera e o Dr. Lang iniciou tratamento à distância.

Dois dias depois sentia-se tão melhor que recusou mais medicamentos, dizendo ao pessoal: «O meu médico espiritual virá aqui.» Eles não perceberam que ele se referia a um antigo membro do corpo clínico do hospital! No dia seguinte, os médicos ficaram espantados quando pediu para ir para casa. «O ator impôs a sua vontade», disse o jornal. «Uma análise ao sangue, informaram-no, não mostrava qualquer indicação de cancro.»

Desde então, o peso de Jack não só voltou ao normal como até aumentou, com o resultado de o médico o ter posto de dieta. Disse ao *Psychic News* que o Dr. Lang afirmara que o tumor estava a encolher, e acrescentou que, desde junho anterior (1975), só sofrera um dia de dor. Acreditava que a sua doença «foi toda planeada. Eu tinha de a experienciar». Isso parecerá muito estranho a alguns leitores, mas espero poder lançar luz sobre essa sua convicção no próximo capítulo.

Agora, em consequência da sua experiência, Jack tornou-se também curador e é membro de um grupo de cura da Churches' Fellowship for Psychical and Spiritual Studies. Chegou a tratar a personalidade de televisão Bob Monkhouse e, disse o *Psychic News*, a sua lista de cura à distância tem os nomes de cerca de vinte pessoas a quem está a tentar ajudar.

A esposa de Jack Allen, a conhecida atriz Ruth Dunning, também o ajuda quando ele dá cura. Ruth — que ganhou o prémio de Atriz de Televisão do Ano em 1961 e o Prémio John Logie Baird em 1964 — por vezes experiencia fenómenos psíquicos espontâneos e disse ao jornal que, se algum dia fosse atingida por uma doença grave, «iria direitinha ao Lang». Acrescentou: «Eu era muito céptica quanto a isto, mas levei o Jack na sua segunda visita ao Dr. Lang.» Descreveu o cirurgião espiritual como «encantador» e ficou fascinada com a diferença entre as nossas personalidades. «O tratamento dele ao Jack fez-me tanto bem a mim quanto a ele», acrescentou.

Embora Jack Allen encare a cura como, basicamente, um assunto privado, não fez segredo da sua crença de que, sem a intervenção do Dr. Lang, ou teria morrido de cancro, ou ainda estaria em dores atrozes. Muitos amigos do mundo do espetáculo, portanto, depressa tomaram conhecimento da sua experiência e dos seus próprios poderes de cura em desenvolvimento. Entre eles estava Ronald Leigh-Hunt, ator desde 1946 e que muitos leitores recordarão pelo papel de Rei Artur nas primeiras séries “Lancelot” da ITV.

Tem aparecido amplamente em teatro, rádio e cinema. Ronald, porém, não precisava de ser convencido da cura espiritual, porque já tinha visto os resultados que podia alcançar. Em 1963, quando a sua mulher, Ann, estava grávida, foi chamado à parte e informado pelo médico de que teria de reorganizar a sua vida, porque os exames mostravam que ela tinha distrofia muscular, doença hereditária que provoca fraqueza crescente do tecido muscular. Disseram-lhe que, em dois anos, a esposa estaria numa cadeira de rodas, mas o que aconteceria depois era difícil de prever.

Felizmente, a Sr.^a Leigh-Hunt conheceu pouco depois a mulher de um empreiteiro que sabia do seu estado de saúde e disse que o marido, que tinha poderes de cura, talvez a pudesse ajudar. Para além desse tratamento local, ela contactou também Harry Edwards, um dos mais conhecidos curadores espirituais de sempre — faleceu em 1976 —, e o resultado foi que a doença progressiva foi travada.

Mais de catorze anos muito ativos depois, continuava sem estar confinada a uma cadeira de rodas. Conduz um carro especial para inválidos e continua a receber cura regular. Não surpreende, portanto, que, vendo por si mesmos que a cura espiritual podia produzir resultados muito positivos, tenham procurado saber mais sobre o assunto e investigado o Espiritualismo.

Um dia, Ronald Leigh-Hunt conduzia de volta ao centro de Londres depois de uma atuação numa nova peça que estava a ser experimentada no Norte de Londres. Ia como passageira Christine Shaw, atriz que contracenava com ele na mesma produção, e ele sabia que Jimmy, o homem com quem ela partilhara vários anos de vida após o fim do seu breve e infeliz casamento, estava muito doente. A relação deles não era doce, meiga e tépida. Eram ambos de carácter forte, viviam nos extremos, de modo que tudo era preto e branco, sem tons de cinzento. Por isso discutiam, lutavam e amavam com igual intensidade. Agora Jimmy jazia numa cama extra no apartamento dela, em Oeste de Londres, com uma

tábua debaixo do colchão para aliviar a dor. Tinha-lhe sido diagnosticada uma hérnia discal, mas Christine suspeitava que a doença fosse bem mais grave, porque ele sofria dores agudas e tinha perdido uma quantidade alarmante de peso; estava fraco e indefeso. Ela amava-o e cuidava dele, mas saber que ele estava em tamanha agonia fazia-a sentir-se tão impotente.

Christine acredita que tudo tem um propósito. Ronald Leigh-Hunt também. Mas, enquanto o carro serpenteava pelo trânsito do West End, nenhum deles sabia que partilhavam essa crença. Então Christine virou-se de repente para o ator e disse: «Ronnie, há uma razão para eu estar a fazer esta peça, e acho que tem a ver contigo.» A resposta dele foi imediata. «Oh, Chris, ainda bem que percebes. Sabes o que é a cura espiritual?» Ele também acreditava que o facto de se terem juntado naquela peça era mais do que acaso, e a razão era, sem dúvida, para que pudesse apresentar a Christine e a Jimmy a cura espiritual.

Estava sempre disposto a contar aos outros as suas experiências, mas costumava esperar por um “sinal” de que seriam receptivos a tais ideias. A pergunta de Christine não lhe deixou dúvidas de que ela estaria de mente aberta e, por isso, falou sobre a sua mulher e sobre como ela tinha sido ajudada pela cura espiritual. De algum modo, Christine não ficou minimamente surpreendida por saber que a cura podia ser tão benéfica; desenvolvera a sua própria filosofia, que incluía a crença de que havia muito mais na vida do que apenas as coisas materiais que nos rodeiam. «Por onde começo?», perguntou. Ronald Leigh-Hunt sugeriu Harry Edwards e ela contactou imediatamente o curador, pedindo cura à distância.

Jimmy era uma pessoa “maior do que a vida”, um homem que, ela sabia, tinha imensa compaixão pelos outros, mas que construíra à sua volta um exterior duro para esconder sentimentos e emoções. Podia ser mal-humorado e difícil, e ela tinha a certeza de que não acreditaria, nem desejaria receber, cura espiritual. «Era o homem mais corajoso que eu alguma vez conheci», disse-me. «Foi piloto na guerra e tinha uma reputação enorme de dureza. Sempre se podia confiar nele para trazer um avião de volta à base.» Acabou por ser tal a braveza, mas a dor tornou-se tão intensa que Jimmy teve de passar a injeções de analgésicos. Com o tempo, nem essas pareciam bastar.

A 31 de outubro de 1973, a dor de Jimmy tornou-se tão insuportável que Christine anunciou, de repente: «Não dá, ele tem de ir para o Charing

Cross New Hospital.» Parou, como se escutasse as próprias palavras. Porque é que dissera aquilo? Nem sequer tinha a certeza de que existisse um Charing Cross New Hospital. Telefonou para uma ambulância e, quando esta chegou, perguntou para onde o levariam. «Charing Cross New Hospital», responderam. Jimmy, então, parecia uma vítima de Belsen e entrara em coma. Ela achou que ele morreria, mas recusou ficar no hospital, «porque fazê-lo seria admitir derrota. Eu tinha a certeza de que ele sairia dali.»

Oito dias depois da admissão, o cirurgião levou Christine à parte e disse-lhe que Jimmy sofria de mieloma — cancro da medula óssea. Mas as vértebras no centro da coluna tinham-se fraturado, causando a dor intensa e a imobilidade. Levaram-na a uma enfermaria especial, estéril, reservada a cancros terminais, e ela sentou-se à cabeceira do homem cujo corpo exangue era sacudido pela dor. Apesar da fraqueza, o espírito de Jimmy era tão forte como sempre. «Vira-te de costas para mim e vai-te embora», disse-lhe. «Daqui só saem em caixões.» Christine, porém, não tinha intenção de o abandonar. A terrível doença de Jimmy só serviu para fortalecer o laço de amor deles. Olhou para ele e respondeu, desafiadora: «Vais sair daqui pelos teus próprios pés!»

Dias depois, numa noite de inverno com neve, Ronald Leigh-Hunt disse a Christine que havia uma reunião na Richmond Spiritualist Church. «Acho que deves ir», disse com suavidade, e ela concordou. Era uma reunião de psicometria, em que cada pessoa coloca um objeto pessoal numa caixa. A médium, então, pega neles um a um, transmitindo mensagens a partir das impressões que capta ou de contactos que estabelece com o mundo espiritual. Christine tirou um pendente de ouro que Jimmy lhe dera e colocou-o no meio de uma variedade de objetos; depois, ela e Ronald sentaram-se. O pendente parecia ter hieróglifos de cada lado, mas, quando rodava, as palavras “I love you” tornavam-se visíveis.

Por fim, depois de transmitir várias mensagens, a pequena médium de cabelo branco meteu a mão na caixa e pescou o pendente. Imediatamente soltou um grito de dor e a mão esquerda voou-lhe às costas, junto à lombar. «Oh, esta dor é mais do que qualquer ser humano deveria suportar», disse a médium. «Onde estou? Onde estou?» Christine ergueu a mão para acusar a mensagem e a mulher disse de imediato: «Não é a pessoa a quem isto pertence que está a sofrer, mas a pessoa que te ama.» A atriz anuiu.

«Ele está a receber cura?»

«Está a receber cura ausente», respondeu Christine.

«Tens de o pôr em cura de contacto.»

Quando Christine chegou ao hospital, descobriu que Jimmy fora mudado para um quarto só para ele. Isso agradara-lhe, porque ficava cada vez mais angustiado com as indignidades da doença que via à sua volta — sobretudo nos jovens. O que Christine não percebera era que a mudança fora ordenada porque o hospital esperava que Jimmy morresse. Disse-lhe que queria que ele recebesse cura espiritual e Jimmy, para sua surpresa, concordou.

A curadora que respondeu ao seu pedido foi a Sra. Adeline “Addy” Raeburn, de Londres, recomendada por Jean Hashman, que coordenava a lista de cura na Spiritualist Association of Great Britain. Visitou Jimmy e deu-lhe cura no hospital e, graças aos seus poderes de cura e à tremenda dedicação e tratamento da equipa hospitalar, incluindo um dos principais especialistas em cancro do país, cumpriu-se a previsão de Christine: com o tempo, Jimmy pôde sair da enfermaria de terminais pelos próprios pés.

Enquanto fazia esta recuperação notável, Christine ensaiava um episódio televisivo da série “Marked Personal”. Estava no plateau quando recebeu a notícia maravilhosa do hospital de que Jimmy dera o primeiro passo. A amiga, a atriz Heather Chasen, que participava na mesma produção, perguntou então pelo problema de Jimmy e sugeriu que Christine falasse com Jack Allen sobre as suas experiências de cura. Jack visitou Jimmy no hospital várias vezes, mas nessa fase não falaram de cura; Jimmy simpatizara muito com a Sra. Raeburn, que tanto o ajudara, e ela continuava a tratá-lo. Infelizmente, porém, Jimmy teve uma recaída e voltou ao hospital e, com essa perda de mobilidade, perderam o contacto com a Sra. Raeburn.

Continuaram a solicitar a cura à distância de Harry Edwards e conseguiram uma consulta com ele no seu santuário em Surrey. Jimmy ficou muito impressionado com Edwards, mas não gostou de receber tratamento à vista de todos os presentes no santuário. Jack Allen falara-lhe agora de mim e do Dr. Lang e marcou-se uma consulta.

Ronald Leigh-Hunt levou Christine e Jimmy a Aylesbury para a primeira consulta com o Dr. Lang no fim de 1974. Jimmy, apesar da impressão muito favorável que tivera da Sra. Raeburn e de Harry Edwards, estava bastante céptico quanto a consultar um médico espiritual, e Christine

estava nervosa sobre como ele reagiria. Entrou sozinho e o assunto não foi abordado na viagem de regresso a casa. Na verdade, Christine nem ousou perguntar-lhe nos dias seguintes, com receio da resposta, e Jimmy nunca mencionou o tema. Não tardou a receberem um telefonema do Ronnie a convidá-los para jantar em sua casa, para conhecerem um casal interessado em ouvir falar do encontro de Jimmy com o Dr. Lang. Foram, e, quando a conversa acabou por chegar à cura espiritual, Ronnie perguntou a Jimmy se se importava de falar do meu trabalho.

«Nada disso», respondeu. «Eu estava preparado para que ele fosse um charlatão, mas não é. Mantém os olhos bem fechados o tempo todo, mas move-se com facilidade e destreza. O Dr. Lang é um homem encantador, culto, e, depois de me examinar, disse: “Nunca prometemos cura, mas faremos o possível. Sabe o que tem?” Eu disse: “Sim, sei exatamente.” Depois operou e eu não senti nada. Mas gostei imenso dele. Vou voltar e aconselho que vás.»

Christine ficou estupefacta com este testemunho público sem reservas, pois Jimmy era normalmente uma pessoa intensamente reservada. O Dr. Lang causara-lhe um impacto enorme. Um mês depois, regressaram a Aylesbury e, desta vez, o Dr. Lang pediu também para ver Christine.

«Foi a sensação mais estranha», recorda. «Uma percepção tremenda de uma verdade. Prende-se a respiração para não a perturbar. Havia uma paz maravilhosa naquela sala e senti que algo que procurei toda a vida estava ali. Tinha encontrado. Tudo o que acontecera comigo e com o Jimmy encaixou, de repente, no seu lugar, e soube que aquilo que, até então, era apenas uma esperança era, na realidade, uma verdade: que nunca seríamos separados, vivesse ele ou morresse. Esse momento mudou as minhas opiniões, os meus motivos, a minha vida. Mudou também a do Jimmy, e isso acontecer a uma pessoa tão cínica foi algo de notável.»

Jimmy continuou a receber cura do Dr. Lang e a vê-lo regularmente, mas continuava com grandes dores. Apesar disso, Christine e Jimmy levavam uma vida plena, iam a concertos, ao cinema e faziam passeios. Jimmy conseguia também conduzir até Aylesbury para ver o Dr. Lang. Ambos estavam determinados a que Jimmy vivesse o mais próximo possível de uma vida normal. Chegava até a preparar o chá de manhã. Com o tempo, porém, Jimmy desenvolveu septicémia, uma condição em que toxinas entram no sangue, e a sua contagem sanguínea estava demasiado baixa para resistir à infeção. Foi novamente internado no

hospital e não esperavam que sobrevivesse. Christine, contudo, espantava os médicos por estar sempre feliz e positiva. Uma vez, quando se pensou que a partida de Jimmy era iminente, um médico perguntou-lhe por que motivo estava a sorrir. Ela respondeu: «Não se preocupe, ele vai ficar bem. Quando chegar a sua hora eu aviso.» Mais uma vez, esse “saber interior” revelou-se certo e Jimmy pôde sair do hospital no dia do seu aniversário. Celebraram com um chá no Harrods. Como já não podia ir a Aylesbury, eu passei a fazer questão de o visitar em casa da Christine quando estava em Londres e, assim, o Dr. Lang pôde continuar o tratamento por contacto, além do tratamento à distância.

Christine fez então uma observação interessante. A relação de Jimmy comigo e com o Dr. Lang era bastante diferente. Comigo, gostava de conversar sobre carros rápidos e outros interesses comuns. Mas, assim que o Dr. Lang assumia, desenvolvia-se uma relação médico-paciente e Jimmy tinha grande prazer em falar sobre literatura e temas semelhantes.

Mas era apenas uma questão de tempo até Jimmy voltar ao hospital, em 19 de julho de 1976. Dois dias depois, os médicos tentaram um novo tratamento, mas, no dia 31 do mês, ele desenvolveu pneumonia e a sua saúde começou a deteriorar-se rapidamente. Quando Christine perguntou ao especialista quais eram as hipóteses de recuperação, ele disse: «Bem, lamento muito, mas ele não vai recuperar.»

«Pois», disse Christine, «terei então de apelar a uma Autoridade Superior e esperar que Ele esteja a ouvir!»

No mesmo dia, 9 de agosto, enquanto estava sentada junto à cama de Jimmy, «aconteceu algo extraordinário». Ele estava no ponto mais baixo quando ela sentiu uma sombra negra erguer-se do seu corpo e tomou consciência de poder curativo a derramar-se sobre ele. Três dias depois, estava suficientemente bem para sair do hospital mais uma vez!

Dois meses mais tarde, porém, ocorreu uma alteração grave e tanto Jimmy como Christine sabiam que ele se aproximava do fim. Ambos queriam também que ele morresse em casa, mas a dor era tão intensa que foi novamente internado, em 25 de outubro, para tentar radioterapia. Christine pediu emprestado um saco-cama e, quebrando todas as regras do hospital, enroscou-se nele à cabeceira, administrando-lhe os fármacos e fazendo tudo o que podia para ajudar a aliviar o terrível

sofrimento. Nas últimas dez semanas de vida, nem os fármacos mais fortes pareciam capazes de vencer a dor pavorosa.

Na noite anterior à sua morte, Christine soube que o fim estava a poucas horas. Já o esperava porque, nos quatro dias anteriores, sentada à sua cabeceira, sentira que Jimmy já tinha partido e que ali estava apenas uma presença “zeladora”.

Agora, desejava que a sua partida acontecesse durante o dia, quando a equipa que cuidara dele com tanto empenho pudesse estar presente para se despedir. Eram mais do que pessoal; na verdade, eram mais do que amigos. Telefonou para minha casa às 22h dessa noite e deixou uma mensagem porque eu estava fora. Repliquei às 2h e ela disse: «Por favor, não o deixe morrer durante a noite.» Transmiti mentalmente o pedido ao Dr. Lang e, pelas 10h da manhã seguinte, 2 de novembro de 1976, soube que Jimmy partira.

Telefonei à Christine e confirmei que a morte ocorrera apenas meia hora antes. Christine, que mostrara tanta coragem durante a provação do homem que amava, não desabou. Em vez disso, comprou uma garrafa de whisky e levou-a ao hospital para que todos os que cuidaram de Jimmy durante tanto tempo pudessem celebrar a sua libertação. E, assim, fizeram uma “festa”. Ela sabia, afinal, que a morte não era uma cortina final.

Quando veio ver o Dr. Lang pouco depois, ele disse-lhe que Jimmy deixara o corpo quatro dias antes da passagem — exatamente como Christine pressentira, embora não o tivesse dito a ninguém — e que se encontrava a recuperar numa casa de saúde no mundo espiritual. O Dr. Lang, então, não pôde salvar a vida de Jimmy, mas deu-lhe, a ele e a Christine, o bónus de tempo extra juntos na Terra. Pedi à Christine, pouco mais de um ano após a sua morte, que me dissesse como via a participação do Dr. Lang no seu drama real, nos bastidores. Eis a sua resposta, profundamente comovente:

Acho que o que de facto saiu de mais importante foi a aceitação do espírito por parte do Jimmy, sobretudo por conhecer, estimar e respeitar tanto o Dr. Lang como a si, o que levou esse homem tão duro e cínico a dizer-me, poucos dias antes de morrer: “Sabes, eu nunca te deixarei. Tem a certeza disso, porque não vou.” A combinação do cuidado e da competência dos médicos e do pessoal no hospital, a trabalharem em conjunto com o Dr. Lang, noutra plano, deu-nos o mais valioso de todos os presentes... tempo; tempo para crescermos juntos.

No início da doença, o Jimmy estava decidido a tomar o caminho curto, por uma overdose de comprimidos e whisky. Não só por ele, mas porque não suportava o futuro que eu teria de enfrentar. Sendo quem era, tendo levado uma vida plena e cheia de acontecimentos, odiando acima de tudo a indignidade da doença e a dependência final, teria, sem dúvida, tomado esse caminho curto e feito uma saída rápida, precoce e fácil. Só quando tive a ajuda do espírito e consegui transmitir-lhe a minha convicção e a força do meu amor por ele é que mudou de ideias e continuou aquela batalha horrível.

Deu-me o presente desses anos, pagos no seu sofrimento, na dor e em todos os aspetos humilhantes disso, suportados até ao fim com dignidade e, incrivelmente, com humor. Que maior presente pode um ser humano dar a outro?

Ao fazê-lo, deu-me um vislumbre de um espírito verdadeiramente generoso e um padrão de amor e unidade que fez de mim uma pessoa muito diferente daquela que ele conheceu dez anos antes — e um amor que durará até estarmos unidos em espírito, como estaremos. Então, suponho, continuaremos no nosso caminho tempestuoso... mas haverá com certeza muito “Riso no Paraíso”.

Depois do funeral do Jimmy, Christine levou as coroas de flores para a Spiritualist Association of Great Britain, em 33 Belgrave Square, e ornamentou com elas a pequena capela. Depois, sentada sozinha, rodeada por aquelas flores belas, disse em voz alta: «Obrigada, meu Deus, por todos os maus momentos. Qualquer um pode ter bons momentos, mas são os maus que nos unem, nos ensinam e nos fazem crescer.»

Dias depois, regressou à SAGB e passou por uma cerimónia de batismo, tomando Annabelle como seu segundo nome oficial. Era o nome que o Jimmy lhe deu no primeiro dia em que se conheceram e pelo qual a chamou daí em diante. O caso do Jimmy é mais um dos “fracassos” do Dr. Lang, suponho eu, mas só o é no plano físico. No plano espiritual foi um retumbante sucesso. A história de amor de Jimmy e Christine é extraordinária, e o Dr. Lang e eu ficamos felizes por nos terem permitido desempenhar um papel nela.

CAPÍTULO CATORZE

A LEI DO CARMA

Um médico britânico comete suicídio a cada mês. Esta estatística surpreendente foi publicada em um relatório que apareceu, no início de 1978, na revista médica *General Practitioner*. O estudo revelou também que mais de um em cada cinquenta médicos do sexo masculino acaba por tirar a própria vida, o que faz com que a taxa de suicídio entre os médicos seja duas vezes mais alta do que a da população em geral.

O facto de os médicos terem fácil acesso aos medicamentos com os quais podem acabar com a própria vida deve ser um fator neste estado alarmante, mas a raiz do problema, obviamente, vai muito mais fundo. Claramente, os médicos estão sujeitos a um grande stress no seu trabalho, o que resulta numa alta incidência de alcoolismo e dependência de drogas.

Parece que muitos médicos se "identificam" profundamente com os seus pacientes, o que provavelmente explica porque os psiquiatras, que tentam ajudar potenciais suicidas, são mais propensos a cometer suicídio do que qualquer outro tipo de médico. No entanto, apesar dos problemas de lidar todos os dias com pessoas doentes e emocionalmente instáveis, os médicos têm de esconder as suas emoções e ser meticolosos e conscienciosos, o que aumenta o stress.

Acredito que este grave problema se deve em parte à compreensão muito limitada que a civilização ocidental tem da verdadeira natureza da vida e da parte que o sofrimento desempenha nela. Muitos médicos, tenho a certeza, devem sentir-se deprimidos quando veem as pessoas a morrer – sabendo que nada pode ser feito para as salvar.

Outros, ao verem um bebé deformado nascer no mundo, devem questionar-se sobre porque razão Deus permitiu que essa criança começasse a vida com uma handicap terrível, enquanto outros nascem normais. Um médico depara-se frequentemente com muitas das aparentes injustiças da vida e, a menos que tenha uma visão sobre a vida que tenha feito as pazes com o sofrimento e a dor, talvez não seja surpreendente que, por vezes, ele expresse a sua raiva e frustração pela sua incapacidade de corrigir essas coisas, terminando com a própria vida.

Tenho sorte porque o Dr. Lang "me protege" de ver os pacientes que procuram a nossa ajuda. Mas estou bem ciente do seu sofrimento, pois

vejo as suas cartas quando faço as marcações e também vejo os seus relatórios de progresso. Sei que muitas das pessoas que consultam o Dr. Lang são "rejeitadas médicas" que estão a depositar as últimas esperanças nele. Isso coloca uma enorme responsabilidade sobre os meus ombros, mas é uma responsabilidade que consigo suportar devido à minha filosofia, aprendida através da minha associação com o Dr. Lang.

Para começar, com o meu crescente contacto com o mundo espiritual, percebi rapidamente que já não podia encarar os nossos três ou mais decénios de vida como a soma total da nossa experiência. Isso ajudou-me no tratamento dos doentes ao perceber que, na morte, até a pessoa mais severamente deficiente se transformará em um ser perfeito. Mas o bem-estar físico é apenas um aspeto da nossa existência.

E quanto à nossa moralidade; a forma como nos comportamos em relação aos outros seres humanos; os motivos para as nossas ações? Tornou-se claro que colhemos o que semeamos, se não neste mundo, então no próximo. Um dos princípios do Espiritismo ensina-nos que somos todos pessoalmente responsáveis pelas nossas ações. Não podemos viver uma vida terrível e depois arrepender-nos no último momento, esperando que o quadro seja apagado e as portas do céu se abram. Temos de compensar os nossos erros, talvez renascendo na Terra, antes de poderemos esperar progredir para uma esfera mais "celestial".

Também me tornou claro que, assim como há uma vida que segue esta, pode bem ter havido uma ou mais vidas antes desta, e as "injustiças" que sofremos durante esta existência terrena podem ser dívidas que devemos por erros em outras encarnações, ou podem ser provas que nos foram dadas para testar a nossa maturidade espiritual.

Esta não é uma ideia nova, claro. Os espiritistas chamam-lhe a lei de causa e efeito, mas na filosofia oriental é conhecida como a lei do carma. De fato, ela tem uma importância fundamental nas religiões budista e hindu, que afirmam que a vida terrena é apenas um estágio no desenvolvimento da alma, que tem de retornar em muitos corpos diferentes até alcançar a perfeição. O carma traz de volta a cada alma as consequências, boas ou más, que ela iniciou nas suas relações com os outros em várias vidas. Se uma alma chega a este mundo com uma acumulação de mau carma, esse carma tem de ser expiado antes que a alma possa progredir.

O budismo ensina ainda que, após muitas encarnações, uma alma aprende a evitar o sofrimento, abandonando o desejo por felicidade e até pela vida em si. Nesse ponto, já não é uma alma individual, pois o objetivo da progressão espiritual é perder a sensação de ser um "eu".

Não pretendo aqui debater os prós e contras da filosofia oriental, salvo dizer que, no seu conceito de carma e reencarnação, ela oferece, como talvez nenhuma outra crença o faça adequadamente, uma explicação da vida que reconcilia o homem com o seu destino enquanto o encoraja, ao mesmo tempo, a melhorar a si próprio. O importante é que o Dr. Lang, com o seu conhecimento da realidade espiritual, nos diz que existe uma lei do carma que se aplica a todos nós e que ele pode curar apenas dentro desse quadro.

Muitas das doenças que lhe pedem para tratar são simplesmente distúrbios físicos, como ossos partidos, diplopia (visão dupla) e alguns tipos de catarata, ruturas, curvaturas da coluna, etc. Estes são o resultado de condições físicas, acidentes ou talvez maus hábitos. Muitas vezes ele consegue corrigir estas condições, às vezes em colaboração com médicos. Normalmente são condições que podem ser tratadas adequadamente por médicos ou cirurgiões na Terra.

Outras doenças, como o câncer, alergias, doença de Addison, distúrbios glandulares e alguns tipos de distúrbios oculares, como o carcinoma da glândula lacrimal e glaucoma, são na sua maioria causadas no corpo espiritual e, com o tempo, manifestam-se no corpo físico. Mais uma vez, o Dr. Lang frequentemente consegue lidar com essas manifestações de um desequilíbrio espiritual e restaurar a saúde do paciente.

Mas, por vezes, uma condição é resultado de carma, o que pode causar quase todas as doenças conhecidas que não podem ser curadas nem por medicina nem por ajuda espiritual, ou uma combinação de ambas. O Dr. Lang disse que os pecados dos pais são transmitidos aos filhos e é apenas pelo sofrimento que, por vezes, aprendemos lições. Se uma vida anterior não foi vivida corretamente, podemos regressar em condições semelhantes e isso pode afetar a nossa saúde e perturbar a mente. Em tais circunstâncias, a única forma de corrigir a nossa vida é estender compreensão e amor aos outros, criando condições de harmonia através de pensamentos positivos.

Depois de explicar, da melhor forma possível, como o carma funciona, penso que é de extrema importância que não seja mal interpretado. Por exemplo, se uma pessoa consulta o Dr. Lang, mas não responde ao

tratamento ou morre, isso não significa automaticamente que o paciente tinha uma dívida de carma tão grave que tinha de sofrer. Pode ser que, quando o Dr. Lang foi consultado, a doença já tivesse progredido demasiado para responder e que, com tratamento anterior, um resultado muito diferente poderia ter sido alcançado. E mesmo que pudéssemos ter a certeza de que o carma fosse responsável pela falta de resposta – o que não podemos, porque nenhum de nós está em posição de julgar – uma doença grave ou deficiência pode não ser um sinal de mau carma. Pode, em vez disso, ser um ato deliberado da parte de uma alma de nascer num corpo que teria de sofrer, para que pudesse aprender lições que não poderiam ser aprendidas de outra maneira. Assim, embora o Dr. Lang esteja ciente das poderosas forças cármicas que moldam a nossa existência, nós, na Terra, só podemos esforçar-nos para melhorar as nossas vidas e as dos outros e não tentar culpar tudo pelo carma. Nenhum sofrimento deve ser suportado na crença de que é uma dívida cármica. Afinal, talvez uma consulta com o Dr. Lang seja parte do carma de alguém, e uma cura possa ser a recompensa cármica por um sofrimento bem suportado e que cumpriu o seu propósito.

Recentemente foi-me mostrado um excelente livro de um doutor em física, graduado pelas universidades de Oxford e Londres, Dr. Raynor C. Johnson, chamado *The Spiritual Path* (Hodder & Stoughton). Numa seção que trata da reencarnação e carma, ele cita um "sábio que falou sobre o carma e a nossa atitude em relação a ele", retirado do livro *The Book of Mirdad*, de Mikhail Naimy (Stuart & Watkins). Penso que nos dá uma perspetiva provocante sobre as leis do carma, independentemente de acreditarmos que estamos a experimentar "boa" ou "má" sorte neste momento da nossa longa existência espiritual:

O homem convida as suas próprias calamidades e depois protesta contra os incômodos convidados, tendo esquecido como, quando e onde escreveu e enviou os convites. O tempo não se esquece; e o Tempo entrega, na estação certa, cada convite ao endereço certo; e o Tempo conduz cada convidado à morada do anfitrião...

Aceita uma desgraça como se fosse uma fortuna. Pois uma desgraça, uma vez entendida, logo se transforma numa fortuna; enquanto uma fortuna mal interpretada rapidamente se torna uma desgraça...

Não há acidentes no Tempo e no Espaço: todas as coisas são ordenadas pela Vontade Omnisciente.

Em alguns casos, indivíduos de mentalidade semelhante trabalham juntos como um grupo, reencarnando nos mesmos lugares, aproximadamente na mesma época, renovando as suas amizades a cada vida. Embora cada um tenha a sua vida para levar e a liberdade de escolher como agir e desenvolver-se, faz parte do propósito que atuem como grupo. Ir contra esse plano cria uma dívida cármica negativa.

O Dr. Lang explicou que ele e eu já estivemos associados anteriormente, embora ele não entre em detalhes sobre isso. Ele diz que fomos uma vez "irmãos", significando duas almas associadas como somos agora, e que Michael, o meu filho, e Basil, o filho dele, também fazem parte do grupo.

Da mesma forma, outras pessoas que têm sido associadas ao nosso trabalho também são atraídas para nós, ao longo de muitas vidas, como um ímã que as puxa para se reencarnarem no mesmo período. Acredito firmemente, como o Dr. Lang disse, que, independentemente de quem ou do que somos, cada um de nós tem um caminho a seguir: um padrão que é traçado antes de nascermos. Este plano não controla rigidamente as nossas vidas. Cabe-nos a nós segui-lo e colher os benefícios ou rejeitá-lo, seguir o nosso próprio caminho e pagar a dívida, nesta vida ou noutra.

As implicações do carma e da reencarnação são bastante surpreendentes. No meu caso, por exemplo, o meu regresso à Terra em 1921 foi algo que foi pré-arranjado para que eu pudesse agir como médium do William Lang logo após a sua partida. A minha filha, Vivian, era uma alma que concordou em encarnar por um breve período para que a sua morte despertasse os meus poderes mediúnicos e me levasse a cumprir a minha missão.

O problema, claro, é que durante as nossas vidas terrenas não nos é dito qual caminho devemos seguir. Isso tornaria as coisas demasiado fáceis, claro, pois só podemos crescer espiritualmente tomando as decisões certas e aprendendo com os nossos erros, em vez de seguir o "roteiro" da vida como atores num palco. Mas o padrão da nossa vida está dentro de cada um de nós: aquela pequena voz que nos incentiva a fazer certas coisas – o "saber" o que é certo e o que é errado para nós.

Também está à nossa volta, nos acontecimentos que moldam e influenciam as nossas vidas. Tenho sorte, claro, porque recebo uma ajuda do Dr. Lang, que diz aos meus associados para onde ele quer que eu vá e o que ele quer que eu faça. Mas a decisão final cabe a mim, se

devo fazer o que ele pede ou fazer as coisas à minha maneira, sabendo que as minhas ações farão parte do meu carma, para o bem ou não.

CAPÍTULO QUINZE

PROPRIEDADE PERDIDA

Num dia de 1975, uma mulher de oitenta anos entrou na sala de espera da minha clínica em Paris em busca de ajuda. Estava obviamente muito deprimida e os meus ajudantes deram-lhe um lugar e conversaram sobre os seus problemas. Descobriu-se que, alguns dias antes, ela tinha sido atacada quando voltou para casa. Três jovens tinham invadido a sua casa e estavam escondidos no sótão. Quando ela entrou, eles saltaram e um deles estava empunhando uma arma. Ela foi obrigada a entregar todo o seu dinheiro e joias.

Ela foi levada para a sala de consultas, onde contou os seus problemas ao Dr. Lang. Ele fez-lhe uma cura para a acalmar e, em seguida, ofereceu-lhe ajuda de uma fonte inesperada – Hughie, outro espírito na banda de cura. Hughie é um personagem alegre de Londres, que perdeu a vida no mar, e pode sempre ser contado para animar as pessoas com o seu bom humor.

Assim, o Dr. Lang afastou-se e Hughie assumiu o controlo do meu corpo para conversar com a mulher sobre o crime. Depois de algum tempo, Hughie começou a dar uma descrição detalhada dos três jovens envolvidos. A paciente ficou estupefata com o seu conhecimento e concordou que as descrições correspondiam exatamente às que ela tinha dado à polícia. Hughie, no entanto, conseguiu adicionar mais informações, dizendo o nome de um dos rapazes envolvidos, a marca do carro que usaram para escapar e o número da matrícula!

Soube mais tarde que ela passou esta informação à polícia e eles conseguiram capturar os atacantes.

Um ano depois, ocorreu um incidente muito semelhante. O Dr. Lang reparou que uma paciente estava com contusões e perguntou-lhe, brincando, se o marido a tinha batido. Ela contou-lhe que as suas lesões tinham sido causadas por um intruso que tinha invadido a sua casa. Quando o Dr. Lang lhe perguntou onde ela morava, ela respondeu: "Duas horas de comboio de onde trabalho."

"Me diga o número do apartamento", disse o Dr. Lang.

Assim que teve a informação, ele passou-a a Hughie, que mais tarde assumiu o controlo e descreveu o intruso à mulher. Hughie também mencionou um apartamento e uma rua por trás dele, que tinha uma forma de "H", os quais o marido da paciente reconheceu. Depois, Hughie disse: "É aí que o intruso mora, mesmo ao lado de uma pequena loja."

Essas informações, juntamente com a descrição do intruso de Hughie – que a mulher confirmou – foram dadas à polícia, mas receio que não tenho notícias sobre o resultado.

Durante o período de Natal de 1975, Eliane e eu estávamos em Casablanca para umas férias de trabalho, durante as quais assistimos ao casamento da filha dela, Frederique, seguido de uma receção para duzentos convidados. Frederique casou com Gérard Lemoine, filho de Jean Lemoine, diretor da Bayer (Marrocos). Foi uma celebração maravilhosa, mas foi ofuscada, por volta das 2 da manhã do dia seguinte, pelo anúncio de que um dos convidados tinha perdido um diamante no valor de £1.000, que não estava segurado.

Pediram-nos a todos para voltar aos nossos lugares enquanto traziam varredores para limpar os pisos e, esperançosamente, encontrar a pedra desaparecida. Quando isso falhou, um dos convidados, sabendo que eu era médium, perguntou se eu poderia ajudar. Expliquei que era curador, mas disse que faria o que pudesse. Sentei-me numa mesa com um lápis e papel e esperei para ver se algo me impressionava de Hughie.

Não demorou muito até que eu pudesse ouvir a sua voz e sentisse uma imagem ser impressa na minha mente. Hughie disse-me que o diamante tinha sido apanhado no sapato de alguém, mas depois rolou para baixo do revestimento da parede. Ele disse que seria encontrado na soleira de uma porta que não tinha sido atravessada pela dona do diamante, acrescentando ainda que a senhora que perdeu o diamante tinha sofrido de câibras mais cedo naquela noite... um fato que ela mais tarde confirmou.

Desenhei o diagrama e então Eliane, eu e a maioria dos convidados seguimos as instruções. Quando chegámos ao local indicado, Eliane agachou-se e sentiu debaixo da tábua – e encontrou-o! Todos pularam de alegria. Foi a primeira vez que fiz algo assim.

Um dos convidados nesta receção de casamento, aliás, era o escultor do Rei de Marrocos. Ele convidou Eliane e eu para sua casa e fez um molde das minhas mãos. Ele também planeia fazer um busto de mim mais tarde.

Outro exemplo de "localização de propriedade perdida" ocorreu algum tempo depois, de uma maneira muito notável. Eu estava de volta em Paris, em transe, e o Dr. Lang estava a tratar de pacientes. Durante a sessão, uma chamada telefónica foi recebida de Michael, que estava em casa a cuidar de St Bride's. O Dr. Lang, que estava mais próximo do telefone, atendeu. Foi-lhe dito que o meu tio George tinha acabado de morrer em Liverpool. Michael também disse que as autoridades não conseguiam completar os seus registos porque o certificado de nascimento dele não podia ser encontrado. O Dr. Lang disse que deixaria a mensagem para que Eliane me desse.

Algum tempo depois, o Dr. Lang pediu-lhe para ligar a uma gravadora para que eu pudesse ouvir o que tinha acontecido quando eu saísse do transe. O meu tio George – o "Big George", como eu o chamava – então controlou o meu corpo e disse que tinha morrido de bronquite. "É só porque estou perto da Terra que posso fazer este tipo de coisa", explicou ele, acrescentando: "Eu costumava ter medo de ti e da tua maldita mediunidade." Antes de partir, falou sobre os parentes à sua maneira direta, ainda mais colorida pelo seu forte sotaque de Liverpool, e então disse: "Não fiques triste, rapaz. Tarra."

Quando o Dr. Lang retomou o controlo do meu corpo, ele disse que o tio George achava que o seu certificado de nascimento seria encontrado numa velha carteira. Depois de ouvir a gravação, telefonei para Liverpool e passei esta informação à minha tia Nell, irmã de George, e foi exatamente onde o encontraram, numa gaveta, juntamente com o dinheiro que ele tinha guardado secretamente para pagar o seu funeral.

Está claro, com estes relatos, que, embora eu me especialize em curar os doentes, existem outros aspetos da minha mediunidade que ocasionalmente se manifestam. Outro exemplo disso ocorreu, novamente em França, enquanto eu estava em Aubagne, perto de Marselha, a tratar de pacientes. Pediram-me se eu poderia visitar uma velha casa onde uma mulher e sua mãe estavam a experienciar fenómenos muito estranhos.

Assim que entrei no edifício, percebi a presença espiritual de um homem chamado Francis, que faleceu devido a uma condição cardíaca. A mãe respondeu que este era o seu marido, que morrera há trinta anos. Ficou claro que este homem se tinha tornado "preso à terra" – ou seja, estava vinculado ao seu ambiente terrível e parecia incapaz de se libertar do lugar que guardava tantas memórias para ele. A sua proximidade era

responsável pelos vários acontecimentos paranormais que tinham atormentado a família.

Hughie quis falar através de mim, por isso deixei que ele controlasse o meu corpo. Ele não só esclareceu os incidentes, como também disse que seria capaz de ajudar a libertar o homem da casa para que ele pudesse começar uma nova vida no próximo mundo. Soube mais tarde que, desde a minha visita, a casa voltou a ser um lugar pacífico e as duas mulheres não foram mais incomodadas.

Embora tais episódios na minha vida sejam incidentais ao objetivo principal da minha mediunidade, servem, no entanto, para mostrar que os nossos ajudantes espirituais estão connosco o tempo todo e podem ajudar de maneiras além da cura. Não posso tentar explicar como aqueles do outro mundo podem localizar objetos perdidos ou identificar criminosos, só posso relatar o que acontece. Deixo aos outros a tarefa de elaborar teorias e realizar experiências e, quando possível, colaboro.

No início de 1975, fui convidado por alguém em Paris a participar de um teste de telepatia. As pessoas envolvidas eram os meus ajudantes da clínica de Paris e, a 9 de março, reuniram-se e sentaram-se à volta de uma mesa com um copo virado no centro de um círculo composto por letras do alfabeto. Ao mesmo tempo, eu sentei-me tranquilamente em minha casa em Aylesbury e pensei numa mensagem que poderia enviar.

Decidi que seria a seguinte frase: "Parti o meu cachimbo", porque era exatamente isso que me tinha acontecido nesse dia. Então tentei enviar essa impressão através do Canal da Mancha. Uma hora depois, recebi uma chamada telefónica de Paris. O copo tinha se movido e soletrado uma mensagem, mas antes de revelar, o grupo pediu-me para dizer o que deveria ser. Disse-lhes e descobrimos que a mensagem que eles tinham recebido era idêntica. Mas tinham recebido em francês, numa espécie de taquigrafia estranha.

A mensagem exata foi "g k c ma pipe". Eles acharam que as três primeiras letras eram as iniciais de palavras até que a filha de Eliane, Frederique, notou que faziam os sons das palavras "J'ai cassé", que significa "Parti". Eu não sabia as palavras francesas para essa frase e também não sabia que "partir o cachimbo" é o equivalente francês da expressão inglesa "kicking the bucket" – um termo popular para morrer. Então, para divertimento de todos, parecia que eu estava anunciando a minha morte através do copo e do alfabeto.

Devo enfatizar que não é minha intenção que Hughie administre um escritório de objetos perdidos através da minha mediunidade, nem desejo fazer disso um hábito de resgatar espíritos presos à terra. Mas penso que deveria mencionar estes acontecimentos espontâneos, para dar aos leitores uma visão mais precisa do que pode ser alcançado através da mediunidade.

Algumas pessoas, sem saber desses incidentes, parecem esperar que eu seja capaz de fazer qualquer coisa com a ajuda dos meus amigos espirituais. Recebi uma vez um pedido de uma mulher que procurava a minha ajuda com as apostas de futebol. Ela queria ganhar pelo menos £10.000 para poder comprar uma casa e um carro novo para o seu filho, e isso, por sua vez, faria com que os seus nervos melhorassem. Ela prometeu-me £100 se eu conseguisse fazer o que pedia – o que claro, eu não podia fazer.

Um pedido semelhante veio de um americano que precisava urgentemente de \$50.000 para a sobrevivência do seu negócio. "Eu percebo que este é um grande valor a pedir tão rapidamente", escreveu ele, "mas também sei que o Espírito não tem limites." Não tenho a certeza de onde ele pensava que esse dinheiro viria. Talvez ele pensasse que o Dr. Lang poderia simplesmente materializá-lo para ele. Havia um PS na carta: "Uma doação seguirá com a próxima carta." Sem dúvida ele esperava conseguir retirar isso dos \$50.000!

CAPÍTULO DEZASSEIS

UM RECONHECIMENTO PSÍQUICO

Durante 1976, recebi cobertura na mídia. O meu trabalho foi destacado em jornais de vários países e também fui entrevistado em rádio. A publicação que me dedicou mais espaço foi, não surpreendentemente, o *Psychic News*, o jornal semanal espiritista que acompanha de perto as atividades de todos os médiuns e curadores. Mas o seu primeiro relatório do ano – publicado sobre mim mas também sobre o meu filho, Michael, foi em 19 de janeiro de 1976 – não foi sobre mim, mas sobre o papel que ele desempenha no meu trabalho de cura.

Michael foi capaz de afirmar que conhecia o Dr. Lang desde o terceiro dia de sua vida terrena! Isso mesmo, foi a idade dele quando o Dr. Lang, controlando o meu corpo, pediu para ver o novo bebê do meu médium,

quando o último paciente se foi. Michael foi-lhe trazido. Ele segurou-o nos braços e falou, pela primeira vez, sobre o seu próprio filho Basil.

"Um dia," previu o Dr. Lang, "Michael será o seu médium e continuará o trabalho de cura."

Durante os primeiros anos de vida, Michael disse ao jornal que teve conversas frequentes com o Dr. Lang, que lhe ensinava sobre anatomia, fisiologia e outros assuntos. Ele disse a Michael quais livros ler e depois questionava-o sobre eles, dando a sua opinião sobre os tópicos abordados. Até sugeriu que Michael fosse para um colégio interno para lhe dar independência, e mais tarde aconselhou-o a seguir um curso de estudos empresariais numa faculdade local. Ficámos felizes em seguir o conselho do Dr. Lang, e essa educação tem sido uma base sólida para ele.

Ter um pai que é médium e curador poderia causar problemas para algumas crianças, mas Michael não teve problemas: os seus amigos da escola nunca se riram dele. Quando lhe perguntavam o que eu fazia para viver, ele respondia: "Ele é um cirurgião e diagnosticador psíquico." Isso, acrescentava Michael, deixava-os completamente confusos e eles não diziam mais nada.

O jornal contou como Michael tinha recebido alta hospitalar depois de um acidente de viação, porque tinha mais confiança na habilidade do Dr. Lang de acelerar a sua recuperação. Como outro exemplo da sua confiança no Dr. Lang, Michael recordou a vez em que estávamos no estrangeiro de férias e ele ficou doente. Decidi tentar curá-lo com a imposição de mãos. A sua resposta foi: "Para de fazer figuras, pai, e deixa o Dr. Lang fazer isso como deve ser."

Referindo-se à sua própria capacidade de cura, Michael explicou que tratava pacientes duas vezes por semana. Antes de os atender, ele sentava-se em silêncio e sintonizava-se com o Dr. Lang, o Basil e o resto da equipa de cura. "O Basil guia as minhas mãos. Eu consigo 'sentir' a presença do espírito dele. Gostava mesmo de ser um curador em transe. Assim poderia dar ao paciente provas. Eu só posso dizer que o Basil está comigo. Isso não é suficiente. Quero provar isso fazendo com que ele fale com os pacientes." O desejo de Michael pode muito bem ser realizado um dia, porque o Dr. Lang já disse que, eventualmente, irá trabalhar em transe.

Além de falar com Michael, o repórter do Psychic News, Tony Ortzen, também falou com o Dr. Lang e o Hughie. Depois, todos fomos jantar e

ele acabou por regressar ao seu apartamento em Londres às 2 da manhã. A sua história provocou uma reação inesperada, porque uma leitora ficou consternada ao ler que Michael e eu gostávamos de caçar. "Que tal um homem como Chapman encontrar prazer em tirar a vida de uma criatura viva pareceu-me impensável", escreveu ela para o jornal. Fui capaz de tranquilizar a senhora. Nós apontamos as nossas armas apenas para pombos de barro!

Algumas semanas depois, o editor do *Psychic News*, Maurice Barbanell, e a sua esposa Sylvia foram meus convidados em Paris. Eles assistiram a uma sessão de tratamentos e falaram com vários dos meus ajudantes franceses. O seu relatório apareceu na primeira página (na edição de 27 de março de 1976) com o título: "Médicos buscam cura do cirurgião 'morto' na casa de médico francês."

A história começava com as palavras, "Aqui estou eu a assistir à história psíquica a ser feita..." e descrevia como ele tinha ido à casa do Dr. C para ver o Dr. Lang tratar pacientes, alguns dos quais haviam sido encaminhados por seus próprios médicos. "O George tornou-se no canal de transe para 'Dr. Lang', como todos lhe chamam, às 10h15 da manhã do passado sábado", continuava a história. "Ele saiu do seu estado de transe às 16h30. Existe outro médium que mantenha este estado psíquico durante mais de seis horas? Durante esse tempo, vinte e quatro pacientes foram tratados. Incluía dois médicos, um dentista, uma princesa europeia, uma baronesa e três escritores."

O Sr. Barbanell terminou o seu relato com este comentário: "Quando a história do Espiritualismo for escrita, a parceria Lang/Chapman, que trouxe saúde a milhares de sofredores depois de os seus casos terem sido chamados 'sem esperança', contribuirá com algumas das suas páginas mais iluminadas."

Durante vinte anos, participei no jantar-dançante anual do *Psychic News* em Londres. Normalmente é realizado em maio, atraindo centenas de espíritistas, incluindo expoentes de topo de todo o país, bem como visitantes ocasionais do estrangeiro. É um evento que gosto de apoiar e, como de costume, tinha reservado uma mesa bem antes, no início de 1976, mas, por um erro infeliz, marquei para estar em França durante o fim de semana de maio, quando o jantar-dançante seria realizado no Europa Hotel, em Londres. Quando percebi o meu erro, ainda havia tempo para adiar as minhas consultas.

Um dos destaques de cada jantar é a apresentação do prêmio "Espiritualista do Ano", atribuído a um médium pelos seus feitos extraordinários durante o ano anterior. O homem que anunciou o prêmio foi o meu velho amigo Percy Wilson, presidente da Psychic Press Ltd, a editora do jornal. Como de costume, fez um discurso humorístico, mantendo todos na expectativa de quem seria o premiado até ao último momento, quando fez a revelação: fiquei atônito ao ouvi-lo ler a seguinte citação:

"O prêmio Psychic News de 'Espiritualista de 1975' é atribuído a George Chapman em reconhecimento ao seu sucesso missionário na Europa, demonstrando uma excelente mediunidade em transe na cura espiritual, que causou um grande impacto entre os médicos. A sua longa parceria com William Lang, que foi o brilhante cirurgião do Middlesex Hospital e do Moorfield's Eye Hospital até a sua morte em 1937, contribuiu para um capítulo distinto na história do Espiritualismo. É uma prova de uma maravilhosa cooperação entre os dois mundos. E continua a acontecer. 'Dr. Lang e George, nós vos saudamos!'"

Percy chamou então Harry Edwards, o curador mundialmente famoso, para me entregar o prêmio. Enquanto as luzes dos flash se acendiam, apertámos as mãos e Harry Edwards entregou-me um relógio de viagem de oito dias - um presente ideal.

Foi um momento emocionante para mim por duas razões: eu sabia, talvez melhor do que qualquer outra pessoa presente, exceto a sua esposa, quão seriamente doente Percy Wilson estava. E também, quando recebi o relógio de Harry Edwards, lembrei-me de como o curador e eu tínhamos participado numa longa discussão nas páginas do Psychic News muitos anos antes. Nessa altura, eu ainda era relativamente novo no cenário psíquico, enquanto Edwards já era um dos melhores e mais respeitados curadores de todos os tempos.

Como presidente da National Federation of Spiritual Healers, era seu dever não só ser uma figura pública, falando em nome dos curadores, mas também incentivar a adesão à federação e o desenvolvimento de novos curadores. Embora Edwards, como a maioria dos outros curadores, oferecesse tratamentos apenas com a imposição de mãos, nunca perdeu uma oportunidade de afirmar a sua crença de que eram os espíritos de cirurgiões mortos que usavam o seu corpo para tratar os doentes. De fato, ele chegou a afirmar que acreditava que Lister e Pasteur faziam parte do grupo de cura que utilizava a sua mediunidade.

A nossa discordância pública surgiu devido à declaração de Edwards de que a cura em transe, em que o espírito controla o corpo do médium, deveria ser considerada uma fase intermediária no caminho para o desenvolvimento da sintonia consciente com os ajudantes espirituais. Edwards, nas fases iniciais da sua mediunidade curativa, experimentou transe - embora não realizasse operações espirituais.

Ele também tinha o dom de 'ver' a doença do paciente como se tivesse olhos de raios-X. No entanto, com o tempo, essas facetas do seu dom desapareceram lentamente e ele descobriu que alcançava os mesmos resultados notáveis apenas colocando as mãos sobre as pessoas e sendo guiado pelos seus ajudantes espirituais de forma intuitiva. Isso provou ser o caminho certo para Harry Edwards, mas eu sabia que não era o certo para mim e também sabia que a cura em transe não precisava de ser apenas um degrau para a imposição de mãos.

De facto, não só estava a alcançar resultados tão notáveis como os de Edwards, como também sabia que a cura em transe dava muito mais provas da presença de seres espirituais do que outros métodos. Deveria ser, portanto, incentivada, não denegrida, e não hesitei em discordar do grande homem.

Como qualquer outro debate de jornal, não houve vencedor nem vencido. Tivemos o nosso dizer e deixámos os leitores decidirem. Mas, nos anos seguintes, Edwards já não fez mais críticas ao meu trabalho. Tornámo-nos amigos e, com a atribuição deste prémio de topo no Espiritualismo, parecia-me que Edwards finalmente passara a ver as coisas da minha forma.

A ocasião também teve um significado especial porque Percy Wilson, o presidente da Psychic Press, era um amigo próximo há muitos anos e o Dr. Lang lhe tinha dado tratamento a ele e à sua primeira esposa em várias ocasiões. Agora, como já disse, ele estava gravemente doente. Pouco antes do jantar, ele teve uma trombose, mas, sustentado pela cura, insistiu em comparecer para anunciar que eu tinha ganho o prémio.

Percy era uma figura importante do Espiritualismo, tendo sido criado no movimento e servido em várias funções, incluindo a de presidente da Spiritualists' National Union de 1950 a 1953. Ele foi um alto funcionário público, ocupando os cargos de Secretário Adjunto no Ministério dos Transportes de 1938 a 1946 e Secretário Adjunto Principal no Departamento de Estradas, Ministério dos Transportes, de 1946 a 1949. Além disso, foi uma figura influente no mundo do áudio. De 1924 a 1938

foi conselheiro técnico da The Gramophone e serviu como editor técnico entre 1953 e 1966. Foi membro fundador da British Sound Recording Association e também escreveu dois livros sobre diferentes aspectos do assunto.

Muitas pessoas sabiam da dependência de Percy da ajuda espiritual do Dr. Lang, em conjunto com o tratamento médico. Mas o que poucas pessoas sabiam naquele jantar - e Percy não sabia de todo - era que ele tinha câncer. Os médicos diagnosticaram-lhe a doença pouco tempo antes e informaram a sua esposa, Winifred. Mais tarde, durante o ano, à medida que a sua saúde continuava a piorar, Percy decidiu registrar o seu testemunho sobre o trabalho de cura do Dr. Lang. Sob o título: 'O Guia salvou-me a vida mais de uma vez', Percy escreveu na edição de 4 de dezembro de 1976 do *Psychic News*:

"Não é segredo para quem esteve no jantar do PN este ano que tenho mantido a minha saúde com tratamentos do Dr. Lang, através de George Chapman. Mas a extensão desse tratamento não é conhecida. Acredito que ele salvou a minha vida mortal em várias ocasiões e que chegou o momento de eu prestar um tributo público."

"Entrei em contacto com o George há quase vinte anos. Desde então, fui um assistente regular na sua clínica em Aylesbury, Bucks, maioritariamente em amizade e para observar os resultados da sua cura. Durante este período, o Dr. Lang manteve uma vigilância rigorosa sobre a válvula do meu coração que controla o fornecimento de sangue para os meus pulmões. Durante este tempo, reuníamos-nos no final dos seus serviços clínicos e jantávamos em restaurantes próximos. Tornámo-nos bons amigos. Continuamos a ser, embora as limitações físicas restringissem as nossas atividades."

"Desde que o George começou a viajar pela Europa - e recentemente por Nova Iorque - os nossos contactos tornaram-se ainda mais limitados. Mas continuaram mês após mês. Eu viajava para Aylesbury no início das sessões de cura quando ele regressava a casa. Nos últimos tempos, tive de abandonar o uso do meu carro, por isso tentei usar transportes públicos.

Foi quando ocorreu a primeira crise. O Dr. Lang, ao examinar-me, detetou o agravamento da minha condição cardíaca. Ele realizou uma operação psíquica na válvula do meu coração. Imediatamente, ele instruiu o Michael, filho do George, a chamar um carro privado que tinham em reserva para me levar de volta a Oxford."

Acredito (e tenho a evidência do meu médico de família) que ele me salvou a vida nessa ocasião. Desde então, passei a ir a Aylesbury num carro particular conduzido pelo meu fisioterapeuta. O relatório mais recente do Dr. Lang é que ele está satisfeito com a sua "operação". O fluxo sanguíneo agora parece estar a correr livremente. Entretanto, o meu médico local (um médico muito atencioso e excelente) tem ficado intrigado com a minha condição médica. Ele fez uma série de testes médicos, incluindo raios-X, análises de sangue e urina. Disse-me que não encontrou nada de errado. Na semana passada, consenti em fazer uma nova série de testes para verificar se sou diabético. Sinto-me como uma cobaia médica.

Concordei com esses novos testes porque estou convencido de que a profissão médica, com todas as vantagens de investigação que tem aqui em Oxford, não consegue superar a visão de raios-X do Dr. Lang. Preciso dizer mais?

No mês em que este tributo foi publicado, Harry Edwards faleceu aos oitenta e três anos. Menos de cinco meses depois, Percy Wilson também faleceu, aos oitenta e quatro anos. Assim, o jantar-dançante no qual estes extraordinários octogenários estiveram envolvidos ao nomearem-me "Espiritualista do Ano" foi o último a que assistiram — um facto que, para mim, confere uma grande carga emocional ao evento memorável.

Pouco antes de participar no jantar do Psychic News, fiz a minha primeira visita aos Estados Unidos, acompanhado por Michael. A viagem foi organizada pela New Jersey Society of Parapsychology e revelou-se tão bem-sucedida que fomos convidados a regressar.

Fizemos isso várias vezes. Um empresário rico que viu o Dr. Lang a trabalhar ficou tão impressionado que me fez uma oferta muito tentadora. Disse-me que me daria um apartamento gratuito em Nova Iorque se eu concordasse em viver permanentemente na América. Recusei, no entanto, porque gosto demasiado da Grã-Bretanha para fazer dela minha casa permanente e, além disso, neste momento tenho uma satisfação tremenda em viajar por todo o lado.

Ao anunciar a minha visita, a sociedade de Nova Jersey disse num panfleto que tinha organizado a viagem "para permitir o acesso a um curador psíquico notável por aqueles que pudessem beneficiar do seu trabalho". Eles pretendiam fazer um estudo dos efeitos a longo prazo da cura do Dr. Lang. Todos pareciam muito felizes com a nossa visita, com exceção de uma mulher que, embora concordando que o diagnóstico do

Dr. Lang para o seu problema estava correto, queixou-se porque teve de pagar uma taxa alta. O facto é que os pacientes que consultam o Dr. Lang no estrangeiro têm de pagar uma taxa mais alta do que na Inglaterra, porque temos de cobrir todas as nossas despesas. Para Michael e para mim, voar para os Estados Unidos e ficar num hotel durante cinco dias custa muito dinheiro.

Essas despesas têm de ser repassadas, por isso os 200 pacientes tratados pelo Dr. Lang tiveram de pagar uma quantia considerável em comparação com o que pagariam a um médium ou curador americano. No entanto, esse valor era infinitesimal comparado ao que a senhora teria de pagar se tivesse sido transportada para a Inglaterra para me ver... um ponto que ela obviamente não considerou. Até agora, não ganhei dinheiro com as minhas viagens aos Estados Unidos devido às altas despesas e porque, enquanto estou fora, também tenho de pagar a manutenção do meu centro em Aylesbury e da sua equipa.

Como resultado da minha segunda visita aos Estados Unidos em 1976, recebi quatro tributos de médicos, dois dos quais receberam tratamento do Dr. Lang. Um médico expressou a esperança de que a nossa parceria curativa pudesse continuar durante muito tempo para permitir que muitos pacientes "beneficiassem do seu tratamento como eu beneficiei". O segundo escreveu: "O seu método de cura foi útil para mim e para aqueles que eu enviei a si.

É um método que prefiro e gostaria que fosse mais acessível para nós. Que você esteja connosco durante muitos anos." Outro médico escreveu a dizer que o seu filho estava "melhorado urologicamente", enquanto o quarto médico disse que gostaria de abrir mais mentes para a realidade da cura espiritual devido ao que testemunhou através da minha mediunidade.

Após a mesma visita aos Estados Unidos, recebi uma carta — endereçada ao Dr. Lang — de um editor sênior da Reader's Digest. Ele escreveu: "Esta é uma experiência completamente nova para mim. Parece que uma vontade diferente da minha me trouxe até aqui. Tenho a certeza de que algo aconteceu. Estou contente por fazer parte disso."

Vou lembrar-me de 1976 também como o ano em que — segundo alguns — morri! Quando cheguei a Genebra em novembro para a minha consulta regular na clínica suíça, a minha anfitriã ficou mais do que surpresa ao me ver. Ela tinha recebido um telegrama de alguém no Arthur Findlay College (Stansted Hall), que é propriedade da Spiritualists'

National Union. "Que pena que George Chapman, o curador bem conhecido, tenha morrido na semana passada e, portanto, não estará consigo", dizia o telegrama. Ela também recebeu telefonemas de várias pessoas, uma delas da Alemanha, a relatar a minha morte! Como surgiu esse rumor, nunca saberei.

Durante o mesmo mês, a rádio BBC transmitiu um programa sobre a cura notável de uma menina com leucemia (câncer do sangue). Quando foi diagnosticado o problema, deram-lhe dois anos de vida. Os seus pais consultaram o Dr. Lang, bem como outros dois curadores, e a criança também recebeu tratamento médico. Agora, ela estava curada. A BBC abordou-me e perguntou se eu aceitaria participar no programa. Eu raramente aceito tais convites porque, estando em transe quando trato pacientes, geralmente sou a última pessoa a saber o que acontece. No entanto, concordei em falar sobre o meu trabalho de forma geral e sobre como o Dr. Lang curava através de mim.

Fiquei astonished, quando o programa foi transmitido, ao ouvir a participação do Dr. Lang ser desconsiderada como um fracasso! A única base para tal conclusão parecia ser que a menina não foi instantaneamente curada pelo Dr. Lang. Ela continuou a receber a imposição de mãos de outros dois curadores e, quando a sua cura foi confirmada, foi a última pessoa a receber o crédito.

O Dr. Lang falha em curar algumas pessoas, como já tenho enfatizado, e poderia ser que um dos outros curadores tenha sido responsável por erradicar a doença. Mas, com três curadores e tratamento médico envolvidos, como poderia alguém afirmar com certeza quem foi, e quem não foi, responsável pelo resultado? Pareceu-me tremendamente injusto e escrevi para o produtor colocando os factos à frente dele. Achei importante que o público fosse educado para esperar curas graduais em vez de curas instantâneas.

O Dr. Lang tinha dito que tentaria provocar uma mudança química completa no corpo da menina. Isso não é algo que aconteça num estalar de dedos. O meu comentário final foi: "Não importa quem ou o que provocou a cura, desde que a criança tenha sido curada."

Mas, depois de ter sido "maltratado" desta forma, sem ser informado de que o tratamento do Dr. Lang seria considerado um fracasso quando fui entrevistado ou de me darem a oportunidade de responder, resolvi ser ainda mais cauteloso no futuro sobre estar envolvido em tais programas.

Vou continuar a fazer o que faço de melhor, que é curar, e deixar a conversa para outros, particularmente aqueles com conhecimento médico que estão dispostos a testemunhar em nome do Dr. Lang.

Acontece que, no mesmo mês, recebi uma carta de um consultor da Harley Street, que me informou dos resultados do tratamento do Dr. Lang numa paciente difícil. Este médico havia encaminhado a paciente para o Dr. Lang porque estava a ter dificuldades em fazê-la responder ao seu tratamento. Ele lembrou-me que, quando escreveu pela primeira vez pedindo para a paciente ser agendada, especificou "cinco linhas de tratamento nas quais a paciente e eu necessitávamos de ajuda". Agora ele relatava: "Fiquei encantado ao notar [depois de ela ter recebido tratamento do Dr. Lang] que houve uma melhoria significativa ao longo dessas cinco linhas."

O consultor então listou essas melhorias. Primeiro, disse que houve "uma perda gratificante de 10 kg, o que sem dúvida contribui para a melhoria da sua saúde." A segunda mudança foi que "a sua reumatismo residual está mais controlado." O terceiro benefício do tratamento, ele relatou, foi uma diminuição da distensão abdominal causada por gases. Finalmente, nos dois últimos pontos pelos quais ele havia solicitado ajuda, ele foi capaz de relatar que "a paciente está atualmente a tomar o mínimo de comprimidos e não consumiu álcool nos últimos seis meses."

Este caso ilustra mais uma vez, de forma muito discreta, o imenso valor da cooperação entre um curador e um médico, nenhum dos quais tenta tomar todo o crédito pelo resultado. Há apenas uma pessoa que realmente beneficia — o paciente — o que é exatamente como deveria ser.

CAPÍTULO DEZOITO

UM MARCO

Provavelmente, a influência mais significativa para o sucesso inicial da minha missão de cura no exterior foi um artigo sobre mim que apareceu na edição de 17 de agosto de 1974 da revista de grande circulação *Paris Match*. Causou um grande alvoroço na França e, como já tinha começado a realizar curas regularmente na capital francesa e em outras localidades, a publicação desse artigo resultou em um grande aumento da demanda por tratamentos do Dr. Lang.

O jornalista Robert Barrat veio até a Inglaterra para pesquisar seu bem escrito artigo antes de eu ter começado a curar no exterior. Portanto, não havia nenhuma menção na revista ao fato de que os leitores poderiam consultar o Dr. Lang em sua própria porta. Aqueles que escreveram depois de ler o artigo assumiram que teriam que vir até a Inglaterra. A publicação do artigo pode ser uma coincidência, é claro, mas, olhando para trás, parece-me que foi apenas mais um exemplo de como o Dr. Lang manipulava os eventos a partir do outro mundo.

O senhor Barrat fez um relato muito vívido sobre o encontro comigo e o Dr. Lang em St Bride's e incluiu explicações sobre como eu desenvolvi minha mediunidade e como o Dr. Lang realizava suas operações espirituais. Ele também falou sobre as muitas pessoas famosas que consultam o cirurgião espiritual, acrescentando:

"Entre todas as pessoas que foram tratadas pelo Dr. Lang e que eu entrevistei, não encontrei nenhuma que tivesse dúvida sobre a autenticidade do fenômeno que presenciaram. Alguns admitiram que se sentiam melhor, mas que a artrite ou a enxaqueca não desapareceram completamente. Mesmo assim, ainda tinham fé completa nos poderes curativos do Dr. Lang. Por outro lado, encontrei testemunhos que atestam curas que escapam a todas as explicações racionais."

Um dos históricos de caso que ele citou foi o de um jornalista, J. Bernard Hutton, que experimentou uma notável melhora na sua visão após consultar o Dr. Lang, embora o seu oftalmologista tivesse previsto que ele ficaria completamente cego. Hutton é o autor de *Healing Hands*, e a história completa dessa cura está contada nas suas páginas. O livro foi publicado na França em 1973. Quando Barrat o entrevistou, descobriu que Hutton ainda usava óculos grossos "e eu não acho que ele tenha muita chance de obter a licença de piloto, mas, ainda assim, ele lê, escreve e usa uma máquina de escrever."

Joe Hutton, no entanto, foi capaz de contar a sequência de sua primeira experiência com o Dr. Lang. Em 1970, ele foi vítima de um acidente de estrada após o qual uma das suas pernas foi afetada por gangrena. O cirurgião do hospital decidiu que ele teria de amputar a perna imediatamente, mas o paciente teve outras ideias. Ele conseguiu convencer o hospital a lhe dar uma postergação de dois dias e sua esposa me telefonou para ver se eu poderia atendê-lo imediatamente. Ele veio para Aylesbury quase que de imediato, e o Dr. Lang examinou a perna. Hutton contou ao jornalista do *Paris Match* que o cirurgião

espiritual havia dito: "Você fez bem em vir porque vamos conseguir salvar a sua perna. Um amigo cirurgião meu, o Dr. MacEwan, irá tratá-lo." Este é um membro da banda de cura que se especializa em tais cirurgias, e a operação, disse Hutton, durou uma hora. Nas 24 horas seguintes, o inchaço e a dor terrível desapareceram. O cirurgião que estava prestes a amputar a perna ficou maravilhado quando a examinou novamente, declarando que a melhora era "impossível e inimaginável". Uma semana depois, o joelho e a perna voltaram ao normal, e, segundo o relatório, "Joe Hutton ainda está em posse das suas duas pernas."

Mas o testemunho mais notável da revista veio de uma mulher de Surrey, que foi capaz de lançar uma nova luz sobre a minha parceria espiritual com William Lang. Foi a primeira vez que a sua história foi publicada, e assim é que o relato de Robert Barrat apareceu no *Paris Match*:

"Lembro-me muito bem do meu avô William."

Sentada no pátio, numa cadeira de jardim, voltada para um gramado verde de Surrey, Susan Fairtlough fala-me sobre a sua infância. Ela é neta do Dr. Lang. "Quando a minha mãe ia fazer compras em Londres, ela me levava à Harley Street, à casa dos meus avós, e eu tomava chá com eles. O meu avô parecia-me muito velho, com os seus óculos e a barba branca que me fazia cócegas quando ele me beijava. Ele era ao mesmo tempo rude e muito simpático. Guardei uma memória muito precisa dele. Por isso, há seis anos, quando ouvi falar de um curador que estava a fingir ser o meu avô, achei aquilo grotesco. Liguei para esse jornalista, Hutton, e disse-lhe: 'Vou pôr esse charlatão em confusão.'

Consegui uma consulta com esse tal Chapman. Tinha comprado um gravador para o efeito e lá estava eu em St. Bride's, Aylesbury. Para o meu grande horror, ou melhor, para a minha estupefação, o homem que estava naquela sala era, sem dúvida, o meu avô. Não era ele fisicamente, mas era a sua voz... o seu comportamento. Não havia dúvida. Ele falou comigo e recordou eventos precisos da minha infância. E eu fiquei tão impressionada que tudo o que consegui dizer foi: 'Sim, avô. Não, avô.' Fiquei tão profundamente afetada que nunca mais voltei a Aylesbury. No entanto, quando George Chapman veio nos visitar nesta casa, ocorreu um fenómeno que confirma a sua qualidade como médium. Tenho aqui três objetos que pertenciam ao meu avô. O Chapman andou pela casa e reconheceu-os imediatamente."

Cinco meses após a publicação do artigo da *Paris Match*, Susan Fairtlough faleceu, no dia 5 de janeiro de 1975. Mas o meu vínculo com

este ramo da família Lang foi mantido através do seu marido Andrew, e da filha deles, Amanda, bisneta do Dr. Lang. Ambos falaram com o Dr. Lang. Eles o aceitam, assim como Susan, como seu parente, e até o consideram um "membro vivo" da família. Andrew e Amanda muito gentilmente concordaram em contar a sua história para Roy Stemman, enquanto ele me ajudava a escrever este livro, e eu vou ceder o restante deste capítulo ao seu relato.

Andrew Fairtlough, um homem alto e magro com uma voz culta, é arquiteto e a sua empresa, além de projetar uma grande variedade de propriedades residenciais e comerciais, também se especializa na construção de campos de squash. Enquanto se acomodava numa poltrona perto de uma lareira com lenha a arder, na sua casa, a dez milhas de Guildford, não era difícil perceber uma condição que o afetara por grande parte de sua vida. Quando tinha quarenta anos, Andrew contraiu tuberculose.

Naquela época, a taxa de mortalidade dessa doença temida, que afeta principalmente os pulmões, era muito alta, e a cirurgia era amplamente utilizada, juntamente com o repouso, boa alimentação e ar puro. O método cirúrgico para tratar a tuberculose no caso de Andrew foi remover parte de um pulmão e colapsar o peito na cavidade. "Eu tive azar", disse ele, sem amargura. "Se eu tivesse contraído a doença seis meses depois, teriam me tratado com medicamentos em vez disso."

A penicilina tinha-se mostrado ineficaz contra a tuberculose e foi só em 1944 que um ucraniano, Selman A. Waksman, anunciou a descoberta da estreptomicina, que, em conjunto com outros medicamentos, reduziu dramaticamente a incidência da doença e eliminou a necessidade de cirurgia na maioria dos casos. No entanto, a sua saúde, neste momento da nossa conversa, era de importância secundária, e Andrew, de forma atenciosa, foi direto ao ponto.

"Minha esposa, Susan, que era filha de Basil Lang, soube pela sua mãe sobre o George Chapman, que tinha publicado um livro sobre o retorno do seu sogro através de um médium, e ela estava bastante sarcástica sobre isso. De qualquer forma, conseguimos uma cópia do livro, *Healing Hands*, e decidimos entrar em contato com o Chapman. Acho que o fizemos através dos editores. No início, Susan disse: 'Isso é uma grande bobagem: eu não acredito em nada disso' — mais ou menos como a sua mãe — mas, uma vez que ela falou com o avô e com o George, teve uma visão completamente diferente de toda a situação."

"Quando ela ficou convencida de que realmente era o seu avô, Susan começou uma longa correspondência com George Chapman. Conseguir falar com ele ao telefone era difícil — na maioria das vezes ele estava em transe quando ela tentava ligar — então, sempre que ela buscava a ajuda do avô, mandava um telegrama, e o George ligava ou enviava um telegrama em resposta assim que estava livre."

"Os telegramas passavam de volta e para frente entre eles", lembrou Andrew. "Susan perguntava: 'Por favor, ajude tal pessoa', e George respondia confirmando que a cura à distância estava sendo feita. Ela colocou muitas pessoas em contato com o George, incluindo um grande amigo nosso, Denis May, o jornalista de automobilismo, a quem o George ajudou, mas que, infelizmente, já estava além da cura. Então, o George veio nos visitar em Knightons, a nossa antiga casa, que fica a apenas uma curta distância daqui. Ele queria ver onde a neta do Dr. Lang vivia. Infelizmente, eu estava num sanatório em Midhurst na altura, mas Susan gravou o que o Dr. Lang disse nessa visita e trouxe a fita para o sanatório e me fez ouvi-la."

"Ela estava totalmente convencida de que era o avô dela e, depois de falar também com o George, ela estava igualmente convencida de que ele não poderia ter fingido o modo de falar do Dr. Lang, o qual ela lembrava vividamente, apesar de só ter tido dez ou onze anos quando ele faleceu. Seus gestos e maneira de falar eram tão característicos que ela o reconheceu sem sombra de dúvida. Além disso, ele mencionou um monte de parentes e amigos. Ele está sempre a mencionar nomes de parentes que eu nunca conheci ou até mesmo sabia que existiam."

Susan recebeu cura do seu avô em várias ocasiões e nunca hesitou em consultá-lo quando ela ou outros precisavam de ajuda. Susan era bastante contra tudo o que tivesse a ver com o paranormal, o que torna o seu testemunho ainda mais notável. Embora os Fairtlough vivessem numa casa que era assombrada, Susan permanecia bastante cética quanto a essas coisas, embora Andrew não ache que a sua mente estivesse completamente fechada para a existência de outro mundo.

A sua experiência com George, claro, mudou essa visão. Andrew, por outro lado, havia encontrado fenômenos psíquicos antes da última guerra, o que o convenceu da realidade de um mundo espiritual e da possibilidade de estabelecer contacto com ele através de médiuns. Como resultado dessas experiências, também estava convencido de que cada um de nós tem um anjo da guarda. No caso dele, esse anjo era o seu

bisavô, que também era arquiteto e se chamava Andrew. Assim, quando leu *Healing Hands*, achou uma história impressionante e convincente e estava ansioso por conhecer o avô da sua esposa. Mas antes disso, ele conheceu George, quando os dois estiveram em Londres ao mesmo tempo. Concordaram em se encontrar para um bate-papo no Cumberland Hotel, Marble Arch.

"Disse a George, 'É um lugar muito grande', lembrou-se Andrew. "George disse: 'Ah, eu vou saber quem você é.' E caminhamos direto um para o outro. Ele disse, 'Você é o Andrew, não é?', e eu disse, 'Você é o George.' Ele não parecia nada com o tipo de pessoa que eu pensei que fosse."

Após ter falado socialmente com George Chapman, Andrew pôde fazer uma comparação entre as duas personalidades quando finalmente conheceu o Dr. Lang.

"Não pedi para ver o avô — fui convocado. Não era uma questão de marcar uma consulta um ano antes. Simplesmente, George me disse que o avô queria me ver para tratar uma condição no meu coração. Naquele momento, a empresa tinha negócios em Leighton Buzzard, então fui a Aylesbury com o meu principal assistente. Ele me deixou em St Bride's e seguiu para o local. Caminhei pela estrada e toquei a campainha da porta, mas me mandaram para o pequeno prédio adjacente, onde George faz o seu trabalho. Não precisei esperar muito antes de ser chamado para ver o Dr. Lang.

Não há necessidade de eu descrever o que é isso, já foi feito por outras pessoas. O avô e eu tivemos uma conversa geral durante o nosso primeiro encontro, e ele mencionou alguns parentes. Como ele havia se casado duas vezes, sempre fiquei um pouco confuso com a árvore genealógica do lado Lang, e ele me ajudou a entender tudo isso. Quando ele começou a falar sobre parentes na Nova Zelândia, tive de correr para casa e perguntar, 'Quem são essas pessoas?' Quando Susan falou pela primeira vez com o avô, aliás, ele mencionou vários parentes, principalmente para ganhar a confiança dela, acho eu. Ele falou sobre primos distantes que haviam ido para a Austrália e África do Sul. Eu nunca os conheci, é claro, mas ele continua insistindo para eu ir lá e vê-los."

"Depois da nossa conversa, ele disse, 'Jovem, quero dar uma olhada em você.' Eu subi no sofá para ele me examinar. 'Problema com o seu coração', ele disse. 'Você sente dor aqui?' Eu disse que sim, de vez em

quando. 'Hum, uma das válvulas. Basil!' Ele então começou a operar, estalando os dedos, convocando as ferramentas de trabalho e murmurando algo para Basil — meu sogro — e outras pessoas, para trazer isso ou aquilo. Não percebi na hora que eu tinha uma válvula bloqueada no coração, mas devo dizer que me senti muito melhor algum tempo depois."

Quando a consulta terminou, Andrew se despediu e esperou na sala ao lado para George aparecer, pois ele era o último paciente do dia. Eles tiveram uma conversa e George foi buscar Thorn, o seu Staffordshire bull terrier, que recebeu esse nome em homenagem ao pai de Susan, Basil Thorne Lang. Depois, enquanto George saía para dar um passeio rápido a Thorn no ar frio de dezembro, Andrew esperou na estrada para seu assistente pegá-lo.

Fiquei curioso para saber se ele teve alguma confirmação médica sobre o problema cardíaco.

"Não, além de uma espécie de tendência familiar para problemas cardíacos. Meu pai morreu de problemas no coração aos cinquenta e poucos anos e o mesmo aconteceu com a minha mãe. O coração sempre foi uma deficiência na família."

No momento da morte acidental de Susan, no início de 1975, Andrew teve várias conversas telefônicas com George. Mas a próxima consulta principal com o Dr. Lang ocorreu em junho de 1976.

"Mais uma vez, não foi uma reunião que eu procurei diretamente. Era uma questão de 'Você foi convocado para St Bride's em tal dia', e eu abandonei tudo para ir. Não era que eu estivesse procurando ser tratado pelo avô, mas quando sou convocado — eu vou. Eu estava esperando apenas uma conversa, mas esperava que Susan pudesse se comunicar. Ela já estava do outro lado havia cerca de dezoito meses. Aliás, o pai dela, Basil, estava do outro lado desde 1928, se não me engano, e eu só tive algumas palavras com ele. A voz dele é muito fraca e parece que ele tem dificuldade para se comunicar. No entanto, talvez Susan consiga da próxima vez. O avô também me deu uma revisão geral e me disse para não fumar tanto."

A próxima consulta de Andrew com o Dr. Lang foi no dia 7 de outubro de 1976, quando George e Michael me levaram para conhecer Andrew e sua filha na casa deles, em Surrey. Depois do almoço, Michael e eu fomos dar um passeio, admirando o belo campo arborizado, enquanto

George ia para uma sala adjacente permitir que o espírito de William Lang tomasse o controle do seu corpo para falar com seus parentes.

"O avô me colocou no sofá na sala ao lado", lembrou-se Andrew, "e fez uma verificação completa. Mas o trabalho que ele fez no meu coração, há quatro anos, parece ter resistido bem e, além do fato de eu ter apenas um pulmão e meio para me sustentar, ele disse: 'Você vai bem.'"

Andrew Fairtlough teve uma oportunidade melhor do que a maioria das pessoas para comparar George Chapman e William Lang, e pedi-lhe que me dissesse quais ele achava serem as principais diferenças entre os dois.

"Bem, eles se movem de forma completamente diferente, para começar, e falam de maneira diferente também. George teria de ser treinado no palco por muitos anos para conseguir atuar como o Dr. Lang. Não acho que seria dentro das capacidades do George — não estou de modo algum depreciando-as — mas levaria anos e anos de estudo. Também seria muito difícil adquirir essa habilidade, porque George não tem mais a idade necessária para adotar a fala de alguém daquele século. O Sr. Lang fala muito parecido com a minha avó, que nasceu em 1850. Os gestos e as palavras vêm naturalmente para o avô quando ele está controlando o George. Ele está produzindo sua própria voz e suas próprias palavras. Sobre isso, não tenho dúvida."

Ele pretende manter contato com o Dr. Lang?

"Sim, certamente", respondeu ele sem hesitar. "Enquanto ele estiver interessado, eu estarei. Não quero tomar o tempo dele, porque sei que ele está terrivelmente ocupado cuidando de muitas outras pessoas. Mas sim, gostaria de manter o contato. Ele me ajudou na saúde e tenho certeza de que ajudou a Amanda também."

A filha de Andrew estava sentada ouvindo atentamente o relato do pai sobre o seu bisavô. Ela está uma geração mais afastada do período do Dr. Lang e, obviamente, não tem conhecimento direto dele durante sua vida terrena, mas ela também aceita que é o seu ancestral que agora fala através de George Chapman.

"Estávamos vivendo em Knightons e eu tinha cerca de dez anos quando conheci o George e falei com o Dr. Lang. Lembro-me de que fiquei um pouco assustada e fiquei com medo quando o Dr. Lang se manifestou e falou comigo."

Ela era cética?

"Eu simplesmente não queria estar envolvida com isso naquela época." E os seus sentimentos mudaram?

"Ah, sim, muito. Quando falei com o Dr. Lang aqui em outubro de 1976, fiquei muito à vontade com ele. Foi bem diferente. É definitivamente o meu bisavô."

Durante uma visita à Suíça, Amanda foi a Lausanne, onde George estava a realizar uma clínica. Ela conseguiu ter uma breve conversa com o Dr. Lang, mas ficou desapontada por não poder ficar para assistir ao tratamento dos pacientes. Mesmo sendo a bisneta do cirurgião, a privacidade dos pacientes vem em primeiro lugar.

Antes de me despedir, tendo registado os seus relatos notáveis de contacto com um 'relativo morto' cuja identidade é inquestionável, perguntei a Andrew qual o impacto que o retorno espiritual do Dr. Lang teve nos outros membros da família Lang.

"Alguns desdenham", respondeu ele, "e todos tendem a ser bastante secretos sobre tudo isso. Mas eu não me importo de falar com qualquer um sobre o avô e o George."

CAPÍTULO DEZOITO

A CURA CONTINUA

Um dos primeiros pacientes que o Dr. Lang tratou em França, em 1977, foi um escritor bem conhecido. Estou autorizado apenas a referir-me a ele como Monsieur A. J. Acredito que a sua esposa seja médica. O que torna o seu relato do encontro com o Dr. Lang particularmente interessante é o fato de ele ser conhecido pela sua falta de crença em Deus e na religião — embora tenha alguma crença em fenómenos paranormais. Este é o relatório que ele me enviou em junho de 1977:

Apesar de, em geral, acreditar na realidade dos fenómenos psi, sempre fui cauteloso com aqueles que afirmam ser capazes de provocá-los à vontade. Foi, portanto, com alguma relutância e apenas por insistência da minha esposa, que consultei o Dr. Lang (Sr. Chapman) três vezes. Abaixo, darei um relato dos meus sentimentos e impressões durante essas consultas, e tentarei ser o mais objetivo possível.

30 de janeiro de 1977. O Dr. Lang me examinou e notou, sem qualquer ajuda da minha parte:

a) 'verrugas' na bexiga;

- b) uma bronquite ligeira, mas crônica;
- c) cansaço no olho direito, que, na verdade, se manifestava durante os últimos seis meses por dores intermitentes e, quando eu lia, por uma certa quantidade de lacrimejamento do olho.

Os primeiros dois problemas haviam sido diagnosticados algumas semanas antes pelo meu médico de família. Quanto ao olho direito, decidi consultar um oftalmologista. O Dr. Lang, que nunca me tinha visto antes, só conseguiu diagnosticar esses sintomas por meio de detecção que são completamente seus. Alguns dias depois do seu tratamento, os problemas com o olho direito desapareceram completamente e não reapareceram, até hoje.

13 de março de 1977. Senti uma sensação de bem-estar quando a mão do médico passou sobre o olho que estava com dor. Mais estranho ainda, senti uma leve dor ardente na parte inferior do abdômen, profundamente. Isso é comparável, se se pode explicar assim, ao efeito que uma barra quente teria sobre uma fatia de manteiga.

24 de abril de 1977. O Dr. Lang assegurou-me que as verrugas desapareceram por erradicação. É verdade que a sensação de ardência mencionada anteriormente não reapareceu. A bronquite não está melhor nem pior. O fenômeno mais curioso, no entanto, ocorreu quando voltei para casa. Fui de repente tomado por um grande cansaço e fui deitar-me na minha cama por mais de uma hora. Cai num sono leve, agitado e perturbado por uma sensação de 'giro', como se fosse vertigem ou algo semelhante — ou, para usar uma comparação melhor, como a perturbação mostrada por uma bússola durante uma aurora boreal! No final, quando atingi um paroxismo, percebi claramente uma alucinação auditiva: um grito de 'Querido' ocorreu num tom patético no meu ouvido direito, como se eu estivesse ouvindo uma rádio transistor captando uma mensagem numa frequência incomum.

Todas essas observações e, especialmente, o sucesso inegável da intervenção do Dr. Lang no meu olho direito, despertaram-me para continuar com esta experiência e pedir uma quarta consulta.

Talvez não seja presunçoso da minha parte esperar que aqui temos um agnóstico que bem poderia ser persuadido a rever a sua visão sobre crenças religiosas fundamentais à luz do seu encontro com o Dr. Lang.

Logo após a segunda consulta de Monsieur A. J., eu estava a bordo de um avião transatlântico para mais uma viagem aos Estados Unidos: havia uma enorme demanda por tratamento como resultado das minhas

visitas anteriores. O jornalista e apresentador americano Bryce Bond, que tem acompanhado com grande interesse o meu trabalho ao longo dos anos, apelidou Michael e eu de 'os Chapmans voadores' — o que nos fez sentir como parte de um espetáculo de trapézio, mas descrevia muito bem o padrão contínuo da missão de cura do Dr. Lang, voando de continente para continente. Ele relatou que algumas pacientes femininas achavam o Dr. Lang tão encantador que queriam sequestrá-lo! Ao relatar a nossa visita para o *Psychic News*, Bond escreveu: "Nunca ouvi tanto elogio a um único homem."

Foi por essa altura que as pessoas começaram a notar a 'materialização' de sangue ou outros fluidos durante os tratamentos do Dr. Lang. Durante cada sessão de cura, uma tigela de água é mantida ao lado do sofá de exame e o Dr. Lang mergulha as minhas mãos nela entre os tratamentos. Ao longo dos anos, percebi 'detritos' estranhos flutuando na tigela, mas nunca dei muita atenção ao que eram ou como lá iam parar.

Eliane foi uma das primeiras a me falar sobre esse estranho fenómeno. Ela estava a traduzir para o Dr. Lang durante uma sessão que contou com a presença de um jornalista que tinha acabado de publicar um livro sobre cirurgiões psíquicos filipinos. Isso surgiu numa conversa entre o cirurgião espiritual e o paciente, e o Dr. Lang ofereceu-se para tentar um experimento. O homem foi convidado a deitar-se no sofá e, segundo o relato de Eliane, o Dr. Lang pegou numa toalha, colocou-a sobre a área do fígado do paciente e produziu um líquido espesso e vermelho dessa região.

O propósito desta demonstração, pelo que percebi, era mostrar que os filipinos podem não estar realizando operações reais - como parece - mas simplesmente materializando substâncias do interior dos corpos dos pacientes. Seja qual for o propósito, ele então colocou a substância que havia extraído na tigela de água limpa e o paciente foi embora. No entanto, Eliane pôde manter a observação enquanto os pacientes iam e vinham. Ela descreveu o que viu como uma espécie de crescimento flutuando sobre a água no início, 'mas após cerca de duas horas, tudo o que restava era uma substância marrom. Na toalha, estavam duas manchas marrons em vez das duas manchas vermelhas que originalmente haviam aparecido.'

Enquanto eu estava na América, o Dr. Lang realizou um experimento muito semelhante, que Bryce Bond testemunhou. Isso ocorreu durante a

última operação que ele realizou na América durante aquela visita, e o Dr. Lang deu permissão ao jornalista para fotografar a cirurgia.

"Observei muito de perto", relatou Bond. "O Dr. Lang trabalhou muito perto da região abdominal da paciente. Ela era uma índia, uma mulher de Bombaim que não falava inglês. Como sempre, entre as operações no corpo espiritual, o Dr. Lang mergulhou os dedos na tigela de água." Nesta ocasião, no entanto, quando as minhas mãos tocaram na água, ela 'espumou branca como um fluido ectoplasmático. Depois, ocorreu o fenómeno, deixando coágulos de sangue na superfície. Foi um evento muito emocionante."

Acontece que o presidente da Sociedade de Parapsicologia de Jersey, Ronald V. Mangravite, é cientista e químico forense. Ele recolheu uma amostra da substância e a submeteu a uma análise microscópica minuciosa. Isso revelou que era definitivamente sangue, relatou ele, mas de origem desconhecida.

Em junho, como já escrevi, fui a um santuário carmelita na França para que o Dr. Lang pudesse tratar freiras e padres. No mesmo mês, recebi uma carta de um cientista, o Dr. Blankaert, que consultou o Dr. Lang, juntamente com outros membros de sua família, em Paris. No seu tributo ao trabalho curativo do cirurgião espiritual, o cientista confirmou que o Dr. Lang falou em termos médicos reais sobre a sua própria condição e também sobre a saúde da sua família. "Posso garantir-lhe que aceitei o Dr. Lang como um médico que praticou na Terra. Desde que ele me examinou e tratou, houve uma melhoria visível na minha condição da parte inferior das costas. Também houve uma melhora nos problemas de saúde da minha esposa e filha."

As minhas viagens durante 1977 foram tão intensas quanto antes, e eu tinha percorrido milhares de milhas até meados do ano. Enquanto estava na Suíça em julho, atendendo a minha clínica regular, também fui solicitado a ver um paciente num hospital em Berna. Retornei a Aylesbury, depois a Paris, depois voltei para Aylesbury... e assim continuou. Em agosto, fui para a Alemanha, onde o Dr. Lang tratou 135 pacientes, incluindo dois médicos. Alguns dos que buscaram minha ajuda nessa ocasião não eram alemães, no entanto, mas visitantes que viajaram milhares de milhas desde Bangkok para consultar o Dr. Lang. Depois de voltar à Inglaterra para ver mais pacientes e lidar com a correspondência crescente, voei novamente para a Suíça.

Mais tarde, no ano, estive em Viena, a capital austríaca, onde os médicos, de forma muito lisonjeira, descreveram a nossa visita como "como anjos vindo para nos ajudar". Michael estava comigo nessa viagem e jantamos com uma famosa cantora de ópera e um produtor de TV e cinema muito conhecido. Em outubro, voamos de volta para os Estados Unidos, onde outras 120 pessoas estavam esperando para receber tratamento do Dr. Lang. Nessa ocasião, também fomos até Santa Bárbara, na Califórnia.

Entre os pacientes que esperavam para ver o Dr. Lang em St. Bride's, ao voltarmos à Inglaterra, estava a Sra. Irene Amesbury, que mora em Bishops Cleeve, Cheltenham, Gloucestershire. Mais cedo, no ano — em agosto, para ser preciso — foi descoberto e confirmado um pequeno câncer no útero. O seu ginecologista disse-lhe que poderia ser destruído por radiação, e os arranjos estavam sendo feitos para que ela recebesse esse tratamento. Ela escreveu para mim imediatamente, e o Dr. Lang começou a dar tratamento à distância. Eu disse à Sra. Amesbury que poderia vê-la em outubro e também agendei uma consulta para o seu marido, para que o Dr. Lang o tratasse de ruídos fortes na cabeça.

Após examiná-la, o Dr. Lang foi capaz de dizer-lhe que o tratamento à distância já havia sido bem-sucedido e que o câncer tinha desaparecido. No entanto, ele acrescentou que ainda havia uma ligeira infecção, mas esperava que ela desaparecesse dentro de um mês. Quando a Sra. Amesbury foi à sua próxima consulta com o ginecologista, não mencionou a sua visita ao Dr. Lang. Ele a examinou e confirmou tudo o que o Dr. Lang havia dito. Agora, não havia mais câncer. Ela recebeu uma carta de confirmação, que acrescentava que, embora o câncer tivesse desaparecido, ainda havia alguma infecção, e ele discutiria isso com ela na próxima consulta, marcada para 15 de novembro.

A Sra. Amesbury então recebeu uma visita do seu médico local, que lhe disse que, como o câncer tinha desaparecido, agora não havia necessidade de tratamento com radiação. Ele também mencionou a infecção que ainda estava presente e disse que o ginecologista lidaria com ela. Quando ela viu o especialista novamente, em novembro, ele fez um exame muito completo, que confirmou, mais uma vez, a ausência de câncer. E ele também descobriu que a infecção que havia detectado anteriormente agora desaparecera. Não havia mais necessidade de vê-lo novamente.

"Tudo o que o Dr. Lang disse foi confirmado aqui", disse ela numa carta para mim. "Eu podia ver que o ginecologista estava muito perplexo."

No tratamento do marido dela, o Dr. Lang havia ampliado os canais que transportam sangue para o cérebro. Isso parecia ter sido parcialmente bem-sucedido, pois os graves ruídos na cabeça, que ocorriam periodicamente e causavam-lhe considerável desconforto, haviam diminuído quando ela me escreveu em novembro, e ela sentia que era apenas uma questão de tempo antes que eles cessassem completamente. Finalmente, referindo-se mais uma vez ao seu próprio caso, a Sra. Amesbury comentou:

"Isso é, de fato, um milagre. Agora estou completamente curada, deixando o ginecologista perplexo. O meu médico de família disse que nunca tinha ouvido falar de um caso de câncer definitivo desaparecer sem tratamento."

Ela me pediu para transmitir ao Dr. Lang: "Nunca deixarei de ser grata pela maravilhosa coisa que ele fez por mim."

CAPÍTULO DEZOITO

UMA QUESTÃO DE FAMÍLIA

Eu deveria ter voltado à Inglaterra na segunda-feira, 23 de maio de 1977 — no dia anterior à cremação da tia Lyndon — após completar minha clínica regular de sexta a segunda-feira na França. Mas então Paris foi atingida por uma greve geral de vinte e quatro horas e fiquei preso. Verifiquei no aeroporto, mas os poucos voos disponíveis na noite de segunda-feira estavam todos lotados. A Air France conseguiu me reservar no voo das 7h30 para Heathrow na manhã seguinte, no entanto, e embora esse voo tenha sido posteriormente cancelado, eu estava no ar às 8h20. Devido à diferença de horário, aterrei em Heathrow às 8h30 da manhã e fui recebido por um carro que me levou até Aylesbury. Tive tempo apenas para um banho rápido e trocar de roupa antes de seguir para o Golders Green Crematorium para me despedir dos restos mortais da tia Lyndon.

Enquanto o táxi entrava na capital, houve tempo para refletir sobre os trinta anos em que a conheci e amei. Ela teve uma grande influência na minha vida e passamos muitas horas felizes juntas, discutindo uma infinidade de tópicos. Quando eu estava em Londres, a visitava regularmente no seu apartamento em 84a Campden Hill Court,

Kensington, no oeste de Londres. Íamos almoçar no Curzon House Club e passeávamos pelo Kensington Park. Até fomos de férias para Bournemouth. Foi uma amizade mutuamente satisfatória, mas de que eu não podia falar, pois tinha prometido à tia Lyndon que não a envolveria em qualquer publicidade sobre o meu trabalho enquanto ela estivesse viva. Agora, com a sua partida, estava livre para falar sobre ela. De fato, era seu desejo que o fizesse.

Embora eu a chamasse de 'tia', ela não era parente. O seu nome verdadeiro era Marie Lyndon Lang e ela era filha de William Lang. Durante trinta anos, através da minha mediunidade, ela foi capaz de falar com o seu 'pai morto'. Foi um privilégio que poucas pessoas experimentaram e Lyndon Lang estava bem ciente da importância do seu testemunho. A minha reputação como médium teria sido consideravelmente aumentada se eu tivesse podido contar sobre a sua participação no meu trabalho desde o início. Mas eu tinha prometido a ela total sigilo e mantive a minha palavra.

Ela tinha mais de sessenta anos quando a conheci e não estava disposta a ver sua vida feliz e pacífica virada do avesso por toda a publicidade que teria resultado de tal anúncio. Haveriam exigências de entrevistas por jornalistas, apresentadores de rádio e TV. Haveria céticos que, tenho certeza, tentariam lançar dúvidas sobre o seu testemunho, sugerindo que ela tivesse sido 'enganada' ou tivesse perdido a razão. Por que ela deveria se submeter a tudo isso?

Devo admitir que, em alguns momentos, foi difícil, especialmente quando me perguntaram sobre evidências da identidade do Dr. Lang, não podendo revelar a melhor e mais decisiva prova. Mas, em retrospectiva, vejo a sabedoria do seu silêncio. O Dr. Lang conseguiu se estabelecer mesmo sem este testemunho notável. E, ao manter-se fora de cena, nos bastidores, como quem diz, a tia Lyndon conseguiu orientar e trabalhar de uma maneira que tenho certeza de que não teria sido possível se ambos estivéssemos sob o completo olhar da publicidade.

Esta notável associação surgiu através de uma senhora, a Sra. Connie Newey, que morava na época em 411 Hagley Road, Edgbaston, um subúrbio ao sudoeste de Birmingham. Ela me convidou, em 1946, para visitar sua casa e dar cura a doze pacientes. O que eu não sabia na época era que a Sra. Newey conhecia o Dr. Lang durante a sua vida terrena. Sua mãe foi paciente do Dr. Lang e ela e a irmã costumavam levá-la para vê-lo.

A irmã da Sra. Newey era a Sra. Nora Hanson, de Woodlands, Stourbridge, Worcestershire, e ela também estava presente quando eu fiz a cura em Hagley Road, juntamente com outra irmã, Miss Bessie Thompson. Além de levar a mãe para ver o Dr. Lang, Nora Hanson tinha outra ligação com ele. Durante a Primeira Guerra Mundial, o seu marido e a tia Lyndon haviam servido juntos na França. Eles se conheceram e ficaram amigos, e quando o Sr. Hanson foi morto, a tia Lyndon fez contato com a viúva dele. A Sra. Hanson escreveu para me contar a história completa alguns anos depois:

"Quando o Sr. Lang estava em prática na Terra, fui com minha mãe consultar ele sobre os olhos dela. Lá, no consultório dele, assisti ele examinando os olhos de minha mãe; ajudando-a e aconselhando-a sobre o que fazer. A filha dele era uma grande amiga minha. Eu visitava-a frequentemente na casa deles. O filho, Basil, que agora está no espírito e ajuda o Dr. Lang na cura, também era meu amigo.

Fiquei com Basil Lang e sua esposa no apartamento deles em Londres. Quando encontro o Dr. Lang no espírito, é realmente uma experiência maravilhosa para mim. Ele é útil, amigável e amável. Discutimos a visita profissional que fiz com minha mãe e muitas outras recordações pessoais. As conversas que tenho agora com o Dr. Lang me fazem perceber que deve ser o Sr. Lang que eu conheci no passado com quem estou a falar."

Entre os outros presentes na minha primeira visita a Hagley Road estavam o filho da Sra. Newey, Eric, o Dr. Rigby, e vários amigos dos Hanson que conheciam o Dr. Lang. Acredito que eles soubessem da minha existência por meio de um recorte de jornal e se perguntassem se eu era o mesmo William Lang que eles haviam conhecido. Obviamente, eles não me disseram nada sobre o motivo de me convidarem, mas assim que entrei em transe, começaram a fazer perguntas ao cirurgião espiritual sobre sua identidade.

Ele respondeu a todas as perguntas, deixando-os sem dúvida de que ele era a pessoa que dizia ser. Depois, como prova adicional, falou sobre sua filha. Ele sabia muito bem da amizade dela com a Sra. Hanson e disse que gostaria de falar com Lyndon. Desde então, fiquei convencido de que o Dr. Lang planejou minha visita à área de Birmingham com o propósito expresso de entrar em contato com sua filha.

Quando a tia Lyndon soube do retorno espiritual de seu pai, ela ficou intrigada. Ela sabia que algumas das pessoas presentes o conheciam o

suficiente para julgar a autenticidade da comunicação espiritual, e elas foram unânimes no veredicto. Isso ajudou a superar seu ceticismo inicial, e ela decidiu descobrir por si mesma, marcando uma consulta comigo em Aylesbury. Ela morava em Londres, então a viagem era mais fácil para ela do que viajar até Birmingham. Além disso, uma comunicação com seu pai morto — se fosse realmente ele — em minha casa oferecia maior privacidade. Claro, isso significava que ela teria que revelar quem era, mas isso não fez diferença.

Ela sabia que eu era um completo estranho, e mesmo que eu tivesse procurado algumas notas biográficas sobre William Lang, isso não seria suficiente para me passar por ele, caso fosse falso. A maneira de provar que era William Lang, além da impressão imediata da voz e dos modos, seria fazer perguntas penetrantes e pessoais sobre eventos que somente ela e seu pai conheciam: questões privadas que nenhuma quantidade de pesquisa poderia descobrir. Foi exatamente isso que a tia Lyndon fez, um dia em 1947, e ela saiu satisfeita por ter falado com seu pai, que havia falecido apenas dez anos antes.

A tia Lyndon tinha cinquenta e quatro anos quando seu pai morreu. Eles eram muito próximos. Ela tinha apenas sessenta e quatro anos quando restabeleceu o contato com ele, então sua memória dele e dos eventos que viveram juntos ainda era muito clara. Ela era uma mulher ativa, bem-educada e com uma abordagem sensata da vida e da morte, o que a tornava uma participante ideal neste extraordinário drama de dois mundos.

Trinta anos depois, quando estava claro que ela tinha apenas pouco tempo de vida no plano terrestre, discuti este livro com ela. Eu havia planejado originalmente escrever um livro para o mercado francês que contasse a história de como minha missão de cura no exterior começou, e publicá-lo por conta própria. Para minha surpresa, ela disse que gostaria de escrever algo para o livro. Talvez ela tenha sentido que estaria com seu pai quando o livro fosse impresso. Sua visão estava prejudicada, então ela me pediu para transcrever a seguinte declaração, que ela assinou:

"George Chapman me explicou sobre seu novo livro. Este livro trata principalmente do meu pai. O que posso dizer? Eu soube de George e do retorno de meu pai em 1946. George foi convidado para minha casa para conhecer antigos colegas de meu pai. Fizemos muitas perguntas a meu pai sobre coisas que só ele poderia saber. Ele sabia todas as respostas

e, melhor ainda, ele fez perguntas em retorno. Algumas das perguntas que fizemos não pudemos responder. Em 1947, George aceitou um contrato comigo e com um grupo de médicos idosos. Sou a única que restou. George sempre foi gentil em manter meu nome fora dos olhos do público, por causa dos meus desejos.

A todos os leitores deste livro, posso dizer com sinceridade que o William Lang que opera através do corpo de George Chapman é, sem dúvida, meu pai. Recomendo este livro a todas as pessoas que buscam a verdade sobre a vida após a morte ou as verdades espirituais. Meus agradecimentos aos membros da profissão médica que deram testemunhos pessoais sobre o trabalho de cura de meu pai e de George Chapman."

Assinado: Marie Lyndon Lang.

Essa declaração, é claro, revela outro e igualmente sensacional aspecto da história: o fato de que médicos que conheceram tanto William quanto Basil Lang continuaram a se comunicar com eles após suas mortes. Tratarei disso em breve. Assim que a tia Lyndon concordou em ser mencionada, pude mudar meus planos de publicação e buscar um público mais amplo para a história, pois sua confirmação é uma das provas mais notáveis e impressionantes de sobrevivência nos tempos recentes.

Também fiquei muito contente quando a tia Lyndon concordou em ser filmada falando com seu pai através de mim, para o filme privado que eu fiz. Ela estava nervosa e recatada, mas me forneceu uma prova adicional de seu envolvimento para ser usada após sua morte. Quatro semanas depois, ela caiu e faleceu no mês seguinte.

Depois de me tornar o Espiritualista do Ano, decidi começar um pequeno livro no qual médicos e pacientes conhecidos do Dr. Lang poderiam escrever testemunhos breves. Este, é claro, é um livro privado e não utilizo as informações nele contidas sem a permissão da pessoa. Quando contei à tia Lyndon sobre minha intenção, ela pediu para ser a primeira a contribuir. Seu tributo replica parte do que já citei, mas também fornece informações adicionais, e por isso citarei aqui na íntegra:

"Gostaria de ser a primeira a escrever neste pequeno livro e registrar que George Chapman primeiro visitou meu apartamento em 1947 para dar sessões a mim e a amigos e colegas médicos de meu irmão. Todos nós questionamos e testamos George e meu pai William Lang, e só chegamos a uma conclusão: a pessoa que fala através de George

Chapman e afirma ser William Lang é, sem dúvida, meu pai. George veio sob um contrato com um grupo de médicos cujos nomes estão em um envelope lacrado que foi dado a George em 1956 e não deve ser aberto até a minha morte. Desde então, George tem cumprido o acordo de visitar Londres a cada duas semanas para que os poucos de nós que restaram possamos conversar com o pai e receber curas. É um fato que William Lang, meu pai, está tão vivo hoje, continuando seu trabalho no mundo espiritual e ajudando a humanidade a voltar à saúde da melhor forma possível. O pai disse uma vez: 'É uma grande tristeza que todo o conhecimento que temos morra conosco.' Mas ele prova que suas palavras estavam erradas. Agora ele tem um conhecimento ainda maior."

Assinado: Marie Lyndon Lang.

A comunicação espiritual da tia Lyndon não se limitava a conversas com seu 'pai morto'. Ela me contou que, enquanto eu estava em transe, ela também havia falado com sua mãe e com seu irmão, Basil.

Esse contato com a filha de William Lang aconteceu enquanto eu ainda estava no Corpo de Bombeiros e, para ver a tia Lyndon e os médicos que haviam formado esse grupo especial, precisei mudar meus turnos para poder cumprir o compromisso de estar em Londres todas as quintas-feiras. Fiz isso durante dez anos. A cada vez, eu entrava em transe para permitir que o Dr. Lang discutisse medicina, realizasse curas ou fizesse experimentos. Naturalmente, passei a conhecer muito bem as doze ou mais pessoas envolvidas neste grupo, mas elas geralmente tomavam cuidado para manter suas identidades em segredo. Eu as conhecia principalmente pelo primeiro nome.

A tia Lyndon e a equipe médica me deram todo o incentivo para me tornar um curador em tempo integral. Quando tomei a decisão e deixei o Corpo de Bombeiros em 1956, pediram para que os visitasse ainda mais frequentemente, e meu compromisso com eles tornou-se semanal. Logo, os amigos da tia Lyndon souberam — sem perceber o motivo — que ela nunca aceitava visitantes às quintas-feiras antes das 17h.

O novo contrato semanal estipulava que eu continuaria disponível toda quinta-feira até que a última pessoa do grupo falecesse. Em troca, eles me pagavam £1 por semana para cobrir minhas despesas de viagem de Aylesbury a Londres. A inflação e o aumento das tarifas ferroviárias aumentaram ao longo dos vinte anos seguintes, mas o valor 'simbólico' manteve-se o mesmo! Mas fiquei mais do que feliz que fosse assim, porque sabia que estava cumprindo os desejos do Dr. Lang. Ele disse

uma vez à sua filha, aliás, que ela viveria até os noventa e cinco anos e ela havia entrado em seu noventa e quinto ano quando faleceu. Talvez tenha sido esse conhecimento que a levou a preparar a declaração e aparecer no meu filme quando o fez, embora, naquele estágio, parecesse que ela poderia viver até os cem ou mais anos.

A maioria do grupo médico que se sentava comigo eram colegas de Basil, embora alguns também tivessem conhecido William Lang. Mas, um por um, eles faleceram, até que eventualmente restaram tão poucos que foi acordado que nos encontraríamos a cada quinze dias, como fazíamos nos primeiros tempos. Isso foi uma grande ajuda para mim quando comecei a viajar para o exterior, mas o meu itinerário tinha que ser planeado em torno desses encontros de quinta-feira. No final, os médicos envolvidos estavam muito velhos e já haviam recebido todas as evidências de que precisavam sobre o retorno espiritual de William Lang. Todos estavam aposentados e, portanto, não tinham pacientes que precisassem da cura do Dr. Lang.

Então, além das ocasiões em que pediam ao Dr. Lang que os tratasse, normalmente passávamos as nossas quintas-feiras a fazer uma refeição e a beber algo, discutindo os meus planos ou o que o Dr. Lang havia conseguido realizar com certos pacientes. Eram encontros sociais agradáveis. A tia Lyndon sobreviveu a todos os membros médicos do grupo, e com a sua morte, o contrato chegou ao fim e eu estava livre para contar toda a história.

Quando cheguei ao Golders Green Crematorium, encontrei as poucas pessoas — amigos e parentes — que vieram prestar as suas últimas homenagens à tia Lyndon. Vi um aviso que dizia que a Capela Oeste havia sido reservada para Marie Lyndon Lang às 13h30. Isso fez-me lembrar que, embora ela sempre assinasse o seu nome dessa forma, e assim aparecesse na sua certidão de nascimento, o Dr. Lang tinha dito que o seu nome completo era Marie Dorothy Lindon Lang. Foi assim que ele o escreveu na Bíblia da família. Ele também soletrou o segundo nome de Basil, Thorne, com o "e" — embora muitos outros o omitissem.

Sentei-me ao lado de Andrew Fairtlough e da sua filha Amanda. O serviço foi gentil e eu não me senti triste. A vida terrena da tia Lyndon havia chegado ao fim após noventa e quatro anos de acontecimentos marcantes, mas durante os últimos trinta, ela adquiriu um conhecimento do mundo espiritual que estava muito além das esperanças da maioria das pessoas; um conhecimento que deve tê-la preparado para a

transição desta vida para a próxima e para o reencontro com o seu pai, a sua mãe e o seu irmão. Também coube à tia Lyndon, por meio de suas experiências, fazer uma importante contribuição para o caso da sobrevivência humana após a morte.

Quando o caixão desapareceu, levando o corpo da tia Lyndon para ser cremado, eu sabia que não me despedi dela. Ela agora era um membro da equipa de cura de seu pai e continuaria a trabalhar comigo e a me incentivar do Outro Lado. E quando a minha vez chegar para passar para o mundo além, um dos maiores prazeres será o meu reencontro com a tia Lyndon e o meu primeiro encontro pessoal com o seu pai, William Lang.

Embora não fosse um membro do grupo médico, Jack Ainsworth-Davis foi contemporâneo de Basil Lang e conhecia a nora de William Lang. O Sr. Ainsworth-Davis, MA, MD, FRCS (Eng. & Edin.), havia-se aposentado como cirurgião urológico quando me contactou pela primeira vez em maio de 1969, aos setenta e quatro anos. Ao escrever para marcar uma consulta para si, para tratamento de enfisema e problemas digestivos, e para a sua esposa, Irene, que tinha artrite reumática, ele explicou que tinha lido sobre o Dr. Lang em *Healing Hands*. Percebeu que o Dr. Lang devia ter feito parte da equipa do Middlesex mais ou menos na mesma altura em que o falecido Sir Gordon Gordon-Taylor, um homem que ele muito admirava, estava lá.

Após a sua primeira consulta em Aylesbury, ele escreveu: "Tive uma conversa muito interessante com o Sr. Lang sobre os velhos tempos. Eu não conhecia pessoalmente o Basil, apenas a sua esposa, Norah. Eu quase me esqueci de perguntar a ele se se lembrava do meu pai, J. R. Ainsworth-Davis, quando ele era professor de fisiologia no Middlesex nos anos 20."

No final de 1969, ele teve que ser internado no hospital para uma operação ao ouvido. Em 4 de janeiro de 1970, escreveu para dizer: "O meu ouvido agora está bem confortável desde que os pontos foram retirados. Por favor, diga ao Sr. Lang que o relatório não mostra evidências de malignidade. Em outras palavras, ele estava certo e todos nós estávamos errados!!!!"

Mais ou menos na mesma altura, a tia Lyndon foi para o Brompton Hospital para uma operação e Jack Ainsworth-Davis foi de grande ajuda, nos bastidores, quando eu lhe disse onde ela estava. Pediu ao Sir

Kenneth Robson, médico sênior do hospital, que ficasse de olho nela, e também fez visitas regulares.

Ele e a sua esposa mantiveram contacto comigo por três anos e meio antes do seu falecimento. Durante esse período, enviaram relatórios regulares sobre o seu progresso e marcaram várias consultas com o Dr. Lang em Aylesbury. Também procuraram o tratamento à distância do Dr. Lang em nome de várias outras pessoas e pediram consultas de emergência para alguns deles. A sua história não é espetacular, mas é mais um exemplo de um médico que reconhece que apenas medicamentos e cirurgia muitas vezes não são suficientes. Jack Ainsworth-Davis atravessou o abismo que separa esta vida da próxima em busca de saúde... e William Lang, um colega cirurgião, respondeu.

CAPÍTULO VINTE

O MUSEU LANG

Um médico idoso chegou à beira da cama. "Melhor termos uma conversa", disse ele. Estava obviamente a sentir-se miserável, apesar dos seus esforços para esconder o facto.

"Coitado de si!" disse Elma M. Williams, batendo na cama. "Sente-se e fume um cigarro. É câncer na coluna, não é?"

"Bem, er... sim. Na verdade, é", respondeu ele. Ela explodiu em risos. "Se eu não me importar, não vejo porque é que você deveria se importar."

Aconteceu que um parente bem-intencionado tinha dito aos médicos para não contar à Srta. Williams o que estava errado com ela, por medo de que ela cometesse suicídio.

"Mas você não acha que me importo de morrer, acha?"

O médico balançou a cabeça. "Eu sei que você não se importa, e isso é o que tornou tudo tão bobo."

Essa história notável é contada pela Srta. Williams no seu livro *Heaven on My Doorstep* (Arthur James Ltd, 1970). Embora fosse católica romana, a Srta. Williams tinha uma atitude muito aberta em relação à religião, acreditando que era importante estudar também as crenças dos outros e aprender com elas. Ela não tinha dúvidas de que Deus desempenhava um papel importante na vida, se fosse permitido, e deu um maravilhoso exemplo aos outros pela maneira simples e amorosa

com que viveu, e pela maneira feliz e corajosa com que enfrentou a morte. Como acreditava numa vida após a morte, não foi muito surpreendente que ela aceitasse o veredicto médico de câncer com serenidade.

Mas isso aconteceu num momento em que ela estava fazendo planos para um esquema de aposentadoria especial para o qual tinha trabalhado incansavelmente por um longo período. Outros poderiam ter-se sentido frustrados ou amargurados ao saber que esses planos teriam que ser abandonados devido à doença, mas Elma Williams adotou uma visão mais ampla da vida. Se fosse vontade de Deus que ela vivesse, ela viveria. Se Ele tivesse outros planos para ela, ela os aceitaria sem discussão.

A Srta. Williams tornou-se escritora aos trinta e nove anos e produziu vinte e seis livros. Os primeiros eram romances, mas mais tarde ela começou a escrever livros encantadores sobre sua vida em um pacífico e idílico vale galês e os muitos animais que compartilhavam a sua existência feliz em Pant Glas. O primeiro desses livros, escrito em 1963, foi *Valley of the Animals* e se tornou um best-seller.

Outros seguiram, incluindo *The Pant Glas Story*, que contou como escapou de seu tedioso trabalho de secretária, em 1957, para o belo vale no País de Gales, com vista para o Dovey Estuary. Escrever passou a ser o seu único meio de vida. Como resultado, pessoas de todos os lugares vinham conhecê-la e ver o maravilhoso santuário de animais. Todos devem ter sido tocados pela compaixão e harmonia que encontraram lá; um oásis no qual humanos e animais viviam em total harmonia.

Os livros de Elma Williams tocaram os corações de muitos idosos que lhe escreveram, contando as condições terríveis em que viviam, mas explicando que recusavam melhores condições de habitação porque, para aceitar, teriam de se separar dos seus animais de estimação. A companhia dos animais era muito mais importante para eles do que o conforto físico. Como resultado, a Srta. Williams formou a *Valley of Animals Foundation Trust*, com a qual esperava criar uma comunidade de aposentados em Pant Glas, onde os idosos poderiam viver os seus últimos anos nesta terra na companhia de animais e em harmonia com a natureza.

Foi enquanto esses planos ainda estavam nos estágios iniciais que ela começou a ter problemas cada vez mais graves nas costas.

Eventualmente, os raios-X mostraram a verdadeira natureza da doença. O primeiro médico que os analisou, um homem jovem, não conseguiu dar a má notícia. "Artrite," murmurou ele. "Mas que dia maravilhoso!" Coube ao médico mais velho e sábio dizer à paciente a verdade - apenas para descobrir que a paciente já o estava a dizer.

A doença rapidamente começou a tomar conta. Uma semana depois de ter regressado a casa após o hospital, ela já não conseguia sair da cama. A sua perna esquerda estava inútil. As suas noites eram preenchidas por dor.

"Mesmo assim," ela escreveu, "tive momentos de exaltação. Não havia morbidez nessa perspetiva. Em breve, muito em breve, eu morreria para esta vida e teria a maioria das respostas. O Céu logo estaria por todo o lado, não apenas à minha porta. Alguém mais tomaria conta de mim e eu estaria livre."

Então decidiu afastar-se desse "pensamento preguiçoso" e lutar. Pouco depois, Ruth Bell, secretária de Sir George Trevelyan, sugeriu que eu poderia ajudá-la, e ela recebeu uma cópia de *Healing Hands*. Mas, após fazer algumas investigações, soube que eu só poderia ser visto em Aylesbury e que havia uma lista de espera de seis meses. Seis meses, pensou ela, talvez fosse tarde demais. Então recebeu uma mensagem de uma amiga que tinha marcado uma consulta com o Dr. Lang para 26 de novembro de 1969, mas que decidiu ceder a consulta a Elma Williams.

Nas três semanas que antecederam essa consulta, Elma foi ficando cada vez mais fraca. Já não conseguia mover-se da cama para uma cadeira sem dor excruciante, e as noites tornaram-se mais longas. Escreveu para o Sr. Chapman, agradecendo-lhe por lhe ter concedido uma consulta com o Dr. Lang, embora tivesse dúvidas de que fosse conseguir manter o compromisso. Prometeu enviar-lhe um telegrama caso a viagem se tornasse impossível.

Ele respondeu, dizendo-lhe que não deveria pensar em viajar 200 milhas se não estivesse suficientemente bem. Isso faria mais mal do que bem. Mas ele mencionara o seu caso ao Dr. Lang, que já estava a prepará-la para a viagem e que aguardava encontrá-la.

Apesar de sofrer uma dor enorme, ela conseguiu fazer a viagem, mas teve de ser carregada para o consultório do Dr. Lang numa cadeira. "Desta maneira fui literalmente colocada aos pés do famoso Dr. Lang, que, com a sua voz culta e precisa, disse: 'Ah, Miss Williams! Boa tarde. E como estão os animais?'"

Depois de a examinar, escreveu ela, o Dr. Lang disse: "Bem, bem, jovem senhora, está num grande problema." Ela concordou. "Agora, seria tolo da minha parte dizer-lhe o contrário," ele continuou. "Estas células cancerígenas estão muito ativas, de facto, muito ativas. No entanto, vamos ver o que podemos fazer." As esperanças de Miss Williams de um diagnóstico diferente do que o hospital havia dado foram desfeitas.

"Quanto tempo tenho, acha o senhor?" perguntou ela.

"Cerca de seis a oito meses. Poderia viver dois anos, mas não é provável. Agora, não faço promessas, mas já curei pessoas muito piores do que você. Proponho agora realizar duas operações, uma no seu coração e depois uma nos seus rins."

Em vez de voltar para Pant Glas, a Srta. Williams foi levada por amigos para Worcestershire, onde poderiam cuidar dela. Durante as duas semanas seguintes, ela foi incapaz de se mover. Mas quando confidenciou ao seu médico sobre a sua "excursão" a Aylesbury, a resposta dele surpreendeu-a. "Surpreenderia se eu dissesse que não estou nada horrorizado?" disse ele. "Vamos ver o que vamos ver, não é?"

Ela foi levada para casa, ainda tendo de ser carregada numa cadeira. Mas esqueceu-se de tomar os analgésicos antes da viagem e também os esqueceu nos quatro dias seguintes em casa. No entanto, estava a comer e a dormir melhor.

"No quinto dia, eu levantei-me ao lado da minha cama e gritei: 'David, venha cá! Eu consigo ficar em pé.'"

"Tenha cuidado," ele avisou. "Você sabe que não deve mexer-se sem eu estar aí. Poderia ter caído."

"Tolice. Olhe, eu posso dar um passo. A perna esquerda está a sustentar-me." Essa mudança notável na sua saúde foi seguida pela boa notícia de que ela tinha recebido autorização para o seu projeto de aposentadoria em Pant Glas. A partir desse momento, ela foi progressivamente melhorando até que conseguiu ser independente novamente.

Mais tarde, no seu livro, a Srta. Williams escreveu: "Quando a própria vida parecia estar a escassear nos meus cinquenta e poucos anos, pedi a Deus uma oportunidade para lutar, se Ele assim o quisesse. Então fui enviada a um curador que podia e fez curar o câncer virulento. Eu, que nunca mais voltaria a andar ou a escrever, acabei de andar uma milha ao

redor das minhas propriedades e voltei a escrever pelo resto do dia. Estou muito bem e espero continuar assim por muito tempo."

Quando a notícia da sua cura foi divulgada, ela recebeu muitas cartas de pessoas que se alegraram com o facto. Apenas uma, entre centenas, foi crítica, e muitas pediram o meu endereço. Com a publicação de *Heaven on My Doorstep*, que contou a história completa da sua cura, ela recebeu um número ainda maior de cartas. Todas as cartas pedindo a minha ajuda foram-lhe entregues para que eu respondesse. Escreveu sobre a sua cura numa revista católica de bem-estar animal, e falou sobre isso no jantar anual do *Catholic Study Circle for Animal Welfare* em dezembro de 1970, quando foi a convidada de honra. Enviou até uma cópia do seu livro ao Cardeal Heenan.

Embora tenha falado sobre a sua cura como uma recuperação, a Srta. Williams não viveu para ver os seus planos para o assentamento de aposentadoria em Pant Glas tornarem-se realidade. Em julho de 1971, a sua saúde deteriorou-se e ela foi confinada a uma cadeira de rodas. Então, depois de algumas semanas, partiu do seu "céu na Terra" para um novo céu no próximo mundo. Talvez, afinal, o propósito de Deus ao conceder-lhe uma breve extensão à vida terrena não tenha sido para concretizar o seu plano, mas para tornar mais pessoas conscientes da realidade da cura espiritual e da existência de um mundo espiritual.

Pouco antes de morrer, ela escreveu: "Estou a ser usada para desbloquear várias mentes fechadas. A minha própria mente já está tão aberta que faz corrente de ar!"

O seu último livro, no qual o seu tratamento pelo Dr. Lang foi um tema central, deve ter inspirado incontáveis pessoas. É um dos mais comoventes que já li: um testemunho soberbo da fé humana, coragem e espírito.

Com a partida física de Elma Williams de Pant Glas, não havia mais ninguém em posição de tornar o seu projeto de aposentadoria uma realidade — pelo menos, não naquele lugar específico. Quando Pant Glas foi posto à venda, fui lá ver e, tal como a Srta. Williams, apaixonei-me pelo lugar.

Comprei Pant Glas e agora, sempre que consigo arranjar tempo para tirar alguns dias de folga das viagens e do tratamento dos doentes, vou até este belo vale galês para relaxar e voltar à natureza. Muitas vezes sinto a presença da Srta. Williams. Tenho a certeza de que ela ainda vela

pela *Valley of the Animals*. A casa e os terrenos parecem impregnados com o seu amor ilimitado por todas as coisas vivas.

Um dia, espero poder me retirar para lá.

Assim que a tia Lyndon confirmou que era o seu pai que falava através de mim, começou a dar-me itens de especial interesse que pertenciam a ele. Os membros do grupo médico também me deram lembranças de William e Basil Lang e, ao longo dos anos, fui construindo uma fascinante coleção de relíquias da família Lang.

Não tenho dúvidas de que ter esses objetos ao meu redor e me familiarizar com eles ajudou a fortalecer o vínculo psíquico que existe entre nós.

O Dr. Lang tem um orgulho especial em contar aos visitantes sobre alguns dos seus bens quando os recebe em St. Bride's. Ele aponta para as cortinas de William Morris, produzidas especialmente para ele pelo grande designer, que foi seu vizinho em certa altura. Existem outros objetos também, incluindo uma secretária e a Bíblia da família Lang. Mas poucos visitantes viram o 'Museu Lang', que constitui a maior parte da minha coleção. Tenho uma sala em St. Bride's onde estão expostos os pertences do Dr. Lang. Tive de manter essa coleção notável em segredo enquanto a tia Lyndon estava viva, porque qualquer publicidade poderia, de fato, levar um jornalista até ela.

Ela era, afinal, a fonte mais provável para muitos dos itens da coleção. Consultas sobre outros objetos poderiam ter levado a membros do grupo médico, e a última coisa que eu queria era causar-lhes algum embaraço. Agora, é claro, já não há necessidade de segredo, mas a coleção continua a ser privada – a ser mostrada apenas a visitantes privilegiados. No entanto, algumas pessoas viram os objetos do Dr. Lang sem perceberem a quem pertenciam.

Na minha sala de estar está a cómoda de William Lang. Na mesma sala encontra-se o seu serviço de jantar de porcelana e dois relógios. Nas paredes, estão pinturas que um dia lhe pertenceram. A minha posse mais preciosa é o soberbo tanque de prata, agora com mais de 200 anos, que os colegas do Middlesex Hospital lhe ofereceram na sua aposentadoria. Em outras palavras, estou rodeado de recordações da presença do Dr. Lang. Ele usa o meu corpo e, em troca, eu tenho acesso à maior parte dos seus bens!

No final de cada dia, quando estou em St. Bride's, até durmo na cama de William Lang.

Outra prova – caso fosse necessário mais alguma – de que a tia Lyndon esteve profundamente envolvida no meu trabalho pode ser encontrada no seu testamento. Quando ela faleceu, deixou-me todos os seus bens pessoais. Como muitos desses bens pertenciam ao seu pai, isso significou que a minha coleção de William Lang aumentou consideravelmente.

A tia Lyndon legou somas de dinheiro a vários parentes e também deu £10.000 à Royal Society of Medicine para ser usada com o propósito de "avançar a arte e ciência da medicina e da cirurgia por meios que o Conselho da referida Sociedade determinar, a sua discrição". Ela especificou que essa doação deveria ser chamada "A Doação William e Basil Lang" e expressou o desejo de que parte dessa quantia fosse aplicada no avanço da ciência da oftalmologia.

Depois de dar instruções aos seus curadores para realizar vários pagamentos e investimentos, a filha de William Lang legou o resto da sua fortuna a mim, "na confiança de que ele fará bom uso desta doação".

A tia Lyndon tinha 81 anos quando fez e assinou o seu testamento, a 22 de setembro de 1964. Naquela altura, já estava a sentar-se comigo há dezassete anos e a sua generosa doação foi claramente feita com a intenção de me permitir continuar o trabalho do seu pai durante muitos anos após a sua morte, bem como para expressar a sua própria gratidão por tudo o que fiz por ela, não só por permitir que falasse com o seu 'pai morto', mas também pela amizade que lhe estendi. Ela sabia que a publicação do seu testamento poria fim aos seus anos de silêncio e demonstraria os seus sentimentos reais sobre o meu trabalho, para a sua família e para o mundo em geral.

Quando fui recolher os pertences da tia Lyndon, deparei-me com um problema. St. Bride's já estava bem mobilada com os meus próprios bens, bem como com os itens que a filha e os colegas de William Lang me haviam dado ao longo dos anos. De repente, fomos inundados com mais objetos. No entanto, senti que era vital manter todos os itens da família Lang juntos. Pant Glas ajudou-me a resolver o problema. Eu havia renovado e modernizado a casa galesa, e então comecei a transferir os meus próprios móveis e acessórios para o *Valley of the Animals*, permitindo que os bens da família Lang dominassem a minha casa em Aylesbury. Agora, mais do que nunca, é como viver num museu.

Mas museus são muitas vezes frios e impessoais. St. Bride's não é. As belas pinturas, bureaux, secretárias, cadeiras, armários, porcelanas, ornamentos e outros itens de mobiliário doméstico refletem o bom gosto da família Lang. Mas, mais do que isso, eles permanecem como testemunhas silenciosas da realidade de outro mundo.

São lembretes constantes para mim, para a minha família e amigos, de que partilho a minha vida com William Lang. A nossa é uma parceria única; um vínculo espiritual que persistirá muito depois de eu deixar este mundo. Espero que a coleção Lang permaneça intacta como prova tangível do contacto entre esta vida e a próxima, pelo menos até o dia em que a realidade da vida após a morte seja universalmente aceite.

CAPÍTULO VINTE E UM O PROPÓSITO

Na última década, tem ocorrido uma mudança notável na atitude em relação à cura. A opinião pública tem sido a pioneira, e a ortodoxia – tanto médica como religiosa – foi forçada a reexaminar as suas atitudes sobre o tema. Vários desenvolvimentos em 1977 ilustram como essa mudança de perspectiva está a acontecer rapidamente no Reino Unido. Mudanças semelhantes estão a acontecer em outras partes do mundo.

Muitas pessoas têm a ideia errada de que os curadores espirituais são contra a medicina e que oferecem uma terapia alternativa ao tratamento médico. Na verdade, cada curador responsável faz questão de garantir que os seus pacientes tenham procurado aconselhamento médico, e a maioria acredita que uma combinação de ajuda médica e espiritual é o ideal.

Foi por isso que, em março de 1977, a *National Federation of Spiritual Healers* fez uma apresentação à Royal Commission on the National Health Service. O seu objetivo era descrever o serviço que os seus membros prestam à comunidade; indicar o seu potencial de crescimento e a maior contribuição que poderia dar à saúde da nação; e procurar "uma relação de trabalho mais próxima com o NHS e aqueles envolvidos nos serviços médicos ortodoxos".

Na sua apresentação, a NFSH destacou que o volume de problemas de saúde está a crescer, sugerindo que o ritmo da sociedade e um crescimento sem precedentes do materialismo são os principais fatores. "Os curadores espirituais", observou, "não estão restritos pelas limitações

de uma consulta lotada, pela ortodoxia religiosa ou pelo materialismo. A sua inspiração para realizar o trabalho de cura vem da compaixão pelos seus semelhantes e do conhecimento de que podem acessar uma força curativa e agir como canais dessa força, que traz conforto, alívio e, em muitos casos, a recuperação completa para aqueles que estão doentes de mente ou corpo."

O documento então passou a demonstrar a extensão do trabalho de cura espiritual na Grã-Bretanha. As estatísticas devem ter surpreendido a comissão.

Atualmente, além de representação em 64 países em todo o mundo, temos no Reino Unido mais de 2.000 membros curadores a tempo inteiro, 400 membros em estágio probatório e 3.000 associados. É impossível avaliar quantos outros curadores espirituais estão ativamente envolvidos neste trabalho, mas as indicações são de que existem substancialmente mais fora da associação do que aqueles que estão inscritos. Isso é esperado, porque a nossa federação, por uma questão de política, não tenta recrutar membros...

Portanto, conceitualmente, existem entre 5.000 e 8.000 curadores espirituais a operar no Reino Unido, ajudando talvez 50.000 a 80.000 pessoas cada semana com a imposição das mãos, alternativamente chamada de cura por contacto. Provavelmente o mesmo número recebe ajuda da cura à distância, onde a força é projetada através de meditação e oração do curador.

Mais tarde, na sua apresentação, a NFSH observou: "Há um número crescente de cientistas, físicos e médicos que reconhecem a eficácia da cura espiritual. Muito trabalho está a ser feito em todo o mundo na tentativa de isolar e medir essa força." Então, numa breve síntese, a NFSH propôs que o serviço gratuito dos curadores espirituais, que atualmente é usufruído pelo público em geral, fosse disponibilizado através dos hospitais do NHS.

A NFSH, por sinal, é um organismo não confessional, cujos membros incluem médicos e ministros de várias religiões. Foi responsável, em 1960, por convencer várias autoridades hospitalares a permitir que curadores trabalhassem nos hospitais, onde o doente pedisse tal ajuda. O que a proposta de 1977 da NFSH sugere é que a cura espiritual seja parte integrante do Serviço Nacional de Saúde (NHS), disponível para todos. Independentemente do resultado da apresentação da federação, o facto é que muitas milhares de pessoas consultam curadores todas as

semanas. Alguns são rejeitados pela medicina convencional e muitos, sem dúvida, não experienciam a cura que esperam. No entanto, o encontro com um curador espiritual dedicado pode ser de uma ajuda incalculável, pois o paciente é incentivado a melhorar a qualidade da sua vida e a participar ativamente na cura.

É uma experiência que frequentemente muda a perspectiva do paciente sobre a vida. Isso pode dar-lhe uma força interior que não é criada nas cirurgias sobrelotadas dos médicos modernos, onde as medicações são frequentemente prescritas sem que o paciente seja informado detalhadamente sobre o que está errado ou por que deve tomar certos medicamentos. Os curadores espirituais, então, estão a aliviar a carga de um serviço de saúde sobrecarregado e a procura pelos seus serviços cresce anualmente.

Espero que a cooperação médica que descrevi neste livro prepare o caminho para vínculos de trabalho muito mais estreitos entre a profissão médica e os curadores no futuro. Um obstáculo a essa cooperação foi removido em Inglaterra em 1977, e é mais uma indicação de uma mudança radical de atitude que está a ocorrer dentro do establishment. Não pude nomear a maioria dos médicos que trabalharam com o Dr. Lang porque me pediram para não o fazer.

A razão, em geral, é que os médicos que trabalham abertamente com praticantes não ortodoxos são normalmente censurados pela sua ordem profissional, e isso pode ter um efeito severo nas suas carreiras. As diretrizes diferem de país para país, mas a maioria reflete a visão da British Medical Association, que dá uma reprimenda severa a qualquer um dos seus membros se a sua cooperação com curadores não médicos for publicitada. Em certa altura, a punição máxima para este 'crime' era ser riscado do registo médico.

No entanto, em Outubro de 1977, o General Medical Council – o órgão dirigente dos médicos – emitiu uma declaração que esclareceu a posição:

"Se um médico decidisse que poderia ser benéfico para um dos seus pacientes ser tratado por um praticante não médico, o médico precisaria (a) de manter a responsabilidade final pela gestão do paciente e (b) de garantir-se de que o procedimento terapêutico a ser aplicado estava dentro da capacidade da pessoa a quem ele referiu o paciente."

Se estas condições fossem aceites e cumpridas, não haveria objeção por parte do GMC a que um médico referisse um paciente a um praticante não registado.

Tenho a certeza de que esta decisão vai incentivar muitos mais médicos não só a fazer uso de curadores espirituais, mas também a falar abertamente sobre as suas experiências nos próximos anos.

No início do mesmo ano, o *Sunday Times* revelou que já existia há algum tempo uma associação secreta de médicos e cientistas cujos membros estavam desiludidos com a filosofia materialista da ciência e da medicina. O seu objetivo é promover formas não ortodoxas de medicina, incluindo a cura espiritual.

O nome desta organização é *Scientific and Medical Network*, a sua adesão é por convite apenas, e a identidade de muitos dos membros foi mantida em segredo durante quatro anos após a sua formação em 1973. De acordo com a reportagem do jornal, entre os membros incluem-se um laureado com o Prémio Nobel, vários membros da Royal Society, uma vintena de professores, físicos, psicólogos, filósofos, engenheiros, médicos gerais e trinta consultores do Serviço Nacional de Saúde.

As entrevistas do *Sunday Times* com alguns dos membros sublinharam o medo e a ignorância que têm dificultado o estudo adequado da medicina alternativa durante séculos. Um membro da Network é o Dr. Alec Forbes, cardiologista consultor em Plymouth, Devon, que há muito tempo oferece aos seus pacientes os benefícios de terapias tanto ortodoxas como não ortodoxas.

Ele também é presidente da *Healing Research Trust*, uma instituição de caridade que promove a investigação da medicina alternativa. O Dr. Forbes deu testemunho à Royal Commission on the National Health Service em fevereiro de 1977, declarando que o público estava "farto dos farmacêuticos". "Técnicas alternativas como a quiropraxia, osteopatia, fitoterapia, cura espiritual e radiónica devem ser disponibilizadas no NHS."

O Dr. Forbes planeava realizar um estudo clínico de um remédio homeopático floral para pacientes cardíacos, mas não conseguiu fazê-lo porque uma delegação do Royal College of General Practitioners estava prestes a inspecionar o hospital onde ele trabalhava para decidir se era adequado para o treino de internos. Disseram-lhe que não seria considerado adequado se algo "estranho" estivesse a acontecer. Um comitê médico local também o impediu de considerar um estudo de

radiônica com o fundamento de que seria antiético. "Mas esta é a resistência que normalmente encontramos," disse o Dr. Forbes, que, porque não tinha prática privada e estava prestes a reformar-se, estava disposto a falar abertamente. Admitiu ao jornal *Sunday Times*, no entanto, que se fosse um médico júnior no início da sua carreira, não falaria – caso contrário, a promoção poderia ser-lhe negada.

Após quatro anos de segredo, a Network decidiu realizar a sua primeira conferência aberta em maio de 1977. Duzentas pessoas lotaram uma sala na Royal Society of Medicine para ouvir vários oradores eminentes discutirem vários aspetos da cura e da parapsicologia. Embora a maioria dos membros estivesse presente, a reportagem do *Sunday Times*, antes da reunião, afirmou que uma minoria significativa se afastaria para evitar ser identificada.

O tema da conferência foi "Ciência, Mente e o Espírito Humano", e um relatório completo apareceu na *Psychic News*.

O primeiro orador foi D. M. A. Leggett, MA, PhD, DSC, vice-reitor da Universidade de Surrey. Ele falou sobre "O vento da mudança" e, após colocar as eternas questões "Qual é o propósito da vida e a morte é o fim?", aventurou-se a afirmar que há "um alto grau de probabilidade [de que] o homem pode funcionar independentemente do seu corpo físico" e que "a consciência sobrevive à morte". O Dr. Leggett então deu as suas conclusões:

1. O homem é mais do que cinco ou dez quilos de químicos.
2. O homem pode funcionar independentemente do seu corpo físico.
3. A consciência do homem sobrevive à morte.
4. No estado de morte, o homem passa por algum tipo de julgamento. Ele acrescentou três probabilidades adicionais:
5. O homem evolui em uma série de vidas.
6. O amor, a justiça e a perfeição existem no coração do cosmos.
7. O propósito da escola da vida é educar os alunos com graça e habilidade, independentemente dos papéis que sejam chamados a desempenhar, e torná-los mestres da arte e ciência de viver.

Outro orador foi Derek Bryce-Smith, PhD, DSC, professor de química orgânica na Universidade de Reading, Berks, que foi descrito como um dos cientistas eminentes cada vez mais corajosos para "arriscar".

Apresentando o Professor Bryce-Smith ao público, Sir Kelvin Spencer, ex-cientista chefe do então Ministério da Energia, disse: "Isso realmente exige coragem. Ele ainda é um homem jovem com vinte ou trinta anos pela frente. Sair do armário não ajuda a vida profissional de ninguém nem o prestígio profissional entre os colegas acadêmicos.

É fácil para alguém como eu, que está reformado, dizer coisas heréticas. Estou convencido de que o 'T' é uma realidade espiritual. Se eu tivesse dito isso quando estava no serviço científico, a rainha nunca me teria feito cavaleiro!" O Professor Bryce-Smith falou sobre a necessidade de uma reavaliação urgente da relação entre o homem e a natureza, dizendo que era tempo de "uma nova Reforma e Renascimento do espírito humano".

Mas pode a cura espiritual ser provada? Um dos oradores, James Robertson, MA, sugeriu que testes laboratoriais de cura espiritual "podem destruir as condições em que ela ocorre. É como procurar a escuridão com uma lanterna."

O homem que organizou a conferência, o secretário conjunto da Network, Dr. Patrick Shackleton, faleceu antes de a mesma ocorrer. A audiência foi convidada a ficar de pé em tributo a ele, e o Rev. Dr. Kenneth Cumming, que, além de ser sacerdote ordenado, também é cirurgião e curador espiritual, pediu-lhes que não ficassem tristes, pois isso teria sido alheio ao seu ponto de vista e aos seus desejos. Em vez disso, disse ele, Shackleton deveria receber a sua alegria e congratulações pela sua libertação do sofrimento terreno "e sua merecida promoção para um reino superior".

O homem que assumiu como secretário foi George Blaker, CMG, BA, antigo chefe do departamento de ciências no Departamento de Educação e Ciência, e num folheto sobre a Network declarou:

"Os membros partilham a convicção de que o quadro contemporâneo de pensamento na ciência e na medicina deve ser alargado para incluir certas ideias que vão além do que hoje é considerado ortodoxo." Ele destacou que, historicamente, a ciência e a medicina avançaram graças àqueles que estiveram dispostos a investigar "para além das fronteiras do conhecimento e da compreensão que estavam em vigor na época."

Tenho a certeza de que esses vários relatórios e desenvolvimentos terão convencido os leitores de que a cura espiritual está a ocorrer numa grande escala e que muitos homens eminentes estão envolvidos na sua investigação e em dar uma nova interpretação à verdadeira natureza do

ser humano. Esses relatos, no entanto, referem-se apenas a um poder de cura geral; isto é, a capacidade de certos indivíduos de alterar a saúde de outros simplesmente colocando as mãos sobre eles. Este, claro, é um fenômeno mundial e inúmeras interpretações têm sido propostas para explicar os resultados frequentemente sensacionais.

Enquanto muitos afirmam que os espíritos dos mortos são os responsáveis, há tantos outros que o consideram nada mais do que uma força magnética que passa de um indivíduo para outro, sem qualquer direção de uma fonte externa. Outros interpretam-no dentro do quadro do seu próprio pensamento religioso, afirmando, por exemplo, que ocorre devido à intervenção divina.

Pode muito bem ser, claro, que todas essas explicações sejam verdadeiras em certos casos, mas prová-las é uma questão completamente diferente. No caso da missão de cura de William Lang, no entanto, apresento que temos uma evidência irrefutável de que, nesta única situação, o espírito de um cirurgião morto continua a curar os doentes – provando, assim, a vida após a morte e a realidade da cura espiritual ao mesmo tempo. E se isso pode acontecer uma vez, então pode estar a acontecer em múltiplos outros casos, mesmo que a participação dos espíritos seja menos evidente.

Antes de concluir com uma breve reavaliação da minha parceria de cura com William Lang, gostaria de referir um dos mais notáveis médiuns de cura espiritual dos tempos modernos, e a investigação sobre as suas técnicas realizada por um conhecido pesquisador médico.

José Arigó era três anos mais velho do que eu. Nascido em Congonhas do Campo, Minas Gerais, Brasil, em 1918, teve uma educação muito rudimentar. Depois de deixar a escola, trabalhou em fazendas e em minas de ferro, e depois geriu um café durante dois anos. Entre os trinta e os trinta e dois anos, foi atormentado por depressões e pesadelos e nem o seu médico nem um sacerdote conseguiram ajudá-lo. No entanto, um espiritualista disse-lhe que um espírito estava a tentar comunicar-se através dele, e com o tempo, a entidade aparentemente conseguiu.

Os poderes de cura extraordinários de Arigó manifestaram-se pela primeira vez de uma forma notável. Numa manhã de 1950, ele foi à capital do estado, Belo Horizonte, e hospedou-se num pequeno hotel. Outro hóspede era Lucio Bittencourt, um senador estadual. Por volta das 2 da manhã, Arigó entrou no quarto do senador, trazendo uma lâmina aberta, e disse-lhe que precisava realizar uma operação de emergência.

O Sr. Bittencourt não sentiu medo, mas desmaiou antes de a operação psíquica ocorrer. Quando acordou, o quarto estava vazio, o seu pijama estava manchado de sangue e rasgado, e havia uma incisão nas suas costas. Encontrou um pedaço de tecido do tamanho de uma laranja no quarto.

O Sr. Bittencourt havia sido informado anteriormente de que tinha um tumor pulmonar inoperável. Após a cirurgia psíquica de Arigó, os médicos confirmaram que o tumor desaparecera. Arigó, devo acrescentar, estava em transe quando esse episódio estranho ocorreu e acusou o senador de estar bêbado quando descreveu o que aconteceu no seu quarto de hotel. Mas, em breve, o médium brasileiro desenvolveu seus poderes e realizou operações em milhares de pessoas ao longo de um período de vinte anos. Ele permitiu que equipas de médicos testemunhassem as suas cirurgias e entrevistassem e examinassem os pacientes antes e depois do tratamento.

O líder do maior grupo de pesquisadores foi Henry (Andrija) K. Puharich, MD, que obteve o seu grau de medicina na Northwestern University, EUA. Ele passou treze anos em pesquisa médica em eletrônica e possui mais de 60 patentes dos EUA e estrangeiras. Ele também é mundialmente famoso como pesquisador psíquico. O seu primeiro encontro com Arigó ocorreu em agosto de 1963, na clínica do médium em Congonhas do Campo. Escrevendo sobre aquele momento decisivo numa contribuição sobre "Pesquisas Psíquicas e o Processo de Cura" no livro *Psychic Exploration. A Challenge for Science* de Edgar D. Mitchell (G. P. Putnam's Sons, New York, 1974), ele comenta:

"Eu vi Arigó fazer cirurgia sem anestesia ou antissépticos; cada paciente foi ajudado, e nenhum teve complicações pós-operatórias. Foi uma experiência verdadeiramente impressionante ver todos os princípios da cirurgia serem violados impunemente. De fato, encontrei-me incapaz de aceitar os dados dos meus próprios sentidos."

O Dr. Puharich ficou totalmente convencido quando permitiu que Arigó operasse em um tumor benigno no seu cotovelo direito. O médium brasileiro pediu uma faca a uma das cerca de noventa pessoas que estavam lotadas no seu pequeno consultório. O médico americano foi instruído a desviar o olhar enquanto a cirurgia ocorria, mas foi filmado. O Dr. Puharich não sentiu nenhuma sensação e a análise do filme mostrou que a operação durou apenas cinco segundos. "Arigó fez dois cortes na

pele. A pele se abriu amplamente, e o tumor ficou claramente visível. Arigó então apertou o tumor como se fosse um furúnculo e o tumor saiu."

No entanto, o Dr. Puharich ainda não estava convencido de que, para usar as suas palavras, ele não tivesse sido "enganado". Ele sabia, no entanto, que as mãos de Arigó estavam sujas e que a faca que ele usou não era esterilizada, por isso havia uma boa chance de ele contrair uma infecção ou até mesmo envenenamento sanguíneo. Quando nada disso aconteceu e quando o pequeno ferimento cicatrizou em três dias sem qualquer sinal de pus, todas as suas dúvidas desapareceram. Ele permaneceu para assistir e filmar Arigó operando centenas de outras pessoas.

Além da velocidade impressionante da cirurgia psíquica, o Dr. Puharich também ficou impressionado com a habilidade de Arigó em diagnosticar doenças.

Um paciente se aproximava de Arigó. Ele estava claramente com dificuldades visuais. Agora, Arigó não apenas dizia: "Você tem problemas nos olhos" ou "Você está a ficar cego." Em vez disso, ele dava uma descrição técnica moderna da causa, como, por exemplo, "É um retinoblastoma" ou "É retinite pigmentosa." Na época, eu estava fazendo essas observações e ninguém, nem mesmo eu, sabia como ele fazia esses diagnósticos tão precisos.

Durante uma série de mil diagnósticos feitos por Arigó, fiquei surpreso com a incrível precisão de Arigó e a sofisticação da linguagem diagnóstica usada. Perguntei a Arigó qual era o seu método para fazer diagnósticos tão precisos. Ele respondeu de forma surpreendida: "Isso é uma das coisas mais fáceis para mim, porque eu simplesmente escuto uma voz no meu ouvido direito e repito o que ela diz. Está sempre certo."

Arigó estava totalmente consciente quando fez esses diagnósticos, mas estava em transe quando realizava a cirurgia psíquica e não se lembrava de nada sobre isso. De facto, quando ele foi mostrado um filme de noventa minutos de si mesmo operando em pacientes, desmaiou.

A pergunta, então, é: Quem fez a cirurgia e de quem era a voz que Arigó ouviu? O curador brasileiro respondeu que era controlado pelo espírito de um alemão, que se chamava Dr. Fritz. Outros membros da equipa espiritual eram, alegadamente, o cirurgião francês Gilbert Pierre, responsável pela oftalmologia, e um japonês, Takahashi, especializado no tratamento de tumores. Além disso, dizia-se que um frade bem conhecido, Fabiano de Cristo, era responsável por banhar o paciente

numa "luz verde", que anulava a dor e esterilizava os instrumentos e as feridas dos pacientes.

Dr. Puharich, comentando sobre o controle espiritual de Arigó, diz que o nome completo dele era Adolphus Fritz e que ele era um estudante alemão que nunca terminou a faculdade de medicina. Ele acrescenta: "Não foi possível, durante os cinco anos de investigação, chegar a qualquer conclusão sobre se essa 'voz' era a forma de Arigó se comunicar consigo mesmo ou se era, como ele descreveu, o espírito de outra pessoa. Esta questão – e de facto toda esta área – continua aberta como uma das grandes questões não respondidas do comportamento humano."

Mais tarde, ele faz esta observação muito pertinente:

"O 'guia' na experiência de um curador é concebido como o espírito de uma pessoa falecida que serve para orientar o trabalho do curador. O curador pode ouvir a voz do seu guia ou sentir a sua presença. Esta é uma das grandes áreas misteriosas da arte de curar. A principal razão pela qual eu dou credibilidade a isso, apesar da falta de qualquer evidência positiva da existência independente do guia, é que a informação factual verificada do curador argumenta fortemente a favor de uma superinteligência em ação..."

Esta é uma questão que terá de ser decidida por futuras pesquisas. É uma das grandes frustrações da minha vida que nunca tenha conseguido criar uma técnica de pesquisa objetiva que distinguisse claramente entre o génio natural de Arigó como curador e a presença de um alter ego que ele chamava Dr. Fritz."

Arigó morreu num acidente de carro a 11 de janeiro de 1971, mas os filmes e os testemunhos médicos sobre o seu trabalho continuarão a impactar a humanidade por muitos e muitos anos.

Citei o caso deste simples camponês brasileiro extensivamente porque ele demonstra tão bem o dilema que enfrenta a medicina e a parapsicologia. Este foi um homem capaz de realizar cirurgias de alta velocidade e complexidade, sem qualquer dos preparativos exigidos pelos cirurgiões normais.

A sua produção era equivalente à de um pequeno hospital, e durante os vinte anos em que praticou, nunca houve uma fatalidade como resultado do seu tratamento, nem houve relatos de infeções causadas pelo ambiente não-higiênico em que as operações eram realizadas. Ele não podia garantir uma cura, mas frequentemente realizava milagres em

peessoas moribundas e tornou-se um herói nacional. Não há dúvida razoável de que os fenômenos que ocorreram à volta de José Arigó foram paranormais.

A próxima questão é: 'Quem ou o que foi responsável por esses resultados surpreendentes?'

Como o Dr. Puharich deixa claro, depois de cinco anos de estudo intermitente da mediunidade de Arigó, ele ainda não conseguiu encontrar um meio de decidir se o Dr. Fritz era uma entidade espiritual ou um aspecto da própria personalidade do médium. Até onde sei, nunca houve confirmação de que o Dr. Fritz tenha sido uma pessoa real: as investigações falharam em encontrá-lo, provavelmente porque ele não deu informações suficientes sobre si mesmo.

Pode surpreender alguns leitores que, diante de tais fenômenos surpreendentes, os parapsicólogos ainda tenham dúvidas sobre a intervenção espiritual. Mas sabemos tão pouco sobre as capacidades humanas e os vastos reservatórios inexplorados da mente que a maioria dos pesquisadores prefere manter as suas opções em aberto até que uma evidência indisputável seja oferecida, de um lado ou do outro.

Afinal de contas, o grande psíquico americano foi capaz de colocar Edgar Cayce – frequentemente chamado de 'profeta adormecido' – em transe e então diagnosticar os problemas dos pacientes e prescrever curas. Ele foi até capaz de fazer isso para pessoas à distância. No entanto, ele nunca afirmou que um médico espiritual fosse responsável. Em vez disso, enquanto estava em um transe autoinduzido, explicou que a sua mente subconsciente estava em contato com todas as outras mentes subconscientes, "recolhendo assim todo o conhecimento possuído por milhões de outras mentes subconscientes".

Pode ser, argumentam alguns pesquisadores psíquicos, que um mecanismo semelhante esteja em ação na maioria dos outros médiuns diagnósticos e que eles subconscientemente 'disfarçam' essa habilidade psíquica e a apresentam como um médico espiritual. Mas e o processo de cura? Deixando de lado a cirurgia psíquica de Arigó, que é um caso tão especial, será que Harry Edwards estava certo nos seus muitos livros quando afirmou que, para um tumor ser curado, através da imposição de mãos, uma inteligência superior à do curador deve estar em ação? Outro curador britânico bem conhecido, Gordon Turner, discordou deste ponto de vista quando foi entrevistado por Sally Hammond para o seu livro *We Are All Healers* (Turnstone Press, 1973).

Agora parece que não concordo com Harry Edwards quando ele diz que, porque coisas como o câncer desaparecem na cura, isso significa que há uma inteligência superior à inteligência humana em ação. Mas os computadores do espírito humano podem realizar milagres por minuto que nunca reconhecemos.

A cada segundo, o equilíbrio de açúcar no corpo é ajustado, novas células são formadas, o sangue é alterado, cada célula é mais complexa do que o melhor computador que nossos cientistas podem construir. Eu já vi fenômenos incríveis de cura sob hipnose... O corpo tem a capacidade de curar a sua própria doença. Ele vai continuar a lutar e talvez perder. Mas a cura acelera esse processo, muda toda a relação da cura do corpo com o tempo. Eu vi uma queimadura muito, muito grave desaparecer assim. É a coisa mais incrível que já vi na cura.

Mais tarde, ele acrescenta: "Agora acredito que a vida após a morte é uma possibilidade muito real e, sendo este o caso, eu esperaria que aqueles que vivem além estejam profundamente preocupados com o nosso bem-estar e, portanto, com a nossa cura. Mas não acredito que os espíritos tenham a capacidade de curar mais do que nós temos a capacidade de curar."

Os dias de provar que a cura acontece acabaram. Muitas pessoas foram curadas; muitos médicos testemunharam os resultados; muitos casos estão agora registrados para deixar qualquer dúvida de que, em certos casos, as doenças de algumas pessoas respondem de forma dramática à presença de um curador. O que ainda está em dúvida, como as citações anteriores ilustram, é o *modus operandi* da cura e da mediunidade.

Provavelmente há tantas ramificações da ciência da cura como há da medicina ortodoxa, e por isso não discordo de nenhum dos comentários que usei neste capítulo. Acredito que a mente subconsciente pode desempenhar um papel importante. O mecanismo de cura do próprio corpo humano também não deve ser negligenciado, e certos indivíduos podem, sem dúvida, acelerar esse processo consideravelmente.

Mas o caso de William Lang, apresentado neste livro, é diferente. É único porque, embora haja outros que aparentemente tenham médicos espirituais a trabalhar através deles de maneira semelhante, não conheço nenhum outro caso que forneça as evidências de identidade que foram produzidas neste caso.

Deixe-me lembrá-lo dos pontos salientes, mais uma vez. Aos vinte e cinco anos fui tomado enquanto em transe pelo espírito de um cirurgião, William Lang, que com o tempo nos forneceu detalhes da sua identidade. Ele morrera nove anos antes, quando eu era um rapaz de dezasseis anos a trabalhar em Liverpool. Mas ele havia se aposentado da prática hospitalar sete anos antes de eu nascer.

Após ele ter feito o primeiro contato comigo, a sua filha, de sessenta e quatro anos, teve uma consulta em minha casa e confirmou que era o seu pai. Ela então arranhou para um grupo de médicos – alguns dos quais conheceram William Lang e outros o seu filho Basil – ter consultas regulares comigo. Esse arranjo foi mantido durante trinta anos até à morte da filha de William Lang, o último membro sobrevivente do grupo, em 1977. Reconsidere agora os testemunhos:

Cura: "Tive a oportunidade de apresentar novos pacientes ao Dr. Lang e nem eles nem eu tivemos motivo para lamentar. Foi assim que pude observar casos extraordinários de curas:

Desaparecimento em uma sessão e, olhando para trás ao longo de um ano, cura de um tumor maligno no cérebro de uma criança pequena. Em uma sessão, uma criança de sete anos que estava completamente paralisada desde o nascimento começou a andar de quatro. Desaparecimento da dor em casos de artrite muito grave e avançada, especialmente coxartrose (que afeta o quadril).

Desaparecimento de pedras nos rins e na vesícula biliar, etc."

Dr. F, Marselha

Diagnóstico: "Sou médico desde 1970 e tive a grande alegria de conhecer o Dr. Lang desde 1975. Ele tem a minha total confiança. O diagnóstico do Dr. Lang não depende da interrogação do paciente: é um diagnóstico instantâneo. Mesmo antes de se poder dizer-lhe como se sofre, ele é capaz de dizer qual é o problema. Ele diz isso com precisão, com uma exatidão surpreendente e com detalhes que precisariam de radiografias e exames laboratoriais modernos para serem conhecidos por qualquer outro médico."

Dr. G, Sudeste de França

Técnica cirúrgica: "Ele falou livremente e com grande conhecimento sobre certas condições oftalmológicas e as técnicas que usava na sua cirurgia etérica... Acreditei plenamente na altura, e continuo a acreditar,

que estava a conversar com o espírito sobrevivente de um médico que falecera há cerca de trinta anos."

Dr. Robert Laidlaw, Nova Iorque

"O diagnóstico de localização foi perfeitamente especificado e o tratamento foi feito com gestos que só um cirurgião qualificado poderia realizar - tanto quanto um médico não especializado em cirurgia oftálmica possa julgar."

Dr. C, Paris

Prova de identidade: "Posso afirmar com toda a verdade que William Lang, que opera através do corpo de George Chapman, é sem dúvida o meu pai..."

É um facto que William Lang, o meu pai, está tão vivo hoje, continuando o seu trabalho a partir do mundo espiritual e ajudando a humanidade a recuperar a saúde da melhor forma possível..."

"Fizemos muitas perguntas ao pai sobre coisas que só ele poderia saber. Ele sabia todas as respostas e, melhor ainda, fazia perguntas em troca. Algumas das perguntas não conseguimos responder..."

Marie Lyndon Lang

"Para meu grande horror, ou melhor, estupefação, o homem que estava nesta sala era indiscutivelmente o meu avô. Não era ele fisicamente, mas era a sua voz, o seu comportamento. Não havia dúvida. Ele falou comigo e evocou eventos precisos da minha infância. E fiquei tão impressionada que tudo o que consegui dizer foi: 'Sim, avô, Não, avô.'"

Sra. Susan Fairclough

Como o membro passivo desta parceria de cura, não me parece imodesto afirmar que o retorno do espírito de William Lang tem uma importância sem paralelo. Fico encantada por ter sido escolhida como instrumento para ele e para a sua equipa de cura. Entre os cirurgiões que trabalham com ele no mundo espiritual estão W. Pasteur, MD, FRCP; Sidney Coupland, MC, FRCP; Victor Bonney, MD, MS, BSC., FRCS; W. Sampson Handley, MD, MS, FRCS; Sir John Bland-Sutton, FRCS; Sir R. Douglas Powell, Bart, KCVO, MD; e Sir W. T. Lister.

E esse é quase o fim da minha história - mas não totalmente. Ainda sou uma curadora praticante e William Lang e a sua equipa continuam a usar-me como seu meio, por isso, com o tempo, haverá novos

testemunhos de pacientes e, espero, também de médicos e cientistas. O envelope que a tia Lyndon me deu, contendo detalhes dos membros do contrato médico, permanece selado. Não sinto que deva abri-lo nesta fase. Mas um dia farei isso e, então, revelarei o seu conteúdo.

Embora a minha parceria com o cirurgião espiritual venha a chegar ao fim, a influência da sua missão continuará por muitas gerações, porque o verdadeiro propósito do seu retorno espiritual, estou convencida, não é apenas curar os doentes. É tocar a alma e dar-nos uma nova e convincente visão e compreensão da realidade espiritual que nos envolve.

Espero que este livro tenha retirado as palas do materialismo a alguns olhos e dado a alguns leitores uma nova visão da vida... aqui e além.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

VER É CRER

Desde que este livro foi publicado pela primeira vez em 1978, continuei a minha parceria de cura com William Lang. O nosso trabalho conjunto ainda nos leva a muitos países e a lista de pacientes que se beneficiaram da cirurgia espiritual do Dr. Lang cresce a cada dia. Esta nova edição de *Surgeon from Another World* dá-me uma oportunidade de registar alguns dos eventos importantes que ocorreram nos últimos anos.

O mais significativo, do meu ponto de vista, foi a decisão de me mudar de Aylesbury para Pant Glas. Desde que comprei a pequena casa numa colina linda do País de Gales, tenho a expandido para que seja grande o suficiente para viver, além de albergar todo o conteúdo do Museu Lang e muitos itens de mobiliário que outrora pertenciam a William Lang e que herdei ao longo dos anos. Ao lado da casa, construí um centro de cura onde o Dr. Lang trata os seus pacientes e onde eu e os meus ajudantes tratamos da correspondência e de outras questões.

Escrevi (Capítulo Vinte) que um dia esperava retirar-me para Pant Glas e agora tomei uma decisão positiva nesse sentido, embora certamente não tenha retirado. O próprio Dr. Lang sugeriu que me mudasse enquanto ainda continuava a dar cura. Devo confessar que foi um grande compromisso e, no início, perguntei-me se os pacientes estariam dispostos a viajar para o centro do País de Gales para tratamento. Não precisava de me preocupar. O Dr. Lang, como sempre, mostrou que tinha razão. As ligações rodoviárias entre o Centro de Inglaterra e o País

de Gales são agora muito boas e também existem boas ligações ferroviárias entre Londres e a costa galesa, por isso aqueles que necessitam da ajuda do Dr. Lang continuam a vê-lo em grande número, deslocando-se até Tre'r-ddôl, a meio caminho entre Machynlleth e Aberystwyth, depois passando pelos portões de ferro forjado de 'Chapman's House' e subindo a longa estrada até ao centro de cura. Alguns, fico contente em dizer, saem completamente curados. Outros retornam para mais tratamento antes de qualquer melhoria real ser notada. Há, claro, aqueles a quem o Dr. Lang não pode ajudar. Mesmo assim, acredito que o encontro deles com ele - embora não salve as suas vidas nem cure as suas condições - ajuda-os a lidar espiritualmente com a sua doença.

Recordar-se-ão que escrevi sobre uma dessas falhas no Capítulo Oito. O Dr. Lang ajudou Isabelle Yovanovitch, mas não conseguiu evitar a sua passagem. A sua mãe, Eliane, compreendeu as razões para isso e continua a ser uma enorme ajuda para mim. Ela traduz para o Dr. Lang durante as sessões de cura em países de língua francesa e também trata da correspondência francesa.

Ela sabe, pela experiência direta, o que o Dr. Lang consegue alcançar com casos aparentemente sem esperança. A sua família, muitos dos quais estão associados à profissão médica, não teve essa oportunidade, por isso, quem pode culpá-los, após a morte de Isabelle, por serem céticos em relação à minha mediunidade? A sua atitude, no entanto, mudou consideravelmente nos últimos meses.

O motivo para isso ocorreu durante uma das minhas visitas regulares a França. Cheguei a Marselha numa sexta-feira com a perspetiva de tratar bem mais de cem pacientes durante o fim-de-semana. Cinquenta deles foram vistos pelo Dr. Lang em Provença no sábado e regressámos ao nosso hotel, satisfeitos com o que tinha sido alcançado, mas cansados. Não tínhamos estado lá muito tempo quando Eliane recebeu um telefonema de uma das suas irmãs a informar-lhe que a sua meia-irmã, Mme Mimi Pascal, estava gravemente doente no hospital.

Ela estava em coma profundo na unidade de cuidados intensivos e dois dos médicos que tratavam do caso disseram que não havia esperança de recuperação. O parente pediu que o Dr. Lang fizesse cura à distância. Devo acrescentar que Eliane não via Mimi há dezasseis anos.

No domingo, o Dr. Lang viu 62 pacientes em Provença e, assim que recuperei da transe, partimos para Montpellier, que fica na costa

mediterrânea francesa. Entretanto, Mimi havia sido transferida para o Hospital de Montpellier, pois já havia feito cirurgia lá antes e eles conheciam o seu histórico médico. Quando fizemos o check-in no hotel, Eliane recebeu outro telefonema da irmã e, desta vez, pôde falar com o filho de Mimi. Ele perguntou se o Dr. Lang poderia fazer algo para salvar sua mãe.

Tal como na noite anterior, imediatamente conectei-me com o Dr. Lang e pedi-lhe que fizesse o que fosse possível. Pouco depois, enquanto Eliane e sua irmã Gabrielle, que tinha chegado a Montpellier para nos ver, estavam numa sala contígua, senti a presença muito forte do filho de Dr. Lang, Basil. Peguei numa caneta, sabendo que ele queria usar a minha mão para escrever automaticamente, e entrei num transe leve.

Basil então desenhou o contorno de um cérebro, indicando a presença de um coágulo no lado direito e a pressão sobre o bulbo, que é parte do tronco encefálico. Ele disse que o Dr. Lang e sua equipa (da qual Basil faz parte, claro) estavam a tentar dissolver o coágulo, mas que tinham que ser extremamente cuidadosos para garantir que ele não se movesse para o vaso sanguíneo principal. Nesse ponto, devo acrescentar, ninguém sabia o motivo do coma de Mimi.

O que sabíamos era que os médicos estavam convencidos de que ela nunca se recuperaria. A previsão mais optimista que ouvimos era que, se ela sobrevivesse, nunca mais falaria. A mais pessimista – e a que a maioria dos médicos subscrevia – era que ela tinha apenas dias, talvez horas, de vida.

Tinha deixado uns dias livres na minha agenda, naquela altura, para que Eliane e eu pudéssemos descansar da nossa rotina agitada.

Planeávamos passar esses dias na costa. No entanto, senti que deveria oferecer-me para fazer o que fosse possível por Mimi, então ficámos em Montpellier. Na segunda-feira, o filho de Mimi recebeu permissão do hospital para que eu visitasse a mãe e o Dr. Lang fizesse cura. Quando chegámos, por volta da 1 da tarde, fomos recebidos pelo filho e filha de Mimi, uma assistente social e duas das irmãs de Eliane.

Estavam obviamente excitados com algo. Contaram-nos que o hospital tinha feito uma ressonância cerebral em Mimi, e isso revelou um coágulo sanguíneo e pressão na base do cérebro. A ressonância, que eles viram, coincidiu precisamente com o desenho que Basil Lang fizera, e estavam, compreensivelmente, impressionados. Mas os médicos disseram que não era possível operar Mimi, e os seus familiares tinham-se reunido,

antecipando que esta poderia ser a última vez que a veriam viva. Corremos para a unidade de cuidados intensivos imediatamente.

Fiquei surpreendida quando fomos mostrados ao leito de Mimi. Ao contrário das pequenas unidades de cuidados intensivos que visitei em hospitais ingleses, esta era uma sala grande, contendo cerca de uma dúzia de pessoas cronicamente doentes. Não havia cortinas para nos dar privacidade; as enfermeiras precisavam manter os pacientes sob observação o tempo todo – e as famílias e amigos só podiam visitar durante cinco minutos por dia.

Concordaram em dar-nos uma extensão de dez minutos e decidi fazer cura, pois as condições na única unidade de cura de contacto – imposição de mãos – não eram muito favoráveis para o trabalho em transe. Mas o Dr. Lang tinha outras ideias. Senti-o aproximar-se e não consegui resistir, pois ele assumiu o controlo do meu corpo para tratar o paciente. Eliane percebeu imediatamente o que estava a acontecer, pois eu parecia encolher, os meus olhos fecharam-se e me encolhi toda: características da presença do Dr. Lang.

Aparentemente, o Dr. Lang não estalou os dedos enquanto trabalhava no corpo espiritual de Mimi, então uma estranha calma pairou sobre a enfermaria enquanto ele realizava a cirurgia. Ele disse aos que estavam ao pé da cama que a cura à distância que lhe havia dado já tinha suavizado o coágulo, tornando-o mais fácil de dispersar, além de aliviar um pouco da pressão na base do cérebro. Mas ele precisaria voltar no dia seguinte para dar mais tratamento. O Dr. Lang logo terminou o seu trabalho, eu saí do transe, e deixámos Mimi aos cuidados carinhosos dos médicos e enfermeiras, completamente inconscientes de que estivemos ao seu lado ou que ela tinha sido operada por um médico espiritual.

Eliane estava preocupada com a reação do hospital a outra sessão de cura ao lado da cama e decidiu discutir isso com uma das pacientes do Dr. Lang, uma médica em Nîmes, que o tinha visto a trabalhar e tinha estado na clínica de domingo. Quando soube o que estava a acontecer, insistiu em viajar os 64 km até Montpellier no dia seguinte para estar connosco quando visitássemos Mimi.

Ela voluntariou-se para falar com a equipa médica sobre o que estávamos a fazer por Mimi, de forma que eles pudessem entender. Assim, na terça-feira, acompanhados pela nossa aliada médica, voltámos ao lado de Mimi. Para nossa alegria, descobrimos que ela estava muito melhor, tanto que o Dr. Lang pôde tratá-la sem me fazer entrar em

transe. Apenas vinte e quatro horas depois de ter operado o seu corpo inconsciente, Mimi saiu do coma e tentava falar – uma tarefa dificultada pelos tubos que ainda estavam ligados a ela. Coloquei as minhas mãos na sua cabeça e permiti-me ser um canal para os poderes de cura do Dr. Lang.

Podem imaginar a nossa alegria quando chegámos ao Hospital de Montpellier no dia seguinte e descobrimos que houve uma melhoria tão dramática no estado de Mimi que ela tinha sido retirada da unidade de cuidados intensivos para outra, e estava sentada na cama... a falar. Ansiosos por saber por que motivo a condição dela tinha mudado de forma tão notável, os médicos realizaram outra ressonância cerebral. Desta vez estava normal. O Dr. Lang e a sua equipa espiritual tinham conseguido remover o coágulo e aliviar a pressão na base do cérebro. Apenas nove dias depois de ter sido levada para o hospital, com possivelmente apenas dias de vida, Mimi Pascal conseguiu sair.

Assim que recuperou a consciência, os seus familiares contaram-lhe o que tinha acontecido e da intervenção do Dr. Lang. Ela ficou tão impressionada quanto o resto da família de Eliane e a experiência teve um grande impacto na sua vida. Ela e o marido tinham passado por uma cerimónia de casamento civil, mas porque o Dr. Lang a tinha trazido de volta à vida, os Pascal decidiram casar-se novamente... numa igreja. Mimi também decidiu fazer uma peregrinação a Lourdes, como forma de expressar gratidão a Deus e ao Dr. Lang por salvar a sua vida.

Com demasiada frequência, eu não tenho ideia de como um paciente se sai após ser tratado pelo Dr. Lang, por isso é gratificante quando me envolvo pessoalmente em um caso como o de Mimi. Não é raro que não receba notícias de um paciente após uma consulta com o Dr. Lang. Depois, de repente, talvez meses ou até anos depois, recebo uma carta que diz: "O Dr. Lang curou-me há três anos. Agora, poderia ele ajudar o meu marido, que tem..."

Devido a essa falta de informação – imagino que as pessoas apenas considerem a sua melhoria como algo garantido – é muito difícil para mim avaliar o grau de sucesso que o Dr. Lang alcança. Claro, isso varia de paciente para paciente, como já expliquei. No entanto, durante um dos meus fins-de-semana de cura em França, foi feita uma pesquisa com 121 pacientes tratados em dois dias. Apenas um não relatou algum tipo de melhoria.

Típico das cartas que recebo foi uma de um Dr. Guinuarch, em 1983, que se referia ao seu encontro com o Dr. Lang em Lausanne, em 1975. Ele trouxe consigo um artista, M. Sylvaen, que devido a cataratas não conseguia mais pintar. Após a cura, ele foi capaz de pegar novamente nos pincéis e, escreveu o Dr. Guinuarch, eventualmente a sua visão estabilizou completamente.

Mantenho um livro de visitas no qual os pacientes são incentivados a escrever sobre as suas experiências com o Dr. Lang. Uma das entradas foi escrita em nome de Fella, um cão de Genebra. "Sou um cão-guia", lê-se no tributo, "e a minha dona, que é cega, visitava regularmente o Dr. Lang para cura. Em 1981, eu tive cataratas e, em apenas uma sessão, o Dr. Lang curou-me. Agora, posso novamente guiar a minha dona."

Este foi um final feliz para o que poderia ter sido uma história muito triste. O cão estava com a sua dona há seis anos, mas um cão-guia que não pode ver teria quase certamente sido sacrificado. O Dr. Lang assegurou que isso não acontecesse. Outro paciente do Dr. Lang em França é um cirurgião veterinário que ficou tão impressionado com a melhoria da sua própria saúde, após ser tratado pelo médico espiritual, que agora traz os seus gatos para tratamento!

Como estou em transe quando os pacientes são tratados, eu poderia passar a maior parte dos pacientes do Dr. Lang na rua e não reconhecê-los. Assim, quando Sylvia Lingen e a sua mãe tocaram à campainha da minha casa em Aylesbury, no início de 1984, eram estranhas para mim. Estavam com um grupo de pessoas da Holanda, explicaram, que seriam atendidas pelo Dr. Lang no dia seguinte e queriam que eu soubesse que houve algumas mudanças no grupo. Eu estava no meio de me mudar de St Brides, por isso pedi desculpa, pois a casa estava quase vazia, e convidei-os para o salão, onde Eliane estava a conversar com uma amiga nossa. Eliane reconheceu Sylvia e a Sra. Lingen imediatamente e, enquanto tomavam uma chávena de chá connosco, contaram a sua história.

Sylvia, agora uma jovem mulher na casa dos 20 anos, ficou doente no seu décimo quinto aniversário. Ela sofreu com crises de asma e exaustão, e ficou tão doente que teve que abandonar os estudos e ser cuidada pelos pais. Foi examinada por hospitais e tentou várias terapias alternativas, mas nada conseguiu melhorar a sua condição. Ficou tão fraca que só conseguia caminhar por alguns minutos de cada vez e

houve ocasiões em que esteve confinada à cama durante um período de seis meses.

Sylvia foi vista por um professor de psiquiatria, mas ele não conseguiu encontrar uma causa mental para a sua condição. Como a medicina convencional não a ajudava, Sylvia experimentou vários tratamentos "alternativos", incluindo reflexologia. Infelizmente, estes também não a ajudaram, mas o reflexologista, Sr. Bogart, falou-lhe sobre o meu trabalho e emprestou-lhe uma cópia de *Healing Hands*. Ela tinha sido informada por uma vidente de que ficaria melhor um dia, por isso Sylvia estava disposta a tentar qualquer forma de tratamento na sua busca pela saúde.

No dia 30 de setembro de 1982, ela foi levada a Aylesbury para ver o Dr. Lang. O diagnóstico foi que Sylvia tinha o vírus coxsackie no sistema nervoso central. Este vírus é comumente encontrado no intestino e pode causar doenças respiratórias e meningite viral. O Dr. Lang assegurou à sua jovem paciente que ela ficaria completamente curada, mas advertiu-a de que seria muito mais difícil corrigir a visão dupla de que ela sofria.

Sylvia deixou Aylesbury após aquele encontro com o Dr. Lang esperando uma melhoria gradual na sua saúde. Em vez disso, ela ficou paralisada e permaneceu assim por três meses. A sua exaustão também piorou. Mas ela tinha todas as razões para acreditar que a previsão do Dr. Lang se cumpriria, porque algo verdadeiramente notável aconteceu.

A sua coluna, que havia se curvado gravemente durante a sua doença, de repente endireitou-se dez dias após o Dr. Lang ter operado nela. Então, ela contou-nos, uma vez que a paralisia terminou, foi melhorando gradualmente e ficando mais forte. Quando voltou para ver o Dr. Lang para uma segunda operação, dezasseis meses após a primeira, ela parecia uma jovem senhora muito saudável. Agora ela consegue caminhar durante meia hora ou até uma hora de cada vez e até vai às compras e traz as sacolas para casa.

Ela contou-nos que o seu neurologista, Dr. H. Rerploegh, testemunhou a incrível mudança nela e agora tem "total confiança" no Dr. Lang. Ele tem um interesse particular pelo trabalho de cura desde que conheceu o caso de Sylvia Lingen. Curiosamente, Sylvia disse-nos que ainda sofria de visão dupla, embora um dos seus olhos já estivesse melhor. Assim, ambas as previsões do Dr. Lang sobre como ela responderia à sua cirurgia espiritual parecem ter sido correctas.

O Dr. Rerploegh, por acaso, lançou alguma luz sobre a paralisia que Sylvia sofreu após ver o Dr. Lang. Não era incomum, disse ele, que pacientes ficassem paralisados por um período de tempo após uma grande cirurgia espinal. O Dr. Lang, claro, estava a operar o corpo espiritual dela, mas a cirurgia também afeta o corpo físico, razão pela qual a coluna se endireitou dez dias depois. Portanto, Sylvia estava apenas a experienciar os mesmos efeitos pós-operatórios que muitos pacientes de cirurgia espinal convencional.

Embora esteja tão ocupada como sempre, agora estou a restringir as minhas visitas ao estrangeiro quase exclusivamente à Europa para reduzir o tempo gasto a viajar. Normalmente estou fora do país durante os primeiros dez dias de cada mês, talvez em Paris ou Marselha, França, em Uberlingen, Alemanha, ou Lausanne, Suíça. Durante o período em que estou no estrangeiro, mantenho contacto com o meu escritório em Pant Glas para que todas as questões urgentes e pedidos possam ser tratados rapidamente.

Em casa, no campo galês que guarda tantas recordações queridas dos dias em que o visitei quando era criança, vindo da minha cidade natal, Liverpool, sinto-me em paz com o mundo. Há uma serenidade e tranquilidade aqui que nunca experimentei em nenhum outro lugar, e estou certa de que isso ajuda o Dr. Lang no seu trabalho. Se algo mudou, os resultados das suas operações espirituais têm sido ainda mais impressionantes desde que começámos a trabalhar no País de Gales.

Tenho a certeza de que isso continuará a atrair visitantes de todo o mundo por muitos anos, à medida que o Dr. Lang continua a missão de cura que iniciou na Terra há mais de cem anos.

APÊNDICE

Testemunho de Paulene:

“...Larry voltou da Califórnia a 2 de Setembro de 1973. Ele gostava mais de Londres nos meses de outono do que em qualquer outra altura. “É a única cidade do mundo onde existe uma sensação de promessa no outono”, disse-me enquanto eu o conduzia pelas ruas frescas, vazias, de madrugada de domingo, em direção à nossa casa em Hampstead.

Tinha doze semanas de vida.

O seu rosto tinha agora um tom pálido, de marfim, como se marcado por uma dor romântica, mas ainda assim era um rosto ávido de vida; de certo modo realçava a sua beleza aristocrática; recordei-me da teoria de Moss Hart acerca da herança secreta de Larry.

Larry reparou no meu sorriso e disse: “Porque é que esta senhora está a sorrir?”

Eu respondi: “Estava apenas a pensar que devíamos estar a ir para casa. Ao som luxuoso de cascos a trotar por florestas privadas, milorde.”

Já estávamos quase em casa. Tínhamos acabado de sair de Finchley Road para Heath Drive, quando Larry voltou a falar. Olhava pela janela; fez-me lembrar uma criança envelhecida que ainda procura o primeiro vislumbre do mar no verão. Disse: “Sabes, dizem que não se pode voltar para casa, Redbird. Nunca acredites nisso. Pode-se.”

“Quando descobriste isso, Laruscha?”

“Agora mesmo”, disse ele. “Neste preciso instante.”

No dia 20 de Setembro, reuniu cerca de vinte e cinco amigos e mostrou-lhes o seu último filme, *Welcome to Arrow Beach*. Depois ofereceu-lhes um jantar no Les Ambassadeurs Club, em Mayfair. Ninguém nessa noite sabia que ele viera diretamente da Nuffield Clinic. Passara o dia inteiro em tratamento de quimioterapia e numa maciça transfusão de sangue. Fez uma representação esplêndida. Estava a interpretar o seu antigo eu. Só eu sabia o grande esforço que isso lhe custava. A doença envergonhava-o imenso. Minimizava-a sempre, ou despachava-a com ironia. “Em tempos bastava-me passar uma noite com duas garrafas de Pouilly-Fuissé. Agora preciso de uns quantos litros de sangue. Não é assim tão diferente, e na verdade mal é mais caro!”, comentou.

Continuava a perder peso rapidamente, e eu sabia que a dor piorava, apesar das suas negações. Mas mesmo com medicamentos, já não conseguia dormir mais do que duas horas por noite. Ainda assim não havia qualquer sombra de rendição, nem ar de futilidade ou desesperança, embora a luta implacável o extenuasse claramente, física e emocionalmente. A autodisciplina que aprendera como ator aplicava agora, de forma determinada, à sua recuperação.

“Vai ficar tudo bem, RB”, disse-me. “Mas está a demorar tanto. Se ao menos pudéssemos cortar a lentidão da medicina moderna com um bom milagre bíblico à moda antiga.”

Suponho que, uma vez mencionada a palavra milagre, subconscientemente se começa a procurá-lo. Foi Michael York, o jovem ator que passara algum tempo na Índia, quem primeiro sugeriu que explorássemos as possibilidades de uma cura oriental. Assim chegámos a Harley Street e a um indiano de cabelo engomado, a cheirar a jasmim e a oferecer esperança: pouco ortodoxo e leigo, mas talvez ainda assim a matéria dos milagres.

Essa esperança foi de curta duração; terminou de forma terrivelmente cruel. A enfermeira encarregada de colher uma amostra de sangue do braço de Larry fez uma enorme confusão, derramando sangue sobre a sua camisa e no chão. Larry entrou em pânico e fugiu da sala com um ar assustado; havia sangue a escorrer-lhe pelo braço e a escorrer-lhe pelos dedos. No carro sentou-se com a cabeça entre as palmas das mãos, os olhos fixos no chão. Disse: “Sinto que estou a ser sugado para um abismo e não há nada a que me possa agarrar.” Consegui cheirar o sangue no carro durante dias, era um lembrete tão sombrio da coragem de Larry.

Aceitava que ia ser uma luta longa e íngreme; pela primeira vez começou a preocupar-se com os custos de tudo. As contas chegavam aos montes, de Inglaterra e da América, e não trabalhava desde Março. Falávamos cada vez mais em reduzir as despesas, em poupar no estilo de vida. Falávamos longamente em mudar-nos para o Sul de França. Ambos éramos muito apegados à zona em torno de St. Paul de Vence, onde passámos as primeiras férias juntos em 1966. “Ainda há bons negócios por lá”, disse. “Podíamos arranjar algo bastante simples.” Deixei-o continuar, mas sabia que tal conversa era um sonho de cachimbo de Harvey: Larry era congenitamente incapaz de simplicidade. Quando

terminasse com a mais humilde das residências, seria outra típica propriedade Harvey: um paraíso hedonista.

“Não”, insistiu quando brinquei com ele acerca disso. “Estou mesmo tão farto de todos os adornos agora. Um homem chega a possuir um Gauguin, um Manet, e nunca mais é realmente livre. Pensei muito sobre isso. Quero simplificar a minha vida; quero livrar-me de alguns excessos. Adoraria recomeçar do zero, um homem livre, sem cargas de posses e símbolos de estatuto inúteis.”

Falava muito dos seus anos de aquisições e das belas coisas preciosas que outrora adorara, e que agora pouco significavam. Disse de forma pensativa, uma noite: “Às vezes, talvez um homem diga que ama as coisas belas simplesmente para evitar o próprio amor.”

Pouco depois de Larry regressar da Califórnia nesse Setembro, Roy Everson, seu amigo e duplo durante muitos anos, veio vê-lo a casa. Trouxe consigo um livro sobre um curandeiro espiritual chamado George Chapman.

Chapman (explicou Everson) é um médium controlado por um tal Dr Lang, um notável especialista de Harley Street que morreu nos anos 30. Com a ajuda do falecido médico, Chapman teria curado centenas de casos dados como perdidos pela medicina ortodoxa.

Ouvi nervosamente; depois da nossa má experiência com o indiano, pensei que Larry fosse descartar a ideia de imediato. Mas não o fez e, de algum modo, Roy convenceu-o. “Acho mesmo que devias ver este tipo, Larry. Quer dizer, não tens nada a perder, pois não?”, argumentou. “Se não for mais nada, amigo, ao menos vai ser uma valente risada, não é?”

Larry leu o livro sobre George Chapman nessa mesma noite; foi um esforço tremendo, já que só conseguia concentrar-se em curtos períodos. Na manhã seguinte escreveu a pedir uma consulta com Chapman/Lang na sua casa perto de Aylesbury, em Buckinghamshire. A consulta foi rapidamente marcada.

Levei Larry de carro. Era uma casa de aspeto distinto, no coração da zona dos corretores de bolsa do condado. Larry esteve calado durante a viagem; eu estava francamente cético em relação a tudo aquilo, mas não disse nada que pudesse desencorajá-lo. Ao subirmos devagar pela entrada de gravilha, Larry disse: “Bem, o Dr Lang parece estar a viver muito bem para um homem morto.” Aí percebi que também ele tinha reservas quanto à visita.

Disse-lhe: “Bem, já que aqui estamos, mais vale irmos até ao fim.”

“Não achas que estamos a ser tolos?”, perguntou.

“Não”, disse eu, tentando animá-lo. “Não sabias? Aylesbury é muito conhecida pelos seus milagres.”

“E pelos patos”, disse ele sombriamente.

O consultório do Dr Lang estava construído ao lado da casa de George Chapman. Esperava ter de assistir a toda a cena da sessão, com o Sr. Chapman a entrar em transe e a ser tomado pelo morto. Mas o Sr. Chapman já se tinha tornado Dr Lang quando chegámos e conduzia a sua consulta matinal de forma perfeitamente humana. Um rececionista levou Larry ao consultório do Dr Lang. Esperei cá fora.

Do consultório, passado um pouco, ouvi uma série de estalidos secos e uma voz a murmurar, como um comentário urgente em monotonia, demasiado baixo para eu perceber o que se dizia. O som dos estalidos continuava; era um som nervoso, irritável, e por alguma razão estranha deixou-me inquieta. Perguntei ao rececionista o que estava a acontecer.

“O que é esse som de estalidos que ouço?”, perguntei.

“O cirurgião estala os dedos quando precisa de um instrumento”, respondeu. “É um sinal para os seus assistentes.”

“Quer dizer que o Dr Lang está realmente a operar ao meu marido?” Eu estava confusa e alarmada, e a minha voz soou-me estranha.

O jovem sorriu e disse de forma tranquilizadora: “O Dr Lang está apenas a operar no corpo espiritual do Sr. Harvey. Está a conduzir uma exploração psíquica, nada mais.”

Perguntei: “O que é que isso significa exatamente?”

Era um jovem muito seguro de si, suponho que já tivesse tido a mesma conversa com centenas de visitantes e a sua explicação era breve e fluída. “O corpo físico do paciente não é afetado de forma alguma. Os instrumentos do Dr Lang, bem como os seus assistentes, são puramente espirituais.”

Ao fim de cerca de uma hora, Larry saiu do consultório do médico. Parecia absolutamente abalado com tudo aquilo. Quando me aproximei dele, o Dr Lang chamou-me do consultório: “Sra. Harvey, gostaria de a ver agora, se faz favor.”

“Estás bem, querido?”, perguntei.

Larry disse: “Sim, sim. Faz o que o doutor diz.”

Era uma sala mal iluminada, com lâmpadas vermelhas. O Dr. Lang permanecia sentado, sombrio, atrás de uma grande secretária de sócio. Ao início tive a impressão de que era um homem já idoso, talvez nos finais dos sessenta. Nos seus gestos precisos e meticulosos, na sua fala pedante mas educada, era puro vitoriano. À medida que os meus olhos se habituaram à penumbra, percebi que não era tanto velho como alguém que transmitia a impressão de o ser.

Na parede atrás da secretária estavam fotografias de duas mulheres. Eram senhoras eduardianas bonitas, com aquela expressão ligeiramente artificial e nervosa que a maioria das pessoas tinha quando era fotografada durante as longas exposições do início de 1900. Soube mais tarde que eram a primeira e a segunda esposa do Dr. Lang. Ao lado delas havia uma fotografia do próprio Dr. Lang, sorridente e tímido, diante do Middlesex Hospital, provavelmente tirada no início da década de 1920.

O Dr. Lang reparou no meu interesse e insistiu em mostrar-me o escritório, apontando as suas peças favoritas. As cortinas, disse ele, tinham sido uma prenda de William Morris, o artista e poeta inglês. Eram grandes amigos, contou-me. A sua segunda esposa, disse, admirando a fotografia, ia regularmente ao Palácio tomar chá.

Era tudo muito estranho, mas absolutamente fascinante. Ainda assim, eu estava ansiosa por falar de Larry. Perguntei: “Examinou o meu marido, Dr. Lang?”

Ele caminhou lentamente de volta para a secretária e sentou-se com um suspiro de velho, com todo o peso doloroso de uma idade avançada. Disse por fim: “Sabe, claro, Sra. Harvey, que o seu marido é um homem muito doente. Na verdade, está gravemente doente.”

“Sim, eu sei”, respondi irritada. “É por isso que estamos aqui.” Por um momento achei toda aquela atmosfera teatral demasiado ridícula: era como estar colocada no meio de um melodrama medíocre a gás.

Fiquei zangada comigo própria por permitir que Larry se deixasse envolver numa experiência tão fútil. Mas depois, à medida que o Dr. Lang continuava a falar, com a sua voz educada e suave de velho, achei-o curiosamente reconfortante. Era também notavelmente bem-informado. Por exemplo, eu queria discutir com ele o tratamento de quimioterapia

que Larry estava a fazer; não parecia estar a resultar, e Larry detestava-o profundamente. Mas será que o Dr. Lang saberia algo sobre esse novo desenvolvimento no tratamento do cancro? É muito difícil dizer a um homem sentado diante de si, atrás de uma secretária: “Está morto desde 1930. Sabe realmente o que se passa no mundo de hoje?”

Mas quando mencionei a quimioterapia, o Dr. Lang sabia tudo sobre o assunto. Deve ter reparado no meu ar de surpresa. “Eu acompanho todos os desenvolvimentos”, disse, um pouco repreensivo, mas sorrindo suavemente. Entrelaçou as mãos, fechou os olhos e permaneceu silencioso por um instante, pensativo, como um homem em oração: na penumbra cardinal do seu escritório era quase como estar numa igreja; conseguia sentir aquela frieza de pedra que se encontra nas igrejas antigas. Era como esperar por uma bênção; estremeci, e esperei.

Quando abriu novamente os olhos vi que neles entrara uma espécie de bondade e também de tristeza. Disse baixinho que achava que Larry devia abandonar o tratamento de quimioterapia o mais depressa possível. “Consulte o seu médico, claro. Mas se o Sr. Harvey fosse meu filho, eu interromperia o tratamento de imediato”, disse numa voz calma. Acrescentou que o fígado de Larry começava agora a dar sinais de falência. Poucos dias depois, Larry começou a apresentar indícios de icterícia.

Quando disse ao nosso médico em Londres que duvidava dos benefícios do tratamento de quimioterapia, tive o cuidado de não mencionar o nome de Lang. Douglas disse: “Na verdade, Paulene, ia falar-lhe exatamente desse ponto.” Disse que achava que o tratamento tinha perdido muito da sua eficácia inicial e era agora um perigo psicológico, já que Larry claramente detestava fazê-lo. No entanto, o tratamento fora originalmente prescrito na Califórnia e ele, com razão, insistiu em que eu consultasse os médicos de lá antes de decidir interrompê-lo. Eles concordaram sem hesitação.

Larry e eu voltámos para Londres em absoluto silêncio depois daquela primeira consulta com o Dr. Lang. Eu estava profundamente impressionada, e mais do que um pouco abalada. Larry, claro, podia ser o mais cínico dos homens e esperava que dissesse algo como: “Foi o melhor teatrinho sombrio que vi em muito tempo.” Não disse nada. Ainda hoje não sei bem o que Larry retirou do Dr. Lang. Voltámos a Aylesbury apenas mais uma vez, mas depois Larry estava demasiado fraco para viajar e o Dr. Lang passou a vir a casa. Acho que, em muitos aspetos, eu

tirei mais das suas visitas do que o próprio Larry. Era talvez apenas uma pequena chama, mas aquecia-me e afastava parte da escuridão.

Quando ele veio a casa pela primeira vez, foi a primeira vez que vi o Dr. Lang como o simples George Chapman, naturalmente. Pareceu não me conhecer de todo; apresentei-me com solenidade e depois apresentei-o a Larry. Era claramente o mesmo homem, mas de algum modo tinha perdido anos e toda a sua personalidade e maneira de ser eram diferentes. Como George Chapman, falava com conhecimento sobre propriedades, automóveis, vinhos, viagens e dinheiro. Era exatamente o tipo de homem divertido, erudito e sofisticado que Larry adorava ter por perto. Acho que Larry preferia muito mais Chapman do que Lang, na verdade.

No dia 25 de Setembro, Larry organizou um jantar no restaurante Factotum, um dos nossos locais preferidos junto à Fulham Road. A dor tinha-o atormentado bastante nesse dia. Quando se tornava muito forte, agora, afastava-se simplesmente de todos; ficava fechado no seu escritório, como quando ensaiava um novo papel. Só eu sabia que já não havia papéis novos para aprender: não para o cinema, pelo menos, nem para o palco.

Insisti para que cancelasse a mesa no Factotum; disse-lhe que os amigos compreenderiam perfeitamente. “Vamos ter uma noite calma em casa, querido”, sugeri. “Eu própria não tenho grande vontade de sair.” Ele respondeu: “Ó Cristo, Redbird, não vamos desperdiçar mais uma noite a pensar no meu miserável estômago. Quero sair e divertir-me um pouco.”

A encenação de Larry nessa noite provavelmente não enganou ninguém. Parecia comedido, atencioso e suficientemente alegre, mas para mim era evidente que a dor não o deixara por um único momento. Dei por mim a observá-lo com um cuidado especial; foi o início do desespero. Vejo isso agora.

Frank Dunlop, o encenador que trabalhara com Larry em *The Winter's Tale*, percebeu sem dúvida a sua representação no restaurante. “Fiquei com a impressão, nessa noite”, disse-me depois da morte de Larry, “de que ele sabia que as malas estavam feitas e que estava pronto para partir. De repente pareceu muito maduro, parecia preparado. Senti-me terrivelmente triste, mas também soube que Larry estava à altura: tinha a coragem de um leão.”

De regresso a Hampstead nessa noite, Larry disse-me: “Estou terrivelmente cansado, Redbird. Foi uma noite longa, não foi?” Ainda não era meia-noite. Nunca tínhamos regressado tão cedo. Sempre considerei Larry como um gigante, um príncipe, que avançava sobre adversidades e obstáculos sem vacilar; agora senti a sua fragilidade quase como se fosse uma dor dentro de mim. Percebi que sempre esperara mais dele do que qualquer mulher tem o direito de esperar de qualquer homem. Disse baixinho: “Sim, foi uma noite muito longa, Larushka.”

Foi a última vez que saiu de casa com vida...”